

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO**

BRUNO SANTIAGO ALFACE

JOVENS, RURAIS E COMUNICADORES:

Uma experiência educomunicativa no Bico do Papagaio (TO)

CAMPO GRANDE – MS

2024

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO**

BRUNO SANTIAGO ALFACE

JOVENS, RURAIS E COMUNICADORES:

Uma experiência educomunicativa no Bico do Papagaio (TO)

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM), área de concentração em **Mídia e Representação Social, linha de pesquisa Linguagens, Processos e Produtos Midiáticos** da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Orientação: Profa. Dra. Rose Mara Pinheiro

CAMPO GRANDE – MS

2024

*Aos meus pais, Fátima e Valdir,
por serem alicerce e faróis em minha vida.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus e aos encantados por ter chegado até aqui, por estar vivo e vivendo, pela força e pela saúde concedidas para concluir este trabalho.

À minha mãe, Fátima, por ser a luz que me guia nesta existência terrena, pelo amor e pelos ensinamentos que atravessam o tempo e o espaço.

Ao meu pai, Valdir, e aos meus irmãos, Vinicius e Beatriz, pelo amor expresso das mais diversas formas e pelo suporte incondicional.

À minha madrinha, Dindinha, pelo cuidado de mãe, pelas valiosas orientações e por sempre acreditar em mim.

À Dinorá, pelo cuidado inesgotável e pelo amor expresso nos pequenos grandes detalhes que fazem toda a diferença.

À Aline e Polly, pela acolhida fraterna que me proporciona tanta força.

Aos meus amigos e amigas, Osvaldo, Carlos, Júlia, Rafael, Carol e Erica, pela presença fraterna, pelo apoio e pelas centenas de horas compartilhadas em frente à tela do computador.

À minha professora e orientadora, Rose Mara, por topar essa aventura, pela parceria e por ter me ensinado tanto nesta caminhada compartilhada.

A todos os professores do Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFMS pelo conhecimento partilhado.

Aos meus companheiros e companheiras da Comissão Pastoral da Terra no Mato Grosso do Sul e no Tocantins: Rosani, Evandro, Roberto, Valdevino e Xavier, por me apoiarem e incentivarem.

Por fim, agradeço especialmente e imensamente aos jovens, à APA-TO e a todas as pessoas do Bico do Papagaio (TO) que fizeram parte desta pesquisa e apoiaram sua realização desde a concepção. Com essas pessoas muito aprendi, sigo aprendendo e serei eternamente grato.

RESUMO

Esta dissertação analisa o projeto social Jovens em Comunicação, desenvolvido no Bico do Papagaio (Tocantins), visando identificar e discutir os conceitos e práticas da Educomunicação presentes nas atividades da ação implementada no norte do país. A pesquisa também discute os impactos das ações do projeto junto a seus públicos beneficiários, diretos e indiretos, que são os jovens participantes e as lideranças das comunidades camponesas e das entidades da sociedade civil nos territórios da região. Para alcançar esses objetivos, a investigação utiliza os elementos fundantes do campo da Educomunicação, tratando da gênese do paradigma educ comunicativo como fruto do encontro dos campos da Comunicação e da Educação, com base em Freire (2022), Kaplún (2011), Braga e Calazans (2001), Baccega (2011) e Soares (2011, 2012, 2013, 2014, 2017), discorrendo sobre aspectos teóricos e metodológicos do campo, sobre suas áreas de intervenção e sobre a emergente educomunicação socioambiental, com aportes de Soares e Aparici (2014), Citelli (2015, 2018) e Falcão (2018). O conceito de juventudes e juventudes rurais também é analisado para melhor compreensão dos efeitos das práticas educ comunicativas junto aos jovens beneficiados pelo projeto, fazendo uso de contribuições de Abramo (1997), Groppo (2017), Dayrell (2007), Castro (2020) e Weisheimer (2005, 2013). Após a realização de entrevistas qualitativas com representantes dos públicos relacionados ao projeto e análise das informações obtidas, constatou-se que a ação pode ser definida como uma prática educ comunicativa e que a Educomunicação, enquanto teoria e *práxis*, apresenta comprovado potencial para colaborar com processos de transformação social junto às juventudes rurais brasileiras.

PALAVRAS-CHAVE: educomunicação. juventudes rurais. comunicação e educação.

ABSTRACT

This dissertation analyzes the social project *Jovens em Comunicação*, developed in Bico do Papagaio (Tocantins), aiming to identify and discuss the concepts and practices of Educommunication present in the activities of the action implemented in the north of the country. The research also discusses the impacts of the project's actions on its direct and indirect beneficiary audiences, which are young participants and leaders of peasant communities and civil society entities in the region's territories. To achieve these objectives, the investigation uses the founding elements of the field of Educommunication, dealing with the genesis of the educommunication paradigm as a result of the meeting of the fields of Communication and Education, based on Freire (2022), Kaplún (2011), Braga and Calazans (2001), Baccega (2011), and Soares (2011, 2012, 2013, 2014, 2017), discussing theoretical and methodological aspects of the field, its areas of intervention and the emerging socio-environmental educommunication, with contributions from Soares, Aparici (2014), Citelli (2015, 2018), Falcão (2018). The concept of youth and rural youth is also analyzed to better understand the effects of educommunication practices on young people benefiting from the project, making use of contributions from Abramo (1997), Groppo (2017), Dayrell (2007), Castro (2020) and Weisheimer (2005, 2013). After carrying out qualitative interviews with representatives of the public related to the project and analyzing the information obtained, it was found that the action can be defined as an educommunication practice and that Educommunication, as theory and praxis, has proven potential to collaborate with communication processes. social transformation among Brazilian rural youth.

KEYWORDS: educommunication, rural youth, communication and education.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1** – Representação do modelo metodológico proposto por Lopes (2003).
- Figura 2** - Percentual da população de 18 a 29 anos por local de residência (2004-2013).
- Figura 3** - Mapa do Brasil com Destaque para a microrregião do Bico do Papagaio, no Tocantins.
- Figura 4** - Mapa dos municípios do Bico do Papagaio.
- Figura 5** – Pesca artesanal quilombola na Comunidade Quilombola Prachata. Rio Tocantins, Esperantina (TO, Brasil).
- Figura 6** - Mapa do IBGE/PNAD (2015).
- Figura 7** – Atividades não remuneradas desempenhadas por jovens no campo.
- Figura 8** – Organizações de juventude em que os jovens participam.
- Figura 9** - Imagem extraída do folder de divulgação da 1ª edição do Projeto (APA-TO, 2015).
- Figura 10** - Imagem extraída do folder de divulgação da 1ª edição do Projeto (APA-TO, 2018).
- Figura 11** - Cleidiane Prachata entrevistando sua tia durante a produção artesanal da “tarrafa”.
- Figura 12** - Imagem do documento da Programação detalhada do Módulo 7 “Recarregando” – 1º encontro presencial da 2ª edição do Jovens em Comunicação.
- Figura 13** - Imagem do documento da Programação detalhada do Módulo 7 “Recarregando” – 1º encontro presencial da 2ª edição do Jovens em Comunicação.
- Figura 14** - Jovens da 1ª e 2ª edição do Jovens em Comunicação em vídeo sobre agroecologia e a prática do reflorestamento na EFA do Bico do Papagaio.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Síntese da pesquisa.

Quadro 2 - Estruturação dos elementos da pesquisa com base no Modelo Metodológico da pesquisa em Comunicação de Lopes (2003).

Quadro 3 - Perfil socioeconômico dos municípios de atuação do projeto “Jovens em Comunicação”.

Quadro 4 - Objetivos, Categoria de Análise e Fundamentação Teórica do Projeto Jovens em Comunicação.

Quadro 5 - Público pesquisado, número de participantes e metodologia de pesquisa.

Quadro 6 - Detalhes sobre lideranças comunitárias, incluindo número de participantes, metodologia de pesquisa, categorias pertencentes e participantes.

Quadro 7 - Detalhes sobre técnica da APA-TO, incluindo número de participantes, metodologia de pesquisa, categorias pertencentes e participantes.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABL - Academia Brasileira de Letras
APA-TO - Alternativas para Pequena Agricultura no Tocantins
ATA - Articulação Tocantinense de Agroecologia
CE - Comunicação Educativa
CEPAL - Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe
COEQTO - Coordenação Estadual das Comunidades Quilombolas do Tocantins
EFA - Escola Família Agrícola
EFABIP - Escola Família Agrícola Bico do Papagaio
FAO - Food and Agriculture Organization (Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura)
GT - Grupo de Trabalho
IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDH - Índice de Desenvolvimento Humano
IDHM - Índice de Desenvolvimento Humano por Município
INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
INCRA - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
MEC - Ministério da Educação
MIQCB - Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu
MST - Movimento dos Trabalhadores Sem Terra
NCE - Núcleo de Comunicação e Educação
NCE/USP - Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo
ONU - Organização das Nações Unidas
OMS - Organização Mundial da Saúde
P.A. - Projeto de Assentamento
PERE/MS - Projeto Estadual de Rádio na Escola (Mato Grosso do Sul)
Pnad - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
PIB - Produto Interno Bruto
ProNEA - Programa Nacional de Educação Ambiental
REJUMA - Rede Juventude e Meio Ambiente
RESEX - Reservas Extrativistas
SDT/MDA - Secretaria de Desenvolvimento Territorial do Ministério do Desenvolvimento Agrário
SP - São Paulo
SUDAM - Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia
TIC - Tecnologias da Informação e Comunicação
TO - Tocantins
UFMS - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
PPGCOM-UFMS - Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFMS

SUMÁRIO

Introdução	11
1. Educomunicação: fundamentos e desdobramentos	22
1.1. Comunicação e Educação.....	22
1.2. Fundamentos da Educomunicação.....	32
1.3. Áreas de intervenção.....	38
1.4. Educomunicação Socioambiental.....	40
2. Ser jovem, rural e comunicador	46
2.1. Ser jovem.....	46
2.2. Ser jovem rural.....	52
2.3. O projeto Jovens em Comunicação.....	56
2.3.1. O território do projeto.....	56
2.3.2. As juventudes do projeto.....	65
2.3.3. Gênese do projeto.....	70
2.3.4. Proposta pedagógica do projeto.....	72
3. Análise dos aspectos educamunicativos e do impacto do projeto	80
3.1. Metodologia das entrevistas e do grupo focal.....	80
3.2. Categorias de análise.....	82
3.3. Seleção dos entrevistados.....	85
3.4. Realização das entrevistas e do grupo focal.....	87
3.5. Análise dos aspectos educamunicativos e dos impactos do projeto.....	91
3.5.1. Aspectos educamunicativos.....	91
3.5.1.1. Relação com os meios de comunicação e Leitura crítica da mídia.....	91
3.5.1.2. Apropriação e uso das TICs.....	92
3.5.1.3. Processos pedagógicos.....	94
3.5.1.4. Coeficientes comunicativos.....	96
3.5.1.5. Comunicação nas comunidades e no Bico do Papagaio.....	97
3.5.1.6. Cidadania e participação social.....	101
3.5.1.7. Relação com o meio ambiente.....	103
3.5.1.8. Protagonismo Juvenil.....	104
3.5.2. Cultura e identidades juvenis rurais.....	106
3.5.2.1. Identidades juvenis rurais e modos de vida tradicionais.....	106
3.5.2.2. História e relação com as comunidades e com o Bico do Papagaio.....	107

3.5.3. Projeto de vida no campo.....	109
3.5.3.1. Discernimento vocacional, evasão rural e permanência no campo.....	109
Considerações finais.....	112
Referências.....	121
Apêndices.....	124

INTRODUÇÃO

Em tempos de inteligência artificial, de realidade virtual e de tecnologias digitais que buscam imitar a experiência da vida humana a cada dia que passa, jovens que residem em áreas rurais do Brasil se comunicam, perpetuam seus modos de vida em suas comunidades camponesas e tradicionais e convivem com o sistema midiático e com o universo tecnológico da comunicação atual.

Esses jovens rurais, geograficamente distantes dos centros urbanos e econômicos do país, são atravessados por desigualdades socioeconômicas e pela carência de políticas públicas e de oportunidades voltadas para as juventudes e para as populações rurais, ocasionada pela negligência do estado brasileiro e pela invisibilidade de suas condições sociais.

Dentro desse contexto, essa dissertação investiga como esses jovens se comunicam com o mundo ao seu redor e o que comunicam. Fundamentada no paradigma da Educomunicação, a pesquisa analisa como suas identidades, culturas e modos de vida tradicionais podem ser valorizadas a partir de práticas contemporâneas de comunicação. Além de refletir sobre como a Educomunicação pode fundamentar e colaborar com ações sociais que ajudem jovens e comunidades tradicionais no campo brasileiro a resistir a esse cenário de desigualdades.

Essas questões podem ser debatidas a partir da experiência do projeto social Jovens em Comunicação, objeto de estudo desta dissertação. Inserido geograficamente em uma região popularmente conhecida como Bico do Papagaio, situada no extremo norte do estado do Tocantins, em um território que abriga comunidades camponesas e tradicionais, movimentos sociais e organizações da sociedade civil, das quais fazem parte agricultores familiares, povos quilombolas, ribeirinhos, quebradeiras de coco-babaçu e assentados da reforma agrária.

Implementado pela Organização Não-Governamental APA-TO (Alternativas para a Pequena Agricultura do Tocantins), o projeto Jovens em Comunicação tinha como objetivo contribuir para a formação de seus participantes na área da comunicação a partir da valorização de suas identidades culturais e modos de vida, da compreensão e disseminação de práticas agroecológicas e do aprimoramento da comunicação nas comunidades onde vivem e nos espaços de participação social que esses jovens frequentam no Bico do Papagaio.

Os objetivos do projeto social baseavam-se em desafios concretos e dados socioeconômicos, identificados pela APA-TO e por outras organizações e comunidades da região do Bico do Papagaio, que apresentam um contexto de desigualdades. Esses desafios incluem a evasão dos jovens do campo, a ameaça à sucessão rural, a falta de oportunidades e

políticas públicas para os jovens rurais, bem como os problemas de comunicação, tanto no âmbito externo – entre comunidades e setores da sociedade – quanto no âmbito interno – entre membros das comunidades e os públicos juvenis.

O projeto da APA-TO, quando em exercício, não possuía a pretensão de resolver ou solucionar integralmente os problemas supracitados, e nem seria possível, uma vez que se tratam de questões estruturais da sociedade. Entretanto, a ação social visava promover a utilização da prática educativa com e para a comunicação e assim dar condições para que seus públicos beneficiados pudessem, a partir de práticas de comunicação, construir e implementar ações de transformação social localmente, nos territórios e comunidades onde vivem, trabalham e atuam politicamente.

A proposta pedagógica do itinerário formativo do projeto “Jovens em Comunicação” era baseada, predominantemente, em práticas que envolviam o uso de Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC) aplicadas aos contextos territoriais e culturais dos jovens participantes. Em sua primeira edição, realizada em 2015, o projeto foi apresentado em seus materiais de divulgação como uma “Oficina de Comunicação Popular”, que visava “divulgar iniciativas agroecológicas” de suas comunidades. Já em 2018, ano de início das atividades da terceira e última turma do projeto até o momento, o primeiro módulo formativo apresentou o tema “Projeto de vida” e abordou questões como a história da região do Bico do Papagaio, identidades juvenis e vocação, apontando para transformações no escopo temático e nos objetivos próprios do projeto.

Os encontros presenciais dos módulos temáticos foram realizados em comunidades rurais, escolas agrícolas e/ou em espaços de entidades parceiras, dependendo da proposta temática do módulo e da disponibilidade dos locais nos territórios rurais. A Pedagogia da Alternância inspirava a organização pedagógica do projeto, que realizava seus módulos com intervalos que variam entre 30 e 45 dias. Nos intervalos entre um módulo e outro, os jovens eram convidados a realizar atividades educativas em suas comunidades – este período é chamado de “tempo comunidade”, conceito oriundo da Pedagogia da Alternância.

Dinâmicas de grupo, jogos educativos, atividades artísticas, rodas de conversa e práticas relacionadas ao uso das TIC fizeram parte da programação dos encontros com os jovens, que tinha como característica o uso de métodos mais dinâmicos e práticos do que expositivos. O caráter menos hierárquico também fazia parte da proposta dos módulos, constituindo ambientes que se propunham, participativos e horizontais.

Durante os encontros formativos e os períodos de tempo comunitário, os jovens produziam textos, reportagens, roteiros, conteúdos textuais e audiovisuais para as redes sociais

e para o blog do projeto. Eles aprendiam a captar imagens, fotografar e editar materiais audiovisuais, cobrir eventos da região, entrevistar seus familiares e lideranças das comunidades onde residem, entre outras atividades.

Ao final do processo formativo, que incluía de 6 a 8 encontros presenciais, os jovens apresentavam suas produções para seus familiares e comunidades. Essa apresentação ocorria em formato de caravana, com exposições em todas as comunidades envolvidas na ação, e também em moldes de “formatura”, onde os jovens exibiam seus trabalhos e recebiam certificados junto a seus pais e responsáveis.

Competências como a capacidade de escrita, manuseio de computadores, máquinas fotográficas e programas de edição eram observados no processo avaliativo ao final de cada edição, juntamente com a observação e a reflexão sobre o aprimoramento de habilidades relacionadas à comunicação oral, absorção de aspectos históricos e culturais da região e da própria comunidade, além da melhoria nos relacionamentos interpessoais de cada jovem e do engajamento com espaços e atividades relacionadas à participação política junto às organizações do Bico do Papagaio.

Em 2018, começou a surgir a inquietação que viria a se tornar o pontapé inicial desta pesquisa de dissertação de mestrado. Naquele ano, fui convidado para desenvolver o papel de coordenador e educador da terceira edição do Projeto “Jovens em Comunicação”, o que me encheu de alegria e motivação, mas também me trouxe uma boa dose de ansiedade e insegurança pelo desafio que me aguardava.

Eu não possuía conhecimentos aprofundados sobre práticas de educação e comunicação externas para juventudes camponesas, tampouco conhecia sobre a cultura e os aspectos identitários da região e das populações do norte do Tocantins. Por isso, busquei conversar com pessoas que ajudaram a construir as ações do projeto nos últimos anos. Após uma longa e enriquecedora conversa com uma das coordenadoras e educadoras da primeira edição do projeto, a jornalista e pesquisadora Carolina Motoki, surgiu a questão: “Será que esse projeto é educacional?”.

Eu ouvi falar do conceito de Educomunicação em uma aula de História da Comunicação na graduação em 2009, ministrada pela professora Jurema Brasil Xavier. Aquela possibilidade de união entre dois campos tão ricos e intrínsecos à vida em sociedade – a comunicação e a educação – havia fascinado o então aluno universitário que eu era.

A partir da conversa com Carolina, comecei a conectar o pouco que eu conhecia sobre Educomunicação com as características e objetivos apresentados no projeto social que eu coordenaria. Após pesquisar sobre o tema na internet, deparei-me com o site da ABPEducom

(Associação Brasileira de Profissionais e Pesquisadores em Educomunicação) e tempos depois ingressei no curso de extensão “Educomunicação: Práticas e Gestão” oferecido pela Associação.

Entre 2018 e 2019, tive o privilégio de coordenar a terceira e, até o momento de escrita desse trabalho, última edição do projeto realizado no Bico do Papagaio. Durante esse período, morei por um ano e três meses na região, na cidade de Augustinópolis (TO), onde tive contato direto e cotidiano com as comunidades do campo, os colaboradores da APA-TO e, sobretudo, com os jovens participantes beneficiados pela ação.

O impacto dessa experiência me transformou profundamente, de dentro para fora, e até hoje colho frutos e procuro compreender toda a riqueza de desafios, experiências, trocas de saberes e afetos que experimentei por lá. Essa pesquisa de mestrado, portanto, se encaixa nesse contexto. É fruto direto dessa vivência tão valiosa para mim. É uma tentativa de decantar aspectos das experiências de comunicação e educação praticadas por jovens do campo no norte do Tocantins, no Cerrado Amazônico, que resistem em seus territórios de vida e de direito, apesar das condições conjunturais adversas.

Contextualização

Entre 2015 e 2018, com três edições realizadas no Bico do Papagaio, o projeto “Jovens em Comunicação” beneficiou mais de 70 jovens de dezesseis comunidades rurais da região. Houve representações de jovens assentados da reforma agrária, quebradeiras de coco babaçu, quilombolas e integrantes de acampamentos do MST na região. Esses dados, fornecidos pela ONG APA-TO, ajudam a compreender a relevância da ação social na região do Bico do Papagaio (TO).

Embora seja uma região predominantemente rural, que abarca pequenos municípios que coexistem com comunidades tradicionais, povos camponeses de assentamentos rurais, territórios tradicionais e acampamentos do Movimento Sem Terra (MST), em toda a região que conforma o Bico do Papagaio existe apenas uma Escola Família Agrícola (EFA). Esta escola atende estudantes de famílias de agricultores camponeses a partir da Pedagogia da Alternância e oferece, no contraturno escolar, formação técnica em agroecologia.

A Escola Família Agrícola do Bico do Papagaio Padre Josimo, situada no município de Esperantina (TO), não possui capacidade operativa e estrutural para atender toda a população juvenil camponesa da região, por isso, projetos como o Jovens em Comunicação acabam cumprindo, em parte, o papel de oferecer experiências educativas e socioculturais. Na ausência

da ação do estado e de políticas públicas voltadas para as juventudes rurais, movimentos e ONGs, como a APA-TO, se articulam e se organizam para buscar atender as necessidades dos públicos juvenis da região.

Apesar de sua relevância e de ter estado em atividade por sete anos, o projeto “Jovens em Comunicação” nunca realizou uma pesquisa qualitativa aprofundada voltada para a análise e discussão dos impactos de suas ações na vida dos jovens participantes – os beneficiários diretos do projeto – ou das comunidades das quais fazem parte – os beneficiários indiretos da ação. Tampouco se avaliou o projeto internamente, a partir da visão e experiência dos/as colaboradores da ONG APA-TO, responsáveis pela execução da ação.

Diante disso, esta pesquisa pretende analisar a ação visando identificar, primeiramente, aspectos educacionais que possam existir no projeto e, secundariamente, verificar e relacionar os impactos de suas ações com elementos do campo prático e teórico da Educomunicação, para assim discutir as potencialidades da Educomunicação em contextos rurais e projetos sociais que beneficiem juventudes camponesas.

Hipótese e objetivos da pesquisa

A partir de observação inicial sobre as características do projeto Jovens em Comunicação e da compreensão obtida acerca do campo teórico e prático da Educomunicação, a hipótese desta pesquisa é de que se pode caracterizar o objeto de estudo como uma prática educacional. Isso não apenas pela utilização de Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) em suas atividades educativas, mas também pelos seus objetivos fundantes, por seus procedimentos pedagógicos e aspectos socioculturais que envolvem o contexto territorial da ação.

A partir da mobilização de conceitos do campo da Educomunicação, do campo da comunicação e educação e da pesquisa qualitativa realizada com os públicos no Bico do Papagaio (TO), esta dissertação possui o objetivo geral de verificar e discutir a existência de características educacionais na ação objeto desta pesquisa.

Com a identificação de possíveis aspectos educacionais, este trabalho também se propõe a, em seus objetivos específicos, compreender os impactos do Projeto “Jovens em Comunicação” em seus públicos beneficiados: os jovens participantes do projeto e os representantes das comunidades onde vivem e entidades sociais da região.

Abaixo, no Quadro 1, pode ser observada uma síntese dos contornos dessa pesquisa para melhor compreensão de seus objetivos.

Quadro 1 – Síntese da pesquisa.

A minha pesquisa se propõe a	Realizar um estudo sobre possíveis aspectos educacionais do projeto social “Jovens em Comunicação”, a partir de uma pesquisa empírica no território onde se realiza ação.
Para	Verificar se há e quais são os aspectos educacionais existentes na configuração da ação.
Com a finalidade de	Analisar os aspectos educacionais da ação e buscar compreender a relação dessas características com os impactos da ação em seus públicos beneficiários.
O que me permitirá	Compreender de que maneira o paradigma educacional pode potencializar impactos do projeto e se relacionar com o contexto social, cultural e territorial da ação.

Fonte: Quadro adaptado de Booth; Colomb; Williams, 2005.

Metodologia

Para atender aos objetivos da pesquisa e analisar as características educacionais do projeto Jovens em Comunicação, bem como discutir os impactos do projeto junto aos públicos beneficiados, fez-se necessário lançar um olhar cuidadoso para a escolha de como prosseguir metodologicamente com dois momentos cruciais da pesquisa: 1) a etapa de revisão teórica; e 2) a etapa de pesquisa junto aos públicos beneficiados pelo projeto: os/as jovens e os/as representantes das comunidades e entidades do Bico do Papagaio (TO).

O modelo metodológico proposto pela professora Maria Immacolata Vassallo Lopes (2003), sugere uma divisão estrutural das instâncias metodológicas da pesquisa, tendo sido referência basilar na estruturação desta dissertação. Lopes (2003) lista quatro instâncias para o desenvolvimento do trabalho: epistemológica, teórica, metódica e técnica, as quais podem ser melhores compreendidas no quadro proposto abaixo:

Figura 1 – Representação do modelo metodológico proposto por Lopes (2003)

COMPONENTES PARADIGMÁTICOS DO MODELO METODOLÓGICO	
<i>Instâncias metodológicas</i>	<i>Operações metodológicas</i>
(A) Epistemológica (vigilância epistemológica)	1) Ruptura epistemológica 2) Construção do objeto científico
(B) Teórica (quadros de referência)	3) Formulação teórica do objeto 4) Explicitação conceitual
(C) Metódica (quadros de análise)	5) Exposição 6) Causação
(D) Técnica (construção dos dados)	7) Observação 8) Seleção 9) Operacionalização

Fonte: Lopes, 2003, p. 120.

Para Lopes (2003, p. 121), a instância epistemológica desempenha um papel de “vigilância crítica na pesquisa”, que poderia ser traduzida na tarefa de “explicitar os obstáculos epistemológicos da pesquisa e autocorriger a construção do objeto científico”. A construção do “objeto científico” deste trabalho ocorreu após essa “ruptura epistemológica” e do aprofundamento dos conceitos e correntes de pensamento basilares ao campo teórico onde se enquadra esta pesquisa: o campo da Educomunicação.

O presente trabalho se concentrou na análise, por meio de revisão bibliográfica e pesquisa qualitativa, do possível enquadramento do projeto no paradigma educacional, em torno do qual aspectos teóricos e práticos podem assegurar essa caracterização.

Esse enriquecimento bibliográfico de conceitos e pontos de vista sobre o projeto permitiu uma melhor formulação do objeto e do caminho metodológico percorrido. Isso se deu a partir do aprofundamento das investigações e da compreensão de discussões conceituais oriundas do arcabouço teórico da Educomunicação.

A operação epistemológica da ruptura decorre do princípio de que “o fato científico se conquista contra a ilusão do saber imediato” (Bachelard) e incide particularmente sobre a fase de definição do objeto de pesquisa e do sistema de conceitos envolvidos (Lopes, 2003, p.122).

Outro aspecto da ruptura epistemológica que deve ser destacado é a adição de contribuições do pensamento antropológico. A etapa de pesquisa qualitativa com os públicos beneficiados pelo projeto se tornou um componente fundamental deste trabalho, exigindo um olhar atencioso sobre os aspectos culturais e sociais destes públicos e da própria região onde vivem.

A partir de uma reflexão mais aprofundada e das imprescindíveis rupturas, delineou-se o “objeto científico” e caminho metodológico para esta pesquisa. Conforme destacado por Lopes (2003), essa etapa também se enquadra na instância epistemológica do trabalho.

A operação epistemológica envolvida na construção do objeto científico também impõe a necessidade, nas Ciências Sociais, de *romper com o monopólio dos procedimentos indutivos*, que têm conduzido facilmente à perspectiva positivista das relações entre a necessidade de observação com base empírica e a exigência teórica que funda a própria observação. É indispensável renunciar a querer encontrar nos dados imediatamente percebidos um princípio que os unifique (Lopes, 2003, p.123).

Indo adiante, olhando agora para instância metodológica teórica desta pesquisa, Lopes (2003) explica que essa fase:

[...] impregna todo o processo concreto da pesquisa, é imanente a todos os procedimentos da observação e a todas as questões (problemas de pesquisa) e respostas (hipóteses) que se apresentam ao objeto real. É no sentido amplo de confronto com o real, para apreendê-lo, que a teoria existe (Lopes, 2003, p. 124).

A autora também alerta para o risco de cair em um erro comum nas pesquisas de Comunicação, ao distanciar a instância técnica, que “concerne às operações de construção do objeto empírico”, da instância teórica, “cujas operações são as únicas que conferem condição de validade científica à investigação que se está desenvolvendo” (Lopes, 2003, p. 125).

Reconhecendo a real possibilidade de distanciamento, foi essencial nesta dissertação não separar o acúmulo de conhecimento adquirido nos estudos da bibliografia utilizada na instância metodológica epistemológica, que foi aprofundada na instância teórica das etapas metódica e técnica.

O arcabouço teórico dessa etapa fundamental baseia-se, em primeiro lugar, nas contribuições de Paulo Freire (2022), que abordam a interseção entre os campos da comunicação e educação, e de Ismar de Oliveira Soares (2011, 2012, 2013, 2014, 2017), que introduz o conceito de Educomunicação como resultado direto desse encontro de campos.

Além disso, no campo teórico, são explorados estudos de pesquisadores do campo comunicação e educação, como Mário Kaplún (1998), José Luiz Braga e Regina Calazans

(2001), Maria Aparecida Bacega (2011), Adilson Citelli (2011), Roberto Aparici (2014), entre outros. O embasamento teórico também se apoia nas contribuições de pensadores como Martín-Barbero (2003) e Stuart Hall (2016), proporcionando uma melhor compreensão dos aspectos culturais que se entrelaçam com o objeto desta pesquisa.

Prosseguindo, na instância metódica o “lugar de formulação da problemática” (Lopes, 2003, p. 127) se encontra, portanto, na etapa teórica. Nessa fase, foram incorporados métodos para o fornecimento de “quadros de análise”, denominados categorias de análise, pelos quais foram “ordenados e articulados os conceitos, elementos e variáveis criando uma espécie de “arquitetônica do discurso” (Lopes, 2003, p. 127).

A partir das formulações e conexões feitas na instância metodológica, foi proposta a instância técnica, considerada como o “lugar da construção dos dados ou do objeto empírico” (Lopes, 2003, p. 128). Segundo Lopes (2003), essa etapa:

[...] compreende os procedimentos de coleta das informações e das transformações destas em dados pertinentes à problemática geral. Será em função desses dados que se elaborará o objeto científico. Coloca-se nesta instância da pesquisa a necessidade de operar logicamente uma série de passos a fim de adequar o campo doxológico, o da “realidade de todos os dias”, com o campo teórico, o da formulação dos fatos científicos (Lopes, 2003, p. 128).

Metodologicamente, para orientar os trabalhos de absorção e tratamento de informações, foram utilizadas as técnicas de pesquisa qualitativa: entrevista em profundidade, à luz da obra de Jorge Duarte (2005), e grupo focal, utilizando as contribuições de Maria Eugênia Belczak Costa (2005). Como suporte a essas técnicas, mobilizamos conceitos de Isabel Travancas (2005), que trata da “etnografia no mundo da comunicação”, e contribuições pontuais de autores do campo da pesquisa antropológica, como Mirian Goldenberg (2000) e Oscar Calavia Sáez (2013).

Situado em uma região de transição entre os biomas do Cerrado e da Amazônia, e próximo à divisa com o estado do Maranhão, o Bico do Papagaio abriga uma diversidade de territórios, onde comunidades tradicionais, como povos quilombolas e quebradeiras de coco-babaçu, coexistem com assentamentos rurais, nos quais populações camponesas vivem à base da agricultura familiar.

Para a condução desta pesquisa junto a populações que vivem em comunidades tradicionais e assentamentos rurais, foi necessário considerar os modos de vida tradicionais das pessoas que ali residem, bem como suas culturas e sua relação com a comunicação nos respectivos territórios. Foi realizado um levantamento bibliográfico prévio sobre estes aspectos

da região e dos povos camponeses do Bico do Papagaio, uma etapa considerada essencial segundo Isabel Travancas (2005).

É fundamental, como etapa anterior à etnografia propriamente dita, um levantamento bibliográfico sobre o tema, a partir da leitura de clássicos e de outros estudos contemporâneos sobre o assunto e afins. Isso porque o pesquisador precisa estar minimamente “iniciado” no seu tema. Precisa saber o que já se disse e escreveu sobre o grupo escolhido antes de “entrar” nele. Saber quais as dificuldades e os riscos que vai encontrar (Travancas, 2005. p.100).

A antropóloga Mirian Goldenberg (2000) corrobora com essa percepção e destaca a importância da preparação prévia para a formulação mais eficaz das técnicas utilizadas na pesquisa, tais como a elaboração de roteiros para eventuais entrevistas durante a coleta de dados.

Antes de mais nada, por mais que pareça óbvio, é preciso conhecer bem o assunto, examinar as pesquisas e as reflexões já feitas sobre o tema para então estabelecer um roteiro. O estudioso precisa estar muito bem preparado antes de abordar o grupo pesquisado, saber o máximo possível e não fazer perguntas desnecessárias, cujas respostas poderiam ser encontradas em outras fontes (jornais, revistas, livros etc.) (Goldenberg, 2000, p. 90).

Cabe destacar que a pesquisa proposta nesta dissertação não pode ser considerada um trabalho etnográfico ou de cunho antropológico realizado por um pesquisador no campo da comunicação por questões de abordagem, métodos e objetivos. Ainda assim, as leituras de autoras e autores como Travancas (2005), Goldenberg (2000) e Sáez (2013) foram enriquecedoras e subsidiaram reflexões sobre aspectos essenciais da pesquisa qualitativa realizada, como a relação com os contextos territoriais e aspectos culturais da região e dos povos camponeses do Bico do Papagaio, além do desafio da proximidade do pesquisador com os públicos analisados.

De acordo com Goldenberg (2000), essa proximidade com o objeto analisado adiciona uma camada de interesse e atenção para posterior análise, exigindo cuidados que devem ser levados em consideração para a elaboração do trabalho.

O fato de ter uma convivência profunda com o grupo estudado pode contribuir para que o pesquisador "naturalize" determinadas práticas e comportamentos que deveria "estranhar" para compreender. Malinowski chama atenção para a "explosão de significados" no momento de entrada no campo, em que cada fato observado na cultura nativa é significativo para o pesquisador. O olhar que "estranha", em um primeiro momento, passa a "naturalizar" em seguida e torna-se "cego" para dados valiosos (Goldenberg, 2000, p. 59).

O cuidado para não se “naturalizar” certas práticas foi constante na postura e análises durante o trabalho, bem como o exercício de distanciamento e separação dos papéis de “amigo” e/ou “ex-colega de trabalho” para o papel de “pesquisador”. Tomar consciência desses papéis e administrar essas relações, segundo Goldenberg (2000), é essencial para que a pesquisa não seja comprometida.

É comum que pesquisadores se vejam em situações delicadas com o indivíduo ou grupo pesquisado que extrapolam os limites da pesquisa, como pedido de dinheiro ou de favores, convites inapropriados, telefonemas após o término da pesquisa etc. Todos estes problemas, decorrentes do envolvimento intenso com o objeto de estudo, precisam ser administrados pelo pesquisador de tal forma que sua pesquisa não fique comprometida (Goldenberg, 2000, p. 59).

Não existindo fórmulas ou orientações claras sobre como driblar as armadilhas da relação de proximidade do pesquisador com o objeto de estudo, a estratégia foi tomar consciência da influência desses papéis durante a vivência da pesquisa. Além disso, o fato de estar há quase três anos afastado geograficamente do território e de não trabalhar mais diretamente para a organização também pode ser levado em consideração.

A questão do relacionamento entre pesquisador e objeto, da possível dependência ou disputa de poder, é um dos maiores problemas que devem ser enfrentados. Como não existem regras claras, cada pesquisador deve ter bom senso e criatividade para encaminhar as soluções para cada situação. A experiência e a maturidade do pesquisador são fatores determinantes para que a pesquisa seja bem sucedida (Goldenberg, 2000, p. 59).

A etapa qualitativa da pesquisa precisou ser organizada e preparada de forma a buscar, ao máximo, respostas para os objetivos mencionados, considerando a relação dos públicos com a mídia e com a comunicação, com o território onde vivem e com as práticas educacionais que se constituíram a partir da participação dos jovens no Projeto Jovens em Comunicação.

Sobre esse movimento de análise, Travancas (2005) explica a necessidade do “deslocamento que o pesquisador tem que fazer dentro de sua própria sociedade, procurando olhá-la com outros olhos” (Travancas, 2005, p.100).

[...] com os olhos de um estrangeiro em busca de significados. Mais particularmente do significado do mundo da comunicação de massa e da indústria cultural com tudo o que lhe envolve e diz respeito. Seus produtos, seus produtores, seus receptores, suas mensagens, lembrando que não é mais possível pensar e estudar nossas sociedades contemporâneas de maneira dicotômica em relação ao universo da comunicação de massa, como se ainda fosse possível separá-los (Travancas, 2005, p.100).

A escolha do método qualitativo para este estudo se deu pela necessidade de se alcançar a absorção de dados e informações suficientes para gerar as discussões pretendidas pelos objetivos deste trabalho, sendo essencial investigar aspectos objetivos e subjetivos relacionados aos públicos pesquisados e suas relações com ações e produtos comunicativos em seus territórios e vidas. Só assim foi possível compreender de que maneira a comunicação e a ação educativa dos jovens camponeses se conectam ao modo de vida tradicional que levam.

Tais questionamentos foram melhor investigados através da pesquisa qualitativa a fim de alcançar a compreensão do “ponto de vista dos nativos”, como explicado por Travancas (2005).

Como já foi dito, a etnografia implica em uma pesquisa qualitativa, que pode até incluir questionários ou dados estatísticos como informações complementares, mas o cerne do trabalho consiste em perceber o que Geertz (1997) chama “do ponto de vista dos nativos” (Travancas, 2005, p.102).

Em acordo com Travancas (2005), é importante destacar que uma pesquisa qualitativa nos permite observar elementos que o método quantitativo não alcança. Para o desenvolvimento da pesquisa, tais dados foram essenciais, especialmente aqueles relacionados à “proximidade com o entrevistado”.

Creio que aqui aparece uma das vantagens da pesquisa qualitativa: a proximidade com o entrevistado. A maneira como ele se expressa; o tom de voz que usa; o seu entusiasmo ao falar de determinados assuntos; a relação de confiança que se estabelece entre pesquisador e pesquisado e que ajudará em outras etapas da pesquisa; a percepção das contradições no seu discurso; e mesmo a possibilidade de abordagem de temas mais complexos ou mesmo delicados. Em uma pesquisa quantitativa com aplicação de questionários, será difícil apreender alguns dos tópicos acima [...] (Travancas, 2005, p. 106).

Um dos desafios da pesquisa qualitativa foi a de cumprir as obrigações práticas durante a realização das entrevistas sobre os temas relacionados aos objetivos da pesquisa, sem atravessar ou comprometer a fluidez na comunicação e nas vivências estabelecidas entre os interlocutores e o pesquisador. Sobre esse processo, Sáez (2013) explica que olhar do pesquisador também deve estar atento a “comunicação que se encontra no campo” (Sáez, 2013, p. 161).

Sáez (2013) ressalta que, independentemente da existência de vínculos prévios com os públicos investigados, a presença do pesquisador modifica a realidade e exerce influência sobre

o comportamento dos entrevistados. O mesmo autor ressalta que aquilo que é coletado corresponde exatamente a uma porção ínfima da realidade, a qual é modificada pela presença e papel do pesquisador, gerando respostas, atitudes e interpretações que não surgiriam necessariamente sem a sua participação (Sáez, 2013).

Com isso em mente, é tarefa do pesquisador se afastar dos perigos de se tornar uma “autoridade”, compreendendo que os frutos de sua pesquisa – os dados coletados e sistematizados em uma dissertação – representam, no limite, uma singela contribuição sobre o tema pesquisado a partir de um ponto de vista individual e dotado de particularidades.

Um dos principais problemas a ser enfrentado na pesquisa qualitativa diz respeito à possível contaminação dos seus resultados em função da personalidade do pesquisador e de seus valores. O pesquisador interfere nas respostas do grupo ou indivíduo que pesquisa. A melhor maneira de controlar esta interferência é tendo consciência de como sua presença afeta o grupo e até que ponto este fato pode ser minimizado ou, inclusive, analisado como dado da pesquisa (Goldenberg, 2000, p. 55).

Sobre a quantidade de pessoas a serem entrevistadas ou pesquisadas, o número foi definido durante o desenvolvimento e amadurecimento da pesquisa com o desdobrar da etapa de revisão teórica. Entretanto, ainda de acordo com Travancas (2005), a questão da quantidade não deve ser a preocupação central, uma vez que “a busca não é pelos números, mas pelos significados”.

Dentro da abordagem qualitativa escolhida para esta pesquisa, conforme mencionado, duas técnicas foram selecionadas para a realização da coleta de informações: a entrevista em profundidade, realizada de maneira individual, e o grupo focal, implementado de maneira coletiva. Para conceituar o tipo de entrevista em profundidade realizada, nos apoiamos na obra de Jorge Duarte (2005), que explica que esse tipo de técnica qualitativa “explora um assunto a partir da busca de informações, percepções e experiências de informantes para analisá-las e apresentá-las de forma estruturada” (p.62). Além disso,

Entre as principais qualidades dessa abordagem está a flexibilidade de permitir ao informante definir os termos da resposta e ao entrevistador ajustar livremente as perguntas. Este tipo de entrevista procura intensidade nas respostas, não-quantificação ou representação estatística. A entrevista em profundidade é um recurso metodológico que busca, com base em teorias e pressupostos definidos pelo investigador, recolher respostas a partir de uma experiência subjetiva de uma fonte, selecionada por deter informações que se deseja conhecer (Duarte, 2005, p.62).

Que tipo de mudanças os jovens comunicadores beneficiados pelo projeto “Jovens em Comunicação” identificam em suas vidas após terem participado da ação? Que elementos do campo da educomunicação podemos identificar no projeto após se averiguar detalhadamente o itinerário formativo a partir dos relatos dos públicos impactados direta e indiretamente pela ação? Essas e outras questões nortearam a produção do questionário das entrevistas e guiaram os trabalhos com a implementação da pesquisa qualitativa em campo. Sobre essa possibilidade, Duarte explica que:

Nesse percurso de descobertas, as perguntas permitem explorar um assunto ou aprofundá-lo, descrever processos e fluxos, compreender o passado, analisar, discutir e fazer prospectivas. Possibilitam ainda identificar problemas, microinterações, padrões e detalhes, obter juízos de valor e interpretações, caracterizar a riqueza de um tema e explicar fenômenos de abrangência limitada. O uso de entrevistas permite identificar as diferentes maneiras de perceber e descrever os fenômenos (Duarte, 2005, p.63).

Neste caso, portanto, a técnica da entrevista em profundidade no formato semiaberto, que pressupõe, de acordo com Duarte (2005), a formulação e utilização de um “roteiro-base” de perguntas, com questões semiestruturadas “que dão cobertura ao interesse da pesquisa”. A respeito dessa estrutura, Duarte menciona:

As questões, sua ordem, profundidade, forma de apresentação, dependem do entrevistador, mas a partir do conhecimento e disposição do entrevistado, da qualidade das respostas, das circunstâncias da entrevista. Uma entrevista semi-aberta geralmente tem algo entre quatro e sete questões, tratadas individualmente como perguntas abertas (Duarte, 2005, p.66).

O modelo semiaberto de entrevista em profundidade foi oportuno e mais adequado para o trabalho do entrevistador e para a participação dos entrevistados no contexto desta pesquisa, permitindo maior flexibilidade e adaptabilidade para a condução das entrevistas. Entretanto, o modelo semiaberto não foi somente vantajoso para a etapa da coleta de informações, mas também para a análise e sistematização dos resultados, uma vez que, de acordo com Duarte (2005), é possível

[...] criar uma estrutura para comparação de respostas e articulação dos resultados, auxiliando na sistematização das informações fornecidas por diferentes informantes. O roteiro de questões-chaves serve, então, como base para a descrição e análise em categorias [...] (Duarte, 2005, p.67).

Sáez (2013, p. 50) destaca que entrevistas como essa necessitam de cuidados para que os interlocutores – os entrevistados – não sejam demasiadamente persuadidos a oferecerem respostas ou até mesmo se sentirem pressionados durante o processo.

Um detetive, um jornalista ou um médico se esforçam, em geral, porque o entrevistado diga mais do que quer dizer. Já na antropologia isso pode estar sujeito a algumas limitações éticas ou epistemológicas: o que o nativo diz querendo e o que diz sem querer são dados de ordem muito diferente (Sáez, 2013, p. 50).

Goldenberg (2000) ressalta a importância da construção de relações de confiança e contextos favoráveis à entrevista. Para ela, “como qualquer relação pessoal, a arte de uma entrevista bem-sucedida depende fortemente da criação de uma atmosfera amistosa e de confiança” (2000, p. 90). Na esteira desse pensamento, Sáez (2013) explica que as entrevistas podem estar inseridas dentro de um processo comunicativo já existente no território pesquisado, junto aos públicos investigados.

A entrevista não é um procedimento neutro e universal para obter informações que já estão disponíveis “dentro” dos interlocutores. São eventos que se inserem dentro das práticas comunicativas em vigor no campo, e saber destas é tão importante quanto obter informação (Sáez, 2013, p. 160, p.161).

Inicialmente a pesquisa se daria in loco, no Bico do Papagaio (TO), mas por necessidades e solicitação dos públicos investigados foi preciso realizar a etapa da pesquisa qualitativa de modo virtual, por meio de videochamadas.

Como instrumentos para a coleta dos dados, foram pré-selecionadas a gravação do áudio e do vídeo por meio da plataforma de videochamada e as anotações no caderno de registros. A gravação do áudio e vídeo oferece a segurança de que nenhuma informação será perdida. Já o método da anotação foi utilizado como um auxílio à gravação, cumprindo o papel de registrar percepções e informações não verbais, como reações, sentimentos, interações simbólicas, etc.

Os informantes, ou entrevistados, são representantes dos grupos analisados nesta pesquisa, conforme explicado anteriormente: jovens beneficiados pelo Projeto “Jovens em Comunicação”; lideranças das comunidades rurais onde vivem esses jovens e nas quais estão localizadas as entidades da região do Bico do Papagaio; e uma representante da ONG APA-TO.

De acordo com Duarte (2005), “nos estudos qualitativos são preferíveis poucas fontes, mas de qualidade, a muitas, sem relevo”. Partiu-se do pressuposto de que esse seria o caminho

mais adequado para a seleção do campo amostral desta pesquisa, uma vez que as questões norteadoras do roteiro-base e os objetivos do projeto possuem caráter subjetivo e exigem um detalhamento aprofundado e qualitativo por parte dos informantes.

A amostra, em entrevistas em profundidade, não tem seu significado mais usual, o de representatividade estatística de determinado universo. Está mais ligada à significação e a capacidade que as fontes têm de dar informações confiáveis e relevantes sobre o tema de pesquisa. Boa parte da validade da pesquisa está associada à seleção. É possível, entrevistando um pequeno número de pessoas, adequadamente selecionadas, fazer um relato bastante consistente sobre um tema bem definido (Duarte, 2005, p.68-69).

Outra ferramenta de pesquisa qualitativa, utilizada neste estudo foi a de grupo focal, que, segundo Maria Eugênia Belczak Costa (2005), “permite a reflexão sobre o essencial, o sentido dos valores, dos princípios e motivações que regem os julgamentos e percepções das pessoas”. Ainda segundo Costa (2005), Grupos Focais são

[...] um tipo de pesquisa qualitativa que tem como objetivo perceber os aspectos valorativos e normativos que são referência de um grupo em particular. São na verdade uma entrevista coletiva que busca identificar tendências. A maior busca é a de compreender e não interferir nem generalizar (Costa, 2005, p. 181).

Assim como feito para a etapa da entrevista em profundidade, a realização do Grupo Focal foi precedida por um planejamento, considerando elementos da revisão bibliográfica e teórica, a comunicação com os públicos pesquisados e a preparação de um roteiro-base de perguntas fundamentado nos objetivos da pesquisa. Sobre essa etapa, Costa (2005) comenta que:

O Grupo Focal é uma metodologia qualitativa que pode gerar uma gama de informações extremamente ricas e significativas. Portanto, o investimento no planejamento, principalmente numa cuidadosa elaboração de roteiro, assim como na análise do material coletado, deve ser a orientação dos pesquisadores (Costa, 2005, p. 191).

Para análise e discussão dos resultados obtidos a partir do grande volume de informações coletadas, se fez necessária a criação de categorias para organização do conjunto de informações. De acordo com Duarte (2005):

Categorias são estruturas analíticas construídas pelo pesquisador que reúnem e organizam o conjunto de informações obtidas a partir do fracionamento e da classificação em temas autônomos, mas inter-relacionados. Em cada categoria, o pesquisador aborda determinado conjunto de respostas dos entrevistados, descrevendo, analisando, referindo à teoria, citando frases colhidas durante as

entrevistas e a tornando um conjunto ao mesmo tempo autônomo e articulado (Duarte, 2005, p. 79).

Com base no próprio Duarte (2005), a elaboração dos roteiros-base de questões para a entrevista em profundidade e para o Grupo Focal foi pensada para prever essas categorias temáticas, embora, após as entrevistas, tenha sido necessário criar novas e adaptar as existentes. Dessa forma, a etapa de transcrição e análise das informações partiu de um quadro temático pré-estabelecido – um fator organizativo essencial para, ao fim da coleta de informações, gerar discussões assentadas nos objetivos gerais e específicos desta pesquisa.

Durante a instância técnica da pesquisa, portanto, foi realizada a “construção de dados de modo sempre relacionado à perspectiva teórica adotada” (Lopes, 2003, p. 128), utilizando as informações coletadas e absorvidas e, a partir das categorias de análise criadas, articulando esses “achados da pesquisa” com o arcabouço teórico que fundamentou todo o trabalho – a espinha dorsal da pesquisa.

Estrutura da dissertação

A partir do objeto científico proposto, da hipótese levantada, dos objetivos e do caminho metodológico traçados neste espaço introdutório, a estrutura da dissertação foi pensada para abarcar teoricamente a bibliografia e as discussões necessárias que fundamentaram a busca por respostas aos questionamentos iniciais deste trabalho, bem como o processo de pesquisa empírica que também fez parte desta jornada.

A discussão teórica, concentrada nos dois primeiros capítulos desta pesquisa, foi a base necessária para avançar para a etapa de pesquisa qualitativa e para o terceiro e último capítulo, onde foi realizada a discussão final sobre os achados e possíveis aprendizados com todo o processo de construção da pesquisa, bem como o momento de confronto com a hipótese inicialmente desenhada e a averiguação dos objetivos traçados.

No capítulo 1, portanto, a discussão teórica buscou compreender a gênese do paradigma comunicativo. Para tal, foi necessário investigar os pensamentos dos campos da comunicação e da educação, começando em Paulo Freire (1979) e avançando para Soares (2011, 2017 e 2023). Prosseguindo nessa linha, buscou-se compreender a amplitude e a potencialidade do encontro destas duas áreas tão vastas, tendo sido identificado que esse encontro não produz apenas um interfaceamento, mas uma nova área que merece atenção e oferece possibilidades no campo teórico e prático. Além de Freire (1979) e Soares (2011, 2012, 2013, 2014), essa etapa foi alicerçada com leituras de José Luiz Braga e Regina Calazans

(2001), Mario Kaplún (2011), Maria Aparecida Baccega (2011), Adilson Citelli (2011, 2020), Aparici (2014), Falcão (2018), Pinheiro (2013), entre outros.

Ainda neste primeiro capítulo, para conceituar cultura neste trabalho, o apoio veio de contributos de Stuart Hall (2016) e Jesús Martín-Barbero (2003). Ao compreender que o paradigma educomunicativo é fruto do encontro do campo da comunicação e da educação, o foco foi dado à compreensão do conceito de Educomunicação em si, de suas características fundantes e de suas áreas de intervenção. Por fim, o encontro da educomunicação com a área socioambiental, o que designa, para Citelli (2020), Soares (2017) e Falcão (2018), um novo segmento rico em possibilidades para o campo da educomunicação.

O segundo capítulo deste trabalho buscou compreender aspectos conceituais, identitários e culturais do público primário beneficiado pelo projeto Jovens em Comunicação: as juventudes rurais. Sendo assim, a conceituação e tematização das juventudes a partir de trabalhos de Abramo (1997), Groppo (2017), Dayrell (2007), Castro (2020) e Weisheimer (2005, 2013), destacando o aspecto da “invisibilidade das juventudes rurais no Brasil”, tema de crucial importância para o amadurecimento teórico deste trabalho. Também foram utilizadas pesquisas recentes que tratam de marcadores sociais das juventudes no Brasil e no Bico do Papagaio (Diagnóstico das Juventudes Rurais do Bico do Papagaio, 2020). Avançando no capítulo 2, foi apresentado com mais detalhes o projeto Jovens em Comunicação, dando ênfase ao seu histórico, aspectos territoriais e socioeconômicos do Bico do Papagaio e também características próprias das juventudes rurais da região.

No terceiro e último capítulo foram aprofundados os métodos e técnicas escolhidos procurando mostrar seu direcionamento para a aplicação, com a exposição das categorias de análise, seleção dos entrevistados, ferramentas de pesquisa, etc. Além disso, a análise se deu à luz da estrutura teórica e metodológica do trabalho e dos resultados obtidos com a pesquisa realizada em campo.

Por fim, as considerações finais enfatizam aprendizados da caminhada com a pesquisa. Já com as informações e análises da etapa qualitativa em mãos e com o amadurecimento proporcionado pelo avanço teórico e metodológico dos temas centrais deste trabalho na bagagem.

Para ilustrar essa proposta de trajetória, foi utilizado o quadro adaptado do Modelo Metodológico proposto por Lopes (2003, p. 156).

Quadro 2 - Estruturação dos elementos da pesquisa com base no Modelo Metodológico da pesquisa em Comunicação de Lopes (2003).

	Definição do objeto	Observação	Descrição	Interpretação	Conclusões	Referências
Epistemológico	Possibilidade de o Projeto “Jovens em Comunicação” ser educucomunicativo e, a partir de análise aprofundada, relacionar aspectos da educomunicação com os impactos do projeto junto a seus públicos no contexto rural em que estão inseridos.	O Projeto “Jovens em Comunicação” é de fato educucomunicativo ? Que aspectos do arcabouço teórico e prático da educomunicação identifico no objeto estudado? De que maneira o paradigma educucomunicativo é apropriado pelo projeto e se relaciona com os públicos participantes da ação e com o contexto rural que é aplicado?	Primeiro contato e estudo mais aprofundado com a bibliografia do campo e nascimento de questionamentos acerca do objeto inicialmente pensado – vigilância epistemológica.	Ruptura com o objeto inicialmente pensado e elaboração de um novo objeto de pesquisa.	A partir da vigilância epistemológica realizada foi possível identificar fragilidades no objeto inicialmente pensado e estruturar de maneira mais adequada e aprofundada um novo objeto, alicerçado por um problema de pesquisa e hipóteses mais coerentes com o quadro teórico que será aprofundado na etapa posterior.	Freire (1979), Soares (2011, 2017), Braga e Calazans (2001).

Teórico	Revisão teórica sobre os conceitos do campo da Comunicação e Educação e do campo da Educomunicação, observando também suas relações com a área socioambiental; realizar uma revisão teórica sobre a conceituação de juventude e juventudes rurais; relacionar a compreensão de juventudes rurais com o paradigma educacional.	Qual a gênese do paradigma educacional ? Quais seus aspectos e características fundantes? O que caracteriza uma prática educacional ? O que compreendemos por juventudes e juventudes rurais? De que maneira esse grupo social se relaciona com a comunicação e com a educação?	Estudo sobre o campo de interface comunicação/educação e da conceituação de juventudes a partir de argumentação teórica.	Compreensão e interpretação dos conceitos e discussões teóricas a partir da argumentação teórica que foi costurada com os contributos da revisão bibliográfica realizada.	Compreensão do paradigma educacional como fruto de estudos e trabalhos no âmbito da interface comunicação/educação. Entendimento inicial de que a tematização das juventudes enquanto categoria social deve ser aprofundada nesta dissertação a partir de uma compreensão conceitual, mas também identitária, cultural e, sobretudo, em sua relação com a comunicação e educação.	Soares (2011, 2012, 2013, 2017), Freire (1979), Kaplún (2011), Braga e Calazans (2001), Baccega (2011), Hall (2016), Martín-Barbero (2003), Baccega (2011), Kaplún (2011), Aparici (2014), Citelli (2011, 2020), Falcão (2018), Pinheiro (2013), Abramo (1997), Dayrell (2007), Weisheimer (2005, 2013), Castro (2020).
Metódico	Levantamento dos públicos que serão analisados, dos aspectos territoriais e culturais que precisarão ser levados em consideração e dos métodos de pesquisa qualitativa.	Pesquisa qualitativa em comunicação: modelo de entrevista semiestruturada; grupo focal; categorias de análise.	Elaboração e apresentação destas etapas de pesquisa relacionando-as com a fundamentação teórica da dissertação para melhor adequação dos métodos.	Elaboração das três categorias da análise e dos aspectos a serem averiguados em cada categoria após compreensão de que seria o modelo mais adequado para balizar a formulação dos questionários e tematizar a condução da pesquisa qualitativa.	O objeto da pesquisa poderá ser considerado educacional se os aspectos destacados nas categorias de análise forem investigados e pautados nas entrevistas de modo a comprovar suas influências e relevância nas experiências relatadas pelos entrevistados.	Lopes (2003) Travancas (2005) Duarte (2005) Goldenberg (2000) Sáez (2013) Costa (2005)
Técnico	Realização da pesquisa qualitativa.	Observação, gravação, aplicação de questionários e condução das entrevistas e do grupo focal, descrição.	Elaboração dos questionários das entrevistas e roteiro de perguntas do grupo focal.	Discussão acerca das respostas obtidas com base nas categorias de análise; análise	O Projeto “Jovens em Comunicação” pode ser considerado educacional e seus impactos na vida dos jovens perpassam não somente a dimensão da comunicação, mas	Duarte (2005), Costa (2005), Soares (2011, 2017,

				das gravações e transcrições.	aspectos relacionados ao comportamento das pessoas, a valorização e relação com suas identidades e culturas, bem como a questão do projeto de vida no campo. Constata-se também o potencial da educomunicação para contribuição com ações e práticas junto a juventudes rurais brasileiras.	2023), Aparici (2014).
--	--	--	--	-------------------------------	---	------------------------

Fonte: Autoria própria com base no Modelo Metodológico da pesquisa em Comunicação de Lopes (2003)

CAPÍTULO I

EDUCOMUNICAÇÃO: FUNDAMENTOS E DESDOBRAMENTOS

1.1 Comunicação e Educação

A Educomunicação pode ser compreendida como um novo paradigma para as relações humanas em projetos ou em espaços onde são aplicadas suas diretrizes fundantes, resultando do encontro de duas grandes e abrangentes áreas do conhecimento: a Educação e a Comunicação.

Antes de aprofundarmos os aspectos específicos deste novo paradigma, é preciso trazer as fundamentações teóricas da relação entre comunicação e educação. Paulo Freire, em sua obra “Extensão ou Comunicação?”, publicada em 1979, apresenta a comunicação como uma ação intrínseca às relações humanas, sendo essa ação a própria relação ou interação – que se dá de maneira dialógica.

Nos espaços educativos, a comunicação desempenha um papel fundamental e constitutivo. Para Paulo Freire, a educação deve ser entendida como um processo de comunicação: “[...] educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação de significados” (Freire, 2022, p. 89).

Essa perspectiva destaca a importância de um diálogo genuíno entre educadores e educandos, no qual ambos participam ativamente na construção do conhecimento. Freire amplia essa compreensão ao relacionar a comunicação ao próprio “ato de pensar”, afirmando que “um sujeito pensante não pode pensar sem a coparticipação de outros sujeitos no ato de pensar sobre um objeto” (Freire, 2022, p. 85). Segundo Freire, essa coparticipação ocorre através da comunicação. O objeto, portanto, não é apenas o resultado do pensamento de um sujeito, mas o mediador da comunicação (Freire, 2022, p. 85).

Dessa forma, para Freire, o “mundo humano” seria um “mundo de comunicação” (Freire, 2022, p. 84), já que o próprio ato de pensar, que acompanha as pessoas do início ao fim, está ligado ao ato de comunicar. Uma relação “dialógica-comunicativa” ocorre quando “interlocutores se expressam através de um mesmo sistema de signos linguísticos” (Freire, 2022, p. 87), tornando imprescindível para a comunicação que exista “um acordo entre os sujeitos comunicantes” (Freire, 2022, p. 87).

Se não há este acordo em torno dos signos, como expressões do objeto significado, não pode haver compreensão entre os sujeitos, o que impossibilita a comunicação.

Isso é tão verdadeiro que entre compreensão, inteligibilidade e comunicação não há separação, como se constituíssem momentos distintos do mesmo processo ou do mesmo ato. Pelo contrário, inteligibilidade e comunicação se dão simultaneamente (Freire, 2022, p. 87).

Para ilustrar essa ideia, Freire utiliza o contexto rural e as práticas do labor camponês, ensinando que um fato desse universo temático pode ser escolhido para, a partir de seu contexto e significados, desenvolver um sistema simbólico e de signos linguísticos compreensível para um determinado grupo de sujeitos que vivenciam, em suas rotinas, o elemento escolhido para o processo comunicativo – neste caso, a colheita.

No entanto, se, a partir desse elemento, não for elaborado um sistema simbólico compreensível ou uma linguagem apropriada para esse grupo de sujeitos, mesmo que essas pessoas estejam imersas nesse contexto em seu cotidiano, a comunicação não ocorrerá de maneira inteligível. Ou seja, não haverá uma comunicação em sua plenitude.

Em torno de um fato – a colheita, por exemplo -, poderemos usar um sistema simbólico ininteligível para eles. Nossa linguagem técnica, que se exprime num universo de signos linguísticos próprios, pode deixar de ser alcançada por eles como o significante do significado sobre o qual falamos (Freire, 2022, p. 87 e 88).

Essa abordagem tem implicações diretas no processo educativo. Kaplún (2011) corrobora esse pensamento de Freire ao afirmar que “comunicar é conhecer” (Kaplún, 2011, p. 182), adicionando mais um elemento para a reflexão ao afirmar que o sentido não é absorvido somente pela compreensão, mas também pela expressão, estando intimamente ligado ao processo comunicacional do ato educativo.

Chega-se ao pleno conhecimento de um conceito quando surge a oportunidade e, por sua vez, o compromisso de comunicá-lo aos outros. Nós, educadores, experimentamos isso permanentemente: compare-se o grau de apropriação de um conhecimento que tínhamos quando, em nosso período de formação, estudávamos por nossa conta e o incomparavelmente maior que alcançamos quando passamos a transmitir as mesmas noções a nossos alunos de modo claro, organizado e compreensível (Kaplún, 2011, p. 182 e 183).

Kaplún também enfatiza que a comunicação de nossas aprendizagens é um “componente básico do processo de cognição” e não simplesmente um produto subsidiário desse processo (Kaplún, 2011, p. 183).

A construção do conhecimento e sua comunicação não são, como costumamos imaginar, duas etapas sucessivas através das quais primeiro o sujeito se apropria dele e depois o enuncia. São, isso sim, o resultado de uma interação: alcança-se a

organização e a clareza desse conhecimento ao convertê-lo em um produto comunicável e efetivamente comunicado (Kaplún, 2011, p. 183).

Os atos de comunicação e, por conseguinte, de educação, na perspectiva do legado freireano, estão intimamente entrelaçados. O pensador critica veementemente a concepção de que a prática educativa seja “um ato de transmissão ou de extensão sistemática de um saber” (Freire, 2022, p. 88).

Não é à toa que Freire (2022) defende técnicas e métodos que aproximem o fazer educativo do fazer comunicacional, sublinhando em 1979 a importância de reduzir palestras e fomentar mais espaços participativos a partir de conversas ou diálogos problematizadores.

Daí que as palestras sejam cada vez menos indicadas como método eficiente. Daí que o diálogo problematizador, entre as várias razões que o fazem indispensável, tenha esta a mais: a de diminuir a distância entre a expressão significativa do técnico e a percepção pelos camponeses em torno do significado. (Freire, 2022, p. 88).

A educação, tal qual a comunicação, pressupõe o encontro interpessoal e a plena compreensão dos significados em seus contextos semânticos e simbólicos, independentemente de quais sejam esses contextos. Para que a prática educativa seja eficaz, é fundamental combinar a compreensão teórica do objeto de estudo com a prática alicerçada no mundo real dos interlocutores participantes, focando na comunicação e não na expansão mecânica do saber adquirido, como ensinam Freire (2022) e Kaplún (2011).

Combinar o processo educativo com a comunicação e a aplicação prática significa, portanto, atentar cuidadosamente ao contexto em que ocorrerá a ação educativa, compreendendo os aspectos sociais, culturais e territoriais inerentes ao contexto e as pessoas que se envolverão nas atividades educativas a serem desenvolvidas.

Para que a comunicação flua de maneira verdadeiramente dialógica e não hierárquica, é essencial conhecer essas pessoas. É necessário buscar compreender seus universos semânticos e simbólicos, seus anseios, possibilidades e limites com relação ao objetivo educativo que se pretende alcançar. Essas questões deverão inspirar e ajudar a formular o conteúdo a ser ensinado e como este será comunicado – só assim produzirá algum aprendizado.

Como expõe Kaplún (2011), a apropriação do conhecimento é alcançada quando emerge a necessidade de comunicá-la ou, por que não, aplicá-la. A comunicação, portanto, deve ser vista como uma *práxis* para a absorção e construção do conhecimento, tornando-se um elemento intrínseco ao processo de ensino-aprendizagem e não apenas um suporte.

Maria Regina Zamith Calazans e José Luiz Braga, na obra *“Comunicação e Educação: Questões Delicadas na Interface”*, publicada em 2001, ao discutirem sobre comunicação, apresentam muitas ressonâncias com o pensamento freireano. “A comunicação é conatural ao ser humano” (Braga e Calazans, 2001, p. 14), sendo o processo comunicativo fundamental e característico de qualquer vida em sociedade. Calazans e Braga (2001) também apontam que a comunicação agrega processos práticos e simbólicos, exigindo, assim, a “co-participação” (Braga e Calazans, 2001, p. 16).

Uma maneira intuitiva e não definidora de referir-se à interação comunicacional é considerar que se trata de processos simbólicos e práticos que, organizando trocas entre os seres humanos, viabilizam as diversas ações e objetivos em que se veem engajados (por exemplo, de área política, educacional, econômica, criativa ou estética) e toda e qualquer atuação que solicita co-participação (Braga e Calazans, 2001, p. 14).

De acordo com Braga e Calazans (2001), a comunicação e a educação se configuram como “campos de abrangência com tendências ‘avassaladoras’ sobre variadíssimos aspectos do mundo social e físico” (Braga e Calazans, 2001, p. 56). Essa junção resultaria em uma interdisciplinaridade, na qual ambos os campos de conhecimento “trazem suas especificidades para um objeto de interesse comum”.

Nesse espaço de fronteira, tende a se desenvolver um campo interdisciplinar específico – que é, portanto, uma especialização possível a partir de qualquer um dos campos de origem. Podemos ilustrar com os estudos da “sociologia jurídica” ou da “biofísica” – em que se encontram as disciplinas originais, para determinadas tarefas específicas, que resultam de contribuições dos dois campos e constituem a substância do novo campo de estudos (Braga e Calazans, 2001, p. 56).

Essa compreensão sobre a interdisciplinaridade ou o produto esperado a partir do encontro de duas áreas do conhecimento seria insuficiente para entender ou explicar o encontro entre a comunicação e a educação. Isso ocorre porque essa interação não resulta apenas na criação de um “campo específico na fronteira”, mas também gera novos pensamentos, questionamentos e, sobretudo, a necessidade de reconsiderar “suas práticas e conceitos” (Braga e Calazans, 2001, p. 56).

Braga e Calazans (2001) atribuem ao encontro entre comunicação e educação grande significância, abrangência e potencialidade epistemológica. Embora reconheçam a validade de trabalhar de maneira fragmentada, os autores destacam que é possível “recortar um campo específico, interdisciplinar, nas fronteiras entre Comunicação e Educação”. No entanto,

afirmam que esse recorte “não dá conta de todas as questões que possam surgir na interface” (Braga e Calazans, 2001, p. 57).

Os autores ressaltam diversos aspectos do encontro entre Comunicação e Educação. Eles observam que, na maioria dos casos, surgem propostas ou contribuições oriundas de “intencionalidades educativas”, com o objetivo de aprimorar os processos comunicativos para a aprendizagem. Essas contribuições frequentemente buscam associar os meios de comunicação e as tecnologias da informação e comunicação (TICs) aos processos educativos, promovendo uma abordagem mais dinâmica e interativa no ensino.

Sobre o amplo espectro de possibilidades práticas e teóricas derivadas desse encontro de campos, os autores mencionam que as ações vão desde o uso dos meios de comunicação e das TICs em processos de ensino até discussões e reflexões mais aprofundadas. Eles exploram como o sistema midiático se relaciona com o sistema escolar e o impacto da inclusão ou influência de processos midiáticos nos processos educativos.

Além disso, em uma perspectiva de troca de saberes, os autores sugerem que há potencial para que um campo colabore com o outro. Eles propõem que “processos, conceitos e reflexões de um campo sejam postos, todos, a serviço do desenvolvimento do outro campo, através de um trabalho em comum” (Braga e Calazans, 2001, p. 70).

Os autores apontam a amplitude de possibilidades que a colisão desses campos pode proporcionar e destacam o quanto essa seara ainda pode ser explorada. Não somente o exercício da comunicação pode auxiliar em processos educativos, como apontam Freire (2022) e Kaplún (2011), mas também é interessante considerar as contribuições que o campo da Educação pode oferecer para o campo da Comunicação. Na sociedade contemporânea, o sistema midiático é regido por interesses e objetivos mais mercadológicos do que educativos, sendo assim, os meios de comunicação corroboram para fomentar uma cultura de consumo midiático nem sempre alinhada com o exercício da cidadania.

Maria Aparecida Baccega (2011) observa as transformações que o cenário midiático mundial vem passando nos últimos anos. Para a pesquisadora, “as tradicionais agências de socialização – escola e família – vêm se confrontando, nos últimos tempos, com os meios de comunicação” (Baccega, 2011, p. 31). Essa disputa, segundo a autora, está inevitavelmente relacionada à interação entre Comunicação e Educação.

Há entre elas um embate permanente pela hegemonia na formação dos valores dos sujeitos, buscando destacar-se na configuração dos sentidos sociais. Essa disputa constitui o campo comunicação/educação (educomunicação) que propõe, justifica e procura pistas para o diálogo entre as agências (Baccega, 2011, p. 31).

A discussão sobre o campo científico que surge da interseção dessas áreas, conforme definido por Bourdieu, não será aprofundada no escopo desta pesquisa, uma vez que o foco está na reflexão sobre a fundamentação teórica da construção do paradigma da educomunicação. Como aponta Pinheiro (2013, p. 31), as discussões epistemológicas e a busca por coerência epistemológica são partes integrantes da legitimação de um campo científico, que, na concepção de Bourdieu¹, é sempre um lócus onde se considera o debate de ideias e uma disputa saudável, mas que também leva em conta as lutas por poder, espaços e, nos dias atuais, a visibilidade.

Baccega (2011) enfatiza a importância de direcionar esforços em pesquisas sobre esse campo emergente para melhor compreender o “papel da mídia na configuração da cultura” (Baccega, 2011, p. 32). É importante refletir sobre o conceito da cultura, que, segundo Stuart Hall (2016), pode ser definido como um conjunto de “significados compartilhados”, e a linguagem é a peça-chave do processo comunicacional humano, sendo um “meio privilegiado pelo qual damos sentido às coisas” (Hall, 2016, p. 17).

[...] a palavra ‘cultura’ passou a ser utilizada para se referir a tudo o que seja característico sobre o ‘modo de vida’ de um povo, de uma comunidade, de uma nação ou de um grupo social – o que veio a ser conhecido como a definição ‘antropológica’ (Hall, 2016, p.19).

Ele destaca uma outra camada de significado para a ideia de “cultura”, utilizando-a para “descrever os valores compartilhados de um grupo ou de uma sociedade”, acrescentando, portanto, uma visão de interpretação ligada a uma perspectiva comportamental e sociológica.

Jesús Martín-Barbero (2003) também aborda a relação da mídia com a cultura e aponta para a influência de componentes mercadológicos inerentes ao sistema capitalista, especialmente em territórios da América Latina, que, em sua maioria, se inserem em contextos de desigualdade socioeconômica. Esses fatores, de acordo com ele, têm um impacto direto na cultura de uma sociedade.

O que os processos e práticas da comunicação coletiva põem em jogo não são unicamente os deslocamentos do capital e as inovações tecnológicas, mas sim profundas transformações na cultura cotidiana das maiorias: nos modos de se estar junto e tecer laços sociais, nas identidades que plasmam tais mudanças e nos discursos que socialmente os expressam e legitimam (Martín-Barbero, 2003, p. 63).

¹ “Para sistematizar os elementos fundamentais da definição de campo proposta por Bourdieu, pode-se dizer que o campo é um microcosmo inserido num espaço social global, possui regras próprias, mas é um espaço de lutas entre os diferentes agentes pelo monopólio da autoridade científica definida. Dessa forma, a ciência é estabelecida como prática social por meio do conflito, das diferenças de argumentação e visão, formando um capital científico múltiplo e heterogêneo” (Pinheiro, 2013, p. 31).

Dessa forma, a comunicação midiática interfere nas territorialidades, podendo provocar prejuízos às culturas tradicionais e à inovação, e até interferir em processos políticos. Martín-Barbero (2003) versa justamente sobre os “modos de sobrevivência das culturas tradicionais”, considerando as culturas camponesas, indígenas e negras. Para o autor, a “reconfiguração de culturas” e as tecnologias e processos midiáticos têm forte influência nessa reconfiguração conjuntural.

Estamos diante de uma profunda reconfiguração das culturas – camponesas, indígenas e negras -, que responde não somente à evolução dos dispositivos de dominação, mas também à intensificação de sua comunicação e interação com as outras culturas de cada país do mundo. No interior das comunidades, esses processos de comunicação são percebidos ao mesmo tempo como outra forma de ameaça à sobrevivência de suas culturas e como possibilidade de romper a exclusão, como experiência de interação que, se comporta risco, também abre novas figuras de futuro, pois há nessas comunidades menos complacência nostálgica para com as tradições e maior consciência da indispensável reelaboração simbólica que exige a construção do futuro (Martín-Barbero, 2003, p. 64-65).

Percebe-se que o sistema midiático se configura como elemento central na reconfiguração ou retroalimentação da cultura de uma sociedade, uma vez que se faz presente em diversos formatos tecnológicos, exercendo influência em maior ou menor grau na vida da maioria da sociedade global. Como destacado por Baccega (2011, p. 32), há uma “forte presença da mídia na cultura”. Voltando à discussão sobre a interação entre Comunicação e Educação, essa constatação permite compreender que os meios de comunicação não apenas refletem, mas também desempenham o papel de educadores à medida que influenciam a opinião pública – com alcance em larga escala – e nas práticas socioculturais individuais do cotidiano das pessoas – em uma escala localizada e, por vezes, íntima, a partir do uso de aparelhos de celular que acompanham a rotina das pessoas em todos os momentos, por exemplo.

Martín-Barbero (2021) aborda a “cultura da incomunicação” observada na América Latina, à qual atribui múltiplos fatores relacionados à estrutura de dominação em que se encontra o povo latino-americano desde os períodos coloniais – uma realidade que ainda persiste em algumas nações. Essa “estrutura de dominação” é observada tanto na influência que o capital exerce no sistema midiático, quanto no impacto que a escola provoca na sociedade ao perpetuar essa “cultura do silêncio” ou de “incomunicação”, ao continuar consagrando “uma linguagem retórica e distante da vida, de suas penas, suas ânsias e suas lutas, tornando absoluta uma cultura que asfixia a voz própria” (Martín-Barbero, 2021, p. 25).

Tal como pressupõem os valores da cultura capitalista, os sistemas de ensino da educação formal, tanto públicos quanto privados, continuam perpetuando a “visão dos dominadores” (Martín-Barbero, 2021, p. 25), seguindo uma lógica meritocrática que recompensa aqueles que melhor se enquadram nesse sistema e que avançam mais nos estudos e no mercado de trabalho. De acordo com o autor, a escola ainda “estigmatiza o rebelde”, ou seja, aquele que busca fugir dos padrões culturais de ensino pré-estabelecidos, que cria, imagina, questiona e fabrica o “homem-série”, cuja aspiração é adaptar-se ao sistema.

Observa-se, portanto, que tanto a comunicação quanto a educação, possuem grande poder de influência sobre a cultura de uma sociedade. Cabe destacar também que os campos cultural, comunicacional e educacional estão em permanente metamorfose, interagindo e produzindo interseções entre si.

Baccega, assim como Martín-Barbero ao tratar dos processos comunicacionais e culturais, imputa à intersecção entre Comunicação e Educação o chamado ao exercício da cidadania e à responsabilidade coletiva no enfrentamento das injustiças sociais e na defesa dos direitos humanos. Para que isso aconteça, torna-se fundamental ampliar a compreensão sobre os meios de comunicação e o sistema de ensino e, para tanto, sendo essencial conhecê-los. Somente assim conseguir percorrer a trajetória que vai do mundo que é entregue pronto, editado – na maioria das vezes num processo de conformismo com o que aí está, chegando inclusive a naturalizar injustiças e ignorar o desrespeito aos direitos fundamentais do ser humano – para estar apto à construção de um mundo que permita a todos o pleno exercício da cidadania em condições igualitárias (Baccega, 2011, p. 32).

Baccega (2011) amplia a perspectiva das possíveis atribuições e potencialidades neste encontro entre a Comunicação e a Educação, evitando uma visão tecnicista, sem aprofundamento crítico e sem uma *práxis* política associada. A autora também contesta a concepção de que a relação entre Comunicação e Educação se limita à leitura crítica dos meios ou ao uso da tecnologia no processo de ensino e aprendizagem. Pelo contrário, ela enfatiza que muitos aspectos e possibilidades cabem nessa discussão, podendo ser debatidos no contexto escolar e midiático.

Baccega (2011), alinhando-se ao pensamento de Braga e Calazans (2001), ressalta os desafios presentes no âmbito deste encontro de áreas. Ela não apenas menciona perspectivas, mas também aponta desafios tangíveis que se apresentam aos pesquisadores, teóricos e profissionais já envolvidos nessa inter-relação de campos, ou que a buscam explorar.

Dentre os primeiros desafios elencados está o reconhecimento “dos meios de comunicação como outro lugar do saber”, que atuam em espaços educativos e em outras agências de socialização (Baccega, 2011, p. 33). Para a autora, no século 21, os meios de comunicação levam certa vantagem na função de educar, quando comparados com a própria escola, uma vez que estão permeados pela cultura cotidiana da nossa sociedade.

Além disso, a autora destaca a importância de ir além da visão fragmentada ao abordar a intersecção dessas áreas. Não se trata simplesmente de decidir se as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) devem ou não ser incorporadas nas atividades educativas, nem de discutir as técnicas específicas para a utilização dessas tecnologias. A questão reside em promover uma reflexão aprofundada sobre o papel dessas tecnologias na formação dos alunos, dos cidadãos e da sociedade contemporânea em diversos aspectos. Isso vai desde a circulação de informações até a transformação dos conceitos de tempo e espaço, passando pelas mudanças na produção e de sua influência, tanto no consumo quanto no mercado de trabalho (Baccega, 2011).

Nesse sentido, é necessário considerar o impacto abrangente dessas dinâmicas no panorama educacional e social, indo além das abordagens superficiais e fragmentadas que podem limitar a compreensão integral dessa complexa interação entre TICs, educação e sociedade.

A influência dos meios de comunicação na formação de sentidos e na constante conformação da identidade é outro desafio destacado, assim como a necessidade de abordar essa intersecção de áreas por meio da multidisciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade (Baccega, 2011). Quanto a isso, é indispensável reconhecer o papel dos meios de comunicação na moldagem dos significados e na construção contínua da identidade individual e coletiva.

Outro ponto de atenção destacado pela autora como um desafio é o entendimento de que a realidade é “mediada e mediatizada” (Baccega, 2011, p. 36). Portanto, torna-se necessário que os estudos deste novo campo se voltem para a influência que a mediação exerce no “leitor da realidade” e em sua “atuação nela, entre os sujeitos receptores e sua inserção no processo comunicacional” – o que corroboraria para uma “leitura mais científica dos meios, mais crítica e menos baseada no senso comum” (Baccega, 2011, p. 36).

Além disso, Baccega (2011) chama a atenção para a necessidade de ampliar e tornar mais inclusivo o conceito de campo cultural, que abrange a produção e circulação de bens simbólicos e incorpora diversos aspectos dos modos de vida da sociedade. Outro

aprofundamento proposto refere-se às concepções sobre tempo e espaço, as quais continuam sendo profundamente modificadas pela presença impactante dos meios de comunicação.

As mídias, quer sejam as tradicionais, quer as novas e novíssimas, tanto pagas quanto gratuitas, demandam tempo para sua fruição. O tempo, para nós, continua o mesmo, embora seja percebido de modo diferente, dado o acúmulo de informações e, principalmente, graças às modificações do conceito de espaço: vai-se daqui ao Oriente Médio no mesmo tempo que se vai da cozinha à sala de casa. Tudo ficou aparentemente muito perto. Se a carta de Caminha enviada por Cabral levou três meses para chegar a Lisboa, hoje o e-mail daria conta em tempo real, on-line. Lisboa ficou mais perto? (Baccega, 2011, p. 37).

Dessa forma, torna-se necessário “passar do mundo editado à construção do mundo”, compreendendo com profundidade esse mundo editado, realizando uma leitura crítica dos meios de comunicação, dos processos midiáticos, das mediações e do impacto dessas manifestações, para então proporcionar “condições plenas aos receptores” de “participarem da construção de uma nova variável histórica” (Baccega, 2011, p. 38).

Em sintonia com esse pensamento de ampliação da compreensão sobre o encontro das áreas, Mário Kaplún, em 1998, em um de seus últimos escritos, alerta para o perigo do reducionismo das potencialidades do que ele chamou de “Comunicação Educativa”, defendendo que a comunicação estaria presente em todo o processo educativo.

Cremos que é fundamental ultrapassar esta visão redutora e postular que a Comunicação Educativa abarca certamente o campo da mídia, mas não apenas esta área: abarca também, e em lugar privilegiado, o tipo de comunicação presente em todo o processo educativo, seja ele realizado com ou sem o emprego de meios. Isso implica considerar a Comunicação não como um mero instrumento midiático e tecnológico, e sim, antes de tudo, como um componente pedagógico (Kaplún, 2011, p. 175).

A encruzilhada do reducionismo na compreensão da relação entre comunicação e educação ocorre justamente porque o “paradigma informacional” é dominante (Kaplún, 2011, p. 176), fato também apontado por Baccega (2011) ao abordar as modificações provocadas pelos meios de comunicação.

Kaplún (2011) também chama a atenção para que a “Comunicação Educativa” não se torne meramente instrumental, o que poderia comprometer a conformação futura do campo como um todo.

Ao conceber essa dimensão ampla, chama-se atenção para o fato de que ela enfrenta nesta hora uma encruzilhada na qual se jogam seu destino e sua conformação futura. Se o paradigma informacional atualmente no auge acaba por dominar, não restará à Comunicação Educativa presumivelmente outra função que a instrumental: a de prover de recursos didáticos e tecnológicos um modelo de educação cujas

coordenadas pedagógicas estarão sendo determinadas sem sua participação (Kaplún, 2011, p. 176).

Esse conjunto de conhecimentos, originado do trabalho de pesquisadores e profissionais dedicados à exploração das pesquisas e práticas no domínio do campo comunicação e educação, está intimamente ligado à origem da educomunicação, um campo que se consolida a partir desse potente encontro de áreas.

1.2 Fundamentos da Educomunicação

Ao descrever as funções da “Comunicação Educativa”, Kaplún (2011) lista aspectos que poderiam ser incorporados à caracterização da própria Educomunicação, destacando que o processo educativo deve envolver-se com “múltiplos fluxos comunicativos”.

O sistema será tanto mais educativo quanto mais rica for a trama de interações comunicacionais que saiba abrir e pôr à disposição dos educandos. Uma Comunicação Educativa concebida a partir dessa matriz pedagógica teria como uma de suas funções capitais a provisão de estratégias, meios e métodos destinados a promover o desenvolvimento da competência comunicativa dos sujeitos educandos. Esse desenvolvimento supõe a geração de vias horizontais de interlocução e intercomunicação (Kaplún, 2011, p. 183).

Dialogando com o pensamento de Kaplún, Soares (2011) explica que a “Comunicação Educativa” visa fornecer à educação métodos e procedimentos para desenvolver a competência comunicativa do educando, enfatizando a ideia de “educar pela comunicação e não para a comunicação” (Soares, 2011, p. 23).

A Academia Brasileira de Letras (ABL), em 2021, incluiu o termo Educomunicação no Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, o que foi considerado um reconhecimento importante. De acordo com o Vocabulário Ortográfico, a Educomunicação é:

1. Conjunto de conhecimentos e ações que visam desenvolver ecossistemas comunicativos abertos, democráticos e criativos em espaços culturais, midiáticos e educativos formais (escolares), não formais (desenvolvidos por ONGs) e informais (meios de comunicação voltados para a educação), mediados pelas linguagens e recursos da comunicação, das artes e tecnologias da informação, garantindo-se as condições para a aprendizagem e o exercício prático da liberdade de expressão.
2. Formação e atividade profissional do educador, relacionadas ao estudo e aplicação desses conhecimentos.

A definição da ABL, apesar de só ter sido integrada ao léxico da língua portuguesa há alguns anos, está sendo desenvolvida por pesquisadores e profissionais desde o final dos anos

de 1990. Naquela época, o Núcleo de Comunicação e Educação (NCE) da Universidade de São Paulo (USP) realizou uma pesquisa em doze países ibero-americanos para identificar as ideias daqueles que estavam trabalhando na interseção entre Comunicação e Educação.

A hipótese central com a qual a pesquisa desenvolvida pelo NCE/ECA/USP trabalhou foi a de que efetivamente já se formou, conquistou autonomia e encontra-se em franco processo de consolidação um novo campo de intervenção social a que denominamos de inter-relação comunicação/educação (Soares, 2011, p. 23).

Essa inter-relação, denominada como o campo da Educomunicação, não é compreendida por Soares (2011) apenas como uma nova disciplina ou componente pedagógico de currículos escolares. Para o autor, trata-se da inauguração de um “novo paradigma discursivo transversal” (Soares, 2011, p. 23), formado desde o princípio a partir da transdisciplinaridade.

A pesquisa do NCE contou com a participação de 178 especialistas da área, os quais responderam a 400 questionários. Além disso, foram realizadas entrevistas com 25 especialistas latino-americanos, reconhecidos por seus trabalhos nas áreas da Comunicação e Educação, bem como eventos, seminários e congressos. O resultado, de acordo com Soares (2011), evidenciou a emergência do campo da Educomunicação e destacou um processo de sistematização teórica.

Diante dessa perspectiva abrangente da Educomunicação, é fundamental destacar sua natureza dinâmica e integrada ao contexto educacional. Ao considerar a comunicação como uma *práxis* social, Soares (2011), assim como Braga e Calazans (2001) e Baccega (2011), ressalta a importância de ver a Educomunicação como uma abordagem que transcende o simples uso de ferramentas midiáticas. Ela não se limita a um conjunto de técnicas ou instrumentos, mas permeia todas as dimensões formativas, promovendo uma interconexão entre os processos comunicativos e as práticas educacionais – aspecto também abordado por Kaplún (2011).

Nesse sentido, a Educomunicação surge como um conceito e uma prática que pode contribuir para o desenvolvimento de habilidades críticas, promovendo uma compreensão mais profunda e reflexiva das dinâmicas sociais. Ao desvincular-se de uma abordagem econômica instrumental, ela se converte em uma descoberta para a construção de conhecimento, estimulando a participação ativa dos educandos na criação, análise e comunicação de mensagens, produtos e conteúdos pedagógicos.

Além disso, é fundamental considerar a lógica própria da Educomunicação, conforme apontado por Soares (2011), que vai além da mera aplicação de técnicas comunicativas no ambiente educacional, abraçando uma visão mais ampla que incorpora aspectos culturais,

sociais e éticos. Ao adotar a Educomunicação como uma *práxis* social, os educadores são desafiados a repensar suas práticas pedagógicas, promovendo a construção colaborativa do conhecimento e visando ao protagonismo e à expressão dos educandos no processo de ensino-aprendizagem.

Sobre essa lógica, Aparici (2014) destaca que o paradigma da Educomunicação é alicerçado no diálogo e na participação, não se limitando ao uso de TICs. O conceito envolve “uma mudança de atitudes e concepções” (Aparici, 2014, p. 32).

A aplicação da Educomunicação no cenário atual da sociedade está atravessada pelos avanços tecnológicos de um mundo cada vez mais digital e virtual. Aparici (2014) critica o uso “fordista” das tecnologias digitais em contextos educacionais, especialmente em experiências de *e-learning*, e convoca a Educomunicação a repensar a integração entre as novas tecnologias digitais e os caminhos educacionais – ou educacionais – possíveis.

Embora as tecnologias digitais ofereçam novas e ricas possibilidades de interatividade e imersão, alinhadas às tendências da cultura juvenil e capazes de promover uma maior aproximação com o público escolar, seu impacto será limitado se forem utilizadas de maneira a reproduzir “paradigmas eficientistas” pouco críticos e problematizadores. Se o uso dessas tecnologias no ambiente educativo se restringir à reprodução de métodos tradicionais baseados em modelos positivistas, como observa Aparici (2014), a *práxis* educacional corre o risco de se distanciar da essência do paradigma educacional.

Este novo cenário e as tecnologias da comunicação são elementos que configuram o objeto de estudo, pesquisa e produção da educomunicação em âmbitos analógicos e digitais, e sua filosofia impregna qualquer tipo de tecnologia, seja ela web 1.0, 2.0, 2.1, 3.0 etc. (Aparici, 2014, p. 32).

A educomunicação não se limita à utilização das tecnologias digitais, mas pode fazer uso delas a partir de uma abordagem integrada e adaptativa que se alinhe com as contínuas inovações nesse campo. Para ilustrar esse pensamento de Aparici (2014), pode-se imaginar uma prática educativa em sala de aula que proponha a utilização de celulares para pesquisas de temas do conteúdo pedagógico da aula. Se essa proposta de exercício não for mediada com instruções que estimulem e garantam componentes educativos como o protagonismo dos educandos participantes, o exercício de análise dos conteúdos pesquisados, ou mesmo de uma formulação criativa e crítica para comunicação do aprendizado, haverá aí uma reprodução de métodos educacionais tradicionais e positivistas de assimilação e reprodução do conteúdo, o popular

“copia e cola”, sem inspiração em componentes fundantes de um processo educacional, apesar do uso do celular e da pesquisa na internet serem incorporados à ação.

A história inicial da Educomunicação no Brasil registra uma experiência que pode ser considerada um divisor de águas para a compreensão do potencial de uma prática educacional, pois o paradigma enquanto caminho educativo extrapolou os muros da universidade e alcançou a rede pública de ensino e atores governamentais. Logo após a pesquisa do NCE, no início dos anos 2000, a prefeitura de São Paulo, na gestão de Marta Suplicy, por meio da Secretaria de Educação, manifestou grande preocupação com os níveis alarmantes de violência nas escolas e nas regiões de entorno. A questão que se colocava na época era “como reduzir a violência a partir da prática educacional?” (Soares, 2023). A resposta começou a ser construída a partir do projeto “Educomunicação pelas ondas do rádio – Construindo a paz pela comunicação”, que ficou conhecido como Educom.rádio.

A prática educacional do projeto se deu entre os anos de 2001 e 2004, a partir de capacitações presenciais por meio da linguagem radiofônica. Envolvendo mais de 11 mil agentes educacionais, entre professores, técnicos, alunos e pais de 455 escolas do ensino fundamental da rede pública da capital paulistana, a ação não contribuiu apenas para a diminuição dos indicadores de violência nas regiões onde se situavam as escolas participantes, mas também promoveu um profundo processo de desenvolvimento de competências por meio de atividades educativas pela comunicação. Atividades que trabalharam habilidades como a escrita, a leitura, o domínio da linguagem tecnológica e a operacionalização técnica do trabalho no rádio - enraizados em temas como participação popular, protagonismo juvenil, comunicação, saúde e meio ambiente – colaboraram significativamente para a melhoria das relações nas comunidades escolares, além da já mencionada redução nos índices de violência.

Na verdade, o conjunto destas ações é considerado como “educacional” quando oferece à comunidade uma oportunidade real para criar um ambiente propício a uma revisão das relações de comunicação em todo o ambiente escolar (transformando e recriando seu ecossistema comunicativo) (Soares, 2011, p. 39).

Soares (2011) destaca que uma “própria comunidade” participante de ações educacionais deve ser convidada a “criar suas metas” ou estabelecer os horizontes do projeto no qual participa. Segundo o autor, os altos índices de protagonismo juvenil e participação democrática são indicadores concretos de que uma “pedagogia dialógica e midiática” está ocorrendo e que a ação de fato atingiu “parâmetros educacionais” (Soares, 2011, p. 39 e 40).

O impacto do projeto Educom.rádio foi tão positivo que, em 28 de dezembro de 2004, a então prefeita Marta Suplicy sancionou a Lei Educom, elevando o conceito e a práxis da educomunicação ao patamar de política pública no município de São Paulo. A lei foi regulamentada em 2005 e, em 2009, foi aprovada uma Portaria que orientava a implementação de projetos educucomunicativos nas escolas municipais da cidade, viabilizando a contratação de cerca de 900 “professores comunicadores”.

O Educom.rádio de São Paulo inspirou o desenvolvimento de diversas ações educucomunicativas pelo país. Um desses projetos foi o “Educomunicação pelo rádio em escolas de ensino médio da Região Centro-Oeste”, mais conhecido como Educomrádio.Centro-Oeste, implementado nos estados de Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul nos anos de 2004 e 2005 por meio de um convênio firmado entre o NCE-USP, o Ministério da Educação (MEC) do governo federal e as Secretarias de Educação de cada estado participante. Aproximadamente 2,5 mil pessoas participaram da ação interestadual, entre educandos e educadores, de 70 escolas públicas dos três estados (30 de Goiás, 20 de Mato Grosso e 20 de Mato Grosso do Sul).

Cerca de 140 professores, 2.100 alunos e 280 membros da comunidade escolar foram capacitados pelo projeto Educomrádio.Centro-Oeste, que contou com formações semipresenciais e beneficiou as escolas participantes com equipamentos radiofônicos. Mesquita (2020) investigou o impacto da comunicação na rotina escolar das nove escolas que participaram do projeto em Campo Grande, capital de Mato Grosso do Sul.

Diferentemente de São Paulo, que instituiu uma lei municipal dedicada ao fomento da educomunicação, ou do estado de Mato Grosso, que sancionou a Lei nº 8.889/08, que dispõe sobre a implantação do Programa “Rádio Escola Independente”, voltado para orientar a prática educucomunicativa por meio da linguagem radiofônica na Rede Estadual de Ensino, no estado de Mato Grosso do Sul não foram criados projetos de lei relacionados à Educomunicação.

Todavia, de acordo com Mesquita (2020), o projeto Educomrádio.Centro-Oeste foi sucedido por outras ações baseadas na inter-relação entre Comunicação e Educação. Segundo o levantamento da pesquisadora, após a realização do Educomrádio.Centro-Oeste, ocorreram ações significativas, como os programas “Mídias na Educação”, de 2005, e “Mais Educação”, de 2007, ambos do governo federal, além do “Projeto Estadual de Rádio na Escola” (PERE/MS), que surgiu em 2009 e foi desenvolvido pelo governo do estado em escolas estaduais.

Ainda de acordo com Mesquita (2020), que investigou como as práticas educucomunicativas ecoaram ao longo dos anos nas escolas de Campo Grande que participaram

do Educomrádio.Centro-Oeste, uma das constatações centrais é que a prática educacional precisa de investimentos e deve ser estruturada como política pública para alcançar objetivos a longo prazo – como foi o caso do projeto na capital paulista.

Uma ação pontual pode abrir caminhos, colaborar com a resolução de problemas ou qualificar o ensino em curto e médio prazo, mas não se sustentará se não for incorporada aos planos de ensino e às diretrizes pedagógicas das instituições públicas de educação.

Mesmo com esse desafio, a pesquisa mostra que a realização de projetos na inter-relação entre comunicação e educação dentro das escolas, aliado às iniciativas no âmbito municipal, como o Diálogos em Educomunicação e o Repórter Júnior², são capazes de transpor as barreiras do ensino formal e as limitações da falta de uma política pública mantenedora da educomunicação (Mesquita e Pinheiro, 2020, p. 228).

O arcabouço teórico e prático da educomunicação baseia-se, portanto, nos contributos da relação entre comunicação e educação, podendo ser utilizado para subsidiar ou inspirar diversos espaços educativos, contemplando ambientes de educação formal e não formal, tanto urbanos quanto rurais, e abrangendo uma diversidade de faixas etárias, recortes socioeconômicos e geográficos.

Partindo da compreensão de que as TICs fazem parte dos modos de vida juvenil, tanto no meio urbano quanto no rural, Soares (2011) afirma que essa característica não deve ser vista apenas como um desafio pedagógico, mas como uma oportunidade para potencializar o estímulo aos educandos.

Um dos objetivos fundamentais de um processo educacional é a criação de ecossistemas comunicativos. Conforme elucida Soares (2011, p. 44), esse tipo de ecossistema refere-se a um “ideal de relações”, que se opõe a espaços cujas relações de comunicação funcionam como “sistemas áridos e fechados de interconexões”.

Soares (2011, p. 45) explica que a forma como se escolhe relacionar e comunicar no meio social determinará o tipo de ecossistema comunicativo em cada local ou espaço de aplicação das atividades educativas, podendo ser aberto e participativo ou fechado, violento e pouco inclusivo. Dessa forma, a Educomunicação opta pela construção de espaços abertos e criativos para o relacionamento, com a pedagogia dialógica – de inspiração freireana – desempenhando um papel estruturante na metodologia educacional.

² O Projeto Repórter Júnior é uma iniciativa da UFMS que beneficia estudantes do ensino público do Mato Grosso do Sul por meio de atividades educacionais que relacionam o jornalismo e a educomunicação, enfatizando o protagonismo dos estudantes e a divulgação científica, além de contribuir para o combate à desinformação e à proliferação de notícias fraudulentas.

A partir dessa perspectiva, entende-se que a relação dialógica não é dada pela tecnologia adotada, mais ou menos amigável, mas essencialmente pela opção por um tipo de convívio humano. Trata-se de uma decisão ético-político-pedagógica, que necessita, naturalmente, ser circundada pela definição de tecnologias de auxílio (Soares, 2011, p. 45).

Essa abordagem ressalta a importância de considerar a escolha ética (e humana) e não apenas as ferramentas tecnológicas, destacando que a eficácia da Educomunicação reside não somente na tecnologia em si, mas na maneira como ela é inserida e orientada para a promoção de interações significativas e inclusivas, visando garantir e ampliar o “coeficiente comunicativo” (Soares, 2014, p. 157).

Por “coeficiente comunicativo”, Soares (2014, p. 157) entende o “poder e a habilidade de comunicar” dos grupos e/ou das pessoas envolvidas no processo educativo. Esse aspecto de busca pela melhoria da comunicação de maneira integral, evitando abordagens superficiais, tecnicistas ou “resultadistas”, torna o processo educocomunicativo desafiador, pois exige uma energia considerável no trabalho de discussão, reflexão e construção pedagógica. No entanto, possibilita a busca por resultados significativos em relação a mudanças comportamentais e sociais, como demonstrado pelo projeto Educom.rádio em São Paulo (SP) e tantos outros espalhados pelo país.

Essa característica configura a Educomunicação, em sua essência, como um “processo formativo contínuo” (Soares, 2014, p. 157). Embora possa inspirar ações pontuais e atender a demandas emergenciais em projetos ou espaços educacionais, fica evidente que seu potencial é alcançado quando se garante tempo e condições estruturais para que se torne uma atividade contínua, integrada a um processo perene, idealmente amparada por diretrizes pedagógicas sólidas e políticas públicas.

1.3 Áreas de Intervenção

A gama de possibilidades da *práxis* educocomunicativa é compreendida também a partir de suas áreas de intervenção, que “asseguram a especificidade e a diversidade do novo campo em relação a outras abordagens que buscam aproximar Comunicação e Educação” (Soares, 2017, p. 14).

[...] as denominadas “áreas de intervenção” representam os possíveis tipos de ação a partir dos quais a comunidade é despertada para o novo, podendo perceber com mais

facilidade o pensamento qualificado pela ação educacional, com ela dialogando (Soares, 2017, p.15).

Essas áreas representam dimensões críticas e operacionais que representam os possíveis tipos de ação a partir dos quais a comunidade é despertada para o novo, podendo perceber com mais facilidade o pensamento qualificado pela ação educacional (Soares, 2017, p.15).

Nesse contexto, inicialmente foram identificadas quatro áreas de intervenção a partir da conclusão da pesquisa do NCE/USP, que deu origem a esse novo campo a partir dos estudos sobre a intersecção entre Comunicação e Educação. De acordo com Soares (2017), essas áreas refletem aspectos e sinais identificados nas ações dos profissionais e educadores que estiveram envolvidos com trabalhos que relacionaram Comunicação e Educação durante o período da pesquisa (1997-1999), sendo elas: 1) “Educação para a Comunicação”; 2) “Mediação Tecnológica na Educação”; 3) “Gestão da Comunicação nos Espaços Educativos”; e 4) “Reflexão Epistemológica sobre o Agir Educacional”.

Com o tempo, ao longo do amadurecimento do conceito, foram incorporadas outras áreas de intervenção, como a “Expressão Comunicativa por Meio das Artes”, que surgiu em 2002, reconhecendo que “sujeitos sociais podem se manifestar, igual ou predominantemente, por processos e produções derivadas de diferentes manifestações das Artes”. Esta conclusão científica vem de pesquisas realizadas sobre o tema por Ângela Schaun (2002).

Adicionalmente, surgem outras duas áreas: a “Pedagogia da Comunicação”, que se propõe a pensar sobre “o agir comunicacional dialógico e participativo, no espaço da didática e das práticas de ensino” (Soares, 2017, p. 15), e a “Produção Midiática”, que se debruça sobre o *modus operandi* dos meios de comunicação.

Portanto, a Educação é um paradigma que emerge do encontro entre a Comunicação e Educação, herdando aspectos fundamentais de cada área. A Educação se insere no mundo não apenas a partir da teoria, mas também da prática, do rigor epistemológico e científico, sem ignorar os saberes vernáculos essenciais para uma comunicação dialógica, aberta, inclusiva e participativa.

A Educação fala de relacionamento, liderança, diálogo social e protagonismo juvenil. Posiciona-se, de forma crítica, ante o individualismo, a manipulação e a competição. A cidadania vencendo a ditadura do mercado: é o que ela busca, transformando as oportunidades oferecidas pelas novas tecnologias em instrumentos de solidariedade e crescimento coletivo (Soares, 2011, p. 95).

Ao se posicionar criticamente em relação ao individualismo, à manipulação e à competição, a Educação assume uma postura que valoriza a cidadania e busca superar

as desigualdades provocadas pelo sistema atual da sociedade. Seu foco central na transformação das oportunidades proporcionadas pelas novas tecnologias em instrumentos de solidariedade e crescimento coletivo reflete um compromisso com a construção de uma sociedade mais justa e participativa. Assim, é importante destacar a Educomunicação não apenas como um caminho pedagógico, mas como um instrumento de empoderamento social e cultural.

1.4 Educomunicação Socioambiental

Atualmente, há um debate sobre qual seria a oitava área de intervenção da Educomunicação, a “Educomunicação socioambiental”, com uma forte relação e diretamente influenciada pela Educação Ambiental. No entanto, de acordo com Soares (2017), o conceito representaria mais um “espaço de aplicação” do que uma nova área de intervenção.

Segundo Martirani (2008, p. 13), a Educomunicação Socioambiental é o resultado direto do “entrecruzamento dos campos da Educomunicação e da Educação Ambiental”, respaldada pelos acúmulos epistemológicos desenvolvidos em seus campos de origem. Isso lhe confere “bases conceituais e direcionamento político-pedagógico” com densidade suficiente para inspirar práticas e abordagens teóricas, sempre com o objetivo de construir uma sociedade sustentável.

Assim, independentemente da nomenclatura escolhida, a Educomunicação Socioambiental já é, de fato, uma realidade em discussão teórica e em aplicações práticas. Adilson Citelli e Sandra Pereira Falcão³ (2020) afirmam que a inter-relação entre Comunicação e Educação, ou a própria Educomunicação, pode oferecer uma contribuição significativa para a reflexão sobre o enfrentamento de problemas socioambientais.

Citelli e Falcão (2020) destacam a necessidade de realizar uma leitura crítica dos meios de comunicação de massa no segmento temático ambiental, pois a mídia tradicional frequentemente aborda questões socioambientais sem a criticidade e a profundidade necessárias para o debate dessas demandas, e sem o componente dialógico e/ou educativo — aspectos que poderiam potencializar movimentos de transformação social.

³ Sandra Pereira Falcão faleceu em 2022 deixando um enorme legado de contribuições e ensinamentos para o campo da Comunicação e Educação e Educomunicação. Doutora e mestre em Ciências da Comunicação pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), Sandra integrava o Grupo de Pesquisa Mediações Educomunicativas (Mecom), certificado pelo CNPq e sediado na ECA-USP, participando do projeto de pesquisa “Inter-Relações Comunicação e Educação no Contexto do Ensino Básico”.

[...] para vicejar efetiva educação ambiental é necessário mobilizar componentes comunicacionais que deixem os territórios do marketing e da publicidade autopromocional e provoquem a consciência ecológica do sujeito: o tempo-espaço no qual vive; as relações sociedade-natureza; as políticas governamentais e a ocupação da terra — no campo e na cidade —, etc (Citelli e Falcão, 2020, p. 23).

Além disso, a abordagem comunicacional não é a única que apresenta problemas e lacunas no campo socioambiental. A práxis da Educação Ambiental em sala de aula, especialmente nos espaços educativos formais, também enfrenta suas limitações, conforme Citelli e Falcão (2020). De acordo com uma pesquisa realizada sobre o tema no contexto do ensino público urbano da cidade de São Paulo, a Educação Ambiental na educação formal atualmente revela a existência de “um hiato entre a comunicação ambiental circulante nas salas de aula e a dos assuntos no plano extraescolar” — esse plano seria o “entorno, o bairro, o município” (Citelli e Falcão, 2020, p. 24).

Essa prática educativa estaria desconectada da realidade e ainda distante de ser um caminho eficaz para a compreensão dos desafios socioambientais que a sociedade enfrenta, atribuindo à escola um “papel instrumental” na reprodução de soluções ambientais que estão, na realidade, vinculadas a interesses econômicos — “amplamente apoiados nos meios de comunicação *mainstream*” (Citelli, 2020, p. 24).

Um caminho para se distanciar da abordagem reducionista, “preso à matriz discursiva da eficiência do mercado” (Citelli e Falcão, 2020, p. 24 e 25), é considerar a Educomunicação não apenas como uma teoria, mas como uma prática capaz de promover um “ajuste de rota”. Essa perspectiva propõe uma visão mais ampla e integrada, que valorize os aspectos essenciais da Educomunicação em sua aplicação.

Nesse sentido, no contexto atual, caracterizado pela lógica do consumo e por mudanças climáticas que afetam a saúde e ameaçam o futuro da população global — especialmente das classes mais pobres —, além de números alarmantes e progressivos de desmatamento e queimadas nos biomas do Brasil, crises ambientais catastróficas, e conflitos agrários que ameaçam os povos originários e as populações tradicionais brasileiras, a Educomunicação Socioambiental emerge como uma prática educacional crucial. Ela se posiciona como uma resposta à necessidade urgente de promover uma cidadania ambiental consciente e engajada.

Segundo Martirani (2008), é isso o que se espera dessa área de aplicação ou intervenção, que está alinhada com “as linhas mais progressistas e de caráter emancipatório da educação ambiental” (Martirani, 2008, p. 8). A Educomunicação socioambiental contribui significativamente para a educação ao oferecer uma perspectiva crítica e transformadora no enfrentamento dos desafios socioambientais contemporâneos.

Por isso, o novo campo da Educomunicação Socioambiental irá atribuir às linhas de educomunicação maior comprometimento com as questões e demandas ambientais, amarrando suas ações aos propósitos da sustentabilidade planetária, por isso atreladas ao exercício de uma cidadania ativa, politizada e transformadora (Martirani, 2008, p.8).

Ainda segundo Martirani (2008), quem desempenha o papel de educador socioambiental deve, necessariamente, considerar o cenário de desafios ambientais no exercício de sua função, atuando como agente problematizador e provocador de reflexões sobre a “cultura fundada no consumismo, em comportamentos individualistas e hedonistas” (Martirani, 2008, p. 10).

É importante destacar que cabe ao educador socioambiental não apenas pintar o cenário de emergências ambientais e sensibilizar os educandos para os desafios que estão postos, seja em uma escala local, regional ou global, mas também fornecer elementos e caminhos pedagógicos que permitam aos participantes da prática educacional refletir e construir coletivamente ações que visem soluções ou mitigações desses problemas ambientais.

Para alcançar esse objetivo, a inter-relação entre Comunicação e Educação, ou a própria Educomunicação, configura-se como uma via oportuna, pois integra “valores indissociáveis como o dialogismo, a participação e a criticidade” ao “fazer/pensar dos atos educativos e comunicativos” (Soares, 2011, p. 77), características fundamentais para qualquer ação coletiva germinada a partir da mobilização de grupos em espaços educacionais ou na sociedade civil organizada.

Neste contexto, essa área de intervenção, marcada pelo encontro da Educação Ambiental e da Educomunicação, conta inclusive com o respaldo de dispositivos legais. Um exemplo é o Programa Nacional de Educação Ambiental (ProNEA), instituído pelo Ministério do Meio Ambiente em 2008, por meio do Departamento de Educação Ambiental da época, e amparado pela Lei Federal 9.795, de 1999, que dispõe sobre a Educação Ambiental.

Ao abordar a interseção entre Comunicação e Educação na esfera ambiental, o ProNEA (2008, p. 10) não se limita a abordar a presença da Educomunicação nas políticas públicas de Educação Ambiental e Comunicação, mas vai além, conceituando de forma abrangente o que representa a Educomunicação Socioambiental. Ao explorar essas dimensões interconectadas, o programa oferece uma visão mais aprofundada e holística das inter-relações entre Comunicação, Educação e questões socioambientais.

Além disso, o ProNEA também apresenta oito princípios indissociáveis da Educomunicação Socioambiental, que são: 1º - Compromisso com o diálogo permanente e

continuado; 2º - Compromisso com a interatividade e produção participativa de conteúdos; 3º - Compromisso com a transversalidade; 4º - Compromisso com o Encontro/Diálogo de Saberes; 5º - Compromisso com a proteção e valorização do conhecimento tradicional e popular; 6º - Compromisso com a democratização da comunicação e com a acessibilidade à informação socioambiental; 7º - Compromisso com o direito à comunicação; 8º - Compromisso com a não discriminação e o respeito à individualidade e diversidade humana.

Esses princípios listados e apresentados não surpreendem aqueles que conhecem o fundamento da Educomunicação, pois os aspectos essenciais estão ali preservados. No entanto, a elaboração sobre uma área de intervenção da Educomunicação Socioambiental amplia as possibilidades e abarca institucionalmente novas realidades e contextos, como é o caso, por exemplo, da valorização do conhecimento popular e tradicional, que pode estar relacionado às expressões culturais e saberes vernaculares de comunidades tradicionais, povos originários e indígenas, em contextos urbanos e rurais.

O documento do ProNEA também demonstra o que seriam os “Campos de Aplicação para a Educomunicação Socioambiental no Brasil”, configurando-se como uma espécie de roteiro programático que apresenta os espaços de aplicação mais destacados nesse segmento. São espaços onde, segundo a compreensão do Programa, as práticas educacionais podem oferecer uma contribuição significativa. Dois desses espaços destacados para a aplicação são a “Educomunicação dos povos indígenas e das comunidades tradicionais e da educação no campo” e a “Educomunicação no movimento organizado da Juventude pelo Meio Ambiente”:

- Educomunicação dos povos indígenas e das comunidades tradicionais e da educação no campo: Promover encontros, presenciais e à distância; o diálogo de saberes conecta comunidades e experiências, promove a educação diferenciada, favorece o fortalecimento cultural e a vigilância territorial destes povos e garante a integridade biorregional.

- Educomunicação no movimento organizado da Juventude pelo Meio Ambiente: Está aí uma das explicações da força da Educação Ambiental brasileira no início do século XXI; um alto índice de renovação e de relevância do papel da juventude, sobretudo através dos Coletivos Jovens pelo Meio Ambiente e da REJUMA – Rede Juventude e Meio Ambiente. Juventude é, portanto, um público preferencial para quaisquer processos de Educomunicação socioambiental (ProNEA, 2008, p. 33 e 34).

O papel preponderante da juventude, evidenciado no engajamento dos Coletivos Jovens pelo Meio Ambiente e da REJUMA, ressalta a importância estratégica desse público e o coloca como protagonista nos processos de Educomunicação Socioambiental, consolidando a relevância dessa abordagem na contemporaneidade.

Falcão (2018) destaca que, mesmo com o passar dos anos e as transições governamentais periódicas, o documento do ProNEA ainda se configura como uma peça

fundamental para o estudo e mobilização cidadã na compreensão das políticas públicas de comunicação para a educação ambiental. Ele oferece “um norte para movimentos ambientalistas, instituições de ensino, sistemas de governança e cidadãos interessados” (Falcão, 2018, p. 103).

De acordo com Soares (2011), o documento do ProNEA identifica a Educomunicação socioambiental “tanto como filosofia quanto como metodologia de trabalho”, destacando que o campo de intervenção parte da compreensão da indissociabilidade entre questões sociais e ambientais em suas etapas de implementação, tanto em uma perspectiva teórica quanto prática, a partir do “fazer/pensar dos atos educativos e comunicativos” (Soares, 2011, p. 77).

Soares (2014), ao analisar a formulação dos objetivos do Programa de Educação Ambiental, destaca o que intitula de “Educomunicação para a mudança social”, como uma via de “opção de prática educacional” (Soares, 2014, p. 154). Segundo o autor, que dialoga com as reflexões de Barranquero (2007), a Educomunicação na América Latina se direciona para a resolução das contradições entre “conhecimento/reflexão/teoria” frente à necessidade de “acontecimento/ação/práxis” (Soares, 2014, p. 156).

Nesse sentido, a Educomunicação aplicada ao enfrentamento dos desafios socioambientais possui o potencial de gerar processos de conscientização, tal como inspira Freire, partindo da observação da realidade (contextos sociais, econômicos, políticos) e do indivíduo inserido em seus grupos sociais, que se comunica e possui sua própria visão de mundo e valores culturais. Para Soares, essa ação socioambiental é “transformadora e política”.

Segundo Falcão, que dialoga com os aportes da obra “Epistemologia Ambiental” de Enrique Leff, não se pode dissociar a problemática do meio ambiente do âmbito social, uma vez que os problemas ou desafios ambientais são originados em “processos sociais conjuntos” e necessariamente atravessam a sociedade (Falcão, 2018, p. 101). A autora chama a atenção para a ausência de renovação dos caminhos científicos e paradigmas que inspirem práticas de transformação e reflexão sobre as mudanças ambientais em curso, já que os passos dados até o momento não foram bem-sucedidos em compreender ou mesmo agir nas raízes das demandas ambientais. Falcão sugere que uma luz no fim do túnel pode vir de “enfoques inter/multi/transdisciplinares da temática socioambiental”, que visem a uma compreensão menos compartimentada do “caos iminente” ambiental que nos aguarda e que já está sendo vivenciado.

Ao olharmos para o contexto socioambiental do planeta, são identificadas tarefas que parecem impossíveis, como combater o avanço desenfreado do desmatamento no Pantanal e na

Amazônia ou tentar frear as alarmantes mudanças climáticas. A Educomunicação socioambiental, no entanto, convoca essa responsabilidade e se apresenta, enquanto paradigma teórico e proposta pedagógica de ação prática, como um caminho para perseguir essas utopias — mas não de qualquer maneira e muito menos de modo superficial.

A práxis educ comunicativa, tal como ensina Soares (2014, p. 157), provoca a retomar “distintas utopias” através do empoderamento dos sujeitos a partir da comunicação para a educação (e vice-versa), partindo da ação cidadã possível e interdisciplinar realizada nas escolas, nos bairros, nas comunidades rurais ou nos espaços de participação cidadã. Os processos educ comunicativos podem florescer no cotidiano, a partir das pequenas ações, sempre acompanhadas de um processo contínuo de humanização e conscientização, que favorece o aprendizado coletivo e colaborativo operado em cada realidade.

CAPÍTULO II

SER JOVEM, RURAL E COMUNICADOR

2.1. Ser jovem

Este capítulo levanta e averigua aspectos identitários, sociais e culturais das juventudes rurais do Bico do Papagaio (TO), território de atuação do projeto social Jovens em Comunicação. Para alcançar maior profundidade nesta discussão, é necessário, em um primeiro momento, voltar o olhar para a concepção de juventude e juventude rural como categorias sociais. Para isso, mobilizamos aportes teóricos de autoras e autores que se dedicaram à Sociologia da Juventude no Brasil.

Não é o objetivo desta pesquisa realizar um aprofundamento teórico extensivo na área da Sociologia da Juventude, mas compreender de que maneira a tematização e as compreensões sobre aspectos fundamentais de tais categorias sociológicas podem contribuir para a discussão acerca da realidade das juventudes rurais do Bico do Papagaio, bem como para o impacto das ações do projeto Jovens em Comunicação e de sua relação com a Educomunicação.

Luis Antonio Groppo, em sua obra *Introdução à Sociologia da Juventude* (2017), chama a atenção para o fato de que diversas áreas do conhecimento e da sociedade, incluindo o próprio estado, possuem suas denominações e compreensões sobre o que se identifica como juventude. Groppo (2017, p. 13) menciona a perspectiva das ciências biomédicas, que compreendem a juventude sob o prisma das transformações biológicas que encerram a infância e dão início à puberdade. Também cita a psicologia, que associa essa fase da vida humana ao desenvolvimento da personalidade dos indivíduos na adolescência.

Além disso, o estado e as instituições sociais brasileiras também demarcam o que seria esse período da vida com base em legislações e políticas públicas. No Brasil, Groppo (2017, p. 13) destaca o Estatuto da Juventude⁴, promulgado em 2013, como um marco legal que compreende o período da juventude até os 29 anos, podendo ter início entre os 12 e 15 anos, com o início da puberdade. Groppo também ressalta que essas compreensões estão em constante mudança e que o período da juventude pode ser estendido dependendo das práticas sociais e culturais de cada indivíduo.

⁴ Criado após a promulgação da Constituição de 1988, o Estatuto da Juventude regulamenta o artigo 227 da Constituição Federal, garantindo às crianças e adolescentes direitos fundamentais relacionados à sobrevivência, desenvolvimento em várias dimensões e proteção integral.

Ao abordar a concepção de juventude no campo da Sociologia, Groppo (2017) menciona a “árida e infindável discussão sobre a relação entre natureza e cultura” (Groppo, 2017, p. 15), relacionada à disputa entre os campos do conhecimento que teriam maior ou menor influência sobre a demarcação ou compreensão do conceito. O autor destaca o perigo de cair em extremos reducionistas de qualquer um dos lados: do ponto de vista biopsicológico, que apenas consideraria as transformações biológicas do amadurecimento do corpo humano associadas à faixa etária, sem levar em conta fatores sociais e culturais que impactam a vida humana; e do ponto de vista sociológico, que veria a condição juvenil como “elástica ao infinito” e unicamente “à mercê das práticas sociais e dos discursos simbólicos” (Groppo, 2017, p. 16).

Diante dessa complexidade, a Sociologia, ao longo dos séculos XX e XXI, amadureceu a compreensão da condição juvenil como uma “categoria social”. Essa categoria faz parte da estrutura da sociedade e forma uma “coletividade de sujeitos” que se identificam por um “status intermediário” (Groppo, 2017, p. 13). Esse status intermediário pode ser compreendido pelo fato de os jovens estarem em um momento de transição para a vida adulta, com sua autonomia – seja ela financeira, política, de mobilidade etc. – parcialmente adquirida.

[...] podemos considerar juventude como uma fase da vida social que é caracterizada por um status social com independência relativa em relação ao núcleo familiar original e por menor autonomia diante das instituições sociais para além das familiares. Ela se distingue da infância por ter um status, ou grau de prestígio social, maior. E se distingue da maturidade pelo menor prestígio social, o que significa menores direitos diante do mundo público e relativa dependência do núcleo familiar (Groppo, 2017, p. 13).

Ainda abordando o ponto de vista sociológico, Juarez Dayrell (2007, p. 157) destaca que, se por um lado existe um “caráter universal” marcado pelas transformações biológicas do indivíduo em determinada fase de sua vida, por outro lado é necessário entender a extrema diversidade na forma como cada sociedade, em diferentes tempos históricos, se relaciona, compreende e representa a condição juvenil. Essa diversidade pode ser explicada através de aspectos socioeconômicos, culturais e identitários, de gênero, geográficos e territoriais, entre outros (Dayrell, 2007).

De acordo com Dayrell (2007), o “ser humano se coloca no limite entre a natureza e a cultura”, pois as dimensões sociais e biológicas são mutuamente influentes. O ser humano e, portanto, o ser jovem, é constituído como um ser biológico, social e cultural, com aspectos integralmente interligados que se desenvolvem com base nas relações estabelecidas com o outro (Dayrell, 2007, p. 160).

Além disso, a juventude enquanto categoria social possui um valor simbólico no “imaginário social” da sociedade (Groppo, 2017). Esta representação pode variar entre positiva e negativa, dependendo do contexto histórico, da época e das atribuições associadas à condição juvenil.

Helena Abramo (1997) examina como a juventude foi tematizada na mídia brasileira, observando que o público juvenil foi historicamente retratado de maneira negativa nos noticiários. Essa representação focava, majoritariamente, em problemas sociais como violência, exploração sexual e consumo de drogas, sem espaço para ouvir ou compreender o ponto de vista dos jovens (Abramo, 1997).

Abramo (1997) observa que o jovem é frequentemente rotulado pelos noticiários como o “baderneiro”, o “revoltado” ou o “criminoso”. Embora essa imagem tenha evoluído com a popularização das redes sociais, que possibilitaram uma maior diversidade de representações juvenis, o estereótipo negativo persiste, especialmente na cobertura midiática recente sobre violência em periferias urbanas ou manifestações políticas protagonizadas por movimentos sociais juvenis.

Os jovens envolvidos nos protestos do Movimento Passe Livre (MPL) em São Paulo (SP), em 2013, que inspiraram as Jornadas de Junho, receberam um tratamento similar da grande mídia: foram retratados como “baderneiros”, “violentos” e “atrapalhadores do trânsito”. A ênfase estava nessas características negativas, em vez de nas demandas sociais do grupo.

Prosseguindo, Abramo (1997) também observa uma diferença significativa entre as mensagens midiáticas sobre a juventude e aquelas direcionadas ao público jovem, como propagandas e produções midiáticas. As mensagens dirigidas ao público jovem geralmente abordam temas relacionados à cultura e ao comportamento, como música, moda, estilo de vida, lazer e esportes (Abramo, 1997, p. 25).

Esse fenômeno pode ser associado à cultura de massa e ao processo de massificação no sistema de ensino, consumo e mídia. Segundo Groppo (2017, p. 107), esse fenômeno colaborou para a formação de uma “juventude moderna”, que se tornou mais do que uma simples categoria social. As teorias críticas ligadas aos estudos culturais tratam dessa vertente teórica.

Nesse sentido, a juventude deixa de ser apenas uma categoria etária e se transforma em uma “representação social”, um “modo de ser”, uma “forma-signo” (Groppo, 2017, p. 108). A revolta dos movimentos sociais juvenis é vista, nessa perspectiva, como um produto da indústria cultural, que pode ser reproduzido e difundido por meio de seu valor simbólico e comercializado em larga escala.

Nesta sociedade de consumo, um sistema de signos, os possíveis elementos simbólicos são rapidamente convertidos em signos: a rebeldia juvenil, típica dos movimentos estudantis e das contraculturas, torna-se elemento de consumo, como signo da revolta – como uma calça jeans que se faz signo da liberdade (Santos, 1992) – cada vez mais longe da subversão real (Groppo, 2017, p. 109).

A juventude, frequentemente tematizada como um problema social pelos noticiários, também é tratada como um “signo para o consumo” e que se “realiza pelo consumo” (Groppo, 2017, p. 109). O estilo de vida jovem passa a ser visto como um status a ser alcançado, associado à modernidade, beleza, saúde, tecnologias avançadas, liberdade, audácia, prazer e, até mesmo, a uma forma de rebeldia – uma rebeldia que é controlada e integrada à sociedade de consumo.

A rebeldia retratada nos filmes de Hollywood, ou nas séries das plataformas de streaming, contrasta com a rebeldia das comunidades periféricas e dos movimentos sociais juvenis que lutam por direitos e justiça social e que vivem às margens da sociedade. Assim, o conceito de “juvenildade” (Groppo, 2017, p. 110) é vendido como um ideal, que não necessariamente reflete a realidade concreta das juventudes brasileiras.

Dayrell (2007) reforça essa análise ao destacar que a “visão romântica da juventude”, promovida pela indústria cultural e pelos meios de comunicação de massa, tem se consolidado desde os anos de 1960. Para o autor, essa perspectiva está ligada ao conceito de “moratória”, no qual a juventude é vista como um período de ensaio e erro, marcado por comportamentos considerados irresponsáveis e hedonistas (Dayrell, 2007, p. 156). Essa imagem estereotipada veiculada pelos meios de comunicação e pela indústria cultural pode ser relacionada ao avanço tardio no debate sobre o que significa “ser jovem” no Brasil e à criação de políticas públicas voltadas para as juventudes brasileiras. Somente na década de 1990, o Brasil começa a desenvolver políticas específicas para essa categoria social, inspirado pelo movimento global, que já se manifestava na Europa e nos Estados Unidos ao longo do século XX, e na América Latina nos anos de 1980, com o estímulo de organizações internacionais, como a Organização das Nações Unidas (ONU) e a Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (Cepal).

É importante ressaltar, no entanto, que antes dos anos 1990, entidades da sociedade civil brasileira já trabalhavam com o público jovem, embora muitas de suas ações fossem assistencialistas e voltadas para atender jovens em situação de vulnerabilidade. Esses programas de ressocialização, segundo Abramo (1997), visavam oferecer capacitação profissional para inserção no mercado de trabalho, o que pode parecer positivo à primeira vista, mas na prática buscava “afastar os jovens da rua” ou “ocupar suas mãos ociosas”, com o intuito

de conter o risco real ou potencial que esses jovens representavam para a sociedade (Abramo, 1997, p. 26).

Essas ações não abarcavam um debate profundo acerca de aspectos que conformam a complexidade de ser jovem no Brasil, ou que se propunham a buscar compreender as demandas juvenis brasileiras a partir do diálogo com os próprios jovens. Os sujeitos jovens participantes destes programas, portanto, não exerciam posição de protagonismo ou eram convocados para pensar e/ou participar da construção das ações desses programas.

Abramo (1997) compreende que a maior parte destes programas enfrentava mazelas sociais com a visão de que os próprios jovens eram parte desses problemas, interpretando-os como “problemas a serem resolvidos para salvá-los e reintegrá-los à ordem social” (Abramo, 1997, p. 26). Esse tipo de ação, segundo a autora, possui caráter “imediatista e desarticulado”, oferecendo pouca ou quase nenhuma capacidade de se promover um entendimento amplo e aprofundado, por parte do estado ou da sociedade civil, sobre os sujeitos jovens a quem se destinam os programas e políticas públicas. A autora destaca também a escassez de pesquisas acadêmicas e subsídios formativos sobre as juventudes no Brasil no final dos anos 1990.

Cabe destacar que haviam projetos e ações que poderiam ser considerados exceções a esse modelo de atuação, que buscavam promover o protagonismo juvenil. Esses projetos eram “baseados na ideia de que os jovens são colaboradores e participantes nos processos educativos” (Abramo, 1997, p. 27), mas representavam uma parcela mínima frente à totalidade das ações da época.

Abramo (1997) também chama atenção para a preocupação de alguns atores políticos com a baixa participação juvenil em partidos políticos, sindicatos e movimentos sociais. No entanto, essa preocupação foca na dimensão quantitativa da participação e não na vontade de ouvir genuinamente os grupos juvenis e entender suas demandas políticas.

Esse sintoma, segundo a autora, reflete a dificuldade na renovação dos quadros dessas organizações da sociedade civil e na continuidade de suas ações conforme estavam estruturadas. Esse distanciamento também aponta para o desinteresse percebido nos jovens em relação à atuação política e ao exercício da cidadania, bem como para o crescimento de valores mais individualistas, hedonistas e pragmáticos em relação à vida política e social.

Percebe-se, portanto, que há uma espécie de fricção intergeracional. Se, por um lado, existe a dificuldade dos atores políticos em compreender e abrir espaço para que as juventudes protagonizem a construção de seus caminhos na esfera política, por outro lado, os jovens se afastam e alimentam o desinteresse pelo *modus operandi* da política tradicional e pela prática

da cidadania promovida pelas gerações anteriores. Abramo (1997) caracteriza esse fenômeno como um movimento “pré-político” ou “a-político”, resultante do “enfraquecimento dos atores juvenis” que se acentua a partir dos anos de 1980 no Brasil.

Pode-se dizer que a preocupação dos atores políticos, então, não sai desse plano da preocupação, não resultando na tentativa de realizar um entendimento mais aprofundado deste setor, nem na formulação de ações a eles dirigidas. Resta, assim, de um modo amplo e difundido, a manutenção de uma desqualificação generalizada da atuação pública dos jovens e um temor relativo à inserção dos jovens nos processos de construção e consolidação da democracia (Abramo, 1997, p. 28).

Percebe-se, portanto, a dificuldade de considerar o jovem como sujeito e não apenas como um problema social. Além disso, há uma dificuldade para reconhecer que os jovens podem colaborar na construção de soluções para problemas sociais, protagonizar essas mudanças e dialogar com outros atores da sociedade de maneira igualitária. Essa problemática está também ligada ao modo como as juventudes foram tematizadas na sociedade ocidental contemporânea.

Dayrell (2007, p. 156) oferece outra perspectiva ao explicar que a juventude é frequentemente vista de forma negativa devido à sua condição de “transitoriedade”, conforme também destacado por Groppo (2017). O jovem é considerado um sujeito em potencial, cuja ação no presente só faz sentido quando vista como parte da transição para a vida adulta. Assim, o presente vivido pelo jovem é negado, pois ele ainda não é considerado plenamente “[n]o que virá a ser”, o que explicaria a tendência de enxergá-lo de maneira negativa.

Essa concepção está muito presente na escola: em nome do “vir a ser” do aluno, traduzido no diploma e nos possíveis projetos de futuro, tende-se a negar o presente vivido do jovem como espaço válido de formação, assim como as questões existenciais que eles expõem, bem mais amplas do que apenas o futuro (Dayrell, 2007, pg. 156).

Para Dayrell (2007, p. 157), é importante iluminar essas questões para evitar o erro de compreender e enxergar o jovem a partir dos mesmos modelos pré-estabelecidos, sem abertura para observar como os próprios jovens “constroem suas experiências” e desenvolvem um “determinado modo de ser jovem” enquanto sujeitos sociais, com base em seus cotidianos, contextos e realidades próprias.

O autor enfatiza a necessidade de “não entender a juventude como uma etapa com um fim predeterminado”, nem como uma condição de preparação que se conclui com a chegada da

vida adulta ou com a inserção no mercado de trabalho. De acordo com Castro (2009, p. 44), tal perspectiva exclui os jovens das classes trabalhadoras da concepção de juventude.

A juventude “não se reduz a uma passagem” e “assume importância em si mesma”, representando também um processo amplo de “constituição de sujeitos” que possuem especificidades marcantes em suas vidas individuais (Dayrell, 2007, p. 158).

Dayrell defende a noção de “juventudes”, no plural, ao reconhecer que não existe “um único modo de ser jovem”, pois a diversidade dos modos de ser jovem é inegável (Dayrell, 2007, p. 158), especialmente em um país como o Brasil, que é geograficamente continental, culturalmente diverso e socioeconomicamente estratificado.

2.2. Ser jovem rural

Nilson Weisheimer (2005) reforça a perspectiva de Dayrell (2007) ao afirmar que as interpretações sobre o ser jovem envolvem uma “construção social, cultural e histórica altamente dinâmica e diversificada”, formando um grupo heterogêneo. Weisheimer destaca que essa pluralidade não se limita às “noções de juventudes” em espaços urbanos, mas também inclui os “jovens rurais”, que vivem em regiões rurais do país e enfrentam realidades sociais igualmente diversas, “construindo experiências e identidades coletivas distintas” (Weisheimer, 2005, p. 26).

Embora a categoria social das juventudes ainda seja pouco explorada do ponto de vista acadêmico e pouco compreendida ou aprofundada pela opinião pública, Weisheimer (2013) e outros autores dedicados à Sociologia das Juventudes observam um avanço nas últimas décadas, tanto no Brasil quanto na América Latina. Esse avanço se reflete no aumento das produções científicas e nas ações e programas do governo e da sociedade civil voltados para as juventudes brasileiras. No entanto, Weisheimer (2013) reconhece que esse progresso é menos significativo quando se trata das juventudes rurais.

Weisheimer (2005) aponta que, embora diversos trabalhos acadêmicos abordem os jovens rurais, muitas vezes esses estudos não aprofundam ou problematizam adequadamente o objeto de estudo. Em vez disso, limitam-se a reproduzir recortes demográficos e critérios normativos, sem compreender que os jovens rurais são uma categoria social em constante construção e disputa (Weisheimer, 2005, p. 28).

Além disso, Weisheimer (2013) explica que, quando a juventude rural é discutida — seja em pesquisas acadêmicas, debates públicos ou políticas governamentais —, as principais chaves de leitura evidenciadas são a “migração” e a “invisibilidade” (Weisheimer, 2013, p. 22).

O êxodo rural é predominantemente protagonizado por jovens, sendo as mulheres a maioria nesse processo. Paralelamente, os jovens rurais enfrentam uma significativa invisibilidade social.

Este lugar de invisibilidade social, de acordo com Weisheimer (2013), refere-se a situações em que “determinados sujeitos se encontram imperceptíveis nas relações sociais” (Weisheimer, 2013, p. 23).

Ou seja, por invisibilidade social entendemos todo um processo de não reconhecimento e indiferença em relação a sujeitos subalternos da sociedade. Esta invisibilidade social nega ao outro o direito ao reconhecimento e à identidade social. Ela se manifesta na vida cotidiana, opera de modo intersubjetivo e objetiva-se nas práticas do senso comum e do campo científico (Weisheimer, 2013, p. 23).

Por mais subjetivo que pareça o termo, essa invisibilidade social se traduz concretamente na negação e/ou escassez de direitos sociais e de políticas públicas, em virtude da marginalização dos jovens rurais, por estarem fora do radar da agenda governamental e da maior parte da sociedade civil. Isso configura uma das “expressões mais cruéis de exclusão social” e coloca a juventude rural como um setor “extremamente fragilizado de nossa sociedade” (Weisheimer, 2013, p. 2). Dessa forma, nega-se o direito à cidadania a essa categoria social.

O autor também enfatiza que essa invisibilidade provoca uma gama de situações indesejadas na vida dos jovens rurais, como preconceitos, estigmas, marginalidade, exclusão e até mesmo o não-reconhecimento desses sujeitos (Weisheimer, 2013). Para exemplificar, podemos nos perguntar: quem nunca ouviu ou mesmo reproduziu falas que identificam o jovem rural como “caipira” ou “matuto” de forma pejorativa? Não no sentido de valorizar suas culturas e modos de vida tradicionais, mas na perspectiva de subestimar aquela condição de vida, implicando-a como inferior em comparação aos modos de vida urbanos, sendo rotulada como “ultrapassada”, “menos tecnológica”, “menos desenvolvida” ou “menos moderna”.

Weisheimer (2013) aponta para algumas das possíveis causas para a invisibilidade social da tematização das juventudes rurais: “subestimação da existência da juventude no meio rural”, a “subestimação da importância do meio rural” e, por fim, a “incompatibilidade entre os termos juventude e rural” (Weisheimer, 2013, p. 24).

Para tratar da “subestimação da existência da juventude no meio rural”, o pesquisador remonta a um passado recente em que se compreendia, do ponto de vista sociológico, que “não haveria jovens no campo”, pois, com o fim da infância, a inserção no trabalho agrícola marcaria

a transição para a vida adulta, definindo o jovem camponês como adulto. Weisheimer (2013), todavia, questiona esse pensamento.

Isso porque, embora os jovens exerçam um papel produtivo importante no âmbito do trabalho familiar, isto não chega a configurar a superação da condição juvenil, uma vez que eles permanecem subordinados à autoridade dos pais, não tendo sido superada a sua posição subalterna na hierarquia familiar (Weisheimer, 2013, pg. 25).

Nessa esteira, Castro (2009) menciona estudos sobre o campesinato jovem que apontam para o fato de que os jovens rurais só se tornam adultos e são “respeitados nessas comunidades” quando assumem o trabalho e a propriedade da família. Alguns estudos indicam que essa sucessão ocorria quando o “jovem” já estava na faixa dos 40 anos, mas ainda era tratado e socializado como jovem por não ter cumprido completamente essa etapa da vida no campo (Castro, 2009, p. 45).

A “subestimação da importância do meio rural” é explicada pelo fato de os índices e marcadores do IBGE e outros institutos de pesquisa indicarem um país cada vez mais urbano e menos rural, o que se relaciona com a problemática da migração do jovem do campo, associada à evasão rural. Dessa forma, segundo o autor, surge uma compreensão errônea de que “os territórios rurais seriam um mero resíduo do passado prestes a desaparecer” (Weisheimer, 2013, p. 25).

Esse tipo de raciocínio reducionista, baseado exclusivamente em dados numéricos e marcadores sociais, exclui da equação importantes fatores, como os processos de inserção social dos quais os jovens rurais participam, além do subdimensionamento de municípios de regiões rurais devido às limitações na formulação das pesquisas estatísticas e na definição atual do que é considerado rural e urbano.

A “incompatibilidade entre os termos juventude e rural” é explicada pela tematização social das duas categorias. Conforme detalhado anteriormente, com base no pensamento de Abramo (1997) e Groppo (2017), as juventudes são associadas à inovação, à rebeldia, ao moderno e ao novo, principalmente pela indústria cultural, características incompatíveis com o “rural”, simbolicamente relacionado ao que é atrasado, antiquado, tradicional e pouco inovador.

De acordo com dados do módulo anual sobre Educação da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua do IBGE (Pnad/IBGE) de 2023, o Brasil possui pouco mais de 48,5 milhões de pessoas na faixa etária de 15 a 29 anos, consideradas “jovens” pelo IBGE. Segundo dados do mesmo censo demográfico (Pnad/IBGE), deste número total existem cerca de 6 milhões de jovens rurais brasileiros. Assim, as juventudes rurais correspondem a 12,4 %

da população jovem do país, o que denota um decréscimo no comparativo com o Censo de 2010 (Pnad/IBGE), onde a população jovem rural representava 15,7% das juventudes brasileiras, com cerca de 8 milhões de pessoas em números totais.

Dados da Pnad/IBGE mostram ainda a mudança na população jovem rural, no que diz respeito ao local de residência entre os anos de 2004 e 2013, conforme apresenta a Tabela 1 a seguir:

Figura 2 - Percentual da população de 18 a 29 anos por local de residência (2004-2013).

Localização	Anos								
	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2011	2012	2013
Urbana	83,9	83,9	84,4	84,5	84,8	85,4	86,9	86,2	86,3
Rural	16,1	16,1	15,6	15,5	15,2	14,6	13,1	13,8	13,7

Fonte: Diagnóstico das Juventudes Rurais do Bico do Papagaio - Pnad/IBGE. Elaborado pela Dired/Inep.

A evasão dos jovens do campo está intrinsecamente ligada ao processo de invisibilização social e à negação de direitos que afetam as juventudes rurais. Ainda que cada contexto rural tenha suas particularidades e marcadores socioeconômicos específicos, como no caso do Bico do Papagaio (TO), em geral, essas regiões estão marginalizadas quando se trata do acesso a direitos básicos como educação, saúde, emprego e moradia.

De acordo com o Censo Pnad/IBGE de 2023, mais da metade (56,5%) da população jovem rural brasileira (3,4 milhões de pessoas) encontra-se em situação de pobreza e 11% (657 mil pessoas) vive em extrema pobreza. Esses mesmos indicadores são menores para a população jovem urbana, mostrando que 26,5% (11,3 milhões de pessoas) encontram-se em situação de pobreza e 3,6% (1,6 milhões) em estado de extrema pobreza, dados que atestam a situação de invisibilização social das juventudes rurais brasileiras.

Há também uma disparidade com relação aos indicadores relacionados a evasão escolar entre esses dois grupos. Cerca de 32,5% dos jovens rurais encontra-se fora da escola (cerca de 2 milhões de pessoas), número superior ao de jovens urbanos, que representa 17,1% dos jovens desta categoria (7,2 milhões de pessoas), ainda de acordo com dados do Pnad/IBGE de 2023.

A recente e limitada implementação de políticas públicas voltadas para a juventude, especialmente no contexto rural, contribui para a falta de estudos sobre “projetos de permanência ou saída dos jovens do meio rural e, em particular, da agricultura familiar” (Weisheimer, 2005, p. 28). Essa escassez de oportunidades e direitos é uma das causas que impulsionam o processo migratório dos jovens rurais para as áreas urbanas.

Embora os temas da migração, da reprodução social no campo (sucessão rural) e da invisibilidade social das juventudes rurais sejam centrais e permeiem as realidades dos jovens em áreas rurais no Brasil, é importante considerar o risco de reduzir a análise desse grupo social apenas a essas perspectivas.

Weisheimer (2005, p. 28) convida a refletir sobre a compreensão desatualizada das juventudes rurais, baseada na dicotomia entre rural e urbano, como se o meio rural fosse homogêneo e não estivesse em constante transformação. Para o autor, o espaço social rural está se tornando cada vez mais complexo e “não exclusivamente agrícola”.

Práticas sociais e recursos tecnológicos que, no início do século passado, eram acessíveis apenas em contextos urbanos — como eventos sociais, energia elétrica e, mais recentemente, acesso à internet e equipamentos como smartphones e computadores —, agora fazem parte do cotidiano de muitas regiões rurais do Brasil, incluindo o Bico do Papagaio (TO).

Apesar de o acesso e a oferta desses recursos e eventos ainda variarem significativamente entre os contextos urbano e rural, com a região e os recortes socioeconômicos, o entendimento de que a urbanidade é sinônimo de “avanço e modernidade” e de que a vida no campo seja equivalente a “atraso e ignorância” está obsoleto. Embora essas categorizações um dia puderam ter tido alguma validade, elas partem de uma premissa preconceituosa e segregacionista. Com o processo de globalização e a mecanização do campo, essa compreensão se mostra ainda mais ultrapassada.

2.3. O projeto Jovens em Comunicação

Para entender melhor a gênese, os objetivos fundantes e os aspectos metodológicos do desenvolvimento do projeto Jovens em Comunicação, se faz necessária a análise dos indicadores socioeconômicos e aspectos territoriais relacionados à região do Bico do Papagaio (TO) e às juventudes rurais que ali residem e, na sequência, averiguar as características metodológicas do projeto social.

2.3.1. O território Bico do Papagaio (TO)

Situado no extremo norte do Tocantins, o Bico do Papagaio é considerado uma “microrregião” pelos parâmetros do IBGE, sendo composto por 25 municípios: Ananás, Angico, Araguatins, Augustinópolis, Axixá do Tocantins, Buriti, Carrasco Bonito,

Darcinópolis, Esperantina, Itaguatins, Luzinópolis, Maurilândia do Tocantins, Nazaré, Praia Norte, Riachinho, Sampaio, Santa Terezinha do Tocantins, São Bento do Tocantins, São Miguel do Tocantins, São Sebastião do Tocantins, Sítio Novo do Tocantins e Tocantinópolis.

Cabe destacar que a APA-TO (Alternativas para Pequena Agricultura no Tocantins), organização criadora do projeto e principal executora da ação, no que diz respeito à área de abrangência da ação, optou por atuar com 12 municípios da microrregião, que são as cidades onde se encontram as comunidades e os territórios tradicionais onde vivem os jovens participantes da ação, sendo eles: Araguatins, Augustinópolis, Axixá do Tocantins, Buriti do Tocantins, Carrasco Bonito, Esperantina, Itaguatins, Praia Norte, São Miguel do Tocantins, São Sebastião do Tocantins, Sítio Novo do Tocantins.

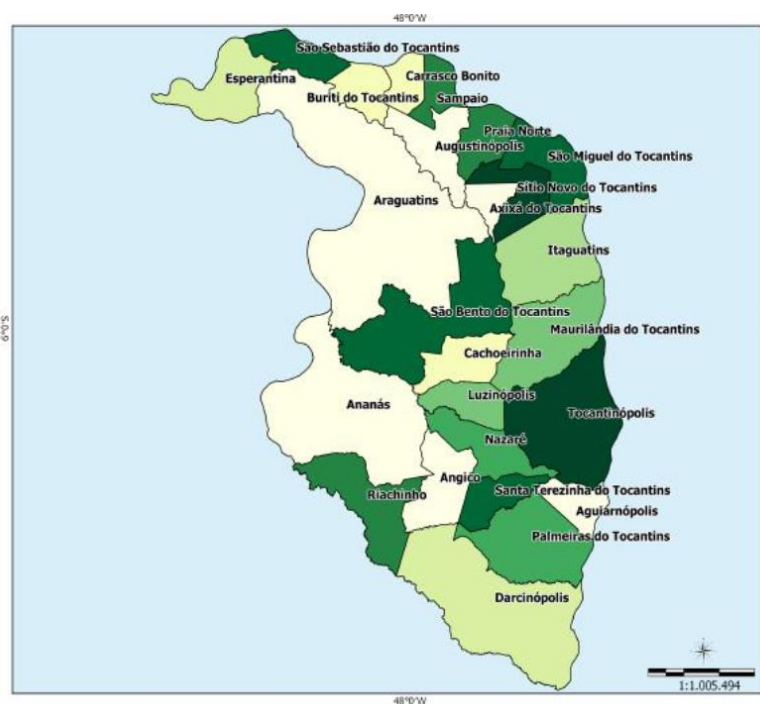
A microrregião faz divisa com os estados do Pará e do Maranhão, possuindo uma área de 15.993,20 km², correspondendo a 5,75% do território do Tocantins (Oliveira, Strassburg e Crestani, 2014, p. 206). É uma região de transição entre os biomas Cerrado e Amazônia. Vale ressaltar a confluência dos rios Araguaia e Tocantins na extremidade da região, que possui um formato semelhante a um “bico” de ave, ajudando a compreender o nome Bico do Papagaio.

Figura 3 - Mapa do Brasil com Destaque para a microrregião do Bico do Papagaio, no Tocantins.



Fonte: IBGE, 2006.

Figura 4 - Mapa dos municípios do Bico do Papagaio.



Fonte: SDT/MDA, 2015.

De acordo com o Censo Demográfico de 2010, o Bico do Papagaio abriga 196.367 habitantes, o que representa 14% do total da população do estado tocantinense. A densidade demográfica é de 12,45 hab/km², enquanto a do estado é de 4,98 hab/km² e, a do Brasil, de 22,40 hab/km² (IBGE, 2010).

A história do Bico do Papagaio é marcada por conflitos agrários, disputas de poder e por receber, décadas atrás, um fluxo migratório considerável de pessoas nordestinas. O pesquisador Zaré Augusto Brum Soares, que trabalhou como técnico da APA-TO e morou no Bico do Papagaio por anos, apresenta, em sua pesquisa de dissertação de mestrado, um resgate histórico que ajuda a compreender a conformação e o processo de ocupação do território.

Soares (2009) descreve o início da “ocupação espontânea” camponesa da região, com a formação dos primeiros aldeamentos, também chamados de “centros”. Esses processos migratórios ocorreram há mais de um século, protagonizados, majoritariamente, por famílias originárias do Maranhão e do Piauí, quando o estado do Tocantins ainda não havia sido criado e seu território integrava o estado de Goiás.

As primeiras ocupações da região iniciaram há mais de 130 anos, marcadas pelos conflitos com os índios Apinajés e Gavião (habitantes originais da região), atraídas pelos recursos minerais e extrativistas. Nos períodos em que foram construídas as rodovias Belém – Brasília e a Transamazônica, o processo de migração se tornou mais pronunciado (Soares, 2009, p. 61).

Por outro lado, durante este período, surgiram as primeiras iniciativas relacionadas ao avanço do agronegócio na região, impulsionadas pela Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM) e que, em sua maioria, beneficiaram empresários do sul e sudeste do país. Segundo o levantamento histórico de Soares (2009), a chegada desses agropecuaristas contribuiu para a concentração de terras e para a prática de grilagem na região, desencadeando conflitos agrários.

O intenso processo migratório resultou na formação de diversas identidades culturais camponesas, manifestas nas comunidades rurais e tradicionais, nos movimentos sociais e nas organizações da sociedade civil, que incluem agricultores familiares, quilombolas, quebradeiras de coco-babaçu e assentados da reforma agrária. Esses grupos, presentes até hoje no Bico do Papagaio, são o foco de atuação do projeto Jovens em Comunicação, sendo as juventudes desses povos protagonistas da ação.

Observa-se que os modos de vida tradicionais, suas manifestações culturais, comportamentos e visões de mundo são práticas seculares que se perpetuam ao longo das gerações. Entre as estratégias de sobrevivência dessas populações camponesas destacam-se o extrativismo sustentável de produtos locais, a agricultura de subsistência e a pecuária.

Nesta perspectiva, três foram os sistemas de produção que marcaram com maior profundidade a ocupação desta região: (i) a pecuária, como estratégia de utilização dos campos cerrados (onde predominam as gramíneas nativas apropriados para o pastejo de ruminantes); (ii) o extrativismo de produtos como o caucho, a castanha e o babaçu, associado à caça, como estratégia de utilização dos recursos das florestas; e (iii) a agricultura de subsistência, associada principalmente às culturas do arroz e da mandioca, baseada em tecnologia indígena de utilização das cinzas provenientes da queima da cobertura florestal como meio de reprodução da fertilidade do solo (Soares, 2009, p. 62).

É nesse contexto, há mais de um século, que o Bico do Papagaio, dotado de paisagens e riquezas naturais até então “inexploradas” pelas forças econômicas, começa a ser conformado como território que reúne espaços e identidades culturais diversas, a partir da ocupação e das relações humanas que ali passaram a acontecer com maior intensidade. Sobre esse processo, Milton Santos (1978) explica que “a utilização do território pelo povo cria o espaço” e, sendo assim, se estabelecem limites, seja pelo comum acordo ou pela força (Santos, 1978, p. 233).

Nessa esteira, Santos (1978) provoca a refletir sobre a relação entre modos de produção do passado e do presente nas sociedades territoriais. Sem dúvidas, essa é uma questão que merece aprofundamento e atenção diante do nosso objeto de estudo.

A ação das sociedades territoriais é condicionada no interior de um dado território por: a) o modo de produção dominante à escala do sistema internacional, sejam quais foram as combinações concretas; b) o sistema político, responsável pelas formas particulares de impacto do modo de produção; c) mas também pelos impactos dos modos de produção precedentes e dos momentos precedentes ao modo de produção atual (Santos, 1978, p. 233).

Para buscar compreender a conformação territorial, social, cultural e identitária do Bico do Papagaio, é necessário esse mergulho nas raízes históricas dos “momentos precedentes ao modo de produção atual” (Santos, 1978, p. 233).

Para as populações camponesas e tradicionais do Bico do Papagaio, é inegável que a relação com o território não se dá de modo utilitarista ou exclusivamente para fins de sobrevivência, mas comporta uma dimensão identitária e cultural, já que historicamente constituíram seus modos de vida a partir da relação com a terra, com o meio ambiente e, por consequência, com o território em si. Sobre esses aspectos, Rogério Haesbaert (2021) afirma que

Uma das grandes contribuições da leitura latino-americana sobre o território se deve ao fato de que ela parte da esfera do vivido, das práticas ou, como enfatizava o geógrafo Milton Santos, do “uso” do território –mas que se estende bem além do simples “valor de uso”, compreendendo também um expressivo valor simbólico (para não falar do emocional e mesmo do espiritual) (Haesbaert, 2021, p.161).

Não é exagero pensar que o território está associado à própria vida dos povos que nele vivem, em uma relação de vínculo identitário e cultural profundo, como é o caso das populações camponesas e tradicionais do Bico do Papagaio. Para Haesbaert (2021), nesses casos, defender o território é defender a própria vida. Prova maior desse aspecto aterrizado no chão dos territórios do Bico do Papagaio talvez seja o fato de as quebradeiras de coco-babaçu – sejam estas anciãs ou jovens – se referirem à árvore da palmeira babaçu como a sua “Mãe Palmeira”, expressão que se incorpora aos dizeres e cantos cotidianos destas mulheres e traduz a força da relação entre este povo tradicional e o mundo natural que o rodeia.

Há também uma disparidade nos espaços e subespaços que foram sendo constituídos ao longo das décadas no Bico do Papagaio, sendo expressa não somente nos indicadores socioeconômicos, mas nas diferenças concretas entre as paisagens de lugares como assentamentos rurais ou comunidades quilombolas situadas às margens dos Rios Tocantins ou Araguaia, com a conformação de extensas “praias de rios” com bolsões de areia.

Nestes dois lugares vivem jovens do projeto. Um município mais urbanizado, como Augustinópolis ou Araguaia, os mais populosos do território e com melhores indicadores

socioeconômicos, e municípios como Esperantina, onde está situada a Comunidade Quilombola Prachata, situada às margens do Rio Tocantins. Os quilombolas deste território complementam suas rendas e alimentação a partir da prática da pesca artesanal e da agricultura familiar. Essas fricções também podem ser refletidas a partir dos contributos de Milton Santos (1996).

Como o espaço não é homogêneo, evoluindo de modo desigual, a difusão dos objetos modernos e a incidência das ações modernas não é a mesma em toda parte. Alguns subespaços, dotados com as modernizações atuais, podem acolher as ações de interesse dos atores hegemônicos. É assim que se constitui, dentro do conjunto de subespaços, um subsistema hegemônico, graças às relações privilegiadas que podem ser estabelecidas entre esses objetos novos (Santos, 1996, p. 226).

Figura 5 – Pesca artesanal quilombola na Comunidade Quilombola Prachata. Rio Tocantins, Esperantina (TO, Brasil).



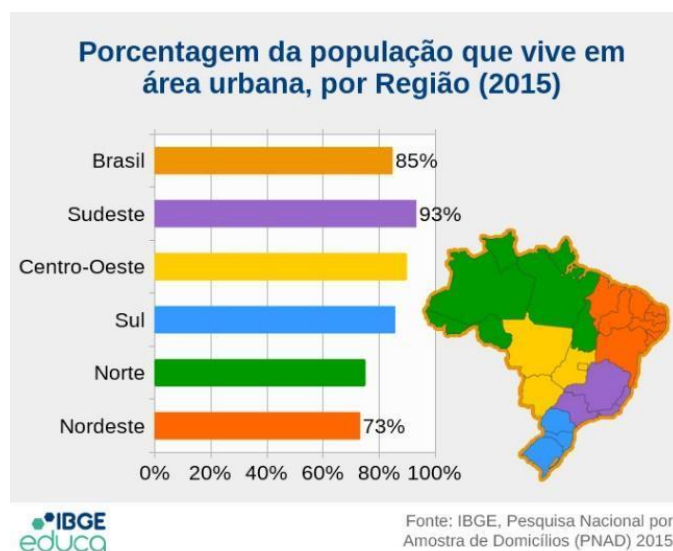
Fonte: Aatoria de Bruno Santiago Alface/Acervo APA-TO.

Esses “atores hegemônicos” de que trata Milton podem ser interpretados como as elites econômicas da região e os grandes empresários latifundiários do Sul e Sudeste, que ocuparam o território com objetivos mercadológicos e sob o incentivo do governo, na contramão do que foi a ocupação camponesa dos povos oriundos do Nordeste, conforme relatado acima. Haesbaert (2021) também ajuda a entender a influência das relações de poder entre as classes dominantes e as populações vulnerabilizadas para a conformação territorial.

Na verdade, pode-se afirmar que o neoliberalismo capitalista, especialmente sob o padrão de acumulação extrativista que predomina na “América Latina”, rompe essa sobreposição de funções entre um “Estado territorial” clássico e um “Estado de população”. Sob o neoliberalismo delega-se ao mercado, às grandes empresas capitalistas, a gestão, o controle e a exploração das riquezas do solo, ou seja, daquilo que Foucault denominava “território”, ao mesmo tempo em que se fragiliza o papel do Estado em termos de administração e cuidado da “população” (Haesbaert, 2021, p.183).

Segundo dados do censo demográfico da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad/IBGE) de 2015, os índices de evasão da população rural para os meios urbanos aumentam a cada ano. A região Norte, onde se localiza o estado do Tocantins, possui quase 80% de sua população vivendo em áreas urbanas.

Figura 6 - Mapa do IBGE/PNAD (2015).



Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), 2015.

De acordo com o Relatório Final da Pesquisa Diagnóstico das Juventudes Rurais do Bico do Papagaio, realizada em 2020 sob coordenação da professora Elisa Guaraná de Castro, com a colaboração de pesquisadoras/es da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) em parceria com a APA-TO e organizações sociais do Bico do Papagaio, o Censo Agropecuário de 2017 apresentou dados que indicam o significativo aumento do envelhecimento da população rural brasileira, ou seja, há uma significativa diminuição de juventudes na região.

Informações do censo agropecuário anterior (2006) indicaram que 17,52% dos produtores tinham mais de 65 anos. Esta proporção aumentou para 21,4% em 2017. Também a faixa etária de 55 a 65 anos aumentou sua presença entre os moradores de

zonas rurais, passando de 20% para 24%. O grupo etário de 35 a 45 anos, reduziu, passando de 21,93% para 18,29%; da mesma forma, produtores de 25 a 35 anos reduziram sua participação de 13,56% para 9,48% entre a população rural. Produtores com menos de 25 anos também perderam espaço, passando de 3,30% em 2006 para 2,03% em 2017 (Castro *et al.*, 2020, p. 20).

Outro levantamento feito pelo Diagnóstico das Juventudes Rurais do Bico do Papagaio (2020), a partir de dados do IBGE, apresenta o perfil socioeconômico dos municípios de atuação do projeto Jovens em Comunicação:

Quadro 3 - Perfil socioeconômico dos municípios de atuação do projeto “Jovens em Comunicação”.

Municípios	Área (km ²) ¹	População ²	Densidade demográfica - hab/km ² ³	Escolarização 6 a 14 anos - % ⁴	IDHM ⁵	Mortalidade infantil ⁶	Receitas realizadas - (R\$ ×1000) ⁷	PIB per capita (R\$) ⁸
Araguatins	2,625,286	35761	11,93	95,5	0,631	12,3	6,319,040,725	10837,63
Augustinópolis	394,976	18412	40,38	97,1	0,67	19,23	3,433,661,177	12462,39
Axixá do Tocantins	150,213	9756	61,75	99	0,627	25,48	2,488,695,073	10986,07
Buriti do Tocantins	251,921	11348	38,77	95,8	0,627	7,58	1,948,577,092	7987,88
Carrasco Bonito	192,939	4095	19,11	97,9	0,594	13,16	1,330,316,277	8606,1
Esperantina	504,023	10996	18,8	97,6	0,57	6,58	224,369,798	7608,64
Itaguatins	739,858	5864	8,15	95	0,616	14,49	1,456,944,672	9391,2
Praia Norte	289,054	8432	26,5	96,8	0,583	9,43	1,791,859,465	7685,41
Sampaio	222,29	4711	17,38	98,4	0,606	35,71	1,133,972,119	8045,7
São Miguel do Tocantins	398,82	12139	26,28	98,9	0,623	23,26	2,218,109,438	8267,53
São Sebastião do Tocantins	287,273	4805	14,91	96,6	0,573	12,05	1,307,751,767	8957,33
Sítio Novo do Tocantins	324,096	9029	28,23	95,8	0,604	7,41	2,368,504,196	9467
Tocantins	Área	População estimada	Densidade demográfica	Matrículas no ensino fundamental	IDH	Receitas realizadas	Despesas empenhadas	Total de veículos
	277.720,404 km ²	1.572.866 pessoas	4,98 hab/km ²	63.384 matrículas	0,699	10.305.099,01288 R\$ (×1000)	8.929.456,43836 R\$ (×1000)	690.169 veículos
Brasil	Área	População estimada	Densidade demográfica	Escolarização 6 a 14 anos	Analfabetismo + 15 anos	Fecundidade	Mortalidade infantil	Desocupação (2019)
	8.510.820,623 km ²	210.147.125 pessoas	22,43 hab/km ²	98,6 %	6,8 %	1,77 filhos por mulher	12,35 óbitos por mil nascidos vivos	12,00 %

1 Área territorial em 2018.

2 População estimada em 2019.

3 Dados de 2010.

4 Dados de 2010.

5 Dados de 2010. Índice de desenvolvimento Humano Municipal.

6 Dados de 2017. Óbitos por nascidos vivos.

7 Dados de 2017.

8 Dados de 2016.

Fonte: Castro *et al.*, 2020.⁵

A partir dos dados presentes na tabela, pode-se identificar algumas características da região, tais como os indicadores de renda, observados a partir do PIB per capita, de escolaridade e mortalidade infantil. Os marcadores relacionados à mortalidade infantil e ao PIB per capita nos municípios, em sua maioria, estão abaixo da média estadual e nacional.

As taxas registradas referem-se ao ano de 2017. Comparativamente à média nacional (12,35 óbitos por mil nascidos vivos), os municípios pesquisados apresentam taxas bastante superiores, com média de 15,55. A menor taxa corresponde ao município de Esperantina (6,58) e maior taxa de mortalidade infantil é encontrada em Sampaio (35,71). A variável PIB per capita é um indicativo da renda que circula entre os habitantes do município ao longo do ano e varia entre R\$ 7.608,00 em Esperantina e R\$ 12.462,00 em Augustinópolis. A média, R\$ 9.191,00, é cerca de um terço da média nacional, correspondente a R\$ 30.548,00, conforme levantamento de 2016 do IBGE (Castro *et al.*, 2020, p.11).

Os indicadores do Índice de Desenvolvimento Humano por Município (IDHM), que leva em conta dados relacionados à saúde, renda e educação, também se encontram inferiores às médias tocaninense e brasileira.

O IDHM dos municípios participantes da pesquisa encontra-se em patamares bastante inferiores aos Índices de Desenvolvimento Humano (IDH) estadual (0,699) e nacional (0,759). São Sebastião do Tocantins apresenta o menor IDHM (0,573), ao passo que Augustinópolis apresenta o IDHM mais alto entre os doze municípios pesquisados (0,670). O intervalo 0,600 a 0,699 caracteriza IDHM médio, no qual se localizam 9 dos 12 municípios pesquisados. São Sebastião do Tocantins, Carrasco Bonito e Praia Norte apresentam IDHM inferior à 0,600, considerado índice baixo (0,500 a 0,599) (Castro *et al.*, 2020, p.11).

Outras pesquisas sobre a microrregião do Bico do Papagaio, abrangendo os 25 municípios reconhecidos pelo IBGE, também abordam a situação de pobreza do território. O artigo “Conflitos Agrários no Bico do Papagaio” (2014) alerta para a elevada taxa de pobreza na microrregião, que, em 2000, era de 81,39% e, em 2010, chegou a 74%, um índice ainda alarmante.

(...) o que significa que quase 75% da população vivia com o equivalente ao valor de uma cesta de alimentos, com o mínimo de calorias necessárias para suprir adequadamente às necessidades de uma pessoa, com base em recomendações das Organizações das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO) e da Organização Mundial de Saúde (OMS) (Oliveria; Strassburg; Crestani, 2014, p. 207-208).

⁵ Tabela extraída do Relatório Final Diagnóstico Participativo da Realidade das Juventudes Rurais da Região do Bico do Papagaio -TO. 2020 (Relatório de pesquisa).

Essa breve, mas significativa, amostra de dados socioeconômicos dos municípios de atuação do projeto no Bico do Papagaio evidencia o estado de vulnerabilidade social em que se encontra a população que habita a região.

2.3.2. As juventudes do projeto Jovens em Comunicação

Durante o desenvolvimento das atividades do projeto social da APA-TO, os jovens, em sua maioria, residiam em assentamentos, comunidades quilombolas, acampamentos do Movimento Sem Terra (MST) e territórios tradicionais de quebradeiras de coco babaçu – sejam estes assentamentos ou Reservas Extrativistas (RESEX). Esse aspecto era sugerido pela APA-TO como critério para a indicação dos jovens para participação.

Cabe destacar, no entanto, que parte dos jovens residia em áreas urbanas dos municípios, seja pela facilidade de acesso à escola, às políticas públicas ou por escolha pessoal. O projeto abrangia essa convivência de jovens rurais que ainda permaneciam em suas comunidades de origem, conformando a maioria, e jovens rurais que haviam se mudado para os centros urbanos ou que faziam um movimento pendular, vivendo em deslocamento constante entre a comunidade rural e o centro urbano.

Essa característica da localização geográfica e do movimento pendular praticado pelos jovens pode aprofundar os aspectos da vulnerabilidade e invisibilidade social vivenciada por esses públicos juvenis rurais, uma vez que o acesso às políticas públicas e aos equipamentos públicos de saúde, educação e cultura, por exemplo, geralmente se concentram nos centros urbanos dos municípios da microrregião. Mesmo nos centros urbanos, deve-se considerar a escassez das políticas públicas na região do Bico do Papagaio, sobretudo para atendimento das juventudes.

Merece atenção a presença de jovens oriundos de comunidades quilombolas e territórios com forte presença das florestas de Babaçuais, onde há Palmeiras do coco babaçu, uma fonte de renda, de subsistência e, como já mencionado, parte integrante do modo de vida tradicional das quebradeiras de coco.

A prática da quebra do coco babaçu e, portanto, a presença das mulheres quebradeiras acontece em assentamentos e nas RESEX, mas não só, pois também pode-se identificar essa prática nas comunidades quilombolas e em acampamentos de trabalhadores sem-terra, uma vez que os Babaçuais estão presentes por quase toda a região do Bico do Papagaio. Essa prática

tradicional é transmitida através das gerações com forte protagonismo feminino. As mulheres, desde muito jovens, aprendem sobre este costume e assumem a lida da quebra do coco e do extrativismo sustentável junto às suas “mães-palmeiras”.

Cabe também destacar a presença dos quatro territórios quilombolas na região, sendo que três possuem jovens que foram beneficiados pelo projeto Jovens em Comunicação. As comunidades Prachata, Ciriáco e Carrapiché são certificadas pelo Ministério da Cultura e Fundação Cultural Palmares, já a Comunidade Ilha de São Vicente, situada em Araguatins, ainda luta pela sua titulação e possui processo aberto pelo Incra (Castro et al., 2020, p. 14).

Assim como as quebradeiras de coco, as juventudes quilombolas que vivem em suas comunidades aprendem desde cedo as práticas da pesca artesanal, que incluem a produção artesanal das redes de tarrafa, o preparo do peixe às margens do rio, o trabalho relacionado à agricultura familiar para renda e subsistência, a dança tradicional da “sussa”, as práticas relacionadas à espiritualidade, entre outras.

Por fim, também há a presença dos jovens que vivem nas comunidades camponesas reconhecidas como Projetos de Assentamentos da Reforma Agrária e jovens vinculados ao Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), vivendo ou não em Acampamentos do MST. O grupo de jovens assentados encontra-se em uma posição de estabilidade maior, com a maioria tendo casas próprias e com os pais trabalhando nas roças com agricultura familiar para geração de renda e subsistência. Parte destes jovens auxilia os pais no trabalho com a agricultura.

Já o grupo dos jovens do MST se encontra, na maioria dos casos, dividindo a rotina entre parte do tempo cotidiano no Acampamento, onde almejam a reforma agrária e a titulação das terras, parte na escola com os estudos e parte com as atividades do movimento em nível estadual. São jovens que trazem uma bagagem cultural e intelectual relacionadas à cidadania e política, oriundas de suas experiências com o MST, sendo também integrantes do Coletivo de Juventudes do MST no Tocantins.

Esses aspectos identitários são atravessados pelos marcadores sociais nas diferentes realidades das juventudes rurais do Bico do Papagaio. O Diagnóstico das Juventudes Rurais do Bico do Papagaio (2020) entrevistou 245 jovens da região, um campo amostral consideravelmente maior do que o número de jovens beneficiados pelo projeto da APA-TO, sendo 111 mulheres, 128 homens e duas pessoas que optaram por não identificar seu gênero.

Destes 245 jovens mapeados, 209 encontram-se na faixa etária de 15 a 29 anos, classificada como a faixa da juventude pelo Estatuto da Juventude brasileiro. A maior parte se

declara preto e pardo (88,6%), com presença de 4,9% de amarelos, 4,1% dos que se declaram indígenas e apenas 2,4% brancos.

Quase metade dos jovens entrevistados (45,8%) pela pesquisa afirma já ter morado tanto em ambientes urbanos quanto rurais, característica também observada entre os jovens do projeto Jovens em Comunicação. Os jovens que vivem apenas em área rural totalizam 41,1%, e 12,9% são os que vivem exclusivamente em área urbana.

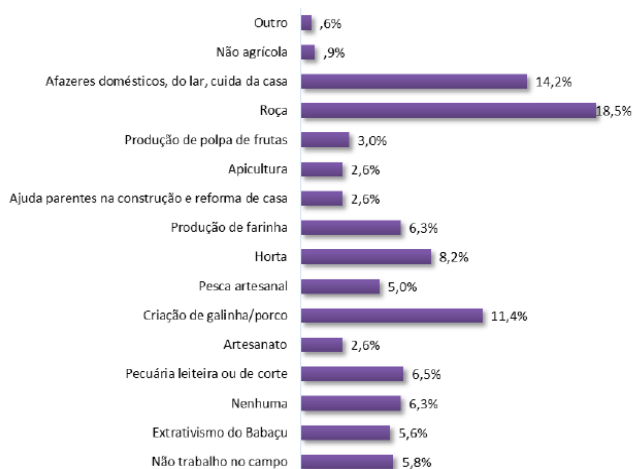
A pesquisa aponta para a baixa renda das famílias dos jovens entrevistados, mostrando que 65,6% deles têm renda familiar mensal entre 0 e 2 salários mínimos e 24,6% declaram a renda de 1 a 2 salários mínimos. Esse dado é agravado quando combinado ao fato de que 51,3% dos jovens pesquisados moram com 4 a 6 pessoas, 27,8% com 1 a 3 pessoas e 5,3% com 10 ou mais pessoas. Compreende-se, portanto, que a renda da maior parte dos jovens é mínima e/ou insuficiente para garantir uma vida digna das famílias, sobretudo, se considerarmos a escassez estrutural de políticas públicas na microrregião.

Entre os jovens entrevistados, 79,2% informaram que os pais possuem terras, mas 66% disseram não possuírem terras e 31,6% afirmaram não possuírem relação alguma com a terra. Esses números apontam para o desafio da sucessão rural no campo que o Brasil enfrenta hoje, mostrando a dificultosa relação intergeracional entre pais e filhos quando mediada pelas relações de trabalho no campo.

A respeito do uso das terras e o que vai ser feito na produção, 42,44% dos jovens afirmaram que as decisões são planejadas por toda família. Porém, quando se trata da participação dos jovens no planejamento da produção, esse número cai para 35,5%. Ainda, 45,9% afirmaram que participam “às vezes”; e 7,4% disseram não participar (Castro, 2020, p. 58);

Dos jovens entrevistados, 42,2% afirmam não trabalhar ou exercer atividade remunerada, 41,8% trabalham no campo, 9,8% trabalham entre o campo e a cidade e 6,1% trabalham somente na cidade. Entre as atividades não remuneradas desempenhadas pelos jovens no campo destacam-se o trabalho na roça (18,5%) e afazeres domésticos (14,2%).

Figura 7 – Atividades não remuneradas desempenhadas por jovens no campo.



Fonte: Castro *et al.*, 2020, p. 58.

No que diz respeito à escolaridade, 78,8% dos jovens rurais pesquisados no Bico do Papagaio declaram estar estudando, com a maioria estando entre o primeiro e o segundo ciclo da Educação Básica (Ensino Fundamental, Ensino Médio Regular e/ou Ensino Médio Técnico), e 21,2% afirmam não estar estudando. Como motivos para a evasão escolar, foram apresentadas a falta de renda (29,3%), interesse (18,9%) e trabalho no campo (8,6%).

Ainda de acordo com o levantamento realizado, mais da metade dos jovens (69,4%) deseja cursar o Ensino Superior e, destes, 43,7% desejam cursar até a pós-graduação. Esse dado também esbarra na problemática da negação de direitos que experimentam as juventudes rurais, pois apenas uma universidade pública, a Unitins (estadual), possui câmpus na região, situado na área central do município de Augustinópolis. A microrregião possui uma gama de faculdades particulares, mas que, em sua maioria, são inacessíveis aos jovens da região por conta da baixa renda das famílias locais, conforme apontado anteriormente.

Outro dado preocupante é a presença de apenas uma Escola Família Agrícola (EFA) na região, a EFA Padre Josimo, situada no município de Esperantina. Por ser o único equipamento de educação voltado para o público juvenil rural em uma região predominantemente rural, a escola não tem condições de atender toda a demanda das juventudes do campo, o que obriga os jovens a se deslocarem para estudar nos centros urbanos ou mesmo a se mudarem para as cidades, no caso de não haver transporte ou condições viárias adequadas para o deslocamento cotidiano.

No que tange à relação entre os jovens rurais do Bico do Papagaio com os meios de comunicação e as TICs, 10,9% afirmam que “ver TV” está entre as suas atividades de lazer

favoritas, já “ficar navegando no celular” aparece com 7,4% da preferência dos jovens, “jogos online” tem 5% e “ver série/filme online” ficou com 2,7%. Assistir TV foi a segunda atividade de lazer mais votada entre os jovens, perdendo apenas para “namorar”, que ficou com 11,2% da preferência total.

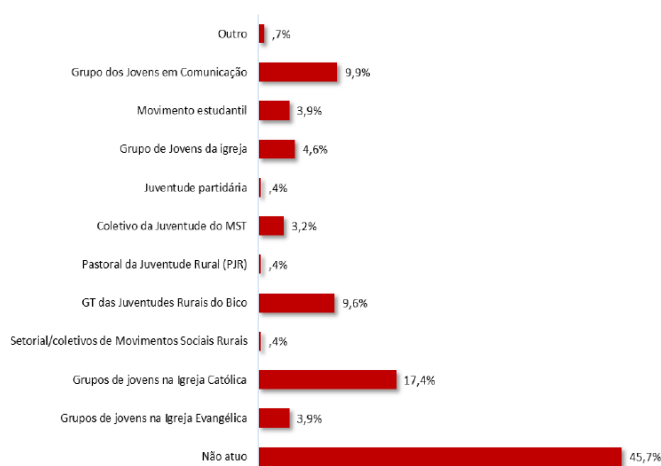
A partir da realização de grupos focais com jovens do Bico do Papagaio, a pesquisa supracitada ainda identificou que “a utilização do celular é uma realidade entre a juventude do Bico”, com destaque para a utilização de aplicativos de comunicação, como o WhatsApp, e plataformas de streaming, como a Netflix, usada no celular e na televisão (Castro, 2020, p. 69). O Censo Agropecuário de 2017 aponta que “1.425.323 dos produtores rurais têm acesso à internet, dos quais 659 mil (46,2%) por meio de banda larga e 909 mil (63,77%) via internet móvel”, o que representa um aumento expressivo de 1.790,1% no comparativo com o ano da última aferição, em 2006.

A juventude rural do Bico do Papagaio, em sua maioria, deseja permanecer no campo, com 72% dos jovens entrevistados respondendo afirmativamente para essa questão, 18% afirmaram não saber e 10% disseram que não desejam continuar no meio rural. Ao serem questionados sobre a viabilidade dessa permanência, ou seja, se terão realmente condições econômicas de se manterem na terra, o número dos que acreditam que conseguirão permanecer é de 50%.

Por fim, o último tópico da pesquisa destacado aqui neste capítulo se relaciona com a participação social e o exercício da cidadania. O Diagnóstico identificou que 39% dos pais dos jovens atuam em algum movimento/organização da sociedade civil, 48% não participam e 13% dos jovens não souberam informar. Dentre as entidades e movimentos de atuação dos pais, destaca-se a presença nas Associações de Assentamentos (14,6%), nos Sindicatos de trabalhadores rurais (7,5%) e no Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu (MIQCB) (7,1%). No caso dos jovens, as Associações de Assentamentos reúnem o maior número de jovens, com 9,3%, seguido pelos Sindicatos rurais, com 6,2%.

Quando se tratam de organizações ou espaços específicos de juventudes, 41,3% dos jovens declararam atuar ou participar; 53,7% disseram não atuar e 5% informaram já ter atuado, mas ter deixado de atuar. Nesse tópico, pode-se começar a perceber a relevância do projeto Jovens em Comunicação, que aparece em segundo lugar na lista de espaços mencionados pelos jovens, com 9,9% das respostas, ficando atrás apenas dos Grupos de Jovens na Igreja Católica, que aparecem com 17,4%.

Figura 8 – Organizações de juventude em que os jovens participam.



Fonte: Castro *et al.*, 2020, p. 77.

A pesquisa mostrou também que a maioria dos jovens (54,3%) conhece alguma política pública destinada a agricultura familiar, mas os números caem quando se trata do conhecimento sobre políticas públicas voltadas à juventude, com apenas 10,7% possuindo algum conhecimento sobre essas políticas e 3,2% tendo acesso efetivo a elas.

Os dados apresentados pelo Relatório da Pesquisa Diagnóstico das Juventudes Rurais do Bico do Papagaio (2020) corroboram a situação conjuntural de invisibilidade social e negação de direitos que sofrem as juventudes rurais do Brasil, mas também apontam pistas para pequenos passos que poderão ser dados mirando a superação deste cenário a partir da educação não formal e da conscientização política, promovidas por ações e projetos de organizações da sociedade civil, como é o caso do projeto Jovens em Comunicação.

Diferente das políticas de juventude, as ações produzidas por organizações sociais, e também destinadas aos jovens, possuem maior amplitude em termos de conhecimento e acesso dos entrevistados. De acordo com os dados coletados 74,1% dos jovens afirmaram conhecer algumas das ações para juventude mencionadas no questionário, entre as mais conhecidas destaca-se Jovem em Comunicação (34,2%) e Jovem Semeando Agroecologia (23,6%), que também se configuram como as mais acessadas, como mostra a tabela 10 abaixo (Castro, 2020, pg. 79)

2.3.3. Gênese do projeto

O projeto Jovens em Comunicação não foi a primeira ação voltada para as juventudes rurais do Bico do Papagaio, nem o primeiro projeto da APA-TO com o público juvenil do campo. De acordo com a organização, houve atividades da Pastoral da Juventude Rural (PJR) na região, apoiadas pela Comissão Pastoral da Terra (CPT) do Tocantins, e a própria APA-TO

desenvolveu ações visando à formação de novas lideranças, partindo do diálogo entre as lideranças das comunidades e dos movimentos sociais com os jovens rurais. Uma dessas ações funcionou por um período como uma Escola de Formação de Lideranças.

Até 2015, no entanto, o componente da comunicação não havia sido integrado de maneira significativa aos processos formativos nem ganhado protagonismo nos projetos sociais da região. Segundo relato da técnica da APA-TO, que foi entrevistada para a etapa de análise final desta dissertação, presente no capítulo 3, a comunicação, na primeira metade dos anos de 2010, estava no centro do debate das lideranças e dos movimentos do Bico do Papagaio. Existia o questionamento sobre a necessidade de “divulgar mais” as ações e os projetos das comunidades e entidades da região, mas não haviam profissionais capacitados para auxiliarem ou orientarem esse trabalho.

A representação das comunidades camponesas na mídia tradicional, de acordo com o que relata a APA-TO, era praticamente inexistente e invisibilizada. Quando as ações coletivas dos territórios eram pautadas, o que era raro, governos ou órgãos da iniciativa privada costumavam receber os “créditos” em detrimento das entidades sociais ou das comunidades do Bico do Papagaio.

Paralelamente a esse debate, a APA-TO já refletia com as lideranças comunitárias sobre possíveis maneiras de “chamar a juventude” para “participar mais” dos espaços políticos, dos movimentos, entidades do território e das associações das comunidades, tendo como preocupações centrais o envelhecimento do campo, a evasão rural e a ausência de novos quadros para ocuparem os espaços políticos e o próprio trabalho com a agricultura familiar nas comunidades camponesas.

De um lado, havia a necessidade de visibilizar midiaticamente o Bico do Papagaio a partir da ótica das comunidades rurais, entidades e movimentos sociais; de outro, a angústia de observar o distanciamento progressivo das juventudes rurais de seus territórios e dos espaços políticos ocupados por seus pais e pelos anciãos da região. A partir desses dois anseios centrais, começa a nascer o projeto Jovens em Comunicação.

Em 2015, a APA-TO contratou os serviços da jornalista, educadora e pesquisadora Carolina Motoki para o desenvolvimento do conteúdo programático e da metodologia de implementação da primeira edição do projeto Jovens em Comunicação, à época chamado de “Oficina Jovens em Comunicação”. Carolina foi a responsável, juntamente com Selma Yuki, por estruturar a proposta pedagógica inicial do projeto, bem como seus módulos temáticos, e

por produzir os primeiros subsídios e apostilas, além de contribuir como educadora durante a realização das atividades no mesmo ano em 2015.

A segunda e a terceira edições do projeto contaram com diferentes coordenações pedagógicas e educadores responsáveis, tendo sido realizadas nos anos de 2017 e 2018, respectivamente, no entanto, tais edições mantiveram o eixo temático e metodológico elaborado para a primeira edição. No tópico a seguir, observaremos esse percurso pedagógico do projeto a partir da análise documental de roteiros metodológicos das atividades dos módulos das três edições, apostilas, subsídios, materiais de divulgação e produtos de comunicação desenvolvidos pelos jovens participantes, buscando também averiguar aspectos educacionais nesses itinerários e materiais. A ONG APA-TO forneceu estes documentos e materiais utilizados para a complementação e o enriquecimento das análises da dissertação.

A primeira e a segunda edição da ação beneficiaram 45 jovens de sete comunidades camponesas diferentes – todos assentamentos da reforma agrária da região do Bico do Papagaio. Já na terceira edição participaram 31 jovens oriundos de dezesseis comunidades, dentre territórios camponeses e quilombolas. Em todas as edições houveram representações de jovens assentados e de quebradeiras de coco babaçu, mas somente na terceira edição participaram jovens quilombolas e juventudes integrantes de acampamentos do MST na região.

2.3.4. Proposta pedagógica do projeto

A primeira edição do projeto foi estruturada em seis módulos e em cinco períodos de “Tempo Comunidade”⁶, os quais eram intercalados com os módulos. Inspirados na Pedagogia da Alternância, os intervalos entre os módulos se configuravam como espaços temporais para que os jovens aplicassem as práticas de comunicação em suas comunidades ou territórios de origem.

A primeira edição do projeto apresentou a seguinte composição temática para os módulos: 1) “Quem sou eu? O que é comunicação? Como me comunico? (Tempo Comunidade: Construção de pauta)”; 2) “Reportagem Escrita – Apuração e Redação (Tempo Comunidade: Apuração e Redação)”; 3) “Reportagem Reescrita (Tempo Comunidade: Construção de Pauta)”; 4) “Linguagem Audiovisual (Tempo Comunidade: Captação)”; 5) “Roteiro de Montagem (Tempo Comunidade: Finalização e Exibição)”; 6) “Encerramento”.

⁶ Baseado na Pedagogia da Alternância, “Tempo Comunidade” é o conceito criado para nomear as atividades propostas aos alunos da educação no campo durante o intervalo de tempo entre os períodos letivos de aula presencial nas escolas agrícolas.

Na imagem abaixo, extraída do primeiro folder de divulgação da primeira edição do projeto, observa-se questões norteadoras de cada módulo, uma síntese das propostas temáticas e dos períodos de Tempo Comunidade.

Figura 9 - Imagem extraída do folder de divulgação da 1ª edição do Projeto (APA-TO, 2015).



Fonte: APA-TO (2015).

A segunda edição do projeto, iniciada em 2017, teve seu primeiro módulo considerado uma sequência do percurso formativo da primeira edição. Este módulo, de acordo com os registros documentais da APA-TO, foi intitulado como o 7º do projeto, possuindo a proposta de provocar os jovens a revisitarem o que havia sido realizado até então. Os jovens da primeira edição participaram da segunda temporada, mas também houve novos participantes.

Os demais módulos da 2ª edição prosseguiram abordando os temas abarcados pela primeira, com ênfase na orientação e motivação para o diálogo intergeracional entre jovens e

lideranças durante os períodos de Tempo Comunidade, a partir das práticas comunicativas como a gravação de entrevistas, captação de vídeo, apuração de informações etc. Além da produção escrita de reportagens e da produção de vídeos, também foi incorporada à segunda edição a prática de “webrádio”.

A terceira edição do projeto Jovens em Comunicação, realizada no segundo semestre de 2018 e no primeiro semestre de 2019, foi elaborada para acontecer em sete módulos, mas os últimos dois acabaram se mesclando e o projeto foi realizado com seis encontros, mantendo propostas de atividades para o Tempo Comunidade entre os módulos presenciais.

A diferença substancial entre o itinerário formativo da terceira edição e de suas predecessoras foi a adição de um módulo dedicado ao tema do projeto de vida. Esse módulo, sendo o primeiro encontro, visou promover reflexões relacionadas à identidade dos jovens participantes, que já eram realizadas nas edições anteriores, mas associando-as aos sonhos e projetos dos jovens para as suas vidas e para os espaços coletivos, grupos sociais e comunidades que integravam.

Na terceira edição também foi mencionada a proposta de “formação humana” na divulgação dos objetivos da ação, buscando diminuir a expectativa ou a compreensão de que se trataria de um projeto meramente tecnicista ou de uma capacitação profissional para jovens na área de comunicação.

Figura 10 - Imagem extraída do folder da 1ª edição do Projeto (APA-TO, 2018).



Fonte: APA-TO (2018).

Observa-se que o itinerário formativo do projeto manteve sua base temática durante as três edições. Os temas relacionados à comunicação permaneceram intactos, sendo estes: 1) A conceituação de comunicação; 2) A relação com os meios de comunicação; 3) A leitura crítica da mídia; 4) Apropriação e uso das TICs com foco na linguagem oral (apuração, pesquisas em campo, entrevistas, apresentações); na linguagem escrita (reportagens e conteúdo para redes sociais); e na linguagem audiovisual (vídeos e programas de rádio).

Temas relacionados à cultura, às identidades camponesas e juvenis rurais, e ao projeto de vida no campo, bem como aspectos dos modos de vida tradicionais, ocuparam lugar transversal no conteúdo programático do projeto, pois todas as atividades relacionadas às práticas de comunicação abordavam ou tinham como pano de fundo esses eixos temáticos.

Ao analisar os roteiros e as programações das atividades dos módulos das três edições do projeto, observa-se a existência de procedimentos educativos que fizeram parte de todo o período de execução da ação. Um desses procedimentos foi a proposta pedagógica participativa, horizontal e dinamizada pois, seguindo os conceitos de Freire (2022) e Soares (2011), o projeto se distanciou do modelo de educação bancária, com relações hierárquicas e fechadas, e buscou, em seus objetivos pedagógicos, fomentar ecossistemas abertos e comunicativos para o desenvolvimento de suas práticas, partindo da hipótese de que dessa forma o processo de absorção das técnicas, desenvolvimento das habilidades e troca de conhecimentos entre os jovens se daria de maneira mais efetiva e aprofundada.

Outro componente pedagógico do projeto a se destacar é a incorporação de aspectos culturais, territoriais e identitários dos modos de vida tradicionais das comunidades e movimentos sociais do Bico do Papagaio nas atividades durante os módulos e períodos de Tempo Comunidade. O projeto tinha como diretriz “valorizar os modos de vida tradicionais” dos povos camponeses da região.

Essa incorporação também se justificava pelo objetivo de aproximar as juventudes rurais da história e dos costumes tradicionais de suas comunidades, com base na queixa das lideranças comunitárias sobre o afastamento e o desinteresse dos jovens pelas atividades organizativas de suas comunidades, relatada nas entrevistas realizadas para análise no capítulo 3 desta dissertação, o que também se conecta com o problema da dificuldade do diálogo intergeracional, uma vez que os jovens também se queixavam a respeito da falta de espaços e oportunidades para desempenharem funções políticas e técnicas em suas comunidades e nas entidades sociais da região.

A atividade desempenhada pelos jovens como componente de conclusão do itinerário formativo da terceira edição do curso foi a elaboração de vídeos sobre suas comunidades. As pautas e o enfoque temático eram decididos pelos grupos de jovens, que realizaram coletivamente a atividade, em duplas ou trios. O grupo de jovens da Comunidade Quilombola Prachata escolheu produzir um vídeo sobre os costumes tradicionais de sua comunidade, mostrando como se dava a prática da pesca artesanal, a produção da “tarrafa” (rede de pesca), a agricultura na comunidade e o preparo do peixe às margens do Rio Tocantins.

Figura 11 - Cleidiane Prachata entrevistando sua tia durante a produção artesanal da “tarrafa”.



Fonte: Arquivo APA-TO (2019).

Figura 12 - Gabriela Prachata entrevistando seu pai e seus tios sobre a pesca artesanal quilombola.



Fonte: Arquivo APA-TO (2019).

O objetivo da melhoria do diálogo intergeracional se associa ao componente do protagonismo juvenil, outro aspecto educativo transversal a todas as atividades do projeto. As práticas, exposições, rodas de diálogo e momentos de experimentação e/ou elaboração dos materiais comunicativos buscavam colocar o jovem em um lugar de autonomia, com possibilidades concretas e reais para exercer esse protagonismo, que poderia começar com a escolha e a definição de sua pauta, a seleção das fontes para eventuais entrevistas e a condução da elaboração técnica do material.

Evidentemente, a equipe de assessoria prestava suporte em todas essas etapas do processo educativo, sobretudo nas atividades de cunho mais técnico, mas o objetivo era que, ao longo dos módulos, os jovens precisassem cada vez menos do apoio dos educadores, desenvolvendo mais capacidade e autonomia para tomar decisões e liderar os processos de utilização das TICs e desenvolvimento dos produtos.

As práticas do projeto também buscavam fomentar condições e inspirar os jovens a ocuparem um lugar de protagonismo visando a melhoria da comunicação com as gerações anteriores – as lideranças comunitárias e políticas do Bico do Papagaio. Não bastava somente dialogar com as lideranças, mas se comunicar de maneira cada vez mais horizontal, buscando a escuta, mas também a vocalização de suas demandas e a construção de acordos.

Em uma das atividades propostas para a segunda edição do projeto, esses objetivos ficam evidentes. A prática se configurou como uma visita às comunidades com o objetivo de apresentar a “nova temporada” do projeto que se iniciaria em 2017, partilhando seus “conteúdos e metas” e esclarecendo dúvidas. Essa “rodada de visitas” almejava também estabelecer acordos para que os jovens pudessem contar com a parceria e o apoio das lideranças comunitárias para exercerem as atividades do projeto, estabelecendo “compromissos” concretos entre jovens e lideranças comunitárias.

A partir deste tipo de atividade o jovem era provocado a colocar em prática seu papel de protagonista e se posicionar como interlocutor principal na comunicação com as lideranças comunitárias, buscando firmar acordos, definir agendas de entrevistas e convocar os moradores das comunidades para participarem e apoiarem as atividades de comunicação que seriam desenvolvidas por eles.

Figura 13 - Imagem do documento da Programação detalhada do Módulo 7 “Recarregando” – 1º encontro presencial da 2ª edição do Jovens em Comunicação.

VISITA ÀS COMUNIDADES

A rodada de visitas às comunidades tem como objetivo principal a apresentação da nova temporada com um resumo dos seus conteúdos e metas, bem como o esclarecimento de dúvidas sobre a proposta.

Como a forma de funcionamento do projeto não se altera em seus fundamentos, o intuito agora é refazer os compromissos que deverão ser assumidos ao longo das atividades, a fim de fortalecer a visão comunitária deste trabalho, capaz de articular todo o coletivo.

As lideranças das comunidades são sujeitos centrais nessa atividade, para que possam expressar os avanços e desafios deste projeto, mediados pela sua participação no processo de formação das oficinas.

Será estratégico retomar a conversa sobre os grupos de comunicação nas comunidades (entidades, associações, sindicatos), responsáveis por definir sugestões e pontos de pauta com os jovens e construir estratégias de comunicação (com eixos temáticos, públicos de interesse e etapas para o desenvolvimento).

Fonte: APA-TO (2017).

Os temas relacionados à cidadania, participação social e relação com o meio ambiente, assim como os aspectos culturais e identitários, também eram transversais e permeavam boa parte das atividades. As questões políticas e socioambientais eram frequentemente inseridas como componentes temáticos nas atividades e nos momentos de debate durante os módulos, além do fato de a agroecologia e a agricultura familiar estarem sempre presentes nas discussões de todas as ações da APA-TO, incluindo o projeto “Jovens em Comunicação”.

Figura 14 - Jovens da 1ª e 2ª edição do Jovens em Comunicação em vídeo sobre agroecologia e a prática do reflorestamento na EFA do Bico do Papagaio.



Fonte: (APA-TO, 2017)⁷.

⁷ Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=1954203348149564>. Acesso em maio de 2024.

Enquanto competências e habilidades almejadas para os jovens ao fim do itinerário formativo, os documentos de roteiros metodológicos e de propostas pedagógicas de atividades fornecidos pela APA-TO listam: 1) A prática da comunicação oral; 2) A melhoria da escrita; 3) Apropriação e uso das TICs, incluindo computadores, máquinas fotográficas e celulares (na 3ª edição).

Os documentos da APA-TO também mencionam atitudes e valores a serem incorporados pelos jovens, com destaque para o “protagonismo juvenil”, o “cooperativismo/sentimento de grupo”, “relações colaborativas e afetivas”, “leitura crítica e compreensão da mídia” e “agroecologia como paradigma para a relação com a natureza”.

Entre os resultados esperados, destacavam-se a “integração e intercâmbio de experiências entre os jovens participantes”, a “melhoria da comunicação interna entre as famílias, lideranças e comunidades”, a “visibilização/divulgação de experiências agroecológicas e ações das comunidades e movimentos do Bico” e, por fim, que o projeto fosse um componente de motivação para a “compreensão do projeto de vida rural e a permanência no campo” – com a ressalva de que a APA-TO compreende que este objetivo não é alcançável apenas pela ação de um projeto com juventudes.

Dentre os produtos elaborados pelos jovens participantes nas três edições, menciona-se os mais “tradicionais”, como reportagens e textos escritos para o blog e redes sociais do projeto, vídeos e programas de rádio, fotografias e roteiros elaborados. Entretanto, o projeto também compreendia que ações coletivas de comunicação comunitária possuíam igual ou maior peso enquanto “produtos entregáveis” da ação, apesar de não serem tão palpáveis ou convencionais do ponto de vista da análise de um projeto social de formação em comunicação para juventudes.

Dentre o rol de ações, destacavam-se as “rodas de diálogo intergeracional”, as “caravanas” ou “rodadas de visitas às comunidades” para apresentação e exibição dos materiais produzidos, as “apresentações artísticas e culturais”, realizadas na maioria dos módulos durante os momentos de “noite cultural” ou confraternização, os “cine-debates” ou “cine-clubes”, entre outras.

CAPÍTULO III

ANÁLISE DOS ASPECTOS EDUCOMUNICATIVOS E DO IMPACTO DO PROJETO JOVENS EM COMUNICAÇÃO

Conforme mencionado na introdução desta dissertação, o projeto Jovens em Comunicação nunca realizou uma pesquisa aprofundada sobre seu modo de execução e possíveis impactos junto aos públicos beneficiados direta e indiretamente pela ação. Apesar de ter sido criado em 2015 e de ter realizado três edições desde então, o projeto apenas realizou processos de reflexão e avaliação sobre sua atuação ao final dos módulos de encerramento das edições, sem a profundidade ou a densidade necessária para incorporar alguns aspectos que podem ser considerados essenciais para sua melhor compreensão, como é o caso da própria relação com o campo da Educomunicação.

Qual é a relevância de um projeto como esse na vida de um jovem da zona rural do norte do Brasil? De que maneira esta ação pode contribuir para o exercício da comunicação, da cidadania e para a valorização das identidades de jovens rurais camponeses e de povos tradicionais? É possível considerar o projeto educamunicativo? E de que maneira essa possível relação com a educomunicação pode contribuir para compreender as potencialidades e limites da prática educamunicativa frente a desafios conjunturais impostos às realidades juvenis rurais?

Essas são questões centrais que nortearam esta pesquisa desde sua concepção. Estes anseios, detalhados e transformados em objetivos de pesquisa, hipóteses e categorias para análise, não somente inspiraram o processo de aprofundamento bibliográfico e discussão teórica presentes nos capítulos 1 e 2, mas também guiaram a organização do processo de coleta de dados e absorção de informações por meio das entrevistas e do grupo focal realizados, bem como balizaram a análise a partir das informações obtidas.

3.1. Metodologia das entrevistas e do grupo focal

Para alcançar os objetivos de averiguação e discussão sobre estes aspectos, foram escolhidos dois métodos de pesquisa qualitativa com os públicos relacionados ao projeto Jovens em Comunicação: a entrevista em profundidade e o grupo focal.

A entrevista foi configurada no formato semiestruturado e semiaberto, possuindo um roteiro de perguntas como base para a pesquisa, mas com abertura e flexibilidade para que os entrevistados pudessem falar livremente a partir das perguntas e da condução da entrevista, inclusive sobre tópicos que não necessariamente estivessem contidos nos enunciados das

perguntas ou nas conversas, mas que fossem correlatos e igualmente importantes para as análises que a pesquisa se propôs a fazer.

Optou-se por esse formato de entrevista, com base em Duarte (2005, p. 62), por ser o mais adequado para garantir “intensidade nas respostas” a partir das “percepções e experiências” dos públicos implicados na temática da pesquisa. Esse tipo de recurso metodológico é mais adequado para investigar a “experiência subjetiva” de uma fonte, o que era o caso para esta etapa da pesquisa, e não para colher ou checar dados estatísticos ou quantificações exatas (Duarte, 2005, p. 62) – até porque foi utilizado parte do capítulo 2 para uma breve apresentação dos dados estatísticos de interesse desta pesquisa.

Duarte (2005) explica que a entrevista em profundidade não busca simplesmente testar hipóteses em sua dimensão estatística e/ou quantitativa, mas colher percepções dos entrevistados sobre determinado produto ou, no caso desta pesquisa, de uma ação ou experiência, objetivando fornecer elementos para a “compreensão de uma situação”, visando um aprendizado sobre a experiência ou tema investigado (Duarte, 2005, p. 62).

Neste percurso de descobertas, as perguntas permitem explorar um assunto ou aprofundá-lo, descrever processos e fluxos, compreender o passado, analisar, discutir e fazer prospectivas. Possibilitam ainda identificar problemas, microinterações, padrões e detalhes, obter juízos de valor e interpretações, caracterizar a riqueza de um tema e explicar fenômenos de abrangência limitada (Duarte, 2005, p. 62).

A pesquisa de modelo semiaberto e semiestruturado pressupõe a utilização de um “roteiro de questões-guia” (Duarte, 2005, p. 66) para garantir que nenhum aspecto dos objetivos da pesquisa deixe de ser mencionado ou comentado pelos participantes. Esse roteiro foi elaborado com base no referencial bibliográfico, nos objetivos e na hipótese da pesquisa. O mesmo roteiro de perguntas foi elaborado para utilização no grupo focal, uma vez que os objetivos gerais de investigação eram os mesmos, embora fossem ajustados às especificidades de cada público pesquisado.

Para Costa (2005), o grupo focal é compreendido como uma ferramenta de pesquisa qualitativa que pode colaborar com a “identificação de tendências” e com o desvelar de “agendas ocultas de problemas”, possibilitando uma reflexão apropriada sobre o “essencial”, o “sentido dos valores, dos princípios e motivações” relacionados às percepções das pessoas (Costa, 2005, p. 180). Esse tipo de atenção ao essencial só se torna possível quando há um tempo de qualidade para examinar um determinado tema, o que é justamente a proposta do grupo focal.

Na prática, o grupo focal se configura como uma entrevista coletiva que busca perceber “aspectos valorativos e normativos” de um grupo específico e, se bem conduzido, pode proporcionar a criação de sinergia entre os participantes, enriquecendo e qualificando as respostas obtidas através das verbalizações e expressões (Costa, 2005, p. 182). A autora ainda destaca o alto “poder analítico dos grupos focais”, que possibilita a análise de estruturas discursivas e perspectivas diversas, podendo abarcar diferentes metodologias para a análise das informações obtidas. Costa (2005) ressalta a importância de se investir tempo no planejamento que antecede a realização do grupo focal, sobretudo na etapa de elaboração do roteiro de perguntas que guiará a atividade.

Segundo Costa (2005), as perguntas realizadas durante a aplicação de um grupo focal devem estar associadas a um roteiro-base de questões, tal como mencionado para o caso das entrevistas em profundidade no formato semiaberto, mas é necessário ter cuidado para que não provoquem o engessamento do processo ou atrapalhem a fluidez da conversa. Por isso, é importante que o moderador do grupo, responsável por vocalizar as perguntas, esteja sensível ao desenrolar da ação e às expressões dos participantes.

Sobre este aspecto, Costa (2005) explica que os grupos focais “representam um oásis de liberdade no grande deserto determinista dos questionários”, mas que essa liberdade precisa ser bem administrada (Costa, 2005, p. 191). Outra etapa que requer especial atenção e investimento de energia no planejamento para a implementação de grupos focais é a fase da análise dos dados.

3.2. Categorias de Análise

Conforme aponta Duarte (2005), os estudos qualitativos se diferenciam por buscar a compreensão dos processos que, por vezes, são mais subjetivos, menos exatos e quantificáveis, o que é pertinente para a análise da prática educacional, já que esta prioriza processos de construção de conhecimento que não necessariamente produzirão resultados quantificáveis de um ponto de vista objetivo, mas buscarão garantir a qualidade e a profundidade de absorção de conhecimento na ação implementada. Dessa forma, o processo de análise das informações e experiências das entrevistas e dos grupos focais não contempla o “estabelecimento de conclusões precisas e definitivas” (Duarte, 2005, p. 63).

A análise da etapa de pesquisa qualitativa visa a “aprendizagem por meio da identificação da riqueza e diversidade” (Duarte, 2005, p. 63), apontando conexões possíveis entre os saberes compartilhados e sintetizando e/ou sistematizando as possíveis descobertas

identificadas. Costa (2005) ressalta que existem diversos caminhos possíveis para a análise dos dados em grupos focais, sendo um deles a criação e agrupamento das respostas em categorias.

Outra forma de classificar o material coletado pode ser: primeiramente, transcrição literal do texto, incluindo verbal e não verbal e eventuais erros gramaticais; em segundo lugar, agrupar os depoimentos em categorias que sejam referenciadas pela hipótese que levou à pesquisa (Costa, 2005, p. 190).

A mesma metodologia de análise de dados pode ser incorporada para o caso das entrevistas em profundidade, de acordo com Duarte (2005, p. 64), que explica a necessidade de se elaborar categorias de análise, que se configuram como “estruturas analíticas” para reunir e organizar as informações obtidas por meio do “fracionamento e da classificação em temas autônomos, mas inter-relacionados” (Duarte, 2005, p. 79).

Em cada categoria, o pesquisador aborda determinado conjunto de respostas dos entrevistados, descrevendo, analisando, referindo à teoria, citando frases colhidas durante as entrevistas e a tornando um conjunto ao mesmo tempo autônomo e articulado (Duarte, 2005, p. 79).

De acordo com Costa (2005), as categorias de análise elaboradas para a análise de dados desta pesquisa foram referenciadas pelas hipóteses e objetivos definidos no projeto desta pesquisa, assim como pelo roteiro de perguntas, buscando fornecer condições e provocar os públicos entrevistados a comentarem sobre os pontos fundantes da investigação. Elas também se respaldam pelo corpo teórico deste trabalho, associado ao caminho bibliográfico percorrido.

Nesse sentido, Duarte (2005) ressalta que as categorias “têm origem no marco teórico e são consolidadas no roteiro de perguntas semiestruturadas”, mas não devem ser compreendidas como “camisas de força”. Isso significa que mais de uma pergunta pode ser agrupada em uma categoria e que respostas obtidas por um questionamento podem se enquadrar em mais de uma categoria, considerando o aspecto de transversalidade possível com a utilização deste método.

Duarte (2005) ainda destaca características que devem ser observadas na elaboração das categorias analíticas, das quais destaca-se que: (a) devem derivar de um “princípio de classificação” e ordenamento da análise; (b) serem “exaustivas” a ponto de qualquer resposta poder ser incorporada em alguma das categorias; e (c) possuir “concretude”, possibilitando que a classificação de termos abstratos ou a descrição de experiências subjetivas seja feita dentro do possível, evitando complexidades desnecessárias para o momento da análise das informações coletadas.

Na esteira desse pensamento, foram elaboradas as categorias de análise das entrevistas desta pesquisa, respaldadas e relacionadas com os objetivos, hipóteses e referencial teórico da

dissertação. O objetivo geral da pesquisa, destacado na parte introdutória da dissertação, é verificar e discutir a existência de aspectos educacionais no projeto Jovens em Comunicação, o objeto desta pesquisa, a partir da mobilização de conceitos do referencial teórico do campo da Educação.

O trabalho também se propôs em seus objetivos específicos a buscar uma compreensão sobre a percepção dos impactos do Projeto Jovens em Comunicação nos três públicos que o projeto envolve de alguma forma: os jovens participantes do projeto, as lideranças das comunidades onde vivem e da região do Bico do Papagaio, e os funcionários da ONG APATO.

A hipótese apresentada inicialmente foi a de que seria possível caracterizar o objeto de estudo como uma prática educacional não apenas pela utilização de Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) em suas atividades educativas, mas também pelos seus objetivos fundantes, procedimentos pedagógicos e aspectos socioculturais que envolvem o contexto territorial da ação.

Para além da relação com os objetivos e hipótese, as categorias analíticas se respaldam e se conectam com o corpo teórico da pesquisa. Para averiguar e analisar os aspectos educacionais do projeto, foram mobilizados autores do campo da Educação, que abordam a relação entre Comunicação e Educação, a gênese e princípios da Educação, suas áreas de intervenção e o eixo temático da Educação Socioambiental.

Para discussão dos aspectos educacionais do projeto, também foi utilizada a análise documental dos processos metodológicos das atividades da ação.

Os aspectos relativos aos impactos do projeto se relacionam com o referencial bibliográfico que discute a conceitualização da categoria social das juventudes e das juventudes rurais, além de aspectos culturais, identitários e marcadores sociais das juventudes e do próprio território do Bico do Papagaio.

A partir deste caminho percorrido, foram elaboradas três categorias de análise: 1) Aspectos Educacionais; 2) Cultura e Identidades Juvenis Rurais; 3) Projeto de Vida no Campo.

Para evidenciar o caminho metodológico proposto a partir das categorias analíticas, foi elaborado um quadro que apresenta as categorias, seus respectivos referenciais teóricos e a descrição dos aspectos que foram incorporados no roteiro-base de perguntas das entrevistas e, posteriormente, nas análises das informações obtidas pelos entrevistados.

O quadro foi o instrumento encontrado para facilitar o processo de seleção e análise dos aspectos presentes em cada categoria analítica a partir da conexão metodológica com os objetivos que fundamentam a dissertação e seus referenciais teóricos que balizam as discussões realizadas na etapa de análise após a realização das entrevistas e grupo focal.

Quadro 4 - Objetivos, Categoria de Análise e Fundamentação Teórica do Projeto Jovens em Comunicação.

Objetivos	Categoria de Análise e fundamentação teórica	Descrição (aspectos para averiguação)
<p>Objetivo geral:</p> <p>Verificar e discutir a existência de aspectos educomunicativos no projeto Jovens em Comunicação a partir da mobilização de conceitos do referencial teórico do campo da educomunicação.</p>	<p>Aspectos educomunicativos</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Relação com os meios de comunicação e Leitura crítica da mídia; 2. Apropriação e uso das TICs; 3. Processos pedagógicos; 4. Coeficiente comunicativo; 5. Comunicação nas Comunidades e no Bico do Papagaio; 6. Cidadania e participação social; 7. Relação com o meio ambiente; 8. Protagonismo juvenil;
	<p>Fundamentação teórica:</p> <p>Soares (2011, 2012, 2014, 2017), Baccega (2011), Freire (2022), Kaplún (2011), Braga e Calazans (2001), Aparici (2014), Pinheiro (2013), Citelli (2015), Falcão (2015, 2018) e Martirani (2008).</p>	
<p>Objetivos específicos:</p> <p>Compreender a percepção dos impactos do Projeto nos três públicos envolvidos na ação: as juventudes, as lideranças das comunidades onde vivem e da região do Bico do Papagaio, e os funcionários da ONG APA-TO.</p>	<p>Cultura e identidades juvenis rurais</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Identidades juvenis rurais e Modos de vida tradicionais; 2. História e relação com o Bico do Papagaio e com as comunidades que conformam a microrregião;
	<p>Fundamentação teórica:</p> <p>Martín-Barbero (2003), Hall (2016), Freire (2022), Soares, Abramo (1997), Dayrell (2007), Weisheimer (2005, 2013) e Castro (2009, 2020).</p>	
	<p>Projeto de vida no campo</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Discernimento vocacional; 2. Evasão rural e permanência no campo;
	<p>Fundamentação teórica:</p> <p>Weisheimer (2005, 2013) e Castro (2009, 2020).</p>	

Fonte: Elaborado pelo autor.

3.3. Seleção dos entrevistados

A pesquisa analisou as percepções de três públicos cuja averiguação é imprescindível para o cumprimento dos objetivos de analisar aspectos relacionados às características

educativas do projeto e aos impactos da ação na vida dos jovens. Os públicos foram: 1) os jovens participantes do projeto; 2) as lideranças comunitárias da região do Bico do Papagaio; e 3) os colaboradores da APA-TO.

De acordo com Duarte (2005), no “estudo qualitativo, são preferíveis poucas fontes, mas de qualidade, a muitas sem relevo”, o autor também destaca que uma fonte somente deve ser entrevistada se realmente puder contribuir para responder às questões da pesquisa e, conseqüentemente, cobrir os tópicos de averiguação da pesquisa (Duarte, 2005, p. 68).

O campo amostral selecionado, portanto, não terá “representatividade estatística”, mas tem “significação” e alta capacidade de compartilhar “informações confiáveis e relevantes” sobre o tema da pesquisa. O autor salienta que entrevistar um pequeno número de pessoas adequadamente selecionadas permite ao pesquisador elaborar um trabalho de análise “bastante consistente sobre um tema bem definido” (Duarte, 2005, p. 68).

A seleção de entrevistados obedeceu a alguns critérios para cada um dos públicos selecionados. Para o caso dos jovens, foram utilizados os seguintes critérios: 1) Potencial para discorrer sobre os temas das categorias de análise pré-estabelecidas; 2) Ter participado de pelo menos uma das três edições do Projeto Jovens em Comunicação; 3) Ser maior de idade; 4) Participação igualitária de gênero ou próxima disso; e 5) Representatividade de diferentes modos de vida tradicionais e camponeses, sendo parte de uma das “categorias” de povo tradicional e/ou entidade política que participaram do projeto Jovens em Comunicação, a saber: a) Camponeses assentados da Reforma Agrária; b) Quebradeiras de coco babaçu; c) Quilombolas; e d) Integrantes do MST.

No caso das lideranças comunitárias, os critérios de seleção foram: 1) Potencial para discorrer sobre os temas das categorias de análise pré-estabelecidas; 2) Relação direta e cotidiana com jovens de uma das três edições do Projeto Jovens em Comunicação; 3) Participação igualitária de gênero ou próxima disso; e 4) Representatividade de diferentes modos de vida tradicionais e camponeses (com as mesmas categorias destacadas para o critério de seleção dos jovens).

A entrevista com representantes dos colaboradores da APA-TO teve um critério mais simples e direcionado, pois, com o decorrer da pesquisa, já se compreendia que seria necessário ouvir a técnica que foi uma das responsáveis pela concepção e a única que participou da execução das três edições do projeto, sendo também a única representante da APA-TO que poderia discorrer sobre as categorias de análise pré-estabelecidas. Por isso, ela foi selecionada para participar da pesquisa.

Obedecendo a esses critérios, a seleção se configurou inicialmente da seguinte forma:

Quadro 5 - Público pesquisado, número de participantes e metodologia de pesquisa.

Público pesquisado	Número de participantes	Metodologia de pesquisa
Jovens participantes do projeto	8	Grupo focal
Lideranças comunitárias	6	Grupo focal
Representante da APA-TO	1	Entrevista em profundidade semiaberta e semiestruturada

Fonte: Elaborado pelo autor.

Com base nas categorias de análise, foram elaborados os roteiros de perguntas para cada um dos três públicos. As categorias de análise são as mesmas, uma vez que se conectam com os objetivos que norteiam a pesquisa e com a bibliografia que a fundamenta, mas foram feitas adaptações no roteiro de perguntas para cada tipo de público de acordo com os aspectos a serem averiguados em cada grupo.

Não faria sentido perguntar às lideranças comunitárias sobre a percepção delas com relação à participação nas atividades educativas do projeto, por exemplo, ou perguntar aos jovens a respeito da percepção das lideranças sobre a presença deles nos espaços de discussão política no Bico do Papagaio. Alguns dos aspectos para averiguação estão restritos à experiência de cada público, por isso foram selecionados esses três grupos para a participação na pesquisa.

Os roteiros de perguntas foram elaborados em conexão com os objetivos da pesquisa e com as categorias de análise que foram criadas e apresentadas, tal qual apresentado no quadro 4. Os três roteiros podem ser averiguados nos apêndices G, H e I desta dissertação.

3.4. Realização das entrevistas e do grupo focal

Para a realização das entrevistas e grupo focal foram feitas adaptações em relação à modalidade, formato e número de participantes diante das necessidades específicas aos participantes no Bico do Papagaio. Apesar dessas mudanças, nenhuma comprometeu o valor qualitativo da pesquisa.

Na fase de elaboração deste projeto de pesquisa, antes mesmo da concretização do processo seletivo para ingresso no Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFMS (PPGCOM-UFMS), foi feito contato com os públicos do Bico do Papagaio para apresentar a pesquisa e verificar o interesse e a disponibilidade para participação futura. As respostas na época foram unanimemente positivas, inclusive considerando a etapa de pesquisa em campo, tendo essa agenda futura sido pactuada e incorporada ao projeto de pesquisa.

Em 2024, com a fase de realização da pesquisa de campo se aproximando, os períodos previamente agendados para a viagem tornaram-se inviáveis para os públicos no Bico do Papagaio devido a uma série de eventos e atividades que as lideranças comunitárias e os jovens tinham no primeiro semestre. Foram feitas várias tentativas de reorganização das datas, mas, mesmo com a agenda da pesquisa de campo já pactuada anteriormente, nenhuma delas atendia aos prazos de finalização da pesquisa de mestrado, o que inviabilizou a pesquisa presencial.

Surgiu, então, a possibilidade de alterar o formato dos grupos focais e entrevistas de presencial para virtual. Com o processo da pandemia de Covid-19 iniciado em 2020, todas as lideranças comunitárias e os jovens do Bico se habituaram a realizar reuniões online por meio de computadores e celulares, o que facilitou a proposta. Assim, foi realizada a primeira adaptação desta etapa de pesquisa qualitativa.

Prosseguindo com o diálogo, ficou evidente que, mesmo para o formato online, estava difícil articular o número total de participantes originalmente proposto, sendo 8 jovens e 6 lideranças para dois grupos focais virtuais, pois as agendas não coincidiam. Para viabilizar a aplicação da pesquisa, foi necessário realizar mais uma adaptação, desta vez quanto ao número de participantes e aos métodos de pesquisa escolhidos.

No lugar de dois grupos focais, um com lideranças e outro com jovens, foram realizadas três entrevistas em profundidade em formato semiaberto e semiestruturado em duplas: duas entrevistas com lideranças e uma com jovens, além de um grupo focal com quatro jovens participantes. A entrevista individual com a técnica da APA-TO foi mantida conforme a proposta original. O número de participantes também sofreu uma leve alteração, com dois jovens não comparecendo às entrevistas e apenas quatro lideranças confirmando presença no novo formato proposto.

Cabe destacar que todas as pessoas entrevistadas autorizaram o uso de suas falas e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido anexado aos Apêndices desta dissertação (disposto nos Apêndices). Entretanto, para que não haja qualquer risco de constrangimentos ou de criação de problemas futuros para as pessoas que participaram da pesquisa não serão reveladas as suas identidades ou em eventuais exposições futuras deste trabalho. Essa escolha foi pactuada com todos os participantes.

Quadro 6 - Detalhes sobre jovens participantes, incluindo número de participantes, metodologia de pesquisa, categorias pertencentes e edições do projeto em que participaram.

Jovens participantes				
Número de participantes	Metodologia de pesquisa	Participantes (gênero, idade)	Categorias pertencentes	Edições do projeto que participou
6	- Uma entrevista em profundidade semiaberta e semiestruturada com dois participantes; - Um grupo focal com quatro participantes;	Jovem I (homem, 27)	Assentado da Reforma Agrária, P.A. Santa Juliana - Axixá do Tocantins/TO.	1ª, 2ª e 3ª
		Jovem II (mulher, 37)	Quebradeira de coco babaçu e assentada da Reforma Agrária, Comunidade Olho D'Água – São Miguel do Tocantins/TO.	1ª
		Jovem III (mulher, 22)	Estudante da EFABIP, quebradeira de coco e assentada da Reforma Agrária - P.A. Santa Helena 2, Esperantina/TO.	2ª
		Jovem IV (homem, 31)	Estudante da EFABIP e residente em área rural de Axixá do Tocantins/TO.	2ª e 3ª
		Jovem V (mulher, 22)	Estudante da EFABIP e assentada da Reforma Agrária – P.A. Nova União, Esperantina/TO (mora atualmente em Cruzeiro da Fortaleza/MG).	3ª
		Jovem VI (homem, 23)	Assentado da Reforma Agrária – P.A. Santa Juliana, Axixá do Tocantins/TO.	2ª e 3ª

Fonte: Elaborado pelo autor.

Com as lideranças comunitárias e com a técnica da APA-TO, a pesquisa foi realizada da seguinte maneira:

Quadro 7 - Detalhes sobre lideranças comunitárias e técnica da APA-TO, incluindo número de participantes, metodologia de pesquisa, categorias pertencentes e participantes.

Lideranças comunitárias e Técnica da APA-TO				
Público pesquisado	Número de participantes	Metodologia de pesquisa	Participantes (gênero)	Categoria pertencente
Lideranças comunitárias	4	Duas entrevistas em profundidade semiabertas e semiestruturadas com dois participantes em cada;	Liderança I (mulher, 72)	Quebradeira de coco babaçu, presidenta da ASMUBIP e integrante do MIQCB.

			Liderança II (homem, 61)	Agricultor familiar, assentado da Reforma Agrária, liderança da Associação do P.A. Ouro Verde.
			Liderança III (mulher, 34)	Quebradeira de coco babaçu, integrante do MIQCB e assessora do GT das Juventudes do Bico do Papagaio.
			Liderança IV (homem, 42)	Quilombola, integrante da COEQTO.
Técnica da APA-TO	1	Entrevista em profundidade semiaberta e semiestruturada	Representante APA-TO (mulher, 54)	Técnica da APA-TO e assessora do GT das Juventudes do Bico do Papagaio.

Fonte: Elaborado pelo autor.

As entrevistas e grupo focal no formato virtual foram realizadas na plataforma Google Meet e gravadas com a utilização do mesmo software. A entrevista com os dois primeiros jovens foi realizada no dia 20 de junho (com duração de 1 hora e 28 minutos) e o grupo focal com quatro jovens aconteceu no dia 22 de junho (com duração de 2 horas e 27 minutos). As entrevistas em duplas com as quatro lideranças aconteceram nos dias 10 e 15 de julho (durando 54 e 55 minutos, respectivamente) e a entrevista com a técnica da APA-TO também ocorreu no dia 10 de julho (com duração de 2 horas e 17 minutos).

Cinco dos seis jovens entrevistados se conectaram pelo celular e três das quatro lideranças entrevistadas também. O jovem e a liderança que não utilizaram celular se conectaram pelo computador, assim como fez a técnica da APA-TO. A conexão de todos estava estável em todas as entrevistas realizadas, não houve quedas de conexão, apenas leves oscilações que não comprometeram a fluidez das entrevistas. Apesar do formato virtual, foi perceptível o engajamento e a motivação dos participantes com o desenrolar das perguntas e dos assuntos abordados, sobretudo no caso dos jovens.

Por fim, cabe destacar que as mudanças realizadas não prejudicaram a obtenção de informações e percepções. O campo amostral permaneceu relevante e adequado para os métodos qualitativos escolhidos para esta etapa da pesquisa, obedecendo os critérios de seleção previamente estabelecidos. Embora não tenha sido possível realizar um processo de imersão em campo, as entrevistas em formato virtual permitiram incluir uma jovem participante que não reside mais na região, cujo perfil e experiências também são relevantes para a análise.

Os seis jovens escolhidos participaram de ao menos uma das três edições do projeto e as três turmas estiveram contempladas. Além disso, além da paridade de gênero, cabe destacar

a representação dos povos e comunidades tradicionais, sendo estes os camponeses assentados da reforma agrária e as quebradeiras de coco babaçu. A participação de jovens oriundos da EFABIP também merece atenção, uma vez que a Escola Agrícola se configura como uma das poucas políticas públicas voltadas para a juventude rural da região e é um equipamento parceiro do projeto, tendo recebido atividades e módulos da ação em suas dependências.

Da mesma forma foi feita a seleção para as lideranças que foram entrevistadas, sendo estas representantes dos povos camponeses e assentados da reforma agrária, das quebradeiras de coco babaçu, das comunidades quilombolas e da entidade ASMUBIP (Associação de Mulheres Agricultoras do Bico do Papagaio).

As diferentes faixas-etárias dos entrevistados, jovens e lideranças, nos ajudam a compreender alguns desafios geracionais que foram elucidados adiante nas análises.

3.5. Análise dos aspectos educ comunicativos e dos impactos do projeto

3.5.1. Aspectos educ comunicativos do projeto Jovens em Comunicação

Oito elementos característicos foram elencados para guiar a análise dos aspectos educ comunicativos, que podem ser considerados princípios de qualquer prática educ comunicativa. Estes aspectos foram examinados e analisados a partir da reação e das informações compartilhadas pelos públicos entrevistados, conforme apresentado a seguir.

3.5.1.1. Relação com os meios de comunicação e Leitura crítica da mídia

Todos os jovens entrevistados mencionaram mudanças significativas em relação à sua percepção dos meios de comunicação e à compreensão do funcionamento e das intenções da mídia, um aspecto ligado ao princípio educ comunicativo de Leitura Crítica da Mídia (Soares, 2011). Os jovens demonstraram conhecimento sobre conceitos e fenômenos como as *Fake News* (notícias falsas) e discutiram maneiras de combater à desinformação, como a realização de pesquisas, checagem de fatos e apurações cuidadosas. Além disso, mencionaram o poder de manipulação dos meios de comunicação, especialmente para aqueles que não possuem conhecimentos sobre o funcionamento da mídia de massa.

Jovem III (mulher, 22): Então, depois que eu participei do Jovens em Comunicação eu tive sim uma noção, né? De diferença do que era assistir do que era participar daquilo, né? E também teve esclarecimento de algumas coisas que eu achava que era de uma forma e na verdade era de outra. A mídia ela tanto ela pode passar informações, mantermos informados, como também ela pode ser... nos manipular, né? Dependendo do tipo de informação que ela quer passar e também da forma que ela passa e qual a intenção, né? Hoje em dia a gente vê, né? Várias... Tem umas famosas fake news, né?.

Os participantes mencionaram a questão de como eles são representados na mídia, relacionando o processo formativo do Jovens em Comunicação com a percepção de que suas identidades juvenis estavam ausentes nos programas e produtos dos meios de comunicação que consumiam cotidianamente. Os entrevistados demonstraram lembrar das atividades que não apenas proporcionaram uma compreensão dos processos midiáticos e da invisibilidade de sua categoria social nos meios de comunicação de massa, mas também das atividades propostas para exercitar (ou imaginar) o rompimento com essas problemáticas. Nessas atividades, os jovens se mobilizavam para construir suas próprias narrativas midiáticas, mensagens e produtos de comunicação. O Jovem I, por exemplo, recordou a atividade “Você na TV”, realizada durante os módulos do projeto.

Jovem I (homem, 27): Então a gente era muito manipulado pela TV mesmo, sabe? É as notícias, os programas, sabe? Aí é eu... eu fiquei até um pouco meio estranho, porque uma das atividades foi ‘Você na TV’, não sei se a Jovem II lembra que a gente fez isso? Fizemos na TV como o jovem do campo seria representado. Eu fiquei, eu vou falar o que que nós não somos, o que nós não somos representados na mídia!? Aí nós mostremos a nossa realidade, né?.

Ele ainda citou uma camada mais profunda de compreensão sobre a falta de representatividade das juventudes do Bico do Papagaio na mídia: o fato de as juventudes rurais, especialmente do norte e do nordeste do país, ocuparem esse lugar de invisibilidade social. Essa invisibilidade se estende tanto para os meios de comunicação quanto para o Estado e a opinião pública, conforme apontado por Weisheimer (2005).

Jovem I (homem, 27): E ainda mais um jovem do campo, né? Que às vezes fica só recebendo, só recebendo do que vem lá de São Paulo, do Centro-Sul, né? Só recebendo, recebendo, recebendo. Aí a gente não tem nem o que falar. A gente naquela época, né? Não tinha nem o que falar, só receber.

3.5.1.2. Apropriação e uso das TIC

Ao serem perguntados sobre a apropriação e o uso de Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), como celulares, máquinas fotográficas e computadores, os jovens relacionaram esses equipamentos com as habilidades que desenvolveram para criar produtos de comunicação, como vídeos, fotografias, documentários e reportagens, entre outros. A Jovem II mencionou sua afinidade com a linguagem audiovisual, associando-a ao fato de que esse recurso aprendido a fez lembrar o quanto gosta de História. Ela relatou que utiliza essas habilidades até hoje, tendo inclusive produzido dois vídeos-documentários recentemente.

Jovem II (mulher, 37): Tanto que eu de lá para cá, fiz dois documentários, né? Eu já fiz dois, já fiz dois documentários. Eu fiz um aqui que falava do... do histórico do

padroeiro da cidade, né? Que é da Igreja Católica. (...) Eu gosto muito de história! Eu acho que era uma das coisas que eu tinha que estudar mesmo era história. Eu gosto, né!? E aí, agora, eu fiz recentemente a história da nossa comunidade, né? Assim, contando a história da minha vó, de como eles chegaram aqui, como que era a luta pela terra e como eles conquistaram. Aí fui mostrando as potencialidades da comunidade relacionada à cultura culinária, né? (...) E aí assim, pra mim isso deu um impacto grande, porque assim ficou na minha memória, é... aquela forma de ver a comunidade de um olhar diferente e não somente a comunidade, mas tudo aquilo que eu vivo hoje, por exemplo, hoje eu trago pra minha vida, né? O Jovens em Comunicação eu trago pra minha vida!

O depoimento da jovem em questão, assim como de outros jovens entrevistados, demonstra a transversalidade e a transdisciplinaridade das atividades e processos pedagógicos do projeto. O objetivo não era apenas que os participantes aprendessem a utilizar determinadas ferramentas ou tecnologias, mas que esse processo educativo integrasse elementos da vida desses jovens, suas culturas e modos de vida — características essenciais para os processos educativos que incorporam a comunicação, conforme discutido por Freire (2022). Esse é também um aspecto educacional.

As falas dos jovens sobre o tema da apropriação e uso das TIC mostraram que a grande maioria dos entrevistados foi capaz de compreender os processos tecnológicos básicos e manusear as tecnologias mais utilizadas pelo projeto, como câmeras fotográficas para registros e filmagens, além de celulares. Também foi mencionada a linguagem escrita, relacionada às capacidades de redação e elaboração de roteiros.

O Jovem IV destacou que nem todos os jovens possuíam afinidade com todas as linguagens e/ou tecnologias incorporadas às atividades do projeto, observando um desnivelamento natural nas habilidades relacionadas a determinadas linguagens ou equipamentos. Alguns tinham mais familiaridade e habilidade com certos tipos de equipamentos e linguagens do que outros.

Jovem IV (homem, 31): Pra muitos mudou 100%, e pra outros foi só melhorando mais ainda, né? Porque, uns falavam bem mas também não sabiam como fazer o posicionamento de escrita, igual eu. É..., também não sabia fazer... sabia um pouco, mas não era assim 100%, fazer uma edição boa de vídeo. E, muda mesmo! Muda até a forma da gente analisar até os... os próprios vídeos também, né? É..., eu só não... não foquei mais nas... nas questões da pauta, né, de fazer... de elaborar pautas, é..., roteiros, essas coisas, porque... não é... não me convém mais, né? Sabe, eu não... não tô trabalhando mais com mídia, só fotos pessoais mesmo. Só isso, mas, é, foi um grande aprendizado essas duas turmas, né?.

Essa disparidade pode ser compreendida como um aspecto natural de qualquer processo ou prática educacional, uma vez que a Educação não busca alcançar o nível de excelência em competência técnica, mas proporcionar contato com as TIC e com os meios de

comunicação, enfatizando a relação democrática no processo de ensino-aprendizagem. A partir dessa relação, buscou-se pavimentar processos educativos (Soares, 2011, 2017).

O jovem IV, assim como outros jovens, mencionou não estar mais utilizando as TIC rotineiramente, como o fez durante o projeto. Isso demonstra que, após a conclusão da 3ª edição do projeto Jovens em Comunicação, não houve tantos espaços ou oportunidades para o exercício dessas habilidades para aqueles que não buscaram ou incorporaram essas práticas em suas vidas, ou que não passaram a frequentar espaços de articulação política, como o GT das Juventudes do Bico e outras entidades.

Para as lideranças e para a representante da APA-TO, foi perceptível um aumento na capacidade de uso das TIC, mas o avanço mais significativo observado foi na capacidade dos jovens de se expressarem e se comunicarem de forma integral, como sujeitos políticos em seus espaços de participação na sociedade, e não tanto na dimensão técnica de uso e apropriação das TIC.

***Liderança IV (homem):** Eu acho que talvez nem todos eles se tornou um comunicador das mídias, né? Dessas, dessas mídias que são pautadas aí, né? Do Facebook, do Instagram, né? Dessas mídias, né? Mas a formação deles enquanto Jovem em Comunicação vai além dessa, dessas mídias, né? Eu acho que vai pros grupos que eles participam, né? Pros espaços de trabalho que eles ocupam, né? Então, acho que eles acabam trazendo isso pra onde eles vão, né? Independente de se eles vão utilizar essas mídias que hoje estão aí, né? Instagram, né? Facebook, qualquer que seja dessas plataformas, né? Eu acho que no dia a dia deles, eu acho que tem uma mudança de comportamento, né? Da juventude que participa integralmente, né? Tem aqueles que desistem, mas eu acho que traz a mudança pros que ficam, que continuam.*

3.5.1.3. Processos pedagógicos

Foram averiguadas as percepções dos jovens participantes sobre as metodologias, conteúdos e abordagens educativas dos módulos. Algumas características se destacaram de forma unânime entre os jovens entrevistados: a dinamicidade e a leveza das atividades e abordagens, bem como a adaptação dos conteúdos e metodologias às realidades rurais.

***Jovem I (homem, 27):** Eu acho que o conteúdo... é o conteúdo estava bem adaptado com a nossa realidade. Eu acho que a forma como é... você, né? E a [educadora APA-TO] vinha é, de acordo já com a nossa realidade ali, do que a gente vive, a forma como a gente até se comunicar, ao escrever, tinha alguns colegas, tinha um pouco dificuldade ali, na escrita, na fala. Então, sempre tudo ali era repensada. Eu vi aqui em cada módulo, tipo o primeiro módulo, o pessoal muito tímido, ninguém falava com ninguém aí tinha... tinha aqueles momentos lá. Então, já no outro módulo, é a pessoa que está ali à frente, no caso vocês os monitores, a APA-TO, já trazia, já outras estratégias, né? Já outra forma. 'Hoje vamos fazer isso, vamos fazer isso, aquilo'.*

Os entrevistados destacaram que muitos jovens eram considerados tímidos no início das edições do projeto, não se expressavam ou “não sabiam se comunicar bem”. No entanto, as metodologias propostas para as atividades ajudaram a superar essas dificuldades. Essa característica — a dinamicidade e adaptabilidade das ações educativas — pode ser considerada um elemento educacional, pois busca criar ambientes participativos e democráticos, permitindo que os participantes se expressem de maneira livre e confortável.

O enfoque no contexto e na realidade local, conforme discutido por Freire (2022), também se configura como um aspecto pedagógico educacional. As ações educacionais valorizam as culturas e identidades locais, incorporando elementos dessas esferas nos conteúdos programáticos das atividades.

Outro aspecto destacado pelos jovens foi a proposta da Pedagogia da Alternância, que agradava à maioria deles, mas que também os confrontava com o desafio de realizar práticas comunicativas em suas comunidades e territórios.

***Jovem VI (homem, 23):** Essa coisa da alternância, é uma coisa que é muito boa dentro do espaço de formação. Então, É... era uma coisa que ajudava bastante a gente, mas o que não ajudava tanto era quando a gente voltava pras comunidades, sabe? Não ter esse apoio dentro das comunidades. Isso era um... um espaço... um... um processo de bastante dificuldade que a gente foi tentando reformular durante todos os módulos dos Jovens em Comunicação. É... eu não sei responder agora se a gente conseguiu ou não, sabe? Fazer isso. Mas eu acho que... que era uma coisa que incomodava bastante os processos de captação de imagens, É... da... do... O processo da... da comunidade reconhecer o nosso trabalho enquanto comunicador dentro das oficinas. É... eu acho que o que atrapalhava mais era isso mesmo, os materiais que a gente não tinha.*

Quatro dos seis jovens entrevistados mencionaram as dificuldades enfrentadas para realizar as atividades em suas comunidades de origem. As principais reclamações estavam relacionadas ao fato de as lideranças comunitárias não estarem convencidas da necessidade de comunicação ou da capacidade dos jovens para executar tais ações junto às Associações das comunidades, por exemplo. Este é o primeiro indício claro de uma dificuldade de comunicação intergeracional entre jovens e lideranças, que será discutida mais adiante.

Outro elemento apontado pelos jovens como uma das dificuldades para a realização das atividades em campo foi a falta de equipamentos disponíveis para todos os participantes.

***Jovem IV (homem, 31):** Acho que, se eu não me engano, foi o Hélio que chegou até mim perguntando se nós, que era da... que tava na outra turma, tinha disponibilidade de material, de equipamento na... na comunidade, né? E... isso também acho que... a falta de equipamento na comunidade pro jovem também acho que ficou a desejar.*

Apesar de não serem fortemente expressos na crítica verbal, ficou perceptível a frustração dos jovens em relação a esse elemento. Eles compartilharam sobre a vontade de permanecer com os equipamentos e poder utilizar as TIC em suas comunidades e rotinas por um tempo prolongado, mas o acervo da APA-TO era reduzido, contando com 3 ou 4 câmeras fotográficas para turmas de vinte e cinco a trinta jovens. Nos registros documentais da APA-TO sobre as metodologias e propostas dos módulos haviam notas e orientações sobre o rodízio de equipamentos para os jovens, mas, a partir das entrevistas, ficou evidente que essa solução não foi satisfatória à demanda dos jovens.

Para a representante da APA-TO, a forma com que as ações educativas eram conduzidas nos módulos e nos períodos de Tempo Comunidade (intervalos entre os módulos) contribuiu para o engajamento dos jovens nas atividades, bem como para o comprometimento dos participantes nas produções e objetivos traçados pelo projeto. A dinamicidade e o caráter participativo das metodologias foram características destacadas e reconhecidas.

3.5.1.4. Coeficientes comunicativos

A representante técnica da APA-TO também destacou a leveza e o acolhimento dos espaços desenvolvidos, componentes que, segundo ela, também contribuíram para a fluidez da comunicação entre os jovens. Esses elementos, do ponto de vista da educomunicação, estão associados à melhoria do “coeficiente comunicativo” (Soares, 2014, p. 157) dos sujeitos participantes da ação.

***Representante APA-TO:** E as pessoas que acabaram conduzindo o processo formativo, eles tinham um olhar interessante, essa sensibilidade, né? E ia criando um ambiente que permitia também a juventude se sentir à vontade e transformar esse processo de formação num processo leve e que o fazia se comprometer, né? Ser um negócio gostoso de se fazer. Eu acho que eles se comprometeram, sempre tem aqueles que menos, mas eu acho que de modo geral, eu acho que sim. Eu acho que teve um resultado bem bacana, e aí mostra o quanto o instrumento da comunicação é cheia de coisas que tem que ser desmistificadas, né? E eu acho que o curso permitiu desmistificar muita coisa, né? De forma que eles pudessem ter esse acesso, querer fazer e se envolver no processo.*

O projeto Jovens em Comunicação se mostrou um espaço fértil e seguro para a construção e manutenção desses ambientes abertos, participativos e de comunicação dialógica.

***Jovem V (mulher, 22):** É..., eu me sentia muito melhor estando com a galera, estando nos ambientes de formação, do que em casa. Porque eu acho que nesses espaços, sim, eu poderia ser eu mesma. Porque, é igual o Jovem IV falou, É... quando eu tava em casa eu me sentia, tipo, era sobre pressão, sabe? É... eu não... não me sentia tão bem*

quanto quando tava com a galera. Não podia ser o mesmo igual quando eu tava com a galera. E aí depois dos Jovens em Comunicação, veio o GT, depois eu passei a trabalhar na APA-TO e assim eu sempre me senti muito bem estando com o povo, com o pessoal dos Jovens do Campo, estando nos espaços de formação. Eu sempre sabia que ali eu poderia ser eu mesma.

De acordo com os depoimentos dos jovens, estar no ambiente das atividades do Jovens em Comunicação não apenas possibilitou uma fluidez nos processos educativos e no compartilhamento de saberes, mas também possibilitou autoconhecimento e autoidentificação, conforme apontado pela Jovem V e por outros participantes.

***Jovem IV (homem, 31):** Quando você tá à vontade com os demais a tua mente funciona melhor do que você está sobre pressão em algum lugar. É... sempre levo isso pra mim mesmo. Se você tá com a tua mente tranquila, você tá se sentindo bem, você... O teu trabalho, o ambiente de trabalho é tranquilo, ambiente de reunião é tranquila. Todo lugar que você tá se sentindo bem, seja bem tratado, é..., tudo funciona de uma forma diferente. E... o Jovens em Comunicação ele... ele trazia isso, né? Aquele acolhimento aconchegante desde o início até o término. Era todo mundo numa vibe só. Pelo que eu me lembro, nunca teve uma discussão pra que a gente ficasse um pouco constrangido com alguém. É... o tratamento, cara, 100%. É... o JC ele abriu... Abriu um novo mundo, né? Pro pessoal da... da... da juventude do campo.*

Ficou evidente a melhoria dos Coeficientes Comunicativos durante os módulos do Jovens em Comunicação e que isso se configurou como uma característica fundamental do projeto. Esses aspectos da comunicação dialógica, da liberdade de expressão e da melhoria da capacidade de comunicação foram mencionados diversas vezes pelos jovens ao longo das entrevistas, mesmo quando não estavam sendo questionados a respeito. As memórias engraçadas, as brincadeiras, as histórias contadas e as atividades educativas que marcaram os participantes estão todas intrinsecamente relacionadas ao espaço de comunicação aberto e dialógico construído durante as três edições do projeto.

3.5.1.5. Comunicação nas comunidades e no Bico do Papagaio

A partir das entrevistas com os três públicos analisados, foram identificadas algumas dimensões que envolvem os processos de comunicação interna e externa no Bico do Papagaio e nas comunidades rurais da região. Essas características presentes nas falas dos entrevistados são: a) a capacidade de comunicação interpessoal e de expressão do jovem em suas comunidades de origem e nos espaços de articulação política do Bico do Papagaio; b) a capacidade de execução das atividades de comunicação em relação às lideranças comunitárias;

c) as expectativas das lideranças sobre o que seria o “trabalho de comunicação” a ser implementado pelos jovens participantes do projeto.

Por comunicação interna compreende-se os processos de comunicação que acontecem dentro de cada comunidade de origem dos jovens participantes e das entidades sociais da região, circunscritos às demandas e aos assuntos relacionados às comunidades e às entidades, sem objetivar visibilização ou divulgação externa. Já a comunicação externa compreende a comunicação da comunidade ou de seus moradores para fora, com o objetivo de divulgação externa e interlocução com outros atores, tais como imprensa, entidades da sociedade civil, entre outros.

No âmbito da comunicação interna, ao tratar da capacidade de comunicação interpessoal e de expressão dos jovens em suas comunidades de origem e nos espaços de articulação política do Bico do Papagaio, percebe-se a partir das entrevistas que, de maneira geral, o projeto Jovens em Comunicação proporcionou um aumento na capacidade de comunicação de seus participantes, permitindo que conquistassem autonomia e demais habilidades para se expressarem oralmente frente a públicos diversos, sem abrir mão de suas identidades e da vocalização de suas opiniões. Quatro dos seis jovens entrevistados expressaram que, antes do projeto, não possuíam essa competência, o que destaca a importância desse elemento.

O aumento na capacidade de comunicação interpessoal e expressão em espaços de participação também se configura como uma característica educacional, uma vez que a Educomunicação visa garantir a autonomia e o protagonismo dos sujeitos participantes de seus processos ou ações a partir da comunicação, em suas diversas possibilidades de linguagens e meios. No caso do projeto Jovens em Comunicação, esse aumento na capacidade de comunicação e de expressão se associou também à valorização das identidades juvenis rurais.

***Jovem VI (homem, 23):** Assim, se tu fizesses essa pergunta pra minha família, eles iriam dizer que eu sou outra pessoa, sabe? Depois dos Jovens em Comunicação. Exatamente por eu ter me ‘descobrido’, ser eu mesmo dentro do... dos espaços... dentro dos módulos do Jovens em Comunicação. É..., eu era uma pessoa, como a Jovem III falou que ela era, né? Eu era uma pessoa extremamente tímida, não falava com absolutamente ninguém, não tinha um... um... um diálogo demorado, sabe? Era só sim ou não e ficava muito na minha mesmo. E dentro dos módulos dos Jovens em Comunicação eu fui me descobrindo. É..., eu fui criando uma identidade pra mim mesmo, né? Eu até brincava lá no tempo que a [educadora APA-TO] me chamava de [apelido], né? Eu até brincava naquele tempo falando: ‘Ah, o [apelido] é uma pessoa, o [nome do Jovem VI] é outra’. E aí, depois, agora, eu consigo juntar essas duas pessoas, né? Atualmente. Então, eu... eu entendo que o [apelido] e o Jovem VI são a mesma pessoa por causa dos Jovens em Comunicação, por causa desse espaço de identidade que eu tive, né? De saber quem eu era.*

Esse aspecto de mudança também foi identificado e destacado pelas lideranças e pela representante da APA-TO nas entrevistas realizadas. Um líder comunitário ressaltou, inclusive, que os jovens que participaram do projeto desempenharam o papel de “multiplicadores” dessas práticas de comunicação nos espaços que frequentam.

Liderança II (homem): Bruno, eu acho que isso ajudou bastante. Você vê, a gente teve agora um encontro lá na EFA e a gente viu alguns jovens que participaram do curso, eles se expressando, né? Assim, livre, né? Espontaneamente com toda aquela coragem, com toda aquela segurança. E aí a gente acredita que é fruto desse trabalho. Que fez com que o jovem tenha confiança no que ele vai falar. Como ele vai se expressar. A gente acredita muito que é por isso. E assim, não só os que fizeram o curso, mas aqueles outros jovens que estão convivendo com eles e com as entidades. Isso vai multiplicando.

Outro ponto a ser destacado sobre a comunicação nas comunidades e na região do Bico do Papagaio é a capacidade de execução das atividades de comunicação em relação à interação dos jovens com as lideranças comunitárias. Parte dos jovens entrevistados relatou sofrer com a “desconfiança” e a falta de autonomia que enfrentam em suas comunidades devido à percepção que as lideranças comunitárias teriam deles.

Jovem III (mulher, 22): Realmente a maior dificuldade é fazer com que... É convencer, né? A comunidade de que precisam de comunicação, precisam de algo pra falar por elas, né? (...) Isso aí atrapalhava, né? Desanimava, na verdade, a gente, né? Porque se a comunidade fosse de acordo, né? Com... com o jovem, fazer a comunicação, fazer a matéria, falando sobre, é... a comunidade, inclusive sobre a própria associação da comunidade... Nossa, seria muito bom! Quem sabe a gente conseguiria mais ajuda, né?.

Houve jovens que relataram experiências opostas, como foi o caso do Jovem I, que compartilhou que, durante o projeto, obteve abertura e engajamento dos moradores de sua comunidade para a implementação das atividades. No entanto, anos depois e no momento atual, ele percebe que esses processos não perduraram e que as iniciativas de comunicação deixaram de acontecer na comunidade.

Jovem I (homem, 27): Porque é... aquele momento a gente era muito jovem, né? Muito jovem ali naquela experiência. Aí depois teve um momento que... que o pessoal é... saíram, né? Pra trabalhar, viajaram, outros casaram, outros fizeram... outros mudaram, é... do campo pra cidade... Então, tudo isso acabou fragilizando até mesmo grupo do WhatsApp. O grupo mesmo. Até mesmo contato com alguns, a gente acaba perdendo. Isso também acaba desmotivando o que está ali na comunidade para fazer algo, que quando tem muitas pessoas, né? É bom! É bom você fazer. Mas quando você está só ali, só você com uma pessoa, tal, fica muito difícil.

O jovem I também atribuiu a essa desmobilização e ao processo de evasão dos jovens das comunidades e do campo, elementos que apareceram nas falas dos demais jovens. Esse fenômeno está relacionado à escassez de oportunidades e políticas públicas para as juventudes em regiões rurais. A falta de abertura para a realização de práticas comunicativas, por vezes, ocorria na própria comunidade de origem. A Jovem V comentou que teve mais oportunidades e autonomia para atuar como jovem comunicadora em outras comunidades do que em sua própria.

***Jovem V (mulher, 22):** Ah, minha realidade não é diferente da dos meninos não. Porque, é... também nunca tive tanta participação onde eu morava, né? É... Até tinha associação assim igual a Jovem III falou, só que, é... não tinha oportunidade pra juventude se envolver, pra juventude contribuir. (...) E assim, eu sinto que eu contribuí muito mais com outras comunidades do que na comunidade que eu morava em si. (...) Eu acho que eu contribuí bem mais com outras comunidades do que com a minha mesma. Do que, por onde eu vivi, né? E até porque, é... mesmo que não tinha... não tivesse reconhecimento, né? Nem espaço de fala, mas a gente nunca nem foi convidada para participar de uma reunião da associação, ou algo do tipo assim.*

Na perspectiva das lideranças, essa falta de abertura para participação não foi mencionada. Em vez disso, destacaram a falta de iniciativa dos jovens para participar dos espaços de construção política coletiva nas entidades, sindicatos, comunidades, entre outros.

***Liderança IV (homem):** Eu acho que essa comunicação, ela mudou muito pouco, né? É porque eu acho que essa comunicação ela mudaria mais se tivesse a participação deles nos espaços da associação ou das organizações, né? Então, assim, essa participação da juventude nos espaços das organizações. Nós, enquanto quilombola, ainda é pequena dessa juventude do Jovem em Comunicação. Nós conseguimos, enquanto quilombola, ter uma pequena inserção da juventude quilombola.*

A Liderança III, integrante do Movimento das Mulheres Quebradeiras de Coco Babaçu e assessora do GT das Juventudes, destacou que há um processo de sensibilização e mudança de visão das entidades em relação às juventudes. Ela enfatizou que esse processo está crescendo, embora ainda não esteja consolidado, e que o projeto pode ter sido um “pontapé inicial” para uma transformação futura.

***Liderança III (mulher):** (...) a participação das juventudes vem crescendo, né? Nas atividades. Que na verdade, também agora as entidades, elas já tão tendo mais esse olhar específico para trabalhar com a juventude, né? Mas não deixa de ser que o Jovens em Comunicação tenha sido o pontapé inicial. Que aí vem criando esse despertar pras entidades. Tornando assim referência, né? Quando se falava no Bico tem jovens sendo formado em comunicadores. Então, já despertava uma atenção especial, né?.*

Esse aspecto está diretamente associado ao desafio do diálogo intergeracional entre lideranças comunitárias e jovens no cotidiano, e às diferentes expectativas e compreensões que cada grupo possui sobre a ação de comunicação nos territórios. A melhoria da capacidade de comunicação interna, entre jovens e lideranças, foi um dos objetivos do projeto Jovens em Comunicação – o que se configura também como uma dimensão educacional do projeto, uma vez que ações no campo da educação podem incorporar essa expectativa de aprimoramento dos processos de comunicação.

Este objetivo do projeto social não foi integralmente alcançado sobretudo devido à complexidade das relações e ao cenário apresentado. A partir das falas dos jovens e lideranças, percebeu-se uma melhoria e um certo avanço, pois o problema passou a ser discutido e a aparecer no radar dos atores envolvidos. No entanto, ainda não se alcançou uma resolução satisfatória que contemple todas as partes envolvidas.

3. 5. 1. 6. Cidadania e participação social

Todos os jovens entrevistados enfatizaram a contribuição do projeto para o processo de conscientização sobre assuntos relacionados aos processos políticos de seus territórios e comunidades, tanto no Bico do Papagaio quanto no Brasil. Os entrevistados mencionaram que, antes do projeto, não compreendiam ou não tinham interesse em assuntos relacionados à política e cidadania, mas que isso mudou após a participação no Jovens em Comunicação.

Jovem VI (homem, 23): (...) Ah, mudou bastante, né? Primeiramente porque eu hoje tô dentro de uma universidade federal, mesmo que com várias barreiras assim, que às vezes eu penso em não ir mais, que às vezes eu penso em ir, e que atualmente, eu tô me afastando temporariamente, é... Mas se eu tenho esse acesso, é por causa da ideologia política que eu decidi acatar pra mim, sabe? Por causa do processo de cidadania que eu acredito, por causa dos aspectos sociais que eu acredito que irão acontecer, sabe? Das revoluções que eu acredito. É... Isso muito por parte desse processo de formação social também que o Jovens em Comunicação me trouxe.

Durante as entrevistas a discussão sobre política e cidadania foi associada aos módulos do projeto, nos quais foram realizadas rodas de conversa com lideranças políticas e comunitárias de movimentos sociais e entidades do Bico do Papagaio. Exemplos disso foram os momentos de troca de saberes com o Movimento das Quebradeiras de Coco Babaçu e com as mulheres camponesas agricultoras. O Jovem I lembrou que essas experiências formativas ajudaram a moldar sua visão política, que agora difere da visão de seus colegas da faculdade de Direito onde se gradua atualmente.

Jovem I (homem, 27): (...) com os encontros, com todo o conhecimento que a gente teve, todas as discussões que ajudaram muito a solidificar é... esse entendimento. Veja. Eu gostava muito quando eu tinha aqueles momentos em que as lideranças quebradeiras de coco, as mulheres iam, tal, falavam, sobre isso, sobre aquilo e a gente via, né? Ali a questão, por exemplo, eu sou do direito, por exemplo. Aí a gente vê muito essa questão, né? De falar sobre as comunidades, sobre o índio, sobre isso, sobre aquilo... O meu entendimento é diferente dos meus colegas.

Partindo do processo de tomada de consciência para a ação política concreta nos espaços de participação do Bico do Papagaio, percebe-se que nem todos os jovens realizaram essa transição para a atividade prática nos espaços de construção política dos povos camponeses e tradicionais da região, conforme esperado pelas lideranças do território e pela própria APA-TO.

Para as lideranças comunitárias entrevistadas, a mudança observada na dimensão política e cidadã da atuação dos jovens não foi significativa em termos práticos de participação e presença nos espaços de construção política no território. De acordo com as lideranças, a mudança mais perceptível nesse aspecto foi o processo de conscientização e de colaboração na formação de uma leitura mais crítica da realidade, com base em valores e elementos de suas identidades e realidades.

Liderança III (mulher): Eu não vi tanto desenvolvimento deles com relação a essas áreas. Tanto debate, né? Mas, sempre tem um ou outro que consegue desenrolar melhor do que alguns. Sempre a gente consegue plantar a semente em alguns e outros não. Mas não houve tanto destaque, no meu ver.

Na contramão das percepções das lideranças, a técnica da APA-TO que acompanhou as três edições do projeto considera que a melhoria foi mais evidente e concreta. Ela acredita que o projeto foi diretamente responsável pela motivação dos jovens em espaços políticos e pela criação do próprio GT das Juventudes Rurais do Bico do Papagaio – um espaço representativo das juventudes rurais da região.

Representante APA-TO: Então, eu acho que esse processo, ele contribuiu pra que muitos jovens, eles compreendessem a sua realidade e a partir daí quisessem também participar dos movimentos. E até mesmo eu acho que o Jovens em Comunicação contribuiu para que muitos jovens, com o tempo, quisessem se organizar enquanto juventudes, né? O próprio GT assim, se a gente for ver, muitos que pensaram nisso na época e propuseram eram esses jovens que participaram do Jovens em Comunicação.

Dos seis jovens entrevistados, quatro passaram a atuar em coletivos e espaços de participação social e cidadania no Bico do Papagaio, como o GT das Juventudes Rurais do Bico do Papagaio, ações e projetos da APA-TO, atividades da Articulação Tocantinense de Agroecologia (ATA) e da Rede Bico Agroecológico, entre outros. Desses quatro que se

engajaram nesses espaços, atualmente apenas um segue participando ativamente, tendo relatado dificuldades para se manter engajado.

Essas dificuldades se relacionam às condições estruturais da vida desse jovem, como a falta de emprego, recursos financeiros, oportunidades e políticas públicas, aspectos ligados à condição de invisibilidade das juventudes camponesas. No entanto, também foram relatadas frustrações em relação à dificuldade de comunicação e de alinhamento de expectativas com outros jovens e lideranças nos espaços de participação política.

3. 5. 1. 7. Relação com o meio ambiente

O tema da relação com o ambiente circundante surgiu de maneira transversal em todas as falas dos entrevistados. Como a maioria vive em comunidades rurais e/ou em áreas rurais, esse contato é cotidiano. Entretanto, todos afirmaram que participar do Jovens em Comunicação proporcionou um aprofundamento na temática, além de uma melhor compreensão sobre questões socioambientais.

***Jovem II (mulher, 37):** Eu sempre fui muito ligado às coisas do campo, né? Então o conhecimento só aumentou mais ainda, porque o Jovens em Comunicação nós trabalhávamos muito essa questão da valorização do campo, né? Então essa valorização do campo, de onde a gente, a gente mora, né? De ter um ar livre, de olhar onde tem água, onde muitos gostariam de ter água e não tem. Então assim, a visão relacionada ao meio ambiente, é..., mudou para, para maior conhecimento, né?.*

Alguns jovens compartilharam terem feito conexões diretas entre o que aprenderam sobre o ambiente em que vivem e a importância de preservá-lo, associando às demandas concretas da realidade de suas comunidades e utilizando a comunicação como plataforma para a ação.

***Jovem I (homem, 27):** Aqui na aqui na região que é o pessoal estão vendendo as terras, aí o pessoal também destruindo a questão das palmeiras, né? Que são nativas aqui mesmo, da nossa região, tal. Então eu sempre tive essa consciência, né? De, de estar ali sabendo disso, inclusive entre nós... Ah não, está gravado! Mas eu já fiz denúncias, já liguei para o Ibama, não sei aonde foi. Eu consegui o contato com um colega meu da faculdade. Eu, eu descobri que tinha uns moradores lá, uns moradores e uns políticos aí, ó, tirando madeira lá na nossa reserva. Aí eu descobri, eu peguei o contato, mandei mensagem, liguei. Eu só sei que prenderam lá, né? Mas tipo assim, eles tinham dinheiro, e eles acabaram pagando, né? Uma fiança bem cara, né? Ambiental. Eu fiquei até, tipo assim, eu fiquei até surpreendido (...).*

O Jovem I, que participou das três edições do projeto Jovens em Comunicação, também relatou que, a partir de seu aprendizado no processo formativo da ação da APA-TO, realizou uma denúncia nas redes sociais de internet sobre a situação da estrada que liga o centro urbano do município de Axixá com a sua Comunidade, relatando as péssimas condições em que se

encontrava a via, que inviabilizavam a passagem de carros e ônibus, incluindo transportes escolares.

A denúncia rapidamente ganhou audiência e relevância junto aos públicos de interesse, em sua comunidade e em Axixá, chegando às autoridades locais. Devido à pressão exercida nas redes sociais, em menos de uma semana, a prefeitura da cidade deslocou uma equipe para melhorar as condições da estrada, garantindo assim que automóveis pudessem novamente transitar pela via. De acordo com o relato do jovem e da APA-TO esse tipo de ação foi uma novidade para a comunidade, que não possuía o costume de usar os meios de comunicação digitais para tais fins.

De acordo com Citelli (2015) e Falcão (2015, 2018), uma ação como essa pode ser caracterizada como uma prática derivada do processo de Educomunicação Socioambiental. O Jovem I, utilizando os conhecimentos adquiridos por meio da prática educacional, atuou em defesa da reserva de floresta de babaçuais e da estrada de sua comunidade, e ao direito de ir e vir dos cidadãos que ali residem, aplicando o que aprendeu no projeto: a apuração dos fatos, a organização da informação e a comunicação para a denúncia do que foi verificado.

A agroecologia também foi mencionada pelos jovens nas entrevistas, evidenciando a conexão que fazem entre esse modelo de agricultura, a defesa e preservação dos recursos naturais, a vida saudável e a oposição às práticas destrutivas, como o desmatamento e o uso de agrotóxicos nas lavouras.

***Jovem VI (homem, 23):** Então, era outro negócio que eu nem sabia o que era, né? A agroecologia. O que que é isso? Inclusive, não tinha prática aqui em casa, né? Era uma coisa assim, que o uso do agrotóxico, ele vem desde que eu me conheço por gente aqui dentro de casa. Então, até hoje, eu ainda luto, ainda dentro desse processo de falar: 'Gente, vamos plantar sem veneno, vamos plantar sem agrotóxico, é melhor, né? A saúde melhora, o processo de vida mesmo, a água. Tudo o que tem aqui dentro é melhor sem o veneno!' (...).*

Para as lideranças, a transformação comportamental nesse tópico foi nítida e mais significativa. Todas relataram o engajamento dos jovens com relação ao tema da defesa do ambiente em que vivem e da agroecologia como modelo de produção viável e alternativo ao agronegócio, praticado nas grandes fazendas da região.

***Liderança I (mulher):** Mudou 100%. Todo mundo defende a agroecologia. Toda a juventude. Toda juventude do Bico aqui é agroecológica. Eles são muito porretas nessa história, viu, filho? Eles botam para valer mesmo e eles faz propaganda da agroecologia e eles tem prazer de dizer que é, né? Formado em agroecologia. Eles gostam. Muito bom, já vi até palestra deles, dando palestra de agroecologia.*

3.5.1.8. Protagonismo Juvenil

Outro objetivo do projeto era fomentar o exercício do protagonismo juvenil que começava pelas atividades nos próprios módulos, passando pelas práticas em suas comunidades, visando, sobretudo, a absorção dessa capacidade para a aplicação em suas vidas e aos espaços coletivos que frequentam.

Os jovens entrevistados destacaram a autonomia que possuíam durante as atividades dos módulos, mostrando o exercício do poder de decisão sobre questões práticas do projeto, como o cronograma de entrega de produtos, o cardápio de alimentação, as datas das atividades práticas, entre outros.

***Jovem II (mulher, 37):** (...) os cronogramas quem fazia era nós, né? Era nós que escolhia a comida, o cardápio (risos). Eu gostava! Era nós que escolhia os cardápios, era nós que escolhia as datas, né? Então, assim, era de acordo com nós mesmo, né? Nosso, nosso grupo fazia os cronogramas: 'Foi a data tal que a gente vai fazer as coletas', aí fazia lá os cronogramas. 'Qual é o período que nós vamos fazer a, a questão das edições, é, a data tal.' Aí, quando terminava tudo, trazia para fazer a montagem lá no Jovens em Comunicação, a prática, né? Então tudo isso, é... contribuiu para que, e a gente fizesse bem tranquilamente, né? Dentro do tempo que, que geralmente dava certo.*

De acordo com os relatos dos jovens, esse protagonismo foi absorvido e colocado em prática tanto durante as atividades do projeto quanto fora dele. A Jovem III, por exemplo, descreveu que teve oportunidades de participar de espaços fora do Bico do Papagaio, exercitando seu protagonismo juvenil de acordo com sua identidade e seu modo de se expressar e comunicar.

***Jovem III (mulher, 22):** (...) pra mim melhorou bastante, principalmente na questão da fala, né? Que eu era muito tímida. Era bastante tímida! Assim que eu entrei na escola agrícola era muito tímida. Quando eu entrei em Jovens em Comunicação, eu também entrei em outro curso chamado Jovens Semeando o Agroextrativismo. E aí, é... viram, né? O potencial em relação a falar, a representar. Já representei a escola agrícola, representei a APA-TO, já representei Jovens em Comunicação, Jovens Semeando o Agroextrativismo. Já representei a associação do meu assentamento. Nunca pensei que eu poderia desenvolver uma fala boa, né? Assim, falar e até hoje não falo muito bem, porém melhorou bastante, né?.*

O protagonismo juvenil durante a prática educacional foi identificado no projeto e ocorria quando os sujeitos que integravam uma ação educacional, dentro das possibilidades do contexto de cada ação, possuíam a liberdade para se expressar, praticar autonomia nas tomadas de decisão e ocupar um papel de protagonismo no desenvolvimento das atividades educativas (Soares, 2011, 2014, 2017).

A questão do protagonismo juvenil no projeto Jovens em Comunicação também está relacionada ao diálogo e à relação intergeracional entre jovens e lideranças, evidenciando um limite para o exercício do protagonismo dos jovens em seus territórios e nos espaços de articulação política do Bico do Papagaio.

A partir das entrevistas, percebe-se que os jovens conquistaram capacidade de exercer protagonismo e liderança nos processos coletivos dos movimentos sociais, entidades e comunidades do Bico do Papagaio. No entanto, segundo suas próprias avaliações, não encontraram respaldo ou uma comunicação adequada com as lideranças comunitárias e com outros jovens rurais que participaram do projeto, o que limitou a construção de ações coletivas futuras para as juventudes do território.

Esse aspecto também foi comentado pela representante da APA-TO durante a entrevista, que apontou a necessidade das lideranças, dos movimentos e das entidades do Bico “fazerem a sua parte”, oferecendo maior abertura para que os jovens pudessem atuar e exercer seu protagonismo nesses espaços.

***Representante APA-TO:** Mas a partir dessa formação e esse despertar do quem sou, da minha identidade, fez com que eles comessem também a participar de outros processos que foram contribuindo pra sua formação e seu amadurecimento, né? E essa vontade também de participar dos movimentos. Hoje, já há muitos anos, acho que antes da pandemia, eu falava assim principalmente pras lideranças do movimento sindical. ‘Gente, vocês tem uma juventude aí que tá ávida, sabe? De participar, de conhecer mais, né? E vocês, o movimento tem que fazer a sua parte, né?’ Não é só os processos de formação (...).*

Por outro lado, no que diz respeito à dimensão individual, ou seja, à aplicação dessa capacidade na vida de cada jovem, segundo os relatos, houve uma melhora significativa. Os jovens se consideraram aptos a liderar processos, expressar suas visões de mundo e se comunicar com liberdade em suas rotinas de trabalho, estudos e com suas famílias.

3.5.2. Cultura e identidades juvenis rurais

3.5.2.1. Identidades juvenis rurais e modos de vida tradicionais

A valorização da cultura e das identidades juvenis foi abordada nas entrevistas, e as perspectivas compartilhadas indicam que o projeto possibilitou aos jovens uma maior aproximação e identificação com suas raízes culturais e identidades camponesas. Até então essas identidades, de acordo com suas próprias percepções, estavam invisibilizadas ou pouco evidenciadas na vida dos participantes.

***Jovem V (mulher, 22):** [eu] gostava de me expressar, só que eu acho que eu não me expressava assim de uma forma de acordo com a minha realidade. Tipo assim, é..., eu acho que eu não reconhecia de fato a minha identidade. Me reconhecer como jovem do campo, é... depois do Jovens em Comunicação, depois daquela pesquisa que a gente foi na casa da Ruth, tal, a partir daquele momento eu comecei a me reconhecer como jovem do campo e me mostrar mais assim, porque eu já gostava de aparecer, de falar e tal, nas redes sociais e tal, mas não aparecia com a minha identidade própria de jovem do campo. Eu não me expressava com aquela postura que... que desejava, sabe? Minha identidade. Não sei se eu tô conseguindo me expressar direito. Mas foi com os Jovens em Comunicação que eu aprendi, que eu lembro assim, que eu consegui me identificar, que eu fui me aprimorando mais e buscando me conhecer melhor, sabe?.*

Os jovens destacaram que o projeto não apenas permitiu a reflexão sobre a própria identidade e raízes culturais, mas também proporcionou o conhecimento de outras identidades e modos de vida tradicionais, tanto de diferentes comunidades do Bico do Papagaio quanto de fora da região, por meio das atividades e intercâmbios promovidos.

***Jovem IV (homem, 31):** Tipo, a gente esteve em... em comunidade quilombola, a gente esteve em comunidade tradicional, a gente esteve em comunidade indígena, e tudo é uma forma de viver... de vida diferente! As tradições são diferentes! A gente já esteve em estados diferentes, a gente já esteve em locais diferentes, já esteve em locais arrodado do agronegócio, já esteve em locais repletos da agroindústria familiar. É, tipo, é uma vivência diferente, é uma cultura diferente! E aquela troca de semente também é uma troca de conhecimento, sabe? (...) Então, para mim mesmo, mudou muito! Tipo, assim, a gente vai... vendo o mundo com outros olhos, né? Fica mais amplo. Aí, a gente aprende uma coisa com o pessoal da comunidade, ensina um pouco também.*

A valorização das identidades e culturas dos jovens rurais, bem como das comunidades e povos tradicionais, era um dos objetivos do projeto e se configurou como um aspecto transversal, permeando todas as ações do Jovens em Comunicação. A partir dos depoimentos dos jovens e das lideranças, é notória a aproximação das juventudes com elementos da cultura e das identidades camponesas, fruto da implementação do projeto.

Essa característica de valorização dos contextos e das culturas para o desenvolvimento do processo educativo também está alinhada ao processo educomunicativo, conforme abordado por Freire (2022) e Soares (2011).

3.5.2.2. História e relação com as comunidades e com o Bico do Papagaio

A valorização das culturas e identidades, sem dúvida, é um componente que contribui para a aproximação dos jovens com suas comunidades de origem e com os territórios do Bico do Papagaio. O Projeto Jovens em Comunicação, por meio de seu itinerário formativo, ofereceu

aos jovens oportunidades de se aprofundarem nas histórias de suas famílias e comunidades, de pessoas que, em muitos casos, lutaram pela conquista do direito à terra e ao território.

A maioria dos jovens relatou não conhecer a história de origem de suas comunidades, nem saber quais membros de suas próprias famílias haviam participado da construção comunitária.

***Jovem I (homem, 27):** Pra começar, eu nem sabia. Eu nem sabia da história. Não sabia de nada. E, e foi muito bom porque a gente começou a perguntar à minha avó, meu avô, ao Seu Luís, a outros moradores, eles começaram a explicar, né? E cada um tinha a sua versão. A sua versão era, era a mesma coisa, mas tinha a sua, a sua versão em relação ali àquela história. E uma das nossas atividades era isso, né? Era conhecer o lugar onde eu vivo. Inclusive essa foi nossa primeira atividade de campo, né, que a gente ia pra comunidade e ia fazer.*

Além da aproximação dos jovens com a história da comunidade, através da interação com as pessoas e as práticas comunicativas e educativas, outro efeito deste processo foi a preservação da memória histórica das comunidades por meio dos produtos de comunicação elaborados pelos jovens, como textos e vídeos. De acordo com as entrevistas, muitas comunidades não possuíam registros sobre suas histórias de fundação ou detalhes do processo de conquista do direito à terra que resultou na criação de um Projeto de Assentamento. Assim, as atividades do projeto contribuíram para a elaboração desses materiais, que se tornaram fontes históricas importantes.

***Jovem I (homem, 27):** (...) do mesmo jeito que, que uma cidade tem a história, do mesmo jeito que um município, um estado tem, aquela comunidade também ela não surgiu do nada, né? Ela tem a sua história. E aí assim, a gente mesmo jovem, fazendo aquele textozinho, né? Ali era muito bom. Então foi algo assim que preservou aquela tradição, que muitos não sabem escrever, né? Ler, tal, esse tipo de coisa. E era gente que sabe ler, escrever, tal, a gente pegava e passava a documentar isso de forma escrita, né? A gente pegava essa, é... esse algo mais oral deles, né? E começamos a escrever, a digitar e preservar, né? Essa história.*

De maneira geral, as lideranças comunitárias reconheceram que houve uma mudança no comportamento e na relação dos jovens com os costumes culturais, a história e os modos de vida tradicionais dos povos e comunidades do Bico do Papagaio. Elas destacaram que o interesse dos jovens aumentou, e que as atividades do projeto mobilizaram essa valorização das identidades e culturas por meio da pesquisa, da elaboração dos materiais de comunicação e dos diálogos realizados no âmbito do projeto.

A Liderança I, ligada ao Movimento das Quebradeiras de Coco Babaçu e da Associação de Mulheres Camponesas do Bico do Papagaio, enfatizou a satisfação que sente quando os jovens demonstram interesse pelas histórias dos movimentos, das comunidades e das próprias

lideranças que lutaram pelos direitos à terra, ao território e pelas comunidades camponesas da região.

***Liderança I (mulher):** Aí da hora que o camarada vai começando ouvindo, ouvindo, ouvindo um e outro e outro, ele vai entendendo que aquilo ali tem um sentido. E manifesta curiosidade de descobrir qual é o objetivo daquela história, do sentido daquela história, ele quer saber do final. Ele procura ir buscar o final. 'Como que a senhora conseguiu fazer isso e isso e isso nesse tempo que era assim assado, né?'. Aí a gente, eu tô falando baseado nas perguntas que às vezes eles me fazem, né? Então, eu acho bom porque eu sei que a pessoa tá com curiosidade. Quem quer, quem tem curiosidade, quer saber e quer aprender. E é muito bom, a gente responde com muito prazer. Muito bom. E isso eles têm feito muito, essa juventude que, que tá aí nesse trabalho que a gente tá fazendo, realizando aqui na APA-TO, com essas entidades parceiras.*

A fala da liderança ilustra uma potencialidade concreta da prática educacional: a melhoria da comunicação e dos ecossistemas comunicativos, envolvendo diferentes atores do mesmo contexto e território, no caso, os jovens e suas lideranças comunitárias. O interesse pelas histórias e costumes tradicionais, despertado pela participação no Projeto Jovens em Comunicação, inicia um diálogo entre jovens e lideranças. E, ao buscarem compreender a história do território, que também é parte de sua própria história, essa interação potencialmente poderá leva-los a participar mais ativamente ou a protagonizar essas histórias.

Evidentemente, este é apenas um exemplo de uma comunicação harmoniosa e frutífera resultante da prática educacional. Nem todas as experiências e diálogos entre gerações foram bem-sucedidos. No entanto, pode-se reconhecer que há um caminho, uma possibilidade concreta de melhoria dos fluxos internos de comunicação por meio de práticas dialógicas e participativas mobilizadas pelas raízes históricas e culturais dos atores envolvidos no processo.

3.5.3. Projeto de vida no campo

3.5.3.1. Discernimento vocacional, evasão rural e permanência no campo

Com relação ao processo de discernimento vocacional para a escolha profissional de cada um, todos os jovens manifestaram que o Projeto Jovens em Comunicação influenciou ou colaborou de alguma forma, em maior ou menor intensidade, em suas escolhas profissionais. As respostas indicaram que o projeto contribuiu para as reflexões sobre seus caminhos profissionais, incluindo a decisão pela área de estudos e trabalho, mas, na maioria dos casos, não foi determinante para a escolha de uma área específica, como o trabalho com a agricultura

familiar em suas comunidades. Apenas uma das jovens entrevistadas relatou que o projeto ajudou a despertar o interesse pelo trabalho com a terra, inclusive em sua comunidade.

***Jovem V (mulher, 22):** (...) igual eu havia falado que foi no Jovens em Comunicação que eu é, assim, me identifiquei na minha identidade, né? E aí eu já estava na EFA, e aí assim, eu sempre gostei da rede agrária aqui. Sempre foi algo que me chamou muito a atenção. É, mexer com a terra, poder trabalhar com a terra, estar em contato com a terra. A partir do momento que eu escolhi isso pra minha vida, né? Eu acho assim, eu já tive outras oportunidades de emprego. Várias! Mas não era sobre o que eu acreditava, não era sobre o que eu queria, não era sobre a ideologia que eu queria, que eu acreditava.*

No entanto, houve relatos de jovens que nem sequer consideraram a vida no campo como uma opção para o seu futuro. Eles compreenderam que outras competências, adquiridas ou aperfeiçoadas durante o projeto, foram determinantes para o processo de discernimento profissional, como as habilidades de comunicação.

***Jovem I (homem, 27):** Eu, eu vi que eu tinha desenvolvido uma habilidade na escrita. Eu acho que eu, eu uso isso a trabalho hoje, hoje eu vivo disso, né? De ensinar redação, de produzir. Então, o Jovens em Comunicação ele ajudou muito, sou muito grato, né? Por essa formação. Então, isso me ajudou muito.*

Cabe destacar que, não apenas nesta seção de perguntas, mas ao longo de toda a entrevista, todas as menções ao projeto de vida no campo feitas pelos jovens foram no sentido de valorizar esse modo de vida, e não de depreciar ou invisibilizar. Todos os jovens entrevistados manifestaram respeito e conhecimento sobre o trabalho com a agricultura familiar e a agroecologia, bem como sobre a vida em suas comunidades.

A questão da permanência do jovem no campo foi mencionada em alguns momentos pelos entrevistados, sendo associada, por alguns deles, à falta de espaço ou autonomia para trabalhar na terra ou participar dos processos de tomada de decisão em suas comunidades. A falta de oportunidade, em termos de emprego e direitos, também foi apontada como uma das motivações para a evasão do campo.

***Jovem V (mulher, 22):** (...) o jovem até poderia continuar no campo, mas muita das vezes a gente não tinha oportunidade. No meu caso, é aquela questão de sempre, né? Da gente não ter espaço, não ter liberdade para poder produzir aquilo que a gente acredita na terra, ou espaço para desenvolver um projeto ou algo do tipo. É, na minha época, que eu tava assim bem empenhada, sabe? Em querer desenvolver projeto e continuar, foi a época que minha mãe vendeu a terra. Então aí eu já fiquei sem oportunidade totalmente, né? E só poderia desenvolver alguma coisa no coletivo. Tipo, aí eu comecei a me envolver com a apicultura, que foi com a [representante APA-TO] na época. Agora eu tô iniciando de novo, aqui onde eu tô, em Minas Gerais.*

Outro aspecto relatado foi a sobrecarga de tarefas enfrentada pelo jovem rural que vive na região, que precisa equilibrar trabalho, estudo, convivência familiar e, além disso, atuar na construção de ações políticas para e com as juventudes nos territórios.

***Jovem VI (homem, 23):** A gente está atuando em duas comunidades hoje em dia não porque não tem tantos editais ou porque não tem recurso, não, é porque a gente não tem público dentro do GT da juventude que consiga fazer formação em mais comunidades. Porque os membros do GT da juventude que estão ali dentro do GT da juventude também estuda, também trabalha, também tem sua família. Entendeu? Dentro do... da juventude, se vocês querem autonomia, não é 'Ah não recebi, vou desistir. Ah, não conseguir ter o que eu queria, eu vou desistir'. Gente, pelo amor de Deus! Ou vocês, ou a juventude quer e busca, ou então faz o que a maior... a grande maioria faz, vai embora é... vai trabalhar para o capitalismo vai babar ovo de prefeito, de vereador, de deputado, de... do que seja, entendeu? Desculpa aí, Bruno, mas era só um desabafo mesmo.*

Para as lideranças comunitárias, se tratando da participação dos jovens nos espaços de articulação política das entidades e comunidades do Bico do Papagaio, as reflexões compartilhadas foram as de que existem etapas a serem cumpridas pelos jovens e que nem todos alcançam as condições necessárias para ocupar esses espaços.

***Liderança III (mulher):** Ela foi colocada, foi plantada uma sementinha ali pequenininha, né? E aí fomos inserindo aos poucos. Ainda temos um longo processo ainda pela frente, ainda não tá do jeito que a gente sonhou! Mas a nossa intenção é chegar lá, né? Mas já foi colocado uma semente.*

As lideranças mencionaram que o projeto Jovens em Comunicação ajudou os participantes a “criarem asas”, o que, embora tenha um lado positivo, competiria com o projeto de vida no campo. Outro aspecto destacado foi a frustração que alguns poderiam ter sentido por não terem conseguido emprego, apesar de sua participação no projeto.

***Liderança I (mulher):** Depois que eu me formei jornalista, eu vou ficar na roça fazendo o quê, menino? Vou é caçar brecha, entendeu? Agora sobre o projeto para nós é continuar com a juventude. É aquilo que eu falei, tem que ter o projeto para incentivar eles ficar na terra, mas é assim, tem que ter os equipamentos deles trabalharem, mas também tem o incentivo. Tem que ter o incentivo.*

Quando se trata da dimensão do incentivo ao projeto de vida no campo para enfrentar a evasão rural das juventudes, fica evidente que os efeitos gerados pelo projeto na vida dos jovens participantes, se concentram no surgimento de debates, dúvidas e desconfianças em relação à estratégia adotada. Essa característica está relacionada à compreensão das lideranças sobre os objetivos do projeto e suas expectativas em relação aos jovens participantes da ação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desse processo de investigação foi construído um referencial teórico para confirmar a hipótese de que seria possível caracterizar o objeto de estudo como uma prática educ comunicativa não apenas pela utilização de Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) em suas atividades educativas, mas também pelos seus objetivos fundantes, procedimentos pedagógicos e aspectos socioculturais que envolvem o contexto territorial da ação.

Como metodologia, a pesquisa se iniciou com uma revisão bibliográfica sobre os fundamentos do campo da Educomunicação. Desde a gênese do paradigma educ comunicativo como fruto do encontro dos campos da Comunicação e da Educação, seus princípios e valores, aspectos teóricos e metodológicos, áreas de intervenção e, finalmente, até a emergente educ comunicação socioambiental.

Esse processo de fundamentação teórica ajudou a compreender que o Projeto Jovens em Comunicação possui características educ comunicativas e pode, sim, ser enquadrado como uma ação deste campo, conforme previsto pela hipótese da pesquisa. O objeto analisado possui convergência com o campo da Educomunicação a partir de seus objetivos fundantes, valores, princípios teóricos e metodológicos, bem como em sua proposta educativa para suas práticas e modo de implementação no Bico do Papagaio.

Mediante a realização de um processo formativo em comunicação para juventudes rurais, o Projeto Jovens em Comunicação nasce com o objetivo de responder a dois anseios: 1) a necessidade de visibilizar as realidades rurais do Bico do Papagaio a partir da identidade e visão de suas entidades sociais, comunidades camponesas e tradicionais; 2) a crescente preocupação com a evasão dos jovens do campo e a ameaça à sucessão rural. Constata-se, portanto, um aspecto educ comunicativo já em sua gênese, uma vez que as ações do campo da educ comunicação dispõe do potencial de oferecer uma contribuição à sociedade em processos educativos contínuos com e para a comunicação, o que configuraria a dimensão ética da prática política e cidadã da Educomunicação, intrínseca a seus processos (Soares, 2014).

Soares (2014) trata da “utopia da educ comunicação” que aqui, nas considerações finais acerca das ações do Projeto Jovens em Comunicação, é entendida como a utopia que move processos educ comunicativos. No caso do projeto Jovens em Comunicação este lugar utópico seria uma nova realidade nos territórios do Bico do Papagaio: uma realidade sem as desigualdades que levam à evasão do jovens do campo e sem as necessidades socioeconômicas

que enfrentam, ocasionadas pela falta de oportunidades e de políticas públicas para estas juventudes invisibilizadas.

As vulnerabilidades socioeconômicas enfrentadas pelos jovens rurais que participaram do projeto atravessam suas vidas e influenciam na conformação de suas realidades cotidianas e de suas eventuais escolhas de vida. A partir da escuta aos jovens percebemos que a motivação primária para a permanência ou a não permanência em seus territórios de origem são fatores estruturais como a oferta de empregos, relacionada à necessidade de garantia de uma fonte de renda para subsistência, e o acesso à educação, nos níveis de ensino básico e superior.

O cenário de pobreza e desigualdade em termos socioeconômicos das comunidades e municípios se contrasta com as ricas paisagens naturais de comunidades camponesas e tradicionais que, apesar de ameaçadas, resistem ao avanço dos monocultivos de *commodities* de exportação das grandes fazendas que circundam os territórios. Na contramão desse cenário de homogeneização de paisagens e destruição socioambiental, essas comunidades mantêm seus roçados e plantações por meio de práticas da agricultura familiar e da agroecologia, bem como perpetuam práticas tradicionais, como o extrativismo sustentável e a pesca artesanal.

Ação educacional alguma, por si só, poderia sanar problemas estruturais como os que foram expostos ao longo desta dissertação. No entanto, o projeto Jovens em Comunicação ofereceu ferramentas concretas de enfrentamento, como a leitura crítica da mídia e da realidade, a valorização das culturas tradicionais e identidades rurais, e a prática concreta da comunicação voltada à transformação social que se dá localmente, em médio e longo prazos. Essas competências, se absorvidas pelos sujeitos, podem contribuir para o despertar de um processo de conscientização em nível individual e coletivo, tanto em uma dimensão humana quanto sociopolítica.

Soares (2014) lembra que antes de qualquer coisa a Educomunicação busca garantir o “acesso, a participação e a apropriação do caminhar de parte dos agentes implicados”, contemplando a dimensão cultural das ações executadas, valorizando o “saber local, comunitário e a representatividade de todos os membros do grupo” (Soares, 2014, p. 156). No projeto Jovens em Comunicação, foi este o caso.

A partir das entrevistas realizadas identificamos que os jovens absorveram valores e “metas de prática cidadã” (Soares, 2014, p. 157), não somente durante o decorrer das atividades do projeto, mas também após o encerramento das edições formativas. Todos os jovens relataram que estes princípios e os anseios pela transformação permaneceram, passando a compor suas identidades. Da mesma forma se deu a incorporação do uso das habilidades de comunicação e

expressão, ainda que em nível local, seja em suas casas, em seus trabalhos, nas universidades, nos espaços de participação das comunidades e entidades, entre outros.

A análise documental dos subsídios formativos, guias e roteiros metodológicos, bem como dos materiais de comunicação do projeto também corroboram nossa hipótese, já que foi possível observar que o projeto, nascido como uma “Oficina de Comunicação Popular”, configurou-se como uma prática educomunicativa desde a implementação de sua primeira edição, sem jamais ter objetivado oferecer meramente uma formação tecnicista voltada para a capacitação no uso das técnicas e ferramentas de comunicação para os jovens participantes.

Os documentos de subsídios e guias metodológicos analisados, apresentam objetivos e propostas de atividades práticas relacionadas, para além da mídia, ao compartilhamento de saberes e aprendizado a respeito das culturas e costumes de suas comunidades, e aprofundamento sobre suas identidades juvenis. Tudo isso a partir de atividades que utilizam as TICs como meio a um processo educacional, mas sem ter este como um fim exclusivo, caracterizando qualquer ação educomunicativa.

As ações educativas do projeto privilegiaram o “processo diante do produto”, visando alcançar os objetivos traçados pelo grupo em “médio e longo prazos” por meio de mudanças “prolongados e sustentáveis”, tal qual aponta Soares (2014, p. 156) ao explicar que a Educomunicação deve sempre buscar garantir a sustentabilidade dos processos.

De nada adiantaria focar em alcançar a perfeição técnica de produtos, como um texto para o blog do projeto ou mesmo para um vídeo, sem garantir que os jovens participantes compreendessem a importância das histórias e tradições das pautas destes materiais, bem como as razões para comunicar estes assuntos na sociedade que vivem e nas mídias que utilizam. Este foi um entendimento estratégico também constatado a partir das análises das entrevistas.

Aparici (2014), como enfatiza Soares (2011, 2014), destaca que esse aspecto está ligado à “lógica própria” da Educomunicação, que se distancia de um uso instrumental e “fordista” das tecnologias de comunicação em contextos educacionais, pois visa à promoção de “uma mudança de atitudes e concepções” (Aparici, 2014, p. 32).

O projeto Jovens em Comunicação também nos apresenta indícios concretos de práticas educativas e inspirações metodológicas que podem ser associadas ao que se compreende por Educomunicação Socioambiental, uma vez que as ações do projeto estão intrinsecamente ligadas ao objetivo central de enfrentamento de problemas socioambientais, como apontam Citelli e Falcão (2020) ao definirem o que balizaria a conformação dessa nova possível área de intervenção do universo educomunicativo.

Diante do colapso climático que acomete o mundo e do cenário de devastação que os povos indígenas, camponeses e tradicionais enfrentam cotidianamente, a questão ambiental não pode mais se configurar como um componente temático opcional ao pensarmos a elaboração e implementação de projetos sociais educacionais em contextos rurais e urbanos. O ambiente em que vivemos se conecta com o que somos e fazemos, compondo a realidade cotidiana de nossa sociedade, portanto, torna-se imprescindível a sua incorporação de modo estratégico e central nas práticas educacionais de nosso tempo.

O ação no Bico do Papagaio oferece pistas para a reflexão e o desenvolvimento de ações educacionais socioambientais, sendo algumas delas: 1) o lugar estratégico e transversal dos temas socioambientais na proposta pedagógica e no conteúdo programático dos módulos do projeto, garantindo a importância teórica e prática destes assuntos e não negligenciando ou distanciando tais temas do centro das discussões; 2) a relação intrínseca que o projeto faz entre a comunicação, a educação e o contexto ambiental em que estão inseridos os jovens (sujeitos das ações), de modo que o contexto ambiental influencie não somente na tematização das pautas, mas a forma de implementação das ações e de seus produtos; e 3) a conexão entre a prática cidadã, elemento central em qualquer processo educacional, e as demandas socioambientais, na prática, isso significa que os jovens participantes compreenderam que um problema emergente como o desmatamento ilegal em sua comunidade, ou as péssimas condições das estradas, também se configuram como demandas socioambientais e devem ser compreendidas e enfrentadas nessa perspectiva integral, combinando o fazer e pensar político, comunicacional e ecológico/ambiental.

Ações como a dos jovens rurais e comunicadores do Bico do Papagaio atestam que a Educação Socioambiental é uma realidade que tensiona o campo da Educação, proporcionando um alargamento de sua compreensão sobre a pauta ambiental e apresentando questões e demandas que merecem ser observadas, discutidas e trabalhadas do ponto de vista educacional e cidadão.

Elementos centrais do perfil das juventudes rurais no contexto brasileiro e, mais especificamente, do Bico do Papagaio, também foram retratadas nesta pesquisa. Com base nos aportes de autores da área da Sociologia das Juventudes, verificou-se a situação de invisibilidade social desta categoria (Weisheimer, 2005, 2013), o que aprofunda o cenário de negação de direitos e escassez de políticas públicas que acomete historicamente essas populações.

A partir da constatação de que as juventudes brasileiras e as juventudes rurais conformam uma condição social, percebe-se que projetos ou ações do campo educacional devem considerar demandas sociais e elementos culturais desta categoria, buscando assim fundamentar o planejamento de suas ações e de sua implementação prática. Do contrário os resultados e/ou impactos estarão sempre aquém do potencial destas ações.

O projeto Jovens em Comunicação demonstrou certa capacidade para atender a essa necessidade. Contudo, na análise dos relatos, também foram identificados limites quando se tratava da dimensão prática das atividades dos jovens do campo, sobretudo quando se esbarrava na problemática da comunicação intergeracional, que dificulta o processo de conquista da autonomia e do protagonismo dos jovens.

Com o aprofundamento sobre a tematização social das juventudes ao longo da história (Abramo, 1997), percebeu-se que a ação educacional no Bico do Papagaio mantinha um destacado potencial para desmistificar estigmas historicamente incorporados às juventudes em qualquer lugar do mundo, como o da rebeldia descompromissada com as demandas da realidade em que estão inseridos.

É certo que tais estigmas não são os únicos causadores dos problemas de relacionamento entre lideranças, anciãos e juventudes rurais do Bico do Papagaio, mas, evidentemente, adicionam uma camada significativa de dificuldade para essa comunicação interna. A ação educacional pode ajudar a mitigar esses problemas ao focar sua ação formativa nesse aspecto específico e promover um diálogo direcionado com os demais atores envolvidos no processo. O projeto demonstrou essa possibilidade ao desenvolver ações que incentivavam o encontro entre jovens e lideranças durante as etapas de elaboração de entrevistas, pesquisas e apuração de informação.

Segundo Soares (2014, p. 157), é parte da missão e do rol de potencialidades da Educação buscar garantir o “coeficiente comunicativo” de todos os grupos e pessoas envolvidas, se configurando como um “processo de formação contínuo”, portanto, focar as energias nos públicos secundários ou adjacentes ao projeto faz total sentido em uma perspectiva educacional.

A breve descrição da conformação territorial do Bico do Papagaio expôs a diversidade da região tocantinense, mas também destacou alguns aspectos políticos, socioeconômicos e territoriais que permearam a realização das três edições do projeto.

Os elementos sociais, culturais, identitários e políticos foram centrais na concepção e implementação da ação social realizada no Bico do Papagaio, e, por isso, a mobilização bibliográfica foi essencial às análises operadas na etapa final da dissertação.

A respeito da percepção dos públicos analisados sobre os impactos do projeto em suas vidas e nos territórios do Bico do Papagaio, verificou-se mudanças significativas nas dimensões averiguadas a partir das categorias de análise elaboradas.

Na dimensão dos aspectos educacionais, constatou-se que a maioria dos jovens adquiriu e/ou aprimorou habilidades de comunicação, deade a capacidade de expressão e mudança comportamental, passando ao uso e apropriação das TICs, com melhoria dos coeficientes comunicativos nos ambientes em que estão inseridos e também à aplicação desses aprendizados em suas vidas cotidianas.

Ao longo desta pesquisa, verificou-se que o exercício do protagonismo juvenil esbarra em problemas internos de comunicação. De acordo com a percepção dos públicos entrevistados, quando em ação, o projeto Jovens em Comunicação não foi capaz de sanar ou de encontrar um caminho de resolução promissor a essa dificuldade.

A questão dos relacionamentos intergeracionais deve ser mencionada mais uma vez pois é central e limita o desenvolvimento das ações de comunicação dos jovens no território, seja no âmbito do projeto Jovens em Comunicação, seja em outras esferas da vida dessas pessoas. Não cabendo a esta pesquisa fazer qualquer juízo de valor, constata-se que os públicos juvenis e as lideranças entrevistadas sentem a necessidade de serem melhor compreendidos e de haver uma maior colaboração de ambas as partes para que se diminuam as distâncias identificadas, ainda que tenham sido verificados alguns avanços nesses aspectos, conforme assumiram parte das lideranças entrevistadas.

Do ponto de vista educacional, constata-se que houve avanço no coeficiente comunicativo das relações e espaços frequentados pelos públicos analisados pela pesquisa, mas que, evidentemente, ainda existem passos a serem dados. Para além desta questão, verificou-se que os aspectos socioeconômicos e políticos possuem grande interferência quando se trata da temática do projeto de vida e da permanência no campo, configurando-se como aspecto de maior poder de influência em relação aos problemas de comunicação identificados.

Todos os jovens entrevistados admitiram que a falta de oportunidades em termos de empregos e de outras políticas públicas impacta diretamente na escolha sobre a permanência ou não em suas comunidades ou na região do Bico do Papagaio. Nem todos os jovens entrevistados

afirmaram ter vocação para o trabalho no campo, no entanto, a temática da migração se associou à escassez de estrutura, recursos, oportunidades e políticas públicas mencionadas.

A problemática do diálogo intergeracional acrescenta um fator de dificuldade a mais, se constituindo como um desafio a essas populações, embora, de acordo com o que foi averiguado nas entrevistas realizadas com o campo amostral que participou da pesquisa, não seja esta a maior responsável pela evasão rural.

A partir da realização das entrevistas e posteriores reflexões analíticas, ficou evidente que a prática educacional do projeto, contribuiu para a valorização das identidades culturais/tradicionais rurais juvenis dos públicos envolvidos, direta ou indiretamente, no projeto: os jovens e os moradores das comunidades camponesas envolvidas na ação.

As ações de comunicação dos jovens, desenvolvidas no decorrer do projeto, possibilitaram a realização de pesquisas que visavam resgatar processos históricos, levantar informações, apurar eventos e costumes tradicionais, entre outros. Os produtos desenvolvidos em linguagens textuais e audiovisuais também apontaram para essa valorização e preservação da memória desses lugares e grupos de pessoas, ações que foram reconhecidas pelos entrevistados e corroboradas pela análise documental realizada.

Essa distância entre os jovens rurais e as histórias, costumes e modos de vida camponeses e tradicionais de suas e de outras comunidades diminuiu, fato também apontado pela APA-TO e pelas lideranças entrevistadas. Foi averiguado também um movimento de aproximação entre os jovens e as lideranças a partir da busca pela compreensão das raízes culturais e históricas, apontando caminhos possíveis para a resolução de problemas de comunicação por meio de práticas educacionais.

Cabe enfatizar que a sistematização das documentações de procedimentos pedagógicos e dos roteiros metodológicos das atividades do projeto Jovens em Comunicação, dos produtos e materiais audiovisuais elaborados pelos jovens participantes, da avaliação dos resultados do projeto, bem como a discussão teórica, elaboradas a partir desta rica *práxis* nessa dissertação, podem se configurar como uma tecnologia social a ser aplicada e replicada, não somente no contexto do Bico do Papagaio, podendo ser também adaptada para outros contextos rurais, tendo em vista o propósito do trabalho educacional com públicos juvenis.

Evidentemente que seria necessária a elaboração de outra abordagem metodológica, voltada para a aplicação prática do projeto enquanto tecnologia, mas sem dúvidas o processo desta pesquisa atesta essa possibilidade e recomenda que seja este um dos desdobramentos do trabalho com essa dissertação de mestrado.

Destacamos também a contribuição da pesquisa para o PPGCOM-UFMS e vice-versa, uma vez que o programa ofereceu os aportes e suporte necessários para a construção deste trabalho com o rigor científico e contribuições significativas no campo teórico e prático a partir das disciplinas que foram ofertadas, dos artigos produzidos e publicados e dos projetos de extensão educacionais desenvolvidos. A Educomunicação no Mato Grosso do Sul pode ser objeto de variadas pesquisas acadêmicas e a conexão com as realidades rurais e juvenis que essa pesquisa apresenta também pode inspirar futuros trabalhos nesse segmento a nível regional.

Por fim, cabe enfatizar que esta pesquisa, apesar de restrita a uma única experiência e com uma análise qualitativa a partir de um campo amostral limitado, embora representativo, colabora para o reconhecimento da Educomunicação como uma plataforma de potencial para transformação de realidades em contextos rurais com públicos juvenis.

A prática educacional no Bico do Papagaio provou possuir essa capacidade e colheu resultados concretos de transformação e aprimoramento de fluxos de comunicação que impactam uma série de aspectos na vida das pessoas envolvidas naquele contexto camponês, incluindo a comunicação interpessoal entre as pessoas envolvidas nas ações, a comunicação interna nas comunidades e entidades, externa (das comunidades e entidades para a sociedade e imprensa), a valorização da cultura e das identidades locais, a preservação da memória e aspectos relacionados ao projeto de vida no campo, assim como a questão do trabalho na terra e a sucessão rural.

A Educomunicação, enquanto práxis social e educativa, não apresenta fórmulas exatas para resolução de problemas ou para o preenchimento de invisibilidades estruturais de realidades negligenciadas pelo estado e pela sociedade, mas pode se configurar como um meio, um caminho, para a construção de processos de transformação a partir da utilização da comunicação e da educação, promovendo autonomia para as pessoas envolvidas, abertura ao diálogo e à participação, protagonismo aos sujeitos, independentemente de suas condições ou categorias sociais. Tudo isso alicerçado em uma prática cidadã que valoriza e se enraíza nas culturas e identidades de cada contexto.

Esta pesquisa mostra que a Educomunicação praticada no Bico do Papagaio entre 2015 e 2018, junto a jovens rurais, apresenta tais aspectos e nos ensina que a partir do chão dos territórios camponeses e tradicionais muito se pode fazer, apesar dos desafios históricos e conjunturais impostos às pessoas desta região.

Os jovens “em Comunicação”, movidos por utopias, existem e prosseguem “educucomunicando”.

REFERÊNCIAS

- ABRAMO, H. W. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*, [online], n. 05-06, p. 25-36, 1997. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S141324781997000200004&script=sci_abstract. Acesso em: 11 nov. 2023.
- APARICI, R. *Educomunicação: para além do 2.0*. São Paulo: Paulinas, 2014. (Coleção Educomunicação).
- BACCEGA, M. A. Comunicação/educação e a construção de uma nova variável histórica. In: CITELLI, A. O.; COSTA, M. C. C. (orgs.). *Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento*. São Paulo: Paulinas, 2011. (Coleção Educomunicação).
- CASTRO, E. G. *Entre ficar e sair: uma etnografia da construção social da categoria jovem rural*. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.
- CASTRO, E. G. Os jovens estão indo embora?: Juventude Rural e Reforma Agrária. *Revista Proposta*, n. 107/108, dez. 2005/mar. 2006.
- CASTRO, E. G.; CARVALHO, J. G.; DULCI, L.; TIBÚRCIO, F. S. *Relatório Final Diagnóstico Participativo da Realidade das Juventudes Rurais da Região do Bico do Papagaio - TO*. 2020. (Relatório de pesquisa).
- CITELLI, A. O.; FALCÃO, S. P. Comunicação e educação: uma contribuição para pensar a questão ambiental. *Comunicação & Educação*, São Paulo, v. 2, p. 15-26, 2015. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/100391>. Acesso em: 25 out. 2023.
- COSTA, M. E. B. In: DUARTE, J.; BARROS, A. (orgs.). *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. São Paulo: Atlas, 2005.
- DAYRELL, J. *O jovem como sujeito social*. 2007. *Revista Brasileira de Educação*. 2003, n. 24, p.40-42. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1413-24782003000300004&lng=es&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 20 de abr. 2024.
- DUARTE, J. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, J.; BARROS, A. (orgs.). *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. São Paulo: Atlas, 2005.
- FALCÃO, S. P. *Interfaces colaborativas em comunicação e educação ambiental*. São Paulo: S. P. Falcão, 2018. 507 p. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação – Escola de Comunicações e Artes / Universidade de São Paulo.
- FREIRE, P. *Extensão ou comunicação?* 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- GOLDENBERG, M. *A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- GROPPO, L. A. *Introdução à Sociologia da Juventude*. Jundiaí: Paco Editorial, 2017.
- HALL, S. *Cultura e representação*. Rev. Técnica Arthur Ituassu. Trad. D. Miranda e W. Oliveira. Rio de Janeiro: PUC-Rio: Apicuri, 2016.
- HAESBAERT, R. *Território e descolonialidade: sobre o giro (multi) territorial/de(s)colonial na América Latina*. 1. ed. Cidade Autônoma de Buenos Aires: CLACSO; Niterói: Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal Fluminense, 2021.

IBGE. *Pesquisa nacional por amostra de domicílios: síntese de indicadores 2015*. Coordenação de Trabalho e Rendimento. Rio de Janeiro: IBGE, 2016.

INTERVOZES – Coletivo Brasil de Comunicação Social. *Relatório Direito à Comunicação no Brasil 2017*. São Paulo: Licença Creative Commons Attribution-ShareAlike 4.0 International (CC BY-SA 4.0), 2018.

KAPLÚN, M. Processos educativos e canais de comunicação. In: CITELLI, A. O.; COSTA, M. C. C. (orgs.). *Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento*. São Paulo: Paulinas, 2011. (Coleção Educomunicação).

LOPES, M. I. V. *Pesquisa em Comunicação*. 7. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

MARTÍN-BARBERO, J. *A comunicação na educação*. São Paulo: Contexto, 2021.

MARTÍN-BARBERO, J. Globalização comunicacional e transformação cultural. In: MORAES, D. (org.). *Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

MARTIRANI, L. A. Comunicação, Educação e Sustentabilidade: o novo campo da Educomunicação Socioambiental. In: *XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, Natal, RN, 2 a 6 set. 2008.

MESQUITA, N. G.; PINHEIRO, R. M. Os desafios para a continuidade da Educomunicação no ensino público em Campo Grande. In: OTA, D. C.; FERNANDES, M. L.; FENELON, T. T. (orgs.). *Regionalidades e discursos midiáticos: mapeamento e análise em Mato Grosso do Sul*. 1. ed. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2020.

PINHEIRO, R. M. *A Educomunicação nos centros de pesquisa do país: um mapeamento sobre a produção acadêmica com ênfase à contribuição da ECA/USP na construção do campo*. Tese (Doutorado) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

SÁEZ, C. O. *Esse objeto obscuro da pesquisa: um manual de método, técnicas e teses em antropologia*. Edição do autor, 2013.

SANTOS, M. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SANTOS, M. *Por uma geografia nova: da crítica da geografia a uma geografia crítica*. 6. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

SOARES, I. de O. *Caminhos da Educomunicação: utopias, confrontações, reconhecimentos*. In: APARICI, R. (org.). *Educomunicação: para além do 2.0*. São Paulo: Paulinas, 2014. (Coleção Educomunicação).

SOARES, I. de O. *Educomunicação: as múltiplas tradições de um campo emergente de intervenção social, na Europa, Estados Unidos e América Latina*. In: LIMA, J. C. G. R.; MELO, J. M. de (orgs.). *Panorama da comunicação e das telecomunicações no Brasil: 2012/2013*. Brasília: Ipea, 2013.

SOARES, I. de O. *Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do Ensino Médio*. São Paulo: Paulinas, 2011.

SOARES, I. de O. (org.). *Educomunicação e suas áreas de intervenção: novos paradigmas para o diálogo intercultural*. São Paulo: ABPEducom, 2017. ISBN 978-85-68365-07-6.

SOARES, I. de O. *Meio ambiente: gestão pública e educomunicação*. *Comunicação & Educação*, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 133-136, 2012. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/73552>. Acesso em: 20 ago. 2023.

SOARES, I. de O. “*Educomunicação: um diálogo com os cursos de Comunicação Social, no Brasil*”. In: ALMEIDA, F. F. de; CARILHO, K.; BASTOS, R. (orgs.). *Realidades e perspectivas do ensino de comunicação no Brasil*. São Paulo: Fórum ENSICOM - INTERCOM, 2017. p. 22-41. ISBN 978-85-8208-106-8. Disponível em: http://www.portcom.intercom.org.br/ebooks/ensicom/ebook_ensicom_2017.pdf. Acesso em: 19 ago. 2024.

WEISHEIMER, N. *Juventudes rurais: mapas de estudos recentes*. Brasília: MDA, 2005. Disponível em: <file:///C:/Users/Bruno/Downloads/14%20-%20Juventudes%20rurais%20-%20mapa%20de%20estudos%20recentes.pdf>. Acesso em: 19 ago. 2024.

WEISHEIMER, N. *Sobre a invisibilidade social das juventudes rurais*. 2013. *Revista Desidades*, Rio de Janeiro, vol. 1, ano 1. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2318-92822013000100003. Acesso em: 19 ago. 2024.

OLIVEIRA, N. M.; ESTRASSBURGO, U.; CRESTANI, L. A. *Conflitos agrários no Bico do Papagaio - Tocantins*. *Revista Ideias*, Rio de Janeiro, v. 8, p. 104-134, 2014. Disponível em: <http://revistaideias.ufrj.br/ideias/ojs/index.php/ideias/article/view/160>. Acesso em: 25 ago. 2023.

APÊNDICES

APÊNDICE A – ENTREVISTA EM DUPLA COM JOVEM I E JOVEM II

Entrevistador: Eu deveria ter perguntado agora que eu comecei a gravar, né? Vou perguntar, eu posso gravar? Vocês autorizam gravar?

Jovem I: Sim, pode. Pode sim.

Jovem II: Pode. Pode gravar.

Entrevistador: Tá, obrigado, fechou. Vocês sabem como é que as normas, não é? A gente tem que ter tudo gravadinho.

Jovem II: Sim.

Entrevistador: Perfeito. Beleza, gente! Então eu vou explicar rapidamente a proposta, mas mais uma vez, muito, muito obrigado por vocês estarem tirando um tempinho de vocês e vou tentar fazer da maneira mais rápida possível. É, eu estou fazendo mestrado em comunicação, né? Na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, o estado onde eu moro atualmente, e essa pesquisa faz parte da minha pesquisa de mestrado, né? E essa pesquisa desde o início, eu comuniquei à APA-TO que eu vou oferecer essa pesquisa integralmente para APA-TO, que é a gestora, uma das gestoras, do projeto jovens em comunicação, né? Então é, o que a gente, é... Falar por aqui e, com base nesses dados eu for desenvolvendo a pesquisa e avaliação, porque a pesquisa se propõe a avaliar também o processo dos jovens em comunicação. O que for, o que sair de resultado dessa avaliação do projeto, eu vou passar para APA-TO e para a Rede Bico. Para todas as organizações que tiverem interesse. E eu já me disponibilizei para APA-TO, para ir ao Bico do Papagaio apresentar a pesquisa, se for do interesse de vocês, da APA-TO, das lideranças das comunidades, né? Eu não vou chegar aí sem... sem autorização, mas se vocês quiserem, eu vou e apresento o resultado da pesquisa mais pra frente. Se Deus quiser, eu finalizo em agosto. A partir de setembro a gente pode recomeçar, se Deus permitir, a gente finaliza, tá bom? Então essa é a proposta geral, né? Eu estou pesquisando juventudes e comunicação a partir dos jovens em comunicação, que é o melhor projeto que existe na minha opinião. Então a gente vai fazer dessa forma, beleza!? Mas então é... Gente, essa pesquisa não tem vínculo com a APA-TO, não tem vínculo com nenhuma das organizações do Bico. Vocês... Eu estou falando isso porque, porque vocês podem ficar muito à vontade para falar da maneira que vocês quiserem, falar o que vocês quiserem. Eu vou fazer algumas perguntas aqui, que tem a ver com o projeto, com os procedimentos do projeto, com a vida das juventudes. E eu quero que vocês respondam da maneira mais confortável e livre possível. Inclusive fazendo críticas, se houver crítica, né? Trazendo avaliações que não sejam necessariamente positivas. Se vocês quiserem, tá bom!? Então é isso. E se vocês não quiserem que o nome de vocês seja revelado, assim será feito. A gente pode deixar anônimo, né? Então, se [nome da Jovem] não quiser lá que eu coloque “Jovem II” na pesquisa, eu coloco “jovem que participou de uma das três edições do projeto” e ponto, né, certo? Alguma questão sobre a proposta?

Jovem I: Não, tá tranquilo, tranquilo.

Entrevistador: Beleza. Então vamos começar aqui. Bom, gente, primeira pergunta. Aí, como vai funcionar? Vou fazer as perguntas e vocês falam quanto vocês quiserem, tá? Então vamos

lá! O entendimento. Primeira pergunta, né? Gente, o entendimento daquilo que vocês sabiam, né? Do que era a mídia e de como funcionavam os meios de comunicação mudou após vocês participarem do projeto Jovens em Comunicação? Essa é a pergunta. Então, aquele Jovem I antes da primeira etapa, não o Jovem I de hoje, professor, fazendo um monte de coisa, aquele Jovem I antes da primeira etapa, e aquela Jovem II antes da primeira, da primeira vez que participou. Você participou da primeira também, né? Jovem II?

Jovem II: Eu participei do primeiro

Entrevistador: Do primeiro, né? Então aquela Jovem II antes da primeira etapa e aquele Jovem I antes da primeira etapa, para a Jovem II que existe hoje, e pro Jovem I que existe hoje, mudou o entendimento que vocês têm, do que é a mídia, de como funcionam os meios de comunicação?

Jovem I: Pra mim mudou muito. Eu, sendo bem sincero, eu era bem manipulado pela mídia, né? Pela internet. Apesar de 2015, por aí, não era tão popular a questão do Instagram, né? Como hoje. Eu usava mais o Facebook, inclusive até as páginas do jovem comunicação foi feito essa... essa, não sei se a Jovem II lembra, né?

Jovem II: Aham.

Jovem I: A gente fez no Facebook, né? Ela estava ali no auge do WhatsApp e tal, inclusive tinha alguns jovens que nem tinha celular na época, né? Então a gente era muito manipulado pela TV mesmo, sabe? É as notícias, os programas, sabe? Aí é eu... eu fiquei até um pouco meio estranho, porque uma das atividades foi você na TV. Não sei se a Jovem II lembra que a gente fez isso?

Jovem II: Lembro!

Jovem I: Fizemos na TV, como jovem do campo representado. Eu fiquei, eu vou falar o que que nós não somos, o que nós não somos representados na mídia!? Aí nós mostremos a nossa realidade, né? Do dia a dia, o que é que a gente faz, tal. Só que... é... foi uma experiência boa nisso, né? Mas, se eu for pegar o Jovem I como era antigamente e o Jovem I de agora, nossa! Eu amadureci muito! Hoje eu tenho... eu sou crítico, né? Pra falar em relação a algo ali que acontece, um vídeo, principalmente hoje em dia com a inteligência artificial, com todos esses meios que é usado. Que o jovem ele é muito fácil as pessoas falar, “Ah, mas o jovem ele tem muito acesso à informação. Ele tem muito isso e aquilo”, mas ele é muito fácil ser, ser manipulado, muito, muito fácil mesmo. E ainda mais um jovem do campo, né? Que às vezes fica só recebendo, só recebendo do que vem lá de São Paulo, do Centro-Sul, né? Só recebendo, recebendo, recebendo. Aí a gente não tem nem o que falar. A gente naquela época, né? Não tinha nem o que falar, só recebi.

Jovem II: É, eu também vou comparar o que a gente é minha visão hoje, né? Depois que a gente participou da escola é... de comunicação, né? Do curso. É, para mim foi uma experiência assim, muito diferente. É assim como Jovem I acabou de falar que uma dos objetivos nosso de participar dessa, dessa formação, era realmente transmitir, né? Aquilo que nós, a comunidade onde a gente vivia, né? Para transmitir aquilo que a gente vivia realmente, por nós. Porque às vezes quem estava de fora, ele ia transmitir aquilo que ele via de fora, mas quem era que sabia realidade dentro seria nós, né? Então... é nessa visão, eu acredito que é... o Jovens em Comunicação me trouxe, trouxe para a minha experiência bem diferente, porque a gente conseguiu ver os dois lados. Tanto como é, é espectador, mas também como aquele que

comunica, né? Então, diferente de, de uma pessoa que às vezes ele não passa por essa informação e toda assim, o processo de você ter participado é em... no curso, né? Com os colegas que vivia também um pouco parecido com você, mas também realidades diferentes, é isso, isso trouxe para mim muito essa visão, de olhar que nem todo mundo ele vive igual. Por exemplo, quem vive aqui na comunidade, ele tem uma cultura diferente de quem vive no Santa Juliana, no caso o povoado onde o Jovem I, né? Foi criado, nasceu. Então assim, a forma de vida deles, a forma de do que eles tratam lá é... é muito diferente do que a gente vive aqui. Então assim, a gente olhando por essa realidade, o é, o Jovens em Comunicação, ele trouxe muito isso pra gente, né? Então eu hoje, se eu for olhar assim, o Jovens em Comunicação me trouxe essa forma de, de, de... valorizar aquilo que a comunidade tem, né? Os, os potenciais, as comunidades rurais elas tem uma potencialidade muito grande e a gente não via isso. Eu mesmo realmente, quando eu fiz o vídeo nosso que falava sobre o, é... os espaços de lazer, que a gente fez um vídeo, eu fiquei olhando assim, Meu Deus! Que tem tanta coisa e a gente não via, né? A gente não percebia. Mas quando a gente foi passar por Jovens em Comunicação, tínhamos que retratar aquilo que a comunidade tá fazendo. E aqui daria assim, é, me despertou um olhar assim. Tanto que eu de lá para cá, fiz dois documentário, né? Eu já fiz dois, já fiz dois documentário. Eu fiz um aqui que falava do... da histórico do padroeiro da cidade, né? Que é da Igreja Católica. A histórica de vida de quando chegou o padroeiro. Então eu fui fazer aquele, aquele roteiro todinho. Eu fui colocar em prática todo o roteiro que eu aprendi no Jovens em Comunicação. Não fiz sozinho, eu consegui, eu fui atrás de outros colegas, né? E eu consegui fazer as gravação, né? Não estava assim, com aquele suporte todo, mas a gente conseguiu fazer. É, e deu assim, um impacto muito grande na cidade, né? Que o pessoal assistiram bem no dia do encerramento, cheio de gente a praça. E aí a gente fez, não é? Fez algumas entrevistas com alguns, alguns moradores mais antigos, e fez uma, aquele histórico todo, aquele resgate. Eu gosto muito de história! Eu acho que eu era uma do, da, do uma das coisas que eu tinha que estudar mesmo era história. Eu gosto, né!? E aí, agora, eu fiz recentemente a história da nossa comunidade, né? Assim, contando a história da minha vó, de como eles chegaram aqui, como que eles era a luta pela terra e como eles conquistaram. Aí fui mostrando as potencialidades da comunidade relacionada à cultura culinária, né? E aí assim, pra mim isso deu um impacto grande, porque assim ficou na minha memória, é... aquela forma de ver a comunidade de um olhar diferente e não somente a comunidade, mas tudo aquilo que eu vivo hoje, por exemplo, hoje eu trago pra minha vida, né? O Jovens em Comunicação eu trago pra minha vida! Então, foi um aprendizado muito grande que vai servir também para mim. Com certeza no futuro vai servir, né? Hoje eu não vejo mais as coisas como eu via antes. Tudo que eu vejo agora eu faço uma crítica em cima, por exemplo, hoje se eu vejo uma reportagem, eu já procuro, fico lá, fico pensando, mas será que essa reportagem, será que é verdadeiro? E o outro lado da história, será que tem, né? Então, assim, aí já cresceu um olhar crítico, né? Em cima daquilo que a gente tá vendo.

Entrevistador: Caramba, gente, que legal! É, é difícil estar na minha posição de pesquisador porque eu não posso comentar nada. Tem que tentar ser frio. Mas como a gente é frio se a gente tem carne e osso, né? Caramba, como é bom conversar com vocês. Mas não vou falar mais nada, se não o povo da universidade briga comigo. Mas vamos lá! A próxima...

Jovem II: Olha, aí Jovem I (risos).

Entrevistador: O próximo... É difícil, tem que ser frio, né? Nessas horas. Depois a gente conversa. A próxima pergunta aqui. Agora vocês já responderam um pouco, né? Essa pergunta aqui, mas eu vou fazer ela mesmo assim. A pergunta é, a habilidade que vocês tinham de usar as ferramentas de comunicação, como um celular, uma máquina fotográfica, até mesmo

computador, ea habilidade que vocês tinham de usar as linguagens de comunicação, a escrita, a fotografia, o vídeo, essas habilidades mudaram depois que vocês fizeram o Jovens em Comunicação, né? Então, voltando à Jovem II de antes e o Jovem I de antes pra Jovem II e pro Jovem I de agora.

Jovem I: Eu mudou tanto que agora eu dou aula de redação.

Jovem II: Ó aí, ó!

Jovem I: Mudou tanto e eu nem sabia que eu tinha habilidade para escrever, mas de tanto a gente fazer ali, matutar e falar, “olha, você pode ser melhor. É isso, é aquilo. Olha, faça isso. A Jovem II vai lembrar lá da [educador/a APA-TO].

Jovem II: Isso.

Jovem I: É quando a gente disse, opa! “*Não, você pode ser melhor. Não, você pode fazer isso.*” Então eu comecei a escrever tanto que eu gostei de escrever. E quando eu fui fazer as provas, minha nota, aumentava muito em redação. Aí eu: “*cara, eu acho que eu tenho uma...*” não é que eu sou bom, mas aquela habilidade, né? De praticar aquilo. Aí eu comecei a ensinar. Inclusive até os jovens em comunicação, o Indiano muita gente, né? Aqueles aqueles horários lá que a gente estava ali conversando, estava dando dicas, né? Olha isso aqui, olha isso, aquilo. Tipo assim, ele também já tá fazendo, é... faculdade. E tantos outros, né? Então foi daquela época que a gente vem, né? Com essas, essas habilidades que a gente acaba adquirindo. Eu não sabia tirar foto, de jeito nenhum. A gente pensa que tirar foto pegou o celular e fazer de qualquer jeito, né? Lá a gente aprendia certinho, é... o enquadramento, a questão da luz, o espaço, a questão do vídeo, barulho, tal, e esse tipo de coisa. Então, são coisas que a gente aprendeu lá mesmo nas oficinas, né? E a gente leva hoje pra... é, comunidade, né? A gente leva para nosso dia a dia, a faculdade, né? Os eventos, a gente tira lá, “*Ah, vamos chamar o Jovem I, ele sabe tirar foto certinho. Ah, vamos chamar não sei quem que ele, ele tem, ele gosta de escrever. E ah, vamos chamar não sei o quê.*” Então isso tudo é que a gente leva pra nossa vida, né? A gente vai levando, a gente nem percebe que tudo aquilo que a gente faz, que a gente fazia, é que a pessoa fala: “*Nossa, você chegou aqui na faculdade com habilidade já disso.*” Mas que a gente já vem antes, né? Com aquela experiência que é que a gente teve, né? Eu, eu, por exemplo, eu sou bem tímido para falar em público. Eu não gosto muito de falar em público. É... está se me comunicando. Mas aqueles, aquelas rodas de conversa, para a gente estar ali se comunicando, falando, nossa! Me ajudou, me ajudou muito e me ajuda bastante!

Jovem II: Eu, eu, até que assim no texto é mais ou menos, né? No texto eu sou um pouco ruim, né? Mas relacionado à questão da, assim, principalmente de me expressar, né? Eu sempre eu não sei se é porque, mas eu aprendi muito também lá, né? No Jovens em Comunicação é a questão das, das fotos. É uma das coisas que eu gosto de fazer, é tirar foto! Eu gosto muito de tirar foto! Eu só não tenho uma câmera muito legal, né? Inclusive vou no projeto que eu fiz, eu ia comprar uma câmera, mas só a câmera cobriu o projeto todo, aí eu não tive como. Mas é... é uma das coisas que eu tô pensando ainda em compra assim, uma máquina, um pra gente tirar foto bem legal. Mas eu, eu mudei muito essa questão. Inclusive quando eu vou tirar foto com alguém ou quando alguém está tirando uma foto eu sempre gosto dar uma dica nessa. “*Ah, mas tu é chata!*” às vezes quando é... (risos) “*Ah, mas tu é chato.*”, “*Não, mas ali atrás tem um lixo, ali atrás tem isso, tem aquilo. Gente, olha, aqui é melhor! A luz aqui está melhor.*” Então assim, essas dicas, aprendi tudo foi lá, né? Porque nós tivemos também muita, assim no Jovens em Comunicação nós tivemos assim uns orientador muito bom, né? Que é aí o [educador/a APA-

TO], tivemos aí o [educador/a APA-TO] também, ajudou bastante aí com nós, e a [educador/a APA-TO] no texto. E foi muito bom! Então assim, é... muitas coisas mudou a visão, né? Relacionada a isso, aprendi muito. E sempre quando eu vou pensar em fazer um texto também, eu, eu, eu, eu tento melhorar. Não é!? Relacionado por esse lado.

Entrevistador: Maravilha! E como era o ambiente e a comunicação durante as atividades do projeto?

Jovem I: Era um ambiente assim, bem agradável, bem agradável! A gente não chegava de forma seca. “*Ó, vamos produzir aqui algo*”, não, tinha todo uma preparação, né? Tinha toda aquela explicação, aqueles momentos, aquelas dinâmicas, né? Aquelas místicas, né? Que era feito. Aquelos momentos de apresentação, aquelas oração. Então, aquele tudo ali quebrava o gelo para que, quando você fosse se, se expressar, na hora de produzir a foto, você estava até ali mais *relax* vamos dizer logo, assim. Então a gente é... fazer as atividades um pouco bem mais leve. Às vezes, até chegava o horário de, é, almoçar, mas a gente estava ali, tão envolvido naquilo que a gente perdia até a fome. A gente, “*vish, já é doze e pouco!*”, a gente nem percebia, entendeu? Mas é por causa daquele momento que a gente fica ali com o pessoal. A gente acaba esquecendo, né? De algumas necessidades que a gente tem, como comer, ir no banheiro, tal, esse tipo de coisa. Então, é... o... aquele espaço é, o local também ali, o local que a gente fez, lá no sindicato que a gente fez, lá na EFA... então, aquele lugar ali também contribuiu muito em relação ao mesmo, aquele ambiente ali, é a questão do mato, a questão da palmeira. Tudo ali era ambiente similar ao que a gente vê no dia a dia de na... na comunidade. Com a palmeira, a gente ver uma galinha, ver um pouco. Então aquilo ali a gente tava tão em casa, né? Parece que eu tava em Esperantina a não sei quantos quilômetros de Axixá, mas estava me sentindo e Axixá.

Jovem II: É o espaço, contribuiu muito também, né? Eu, eu assim, sinceramente, quando a gente ia pro Jovens em Comunicação, Avé Maria, eu ia feliz demais, né? Podia ter qualquer coisa que tivesse. Ah, eu ia feliz da vida, porque eu já sabia que lá eu ia encontrar uns amigos. Pra mim, são como se fosse irmãos. Lá a gente criou um laço de amizade muito forte, né? Aí tá, eu o Jovem I, nós conversa, de vez em quando a gente conversa, né Jovem I? Mesmo distante aí. Mas a gente toda vez, quando a gente se conversa, comenta as coisas um do outro aqui. E a Tati, a Tatiane, tá tá, lá e em Portugal para lá. Portugal não, lá em... na Espanha para lá. E a gente ainda conversa. Então assim, é... é o Jovens em Comunicação, assim, o espaço que foi utilizado para a gente fazer as capacitação é... também contribuiu muito para, porque vamo dizer assim, quem está mexendo com comunicação tem que ter um espaço bem calmo, um espaço que deixe tranquilo, que lhe favoreça a você pensar, né? Eu tinha um dia, quando a gente ia pra mexer com o texto, principalmente o texto, eu esquentava tanto a cabeça, tinha dia que eu saía parecer que... eu dizia, “*meu Deus, eu não vou dar conta mais não*”. Tipo assim é... é, eu mexia com texto e aquilo assim, ia esquentando a cabeça, mas por ser um local tranquilo, quando a gente saía ali, que ia dar uma voltinha, é um espaço, era muito favorável, muito bom. Então, isso contribuiu muito com a gente, né?

Entrevistador: Bacana, gente! E o que vocês achavam da maneira como era transmiti... como eram transmitidos os conteúdos, você já comentaram um pouquinho, né? É... os ensinamentos, né? Os conteúdos do projeto Jovens em Comunicação. E aí, queria que vocês pensassem assim, o que mais ajudava, e o que talvez menos ajudasse, poderia melhorar?

Jovem I: Eu acho que o conteúdo... é o conteúdo estava bem adaptado com a nossa realidade. Eu acho que a forma como é... você, né? E a [educador/APA-TO], [educador/a APA-TO] vinha

é, de acordo já com a nossa realidade ali, do que a gente vive, a forma como a gente até se comunicar, ao escrever, tinha alguns colegas, tinha um pouco dificuldade ali, na escrita, na fala. Então, sempre tudo ali era repensada. Eu vi aqui em cada módulo, tipo o primeiro módulo, o pessoal muito tímido, ninguém falava com ninguém aí tinha... tinha aqueles momentos lá. Então, já no outro módulo, é a pessoa que está ali à frente, no caso vocês os monitores, a APATO, já trazia, já outras estratégia, né? Já outra forma. *“Hoje vamos fazer isso, vamos fazer isso, aquilo”*. Então é, eu acho que essa parte de... é, de ensinar essa parte dos materiais que foi fornecido também a questão da câmera, a questão dos computadores para quem não tinha, é... a questão de revistas, a questão de tudo isso contribuiu bastante. Porque, às vezes, é... a gente já produziu uma reportagem, mas só que a gente não tinha um... tinha pessoas que nunca tinha lido, por exemplo, com reportagem, né? Não sabia como é, como fazer uma notícia. Então aí tinha todo é... trazia um vídeo, né? De, de, de, de outras ONGs e de outros movimentos, né? E mostrava para nós lá aquela questão lá do índio, do negro, a questão disso e aquilo. Isso aí acabava é... dando aquela ideia pra gente, *“olha, poder, eu posso fazer isso, eu posso fazer aquilo”*. Aquele, aquele ângulo, aquele, aquele formato, né? Então tudo isso é...dava... tudo isso, ajudava a criar ideias para nós.

Jovem II: É, eu também achei assim que foi muito, muito... é... positivo, não é? A gente vê que tinha... tinha uns colegas que às vezes não tinha habilidade para muito para texto, né? Aí ele dizia, aí a gente dividia, *“não, você não tem habilidade muito para texto, então vamos você ficar com a Câmera”*, né? Então assim, essa metodologia assim foi criada, a forma que foi passado pra gente no Jovens em Comunicação. Eu gostei porque, tipo assim, eles sabiam que o tipo de pessoas que eles estavam aplicando curso, né? Que eles estavam levando aquela formação. Isso contribuiu para que muitos de nós ali tivéssemos aquele aprendizado mais, mais proveitoso, né? Então... é, eu lembro que tinha o [nome de outro Jovem]. O [nome de outro Jovem] é um, é um... é, parente nosso, que ele era aqui da comunidade e ele, assim, ele não era muito de falar em público não. Mas, moço, depois do Jovens em Comunicação ele se tornou um papagaio. Hoje se você vê que não tem medo de falar nada meu (risos). A gente, dizia assim que ele era meio... que falava meio rápido, mas a gente gostava de dizer para ele e tal, *“ó o texto assim, assim, assim”*, ele num texto não era muito boa, não. Era na câmara, já tinha uns que tinha mais habilidade, ela tinha mais habilidade para na hora de fazer alguma outra coisa. Então, assim, foi trabalhado de uma forma muito, muito positiva. É... olhando a realidade de cada um tem habilidade, né? Que nem todo mundo é bom de texto, nem todo mundo é bom de mexer com câmera. Então achei que foi uma forma muito foi impositiva.

Entrevistador: Beleza! Participar do Jovens em Comunicação ajudou vocês a se comunicarem melhor com as pessoas e com a comunidade de vocês? Pergunta.

Jovem I: Olha muito. Muito mesmo. Hoje, quem está à frente da Igreja Santa Juliana, que é onde a gente mora, é eu e meu irmão, o [nome do irmão] Então a gente...

Jovem II: Segura Jovem I!! (risos)

Jovem I: ...Então a gente que... que cuida todo dos noitários, como é que o ambiente é agradece... A gente fica se perguntando: *“meu Deus, como é que a gente chegar a esse ponto, né?”* A gente fazendo as coisas, todo mundo só elogio. Então tudo isso foi graças a esse momento. Hoje, o devido à faculdade, eu não posso participar dos eventos de lá, né? Mas o meu irmão é, é... tipo assim, cada pessoa tem a sua, a sua forma, né? Eu mesmo gosto muito de estudar tal esse tipo de coisa. Já ele gosta muito de lado do campo, né? De ficar lá em casa, de... de de cuidar das pequenas é... criação de roça, tipo assim, ele passa o dia todo no sol lá e

ele é super feliz, sabe? No final do dia vai jogar bola de boa, e eu já gosto da minha... essa minha loucura. Então... então tudo isso é... esse... é essa experiência nossa lá a gente leva para dentro da comunidade, né? Quando tem é reuniões... Inclusive as pessoas até conhece a gente, né? “Ah isso e aquilo”. Então aquele momento do dos Jovens em Comunicação foi um momento muito bom, porque a gente é... presenciou muitas coisas. Tipo assim, uma coisa é você ser criado lá desde criança, igual eu fui criado lá, eu conheço todos os moradores de lá, né? Outra coisa é você falar sobre o que acontece lá, é... os eventos, a cultura. Tipo, é uma coisa que me marcou muito foi quando o lote do seu [nome de um senhor da comunidade], eu acho que a Jovem II se lembra, queimou, né? E queimou a banana, (risos).

Jovem II: É o quê!?! (risos).

Jovem I: Ô meu Deus! (risos). Queimou a banana dele, lá. Aí eu fiz o vídeo de tudo isso, tal, que teve um incêndio lá muito grande. Aí, tipo, a Dona [nome de uma senhora da comunidade] que é a esposa dele, chorou, tal. Então foi um momento assim tão assim chocante pra gente, né? Que até hoje quando eu vejo ela, eu lembro disso. Eu lembro das bananas deles, eu lembro de tudo.

Jovem II: Ô! Foi mesmo eu lembro!. É o cartão correto vai fazer um vídeo.

Entrevistador: Foi um incêndio Jovem I?

Jovem I: Sim, foi um incêndio!

Entrevistador: Ah caramba!

Jovem I: O incêndio pegou a Serra do Estrondo. Não sei se você se lembra. Se lembra da Serra do Estrondo aqui em Axixá? Sim, pegou a Serra do Estrondo, aí pegou, é... uma parte da comunidade, aí queimou muita coisa, né? Queimou os lote do pessoal, ficaram sem... sem é... sem o mato, né? Para o gado, tal. Não, foi um momento assim muito ruim! Isso foi em 2016 ou foi em 2017, eu não me recordo muito bem, mas foi algo assim que marcou, né?

Jovem II: Foi no período do curso que tava nós e a [nome de outra Jovem]

Jovem I: Foi!

Jovem II: Foi 2015 para 2016. Foi. Mas foi na minha comunidade, não é... é? Isso me aproximou mais ainda a questão dessa. Que eu assim, eu sou uma pessoa assim que arrastou mesmo para pagar, e levo trago. Leva informação e estou ali no meio da comunidade, ali também sou agricultora, toda tarde eu estou lá na porta do povo merendendo, plantando mais nada, né? Assim, plantando mais nada, não. É... planta, eu tenho roça de milho, feijão ou milho, macaxeira, batata, inhame, essas coisas, eu planto tudo. Aí assim é, eu sempre estou por ali por perto, né? Então, assim, a... a minha vivência depois do Jovens em Comunicação na comunidade também tem, né? Porque é eu que levo também as informações. Ficaram muito felizes quando eu fiz esse vídeo contando a história do meu vô, da minha avó, vixi Maria! Aí foi uma coisona! Então assim, é... isso aproximou, mais assim a gente, né?

Entrevistador: Beleza, agora a pergunta é um pouquinho parecida, mas é um pouco diferente. Quero que vocês sejam completamente honestos. Participar do Jovens em Comunicação ajudou

de alguma maneira a comunicação da comunidade de vocês, não a comunicação de vocês com a comunidade, mas a comunicação na comunidade. Essa é a pergunta.

Jovem I: Repete, por favor, a pergunta.

Entrevistador: A pergunta? Repito! A pergunta é se vocês terem participado dos Jovens em Comunicação, se isso de alguma maneira contribuiu para melhorar a comunicação na comunidade de vocês. Não necessariamente de você, Jovem I, e você, Jovem II com as pessoas da comunidade, mas a comunicação na comunidade, né? Às vezes, não sei se antes do Jovens em Comunicação as pessoas, os moradores, as associações, não se comunicavam tão bem e depois mudou, ou não mudou? Pode ser também. Não mudou nesse sentido, não mudou tanto. E aí?

Jovem I: Eu acho que durante o período do Jovens em Comunicação mudou, mas depois dá uma esfriada, né? Tipo, eu não participo mais das reuniões, eu não participo mais das atividades, tipo, é... semana passada teve reunião do pessoal do sindicato com o pessoal do Incra, tal, e foi algo assim que eu não fiz parte. Mas naquela época, quando a gente ia o Jovens em Comunicação pessoal já sabia, “olha”... Pessoal, já vem tirar foto. Pessoal já vinha, já vinha o pessoal tirar foto. “Fica bonito, vamos arrumar”. Então o pessoal ele já tinha já aquilo. Já vinha um pessoal tirar foto. “*Mais tarde tem postagens no Facebook*”. Então, é porque eles conheciam a gente, né? O que que a gente ia fazer, tal, esse tipo de coisa? Eu sempre, inclusive, até na escola, é... é eu trabalho com uma mulher e essa mulher é... a gente fez aquele lá da... Não sei se a Jovem II se lembra. Eu acho que não foi no tempo do, do, do... do Bruno, foi... sobre as datas comemorativas, que foi de São Sebastião, de São Sebastião!

Jovem II: Foi, eu lembro!

Jovem I: Não sei se você se lembra. Aí ela, ela falou assim: “*Ah, eu fiquei tão feliz quando você fez aquele texto lá do meu pai*”. Tipo assim, isso já foi muito tempo, gente. Tipo assim, ela... ela se lembrou e ela é professora, tal lá, e... e no caso, ela lembrou disso. Então a gente e a gente vê que essa nossa atuação trouxe resultados, trouxe bastante resultado porque é... a APA-TO ela imprimiu muitas é... aquelas notícias, lado doce, aquelas coisas, muito panfleto! A Jovem II também se lembra daquela época. Muito! Em casa eu tinha vários! Aí, toda coisa que tinha da igreja ou qualquer coisa que o pessoal ia, eu dava. Eu dava um pra lá, eu dava um pra cá, eu dava isso, dava aquilo. Então foi um momento assim que... que a gente estava divulgando ali as coisas. Mas com o tempo agora, é... as pessoas quase não falam muito, mas tem algo que virou é... um bordão na comunidade que é, o: “*seja da vovó*”, né?

Jovem II: Aham

Jovem I: Sempre quando tem algum evento, alguma coisa e a gente leva um lanche, algum tipo... é no leilão do festejo. “*Olha esse pudim aqui, esse bolo foi feito lá no sítio da vovó*”, Que que é que é o seu [nome de um senhor da comunidade] fala, não é? Vem aí quando o pessoal: “*o que é isso? Você não se lembra, não, é? Do, do, do vídeo que teve que o Jovem I fez?*” É o pessoal: “*Ah!*”. Tipo assim, é uma forma de lembrar, fica até “*meu Deus! Que eu estou com vergonha, não sei o quê*”. Porque é... às vezes eu vendo o vídeo e o texto das minhas fotos eu fico com vergonha, né? Eu não vou mentir para vocês. Eu fico com vergonha. E eu falei: “*meu Deus, será? Realmente eu tive coragem de fazer aquilo?*” Eu fico me perguntando.

Jovem II: Espécie de caju. (Ou os pezinhos de caju). Foi naquele período.

Jovem I: Os pézinhos de caju . Eu tive coragem de tomar aquele negócio azedo dizendo que estava gostoso. Meu Deus...

Jovem II: Ô Jovem I foi um dos vídeos melhores que nós tivemos no Jovens em Comunicação, ô rapaz bom! Pois é, no nosso aqui realmente a gente não tem mais a equipe, né? Assim, pra trabalhar a relação, porque nós não têm o material em si, como é que digas? Os equipamentos? É... questão de computador com edição, essas coisas. Eu gosto muito de mexer com o vídeo, eu relacionada a texto com impresso eu não sou muito, não sou muito chegada. Eu gosto mais de mostrar imagens, por exemplo, vídeo, pessoas falando, imagem, entendeu assim? Mas, na nossa comunidade realmente na época também deu um impacto bom. Mas, depois, depois foi até outros... outros menino também fazer o Jovem em Comunicação mas ficou por isso mesmo. Só na formação e na comunidade não teve muito a...é... é que diga, levada a sequência da... da, dessas matérias, né? Que deveria estar acontecendo porque o objetivo do curso era esse, né?

Entrevistador: Tá certo! E... por que?... A Jovem II já começou a falar um pouco, né? Por que que não, não continuou tão forte como na época que acontecia quando, quando eu estava no curso, né? Por que que a comunicação deu essa esfriada, né? Que nem o Jovem I falou, a Jovem II falou também. A Jovem II já disse que uma coisa era o equipamento, né? Mas tem mais alguma coisa? Ou não?

Jovem I: Eu acho que tem muita coisa envolvida. Porque é... aquele momento a gente era muito jovem, né? Muito jovem ali naquela experiência. Aí depois teve um momento que... que o pessoal é... saíram, né? Pra trabalhar, viajaram, outros casaram, outros fizeram... outros mudaram, é... do campo pra cidade... Então, tudo isso acabou fragilizando até mesmo grupo do *WhatsApp*. O grupo mesmo. Até mesmo contato com alguns, a gente acaba perdendo. Isso também acaba desmotivando o que está ali na comunidade para fazer algo, que quando tem muitas pessoas, né? É bom! É bom você fazer. Mas quando você está só ali, só você com uma pessoa, tal, fica muito difícil. Sem falar alguns eventos, como uma pandemia, né? Então tudo isso acabou também é de distanciando, tal, essas atividades que antigamente a gente fazia.

Jovem II: É verdade, aqui também é assim. Por exemplo, eu... meu tempo, ele é meio limitado, né? Para fazer. Eu, eu digo, porque eu... eu fui inventar de fazer o documentário agora... Eu digo, *“meu Deus! Como é que eu fui inventar um negócio desse agora no tempo bem corrido que eu estava, não é?”* E aí mexendo com... fazer com essa semana de prova e eu tendo que finalizar o projeto. É... e aí também período de festejo na igreja, que todas as comunidades a gente faz visita, a gente leva a liturgia, coordena a liturgia. E aí tem meu trabalho também, que corre, monte. Eu trabalho com dois... dois programa. E aí tem correria, com fechamento de frequência e tudo isso. Visita. E aí para a gente fica muito corrido. E aí às vezes eu toda tarde eu quero estar no meu horário, eu quero estar lá dentro do centro, né? Todo dia, quando é como se fosse um lugar assim, deu, de eu espairecer a mente. Então todo dia a quantidade da barra das quatro e meia às cinco horas, eu tô descendo pro padeiro do Mato lá, né? Vou dar a volta na roça, olhar minhas plantação, né? E... é assim. E agora inventei também de fazer um curso de marketing. Eu não sei se vai dar certo esse negócio, mas eu entrei. Eu estou fazendo um curso de marketing pela UFT, né? Que é a distância. É porque eu, eu, eu gosto muito dessa área em questão de... de divulgação, essas coisas eu gosto. Então eu estou. Entrei aqui num curso e iniciei agora, né? Mas vamos ver o que que vai dar.

Entrevistador: Que legal! Boa sorte, parabéns! Eu acho que você vai se dar muito bem. Eu acho que você tem um potencial.

Jovem II: Vamos ver aqui qual é a área que eu vou entrar pra dentro.

Entrevistador: Muito legal, arrasou, arrasou! Bacana! E esse documentário você está fazendo agora? Eu achei que era da época do curso, não, era agora? você tá fazendo agora?

Jovem II: Não, eu fiz, isso foi agora, essa foi final de maio, eu estava finalizando a prestação de contas do projeto.

Entrevistador: Ah! Do projeto?

Jovem II: É um projeto que eu fiz aqui da Secretaria de Cultura. Cultura, esporte, lazer aqui da cidade. E aí, é... Eu já até passei para a APA-TO, fizeram fazer... fizeram uma reportagem relacionada a documentário da, comunidade, né? Mas a gente é... está fazendo aqui, né? Aos poucos.

Entrevistador: Que bacana! Você está trabalhando na Secretaria?

Jovem II: Trabalho na Secretaria de Educação aqui do município.

Entrevistador: Que bacana.

Jovem II: Isso também me limitou participar de reunião. Até às vezes pensa ir pra uma reunião é às vezes, às vezes nem convida que eu sou funcionária pública, né? Alguns também não quer, não querem muito convidar, porque eu sou funcionária pública. Tem muito isso também. Essa questão é... tem... tem lideranças que ele não gosta quando agente é funcionário público, dá até isso, né? E quando a gente começa a participar de outros, de outros locais, às vezes fica meio enciumado, né? E acontece. Isso é uma realidade. Não sei se o Jovem I sofre isso aí na comunidade dele, mas aqui, na liderança, principalmente as que eu conheço mais antiga, eles têm um pouco de receio quando a gente é... se torna um funcionário público do município. Para eles, é como se a gente tivesse, acho que abrindo mão daquilo que a gente traz da... da comunidade, eu não sei. Mas isso não é de hoje, outras vezes a gente já percebe na fala de algumas liderança, né? Eu acho que justamente por isso, às vezes eles não convidam a gente para participar da reunião. E outros até, convida às vezes o tempo também é limitado, né? Porque a gente tem outras é... a outros, outras, não tenho tempo totalmente para estar lá, né? E aí acaba a gente ficando, às vezes sem acompanhar o ritmo das reuniões, projetos, comunidade. Mas aqui é um caso de coisa, a gente sabe quando vai acontecer, né?

Entrevistador: Eu acho que vocês adivinharam é... a próxima pergunta? Porque é uma pergunta relacionada à política. E... vocês, já começaram a falar um pouco desses jogos políticos que às vezes acontece, né? Essas indisposições... mas a pergunta é a seguinte, é... olha só a pergunta: o entendimento que vocês tinham dos assuntos relacionados à política, a cidadania, a luta por direitos, esse conhecimento mudou após vocês participarem dos Jovens em Comunicação?

Jovem I: Eu sei. Mudou muito. Porque assim, como eu falei no início, a gente é muito moldado pela internet, a gente é muito moldado por conversas de outras pessoas que a gente acaba é... criando aquela, aquela ideia, né? *“Ah, se fulano de tal falou é porque realmente é aquilo.”* Mas

com... com as com a... os, os encontros, com todo o conhecimento que a gente teve, todas as discussões que ajudaram muito a solidificar é... esse entendimento. Veja. Eu gostava muito quando eu tinha aqueles momentos em que as lideranças quebradeiras de coco, as mulheres iam, tal, falavam, sobre isso, sobre aquilo e a gente via, né? Ali a questão, por exemplo, eu sou do direito, por exemplo. Aí a gente vê muito essa questão, né? De falar sobre as comunidades, sobre o índio, sobre isso, sobre aquilo... O meu entendimento é diferente dos meus colegas. Por exemplo, eles podem pensar *“Ah não gente, mas é isso, é aquilo. Vamos deixar aquilo.”* Já a minha visão já é outra, porque eu já fiz parte disso. Eu já tenho, já ideia diferente. Eu já compartilho as ideias. Então, tipo assim, é, são coisas diferentes, né? Eu tenho a minha, eles têm a deles, né? Mas é... se eles tivessem uma oportunidade, por exemplo, de participar de um evento como esse, eu acho que com certeza a opinião não de todos, né? Porque alguns já estão já criado ali, você pode falar o que você quiser que eles não querem ouvir, mas eu creio que muitos é... pensariam. Talvez não mudariam a opinião, mas talvez, antes de falar alguma coisa, porque muitos falam é... fica falando bobagens, né? Fica falando assim coisas que não são muito legais. É... pensariam no que falar antes? Eu vejo assim, eu vejo isso.

Jovem II: Relacionado a essa questão das políticas públicas voltadas, voltado para a questão da política, né? A gente vê, é... o Jovens em Comunicação trouxe para gente muito isso, essa questão de você ver a sociedade, né? A comunidade como um todo, né? E votar das políticas voltado pelo direito, né? Direito que para não ser garantido, né? Então assim, o Jovens em Comunicação trouxe muito isso, essa questão de você é... valorizar as pessoas, né? Valorizar o ser humano é... de quanto que a gente precisa pra poder ver que nós vivemos numa sociedade onde todos têm direito e que a gente também é... deve respeitar, independentemente da... da sua religião, raça, cor, né? Então é... eu vejo que assim, a questão das políticas públicas para... para todos, né? Então a gente, meu olhar hoje, ele teve uma visão diferenciada também, né? relacionada a isso.

Jovem I: Só complementando aqui um pouco é... que ela falou, é tanto que é... algumas... alguns trabalhos que eu faço, que eu já fiz na faculdade. Que foi sobre... era falando sobre a questão é... rural. Não estou me lembrado do resumo simples que eu fiz, que a gente poderia fazer algo na faculdade, na parte científica, lá, eu fiz, eu falar... eu falei sobre o jovem do campo e o direito a terra, alguma coisa assim. Todo mundo: *“menino tanto de coisas que poderia falar sobre aborto, a morte, do não sei do quê e era não sei o quê, não sei o quê”*, eu falei, *“não vou falar sobre isso”*. Tipo assim, até a professora se surpreendeu, ela, *“oh! O quê? Como assim?”* Mas é... era uma coisa que eu queria falar. Eu vou falar sobre os jovens do Bico do Papagaio, que não tem, não tem oportunidades de estudar, entrar na faculdade, eu vou pra colocar. Então, tipo assim, pessoal ficava, *“ô menino chato”*. Mas tipo assim, eu coloquei muito e inclusive essa foi uma ideia que eu ia fazer, só que eu tava bem atarefado, que... que eu ia falar sobre a questão das cotas, né? Que eu já mandei para vários políticos no Instagram, que eu sou, que eu sou desses, né? Já mandei, *“Ah, por que que não tem vaga para os jovens que moram na zona rural? Hã?”*, *“Ah, mas tem vaga lá para negro, tem não sei o quê”*. Eu falei muitas coisas e algo que eu falei com o professor meu, que é de estádio, eu falei: *“professor não sei se o senhor já percebeu, mas aqui no curso de medicina da Unitins - porque veio para os jovens, né? E o deputado falava lá no vídeo, o filho da quebra de coco, o que irá estudar medicina? O filho da não sei o quê - todos são da onde? São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília.”* Ninguém fala.

Jovem II: É!

Jovem I: Meu Deus, um dia eu falei isso! A faculdade toda ficou olhando para mim como se eu fosse é... o diferente de tudo isso. Acho que eles ficaram assim: *“meu Deus, esse menino*

ele é louco”. Mas eu falei: “*gente eu... quem é daqui da região que está fazendo esse curso?*” Porque tipo assim, eu vejo a realidade, porque eu... eu dou aulas, né? Para os jovens. Inclusive, eu tenho até ações de dar aulas de graça para os jovens da zona rural. Já tem várias na faculdades lá, meu alunos. Inclusive, é o primeiro de enfermagem, a segunda de direito, todas são da zona rural de lá. Então, tipo assim, eles pensam o seguinte: “*ah é... eu não vejo a hora desse menino sair*” Apesar de eu não ser bem chato, deu... deu falar as coisas, entendeu? Mas às vezes eu acabo falando, acaba escapulindo, né? Sem querer, sem querer, querendo.

Jovem II: Incomoda. Incomoda aqueles que não entende.

Jovem I: Isso acaba é... incomodando porque eles não podem estar falando é... coisas mal, eles não podem estar falando coisas mal, porque algo novo é algo ali que, que... que vai crescer a região, tal. Mas só que há é algo assim bem, é... uma expectativa do jovem, eu vejo uma expectativa muito grande deles. Dele fazer esse curso, entendeu? Mas a gente sabe que é um curso bem concorrido, é difícil, a realidade diferente, os conteúdos são diferentes, né? Que cai no vestibular. E eu sempre falo: “*pessoal. Gente, estude, faça isso, faça aquilo, faça isso, faça aquilo*”, de vez em quando um aí é aprovado, né? Aprovado.

Jovem II: Tá certo, né? Você é curado. Mas é isso, a gente às vezes se torna chato, né? Quando você sabe das coisas, você tem informação, né? É... eu me vou olhar assim, né? Gente, eu mudei, eu mudei um monte de coisa. Eu era muito besta. É, eu depois comecei assim, questão de falar, assim, questão de é ver como que é o direito da gente, né? É, a gente se torna uma pessoa mais... é... não deixar as pessoas falar tudo o que quer, né? Às vezes não deixa você passar, você passar a perna, não. Aquele é um bestinha e tal, né? Então é, é, eu acho que isso também é resultado, né? Daquele que a gente viveu, aquele que a gente vê e dessa valorização que a gente tem que ter durante as pessoas que realmente estão menos, tem menos oportunidade, né? Aqui na nossa região nós estamos, sabe, que é uma região ainda que está em ritmo de desenvolvimento, porque as universidades sempre tiveram muito longe de nós, não é? Muito distante! Então o estudo para quem vive para cá ainda é muito pouco, agora que tá começando a se expandir, né? Mas ainda é uma das coisas que a gente sabe que precisa ainda ser muito melhorada, né? E a gente, como é do campo, tem pessoas que olham para a gente, pensa que a gente não sabe de nada, né? Não é Jovem I? Acham que a gente não sabe de nada e a gente tem que mostrar a diferença, né? Então isso também é uma busca que a gente sabe, tem conhecimento pelo nosso direito, né? Pelo povo do campo, pelo negro, pelo quilombola, seja quem for, calma aí.

Entrevistador: Beleza, gente! É... para fechar esse primeiro bloco, a gente já... já passou da metade aqui, tá? Só para tranquilizar vocês. Agora mesma pergunta, só que o tema é outro, meio ambiente. Deixa só fechar aqui o microfone de vocês que eu estou, eu estou me ouvindo aqui, aí... aí vai, tá ligado. Está dando eco. O entendimento que vocês tinham sobre assuntos relacionados ao meio ambiente, mudou, né? O que era antes para o que é agora, depois dos Jovens em Comunicação?

Jovem I: Eu creio que sim, apesar de eu ser uma pessoa bem é... ligado mesmo ao campo, tal em relação à destruição, tal, esse tipo de coisa, eu sempre tive um pouco, eu vou dizer um pouquinho, né? De consciência em relação à alguns, né? Que pensa só em destruir. Mas a gente vendo, né? As realidades, a gente vendo a riqueza que tem a nossa região, que durante os os encontros a gente falava muito sobre a questão do meio ambiente, né? Sobre a preservação, é... é aquela questão que nós jovens, futuramente, a gente que vai cuidar disso, porque está aí, o agronegócio está aqui, está cada vez mais se expandindo, né? Aqui na aqui na região que é... é

o pessoal estão é... é vendendo as terras, aí o pessoal também destruindo é... a questão das é... a questão das palmeiras, né? Que são nativas aqui mesmo, da nossa região, tal. Então eu sempre tive essa consciência, né? De, de estar ali sabendo disso, inclusive entre nós... Ah não, está gravado! Mas eu já fiz denúncias, já liguei para o Ibama, não sei aonde foi. Eu consegui o contato com um colega meu da faculdade. Eu, eu descobri que tinha uns moradores lá, uns moradores e uns... uns políticos aí, ó, tirando madeira lá na nossa reserva. Aí eu descobri, eu peguei o contato, mandei mensagem, liguei. Eu só sei que prenderam lá, né? Mas tipo assim, eles tinham dinheiro, e eles acabaram pagando, né? uma fiança bem cara, né? Ambiental. Eu fiquei até, tipo assim, eu fiquei até surpreendido, tipo R\$ 50 mil, tal, isso e aquilo. Teve até um caso de, de um que eu soube, que eu soube que foi R\$ 120 mil. Aí, o advogado recorreu, né? E ficou apenas por R\$ 50 mil. Aí esse fazendeiro fala assim: *“Ah, se eu tô pagando, né, R\$ 50 mil para a justiça, então agora eu quero que destrua todas as palmeiras.”* Então ele destruiu todas as palmeiras lá do, do lote que ele tinha adquirido. Então, tipo assim, é algo impune, entre aspas, né? Mas a gente, vê que a gente fez a nossa parte. Então, muitos, é... pessoas acabam não denunciando ou fazendo alguma coisa, é questão mesmo de medo. Eu, eu acho que... que tem vários, eh, motivos envolvidos: medo, é... a falta de conhecimento, e também, às vezes, tem pessoas que não tem medo, mas sabem: *“Ah, eu vou fazer aquilo, mas vai ficar impune.”* Então, é por isso que muitas vezes a pessoa também acaba não fazendo nada. Às vezes eu vejo algo também e acabo: *“Ah, não vou, não vou fazer nada, não, porque, eh, vai, vai ficar impune, né? Ninguém vai fazer nada, a gente não tem apoio, tal”*, né? É assim.

Jovem II: Relacionado ao meio ambiente, né? Mudou um pouco, e que a gente, assim... Eu sempre fui muito ligado às coisas do campo, né? Então, eh, o conhecimento só... só aumentou, mais ainda, porque o Jovens em Comunicação nós trabalhávamos muito essa questão da valorização do campo, né? Então essa valorização do campo, de onde a gente, a gente mora, né? De ter um ar livre, de olhar onde tem água, onde muitos gostariam de ter água e não tem. Então assim, a visão relacionada ao meio ambiente, é..., mudou para, para maior conhecimento, né? De..., de ter um, um local mais, mais, mais adequado, mais equilibrado pra viver. Então, o Jovens em Comunicação também nós trabalhamos essa questão da área rural justamente porque a gente mora lá, né? A gente tem aquela contato diretamente com o meio ambiente, né? Então, a nossa visão, ela..., ela mudou muito. Hoje que mudou mesmo. Porque hoje, do clima que a gente vive hoje, né? Não é mais o mesmo clima que a gente vivia antes, porque, porque a gente sabe que, eh, o tanto de, de que aumentou as temperaturas, né? E assim, ficar só naquela discussão: *“Ah, porque os países têm que entrar em acordo para diminuir a poluição”*, aquela tal. Cria-se aí uma, as ODS, as 17 ODS teve aí pra, pra que, pra se, se cumprir, né? Até a Agenda de 2030, né? Mas que a gente vê que, às vezes, só fala, fala da boca pra fora. Então, nós que vivemos nas comunidades sabemos que quem faz o papel mesmo de preservação são as pequenas comunidades, mesmo sendo pequenas áreas, né? Que quem tem a maior parte de terra são os grandes fazendeiros, é o, é... é os grandes latifundiários que tem, né? Que são do agronegócio grande aí, que tem a área grande, que é que vai desmatando. E nós, os pequenos, fazemos a nossa parte. Eles tão respirando o que nós estamos aqui conservando, né? Grande parte deles, país inteiro, né? Então eles tão respirando o que nós pequenos estamos preservando.

Entrevistador: Eh, falou tudo, Jovem II! E, então, beleza. Vamos lá. Continuando. Vamos voltar no tempo agora pra, pra Jovem II lembrar daquela Jovem II, daquela Jovem II, lá do, da jovem Jovem II lá do, da primeira etapa, e o Jovem I lembrar do jovem Jovem I da primeira, da segunda e da terceira, né? Que o Jovem I carimbou as três, né, Jovem I? E, e a pergunta é a seguinte: naquela época, o projeto Jovens em Comunicação compreendia as demandas e as rotinas de vocês jovens, né? As necessidades que vocês tinham, a rotina, é... vou dar um

exemplo, por exemplo, com relação ao cronograma, das datas, dos módulos, os prazos para entrega, o nível de exigência, a liberdade que vocês tinham para criar. Essa é a pergunta, tá? Podem responder, por favor, abertamente...

Jovem I: Eu particularmente, eu... Acho que o da Jovem II tá... Assim. Eu, eu vi que os, os encontros, os horários, os dias, era bem flexível, né? Porque a gente que escolhia a data, né, que era geralmente final de semana, aquela, aquela pedagogia da alternância, que eu nem sabia nem o que era. Que eu fui aprender lá. Eu não vou mentir. Eu não sabia nem o que era pedagogia da alternância. Aí eles explicaram lá o que era, tal, como funcionava. Então era algo, bem legal, que a gente via lá a teoria, fazia um pouco da prática e na comunidade a gente fazia a prática. Então, eu achei até uma forma de aprender também e bem boa, né? Que a gente tinha aquela prática mesmo em casa, aí, mas a gente vinha com aquelas informações. Tinha algumas tarefinhas para fazer, mas era algo assim bem, no seu tempo, né, que a gente tinha mais ou menos 20 dias, 15 dias, né, dava pra gente fazer aos poucos, né? Então, naquela época, então como a gente estudava, alguns estudavam no ensino médio, outros já tinham finalizado, mas viviam ali mesmo na comunidade ali. Então, e... e também a gente gostava muito de fazer aquilo. Então, não era muito um, um sufoco, tipo, uma escola, uma faculdade, um trabalho que a gente tem que fazer aquilo: *“Aí, aí eu tenho que fazer aquilo”*. Não, mas a gente queria fazer pra gente mostrar para a comunidade ali o que é que a gente tinha pra fazer. A Jovem II queria mostrar lá a açude deles, era isso, era a cultura deles, eu queria mostrar a minha. O outro já não queria também ficar atrás, queria mostrar. Então, era... era um momento assim de compartilhar, sabe? Então assim, eu acho que, que toda essa, essa divisão do cronograma e também a divisão dos conteúdos, também que foi passado, é... primeiro, quem sou eu, como me comunico. Então, tudo aquilo dali, toda aquela escadinha que tinha, tipo assim, no final, a gente se perguntava: *“Rapaz, realmente, eu, eu aprendi, realmente foi a forma correta.”* E é isso.

Jovem II: Foi bom porque também a gente viu que, é... os cronogramas quem fazia era nós, né? Era nós que escolhia a, a comida, o cardápio (risos). Eu gostava! Era nós que escolhia os cardápios, era nós que escolhia as datas, né? Então, assim, era de acordo com, com nós mesmo, né? Nosso, nosso grupo fazia os cronogramas: *“Foi a data tal que a gente vai fazer as coletas”*, aí fazia lá os cronogramas. *“Qual é o período que nós vamos fazer a, a questão das edições, é, a data tal.”* Aí, quando terminava tudo, trazia para fazer a montagem lá no Jovens em Comunicação, a prática, né? Então tudo isso, é... contribuiu para que, e a gente fizesse bem tranquilamente, né? Dentro do tempo que, que geralmente dava certo. Às vezes, quando, porque na época eu também trabalhava como, é... eu era, eu era também, eu trabalhava na APA-TO, né? Eu não era só, só uma jovem de comunicação em si, mas eu também trabalhava, e ainda assessorava outras comunidades. Além do meu trabalho, a gente assessorava outros jovens, né? Então, eu lembro que uma vez, é... eu tive que sair rodando em algumas comunidades pra buscando os vídeos dos meninos pra poder mandar pro [educador/a APA-TO] pra poder, né? Pra poder formar o, o restante da edição. Então assim, ajudava a montar roteiro, então assim, fazer roteiro comigo também eu faço tranquilo, né? Então... Então assim, eh, eh, foi, foi muito, eh, muito bom assim a gente fazer dessa forma, né? E o cronograma voltado, nós mesmo que fazia, né? Então, era de acordo com o nosso tempo e a agenda também dos colegas que vinham para nos assessorar.

Entrevistador: Bacana! A pergunta agora é... Deixa eu só fechar aqui o microfone. É, as atividades do projeto tratavam de como era viver nas comunidades que vocês viviam, na comunidade de vocês?

Jovem I: Sim. Eh, eu via, via que, as, que o cronograma mesmo, que os conteúdos, que a linguagem, era focado mesmo na gente, né? Nos jovens da zona rural. Eu, a gente, a gente não via coisas ligadas mesmo às cidades. Era mesmo ligado à nossa realidade, ligado ao que a gente tava vivendo. Às vezes, usavam, nós usávamos muito como, como comparação entre nós com os outros, né? A gente fazia aquelas comparações. Mas sempre era focado mais em nós, era focado mais nas nossas vivências, no que que a gente fazia. Então, aquilo dali, dava um conforto, dava ali aquele, aquela, aquela, aquela realidade, mostrava aquela nossa realidade mesmo. Então, eu... eu via que todo aquele, aquele conteúdo, aquele cronograma, todo aquele passo a passo que, que era passado, era pensado. Eu acho que as pessoas que estavam à frente disso, é... tinham muito essa esperteza, né, de saber: *“Olha, eh,”* porque, mesmo assim no final tinha aquilo: *“Que bom!”* Eu, eu, eu até esqueço, mas eu me lembro, *“que bom que foi”*, alguma coisa assim. E a gente, ia respondendo, o que foi bom, que foi ruim, que, o que precisa ser melhorado. Então aquilo tudo ali ajudava, sabe? Ajudava a gente falar. Às vezes a gente não tinha algo ruim pra falar, né? A gente deixava em branco. Mas a gente dava também a sugestão: *“Olha, a gente deveria fazer isso, deveria fazer aquilo.”* Porque tudo que era executado, tudo que era... que era feito, era nós mesmo que fazia, é... a ornamentação do, do espaço, é... a questão da noite cultural, a questão de tudo lá que... que era feito era a gente mesmo que fazia. Então, pela gente, a gente fazer parte daquilo, a gente se, se sentia até mais importante, né? *“Olha, eu que fiz isso daí, eu que era isso, que era aquilo”*. A gente acabava se sentindo, a gente acabava se sentindo importante.

Jovem II: A pergunta aí que eu acabei e sumindo aqui da...

Entrevistador: Não, tranquilo, Jovem II. Eh, aí você vê se você quiser comentar, é sobre se as atividades do projeto Jovens em Comunicação abordavam como era viver na comunidade que você vivia naquela época.

Jovem II: Ah, tá. Sim. Era totalmente voltado pra isso, né? Era pra despertar em nós, na verdade era um... era uma forma de despertar em nós, é... a realidade que nós vivíamos, né? Por isso que o Jovens em Comunicação ele veio pra retratar, né? Pra gente saber retratar um pouco do que é que a gente vivia na comunidade, né? E... e isso eu vejo de forma positiva, porque assim, se você vai falar de alguma coisa, que seja daquilo que você conhece, né? E, e não tem ninguém melhor pra conhecer a comunidade do que nós que vivemos lá dentro, né? Então, é... de alguma forma, eu, eu acredito que sim, né? Batido, é... todos nós vivemos nessa, na área do campo, e, ela retratava tudo isso que a gente vivia.

Entrevistador: Legal, Jovem II, obrigado. Estamos na reta final, tá? Pergunta: o conhecimento que vocês tinham da história da comunidade que vocês moram, que vocês nasceram, ele mudou depois que vocês fizeram Jovens em Comunicação?

Jovem I: Pra começar, eu nem sabia. Eu nem sabia da história. Não sabia de nada. E, e foi muito bom porque a gente começou a perguntar à minha avó, meu avô, ao [um senhor da comunidade], a outros moradores, eles começaram a explicar, né? E cada um tinha a sua versão. A sua versão era, era a mesma coisa, mas tinha a sua, a sua versão em relação ali àquela história. E... e uma das nossas atividades era isso, né? Era conhecer o lugar onde eu vivo. Inclusive, essa foi, foi nossa, nossa primeira atividade de campo, né, que a gente ia pra comunidade e ia fazer, é... perguntas, entrevistas, né, pra saber sobre a, a comunidade, quando foi que surgiu, é... quantas famílias, é... tinham inicialmente, hoje. É... então a gente fazia muitas perguntas,

muitas perguntas mesmo para, para os moradores. A gente pegava essas informações e levava, né? Lá pra sala quando a gente tinha os encontros e a partir disso, a gente começava a fazer o, o texto. Inclusive, a gente tem até uma, um textozinho, né? Acho que naquele site lá nosso, tem uns textos lá falando sobre a história da comunidade. Então, foi algo, é... muito bom porque, é... do mesmo jeito que, que uma cidade tem a história, do mesmo jeito que um, um município, um estado tem, aquela comunidade também ela não surgiu do nada, né? Ela tem a sua história. E aí assim, a gente mesmo, jovem, fazendo aquele, aquele textozinho, né? Ali era muito bom. Então foi algo assim que preservou aquela tradição, que muitos, não sabem escrever, né? Ler, tal, esse tipo de coisa. E era gente que tinha, jovem, né? Que sabe ler, escrever, tal, a gente pegava aí, é... e passava a documentar isso de forma escrita, né? A gente pegava essa, é... esse algo mais oral deles, né? E começamos a escrever, tal, é... a digitar e preservar, né? Essa história. É... teve, algum momento ficou bem viva, né? Que o pessoal lia, tal, mas com o passado do tempo, né? Como outras perguntas que já foram feitas, é... eu acho que, que devido também à correria, a outras atividades, eu acho que as pessoas... muitos nem lembram mais, tal. Acho que só as pessoas mais, é... antigas, né? Vamos dizer lá assim, as pessoas mais experientes, que sabem mais as histórias e eu, né? Agora, e eu agora que sabe da história de tudo. Mas eu acho que a minha irmã, acho que não, com certeza. A minha irmã, ela não sabe, é... primos e outras pessoas não sabem de como surgiu essa história. Sabe que mora ali, tal, mas, é... não sabem dessa história. Inclusive, quando eu fazia Jovens em Comunicação, a minha irmã era pequena, né? E, e o meu outro irmão, né? Que faleceu, aí ele ficava falando: *“Ah, quando eu, é... quando eu tiver 15 anos eu vou estudar no Jovens em Comunicação.”* Ele começava a falar, né? Porque eu fui, meu irmão foi. E a gente falava, né? Chegava: *“E aí, a gente foi não sei pra onde, a gente fez isso, aquilo”*, aí ficava aquela ideia: *“Hum, eu também, quando eu crescer,”* na, na visão deles, né? *“Quando eu crescer, eu também quero ir para esse lugar.”* Que, que, que eles pensavam que era um lugar assim de diversão, entendeu? Era um lugar que a gente se divertia, tal, aquele momento, mas a gente aprendia, né? Então, eles tinham essa visão. Não sei se a Jovem II lá na comunidade dela o pessoal também tinha essa visão, né?

Jovem II: É verdade! Na minha comunidade, né, pessoal, a gente, a minha comunidade eu aprendi também a história, né? Mas a gente já sabia, contada pelos avós, pelos tios. Mas, é... a gente, a gente adentra mais, né? Que precisa adentrar mais para poder contar de certo, né? Então, é... a gente conhece mais ainda, aprofunda a história, aprofunda, conhecer mais a comunidade. É... apesar de que nossa comunidade é só familiar, né? Lá é uma família, é um povoado só de família. E isso também facilitou, né? Pra que a gente conhecesse melhor, aquela, valorizar o local ali onde a gente tava, né? A gente, eh, morava e vivia com os outros, né? Então, foi muito, é..., muito gratificante.

Entrevistador: Legal! Estamos acabando, tá? Eh, eh, pergunta, tá? E agora vou começar pela Jovem II, a gente inverte pra Jovem II começar respondendo e depois passa pro Jovem I. É... participar do Jovens em Comunicação inspirou vocês a pensar sobre o futuro profissional de vocês? Ajudou, motivou, a inspirar, a pensar sobre o futuro profissional ou não mudou nada?

Jovem II: Eu, eu, pra mim acho que, assim, relacionada à, ao futuro, eh, mudou um pouco assim, porque a minha visão, eu já pensei até em fazer só comunicação, mas depois eu disse, eu tinha vontade de ser repórter, aí depois eu fui ver que não, não dava pra ser repórter, não, (risos). Aí depois, mas assim, ele, ele me despertou assim, algumas coisas relacionada à... à comunicação, sim, né? Por isso que inclusive eu fico às vezes, que eu tô mexendo em alguma coisa assim, gosto de mexer com vídeo. Aí eu tô pensando agora em mexer com a parte questão da, do *marketing*, né? Questão da divulgação de algum, alguma coisa. É... por isso que eu tô

estudando pra ser, pra, pra começar a aprender, né? Realmente. Que se eu tivesse dado continuidade naquela época, do jeito que hoje as coisas estão diferentes, é... naquela época a parte da comunicação ela foi voltada um pouco mais pra criação de vídeos e... e reportagens em si. Hoje, acho que se o Jovens em Comunicação hoje for trabalhado, acho que já vai pra parte de você fazer algum outro tipo de, de comunicação sem ser só esses dois, voltado mais para esses dois, né? Mas hoje tem outras formas que vocês faz, que você faz agora, é... é... de outro, de outro jeito de fazer uma divulgação, de trabalhar a forma do *marketing*, né? Que hoje tá tomando proporção grande, né? Que as pessoas tudo quer divulgar, né? Então assim, com o *Instagram*, com... com o *WhatsApp*, as coisas hoje tudo é por esses meios de comunicação, né? Não é apenas só pelo *Facebook*. Nós tinha também, nós tinha também o *Twitter*, mas o que eu nunca nem abri mais, esse *Twitter*, não. É um... um... eu esqueci agora o nome, é... que a gente foi que criou, né? Do Jovens em Comunicação, nós tínhamos, nós temos duas redes. Um era o, era o *Facebook* e o outro era o...

Jovem I: *YouTube*, é?

Jovem II: Não, era, era um outro que eu esqueci agora que foi criado só pro Jovens em Comunicação, pra gente colocar também as nossas reportagens lá. E eu esqueci agora de falar.

Entrevistador: Um blog?

Jovem II: Foi um blog que foi criado, e aí a gente não, nem utilizou mais, né? Que também falta alimentar. Mas eu acho que assim, outros meios hoje também tem de se fazer, também, a forma da comunicação mais, e bem rápida, né? Uma qualidade boa também hoje.

Entrevistador: E você, Jovem I? Vou perguntar de novo. Participar do Jovens em Comunicação te inspirou a pensar sobre o seu futuro profissional?

Jovem I: Eu, eu acho que mais ou menos, mais ou menos. Eu, eu vi que eu tinha desenvolvido uma habilidade na escrita. Eu acho que eu, eu uso isso a trabalho hoje, hoje eu vivo disso, né? De ensinar redação, de produzir. Então, o Jovens em Comunicação ele ajudou muito, sou muito grato, né? Por esse... por essa formação. Então, isso me ajudou muito. E, naquela época eu já fazia outro curso também, que era pedagogia. E era até sábado também, tal, eu fazia esse curso. Era semi-presencial também, que acabou também amadurecendo, tal, e eu gostando bastante. E também do direito, se você lembra, a gente tava lá em São Luís, tal, aquele encontro lá das quebradeiras de coco, estudando para o direito, tal. Então, aquilo dali também, é... a gente acaba sendo inspirado, né? Nisso. É... sobre a questão de... de sair, é... da comunidade, tal, esse tipo de coisa para outro lugar, eu já vejo uma visão também um pouco diferente, né? Eu gosto tanto daqui que eu não quero sair para outro lugar. Quero mesmo continuar aqui, tal, porque eu gosto. Realmente, eu gosto mesmo daqui. Mas se fosse o Jovem I lá de 2015, 2016, 2017, o meu objetivo era finalizar o ensino médio e ir atrás de outras oportunidades. E... e com o tempo, igual a Jovem II falou, essa questão do *marketing*, tipo, todo dia no *Instagram*, no *status*, na hora que eu acordo, eu fico jogando fotos de artes que eu faço no Canva, jogando. Mas, tipo assim, não é porque... atrás de aluno, não sei o quê. Mas é pra tá divulgando, entendeu? Divulga, divulga, divulga, divulga, divulga, pra pessoa saber quem é eu, o que eu faço, entendeu? Divulgando, divulgando, divulgando, divulgando, divulgando, 100% divulgando aquilo e a gente acaba, é... recebendo propostas, né? Recebendo propostas para outros, outras cidades, outros lugares. Tipo, eu fui pra Marabá fazer um aulão de redação. Tipo,

eu nunca imaginei isso, mas tem uma professora da faculdade que ela falou que eu faço um trabalho, tal, e o pessoal chamaram, eu fui lá, foi muito bom. Às vezes, tem uma pessoa de, de outra cidade que chama: “*Ó, vem fazer pra, vem fazer aqui uma oficina com nós*”, oficina rápida, né? Tipo, de um dia, que eles falam. Mas é praticamente uma palestra, vamos fazer isso, aquilo. Mas aqui mesmo da minha cidade, da minha, minha família, minha, é... que o pessoal, eu não tenho essa vontade, né? De sair, tal. Mas é de ficar aqui mesmo, de permanecer mesmo.

Entrevistador: Beleza! Eh, o Jovem I já tocou num, num ponto que a gente vai abordar daqui a pouco. E essa vontade que você tinha de sair que agora mudou, por que, que isso mudou, Jovem I?

Jovem I: Eh, isso mudou pelo que eu percebi, que, tudo que, que eu queria fazer lá, eu vejo que aqui tem como eu fazer. É porque naquela época eu pensava o seguinte: “*Ah, pra mim fazer uma faculdade, eu tenho que ir tipo pra uma cidade grande. Eu tenho que fazer isso. Ah, pra mim ser uma pessoa bem sucedida*”, né? Que a gente tem aquela ideia, né? Tem que estudar pra ser sucedido, não sei o quê. E hoje eu vejo que, eu vivendo a minha vida simples aqui sem preocupação, aqui na cidade pequena que eu vou pro serviço de bicicleta, né? Que eu vou, volto de bicicleta, vou a pé, conheço todo mundo. Eu vou ter uma vida mais saudável. Lá com o pessoal, com a minha avó, com meu avô, curtindo, né? A velhice deles, dos meus irmãos. Então, eu vi que isso é mais importante do que eu sair daqui pra me, me aventurar em outros lugares, porque eu vejo exemplos de, de amigos, é... de colegas, né? De, de pessoas, né? Que moram, é... em cidade grande, em outros lugares que reportam, né? Que são assaltados, que não vive uma vida muito legal, que são estressados. E hoje eu vejo que, por mais eu não ganho muito, não sendo rico, mas eu sou feliz pelo que eu tenho, fazendo as minhas aulas, fazendo as minhas coisinhas. É claro, tem momentos altos, momento baixo. A maioria baixo, (risos). A maioria baixo, mas tipo, eu sou feliz, entendeu? Sou feliz, chegar em um lugar, sabe? Então, eu, eu... eu mudei a minha visão disso, que eu, que eu posso ser feliz aqui. Talvez lá eu poderia ser bem sucedido, né? A gente vai ter mais oportunidade pra gente, porque, como a Jovem II sabe, a gente, é... aqui é tudo em relação à política, né? Qualquer coisa é política, não sei o quê, é política. “*Você é filho de quem? É filho, você é de quem? Ah, já você já é descartado.*” Mas hoje não. Hoje eu vejo uma visão diferente. E, quando você é bom em algo, no que você faz, eu... eu já tenho com essa visão que eu pensava que era muito *clichê*, mas se você é bom em algo e você investe naquilo, você estuda, você vai àquilo, as pessoas, mesmo sendo política, outra coisa, as pessoas vão te valorizar. Talvez a pessoa de sua cidade não te valoriza, né? Mas o pessoal de fora, sim. Como eu, por exemplo, se eu colocar algo ali, tem pessoas que já sabem: “*Ah, é aquele rapaz lá da redação. Ah, aquele rapaz, não sei o quê.*” E eu sempre eu levo onde eu vou: “*Ah, eu sou jovem da zona rural, sou isso, aquilo*”. E é uma coisa que dentro da faculdade, eu sabia que tinha uma jovem que ela fez aula, até aula de redação comigo, ela faz direito e em hipótese nenhuma, nenhuma vez ela falou que ela era da zona rural. Eu acho que ela tinha receio, né? E depois que eu falei que eu era daquilo, aí ela falou: “*Ah, também sou, sou do Alto do Zumbi*”. Eu falei: “*Eu sei disso*”. Aí teve outra lá que eu nem sabia que era prima do [nome de uma Liderança] que é quilombola, e ela: “*eu sou quilombola*”. Então, tipo assim, eu acho que foi só uma iniciativa, aquele empoderamento, né? E depois que um fala, eu acho que os... os outros também vão ali falando, né? O que, o que fazem.

Entrevistador: Certo! Obrigado, Jovem I. Vamos passar a bola aqui pra Jovem II pra... estamos na... falta duas só perguntinhas. É... o conhecimento... vou começar pela Jovem II, o conhecimento que vocês tinham do trabalho no campo, do trabalho com agricultura, ele mudou depois que vocês participaram dos Jovens em Comunicação.

Jovem II: Mudou, sim! Na época, quando a gente fez o Jovens em Comunicação é, nós tinha é..., a gente já tinha um trabalho voltado para o campo, mas depois do Jovens em Comunicação, nós começamos a ver também outras experiências, né? Visitando outros lugares, outras comunidades.. é... conhecendo a realidade dos nossos colega. Então é tudo isso só enriqueceu a nossa, o nosso conhecimento, né? Então, é... a visão que a gente tinha antes foi só mudando, porque assim, a gente teve contato com outros agricultores, outras comunidades que vinha visitar a nossa, né? Porque tinha também esses momentos, né? Não somente os jovens e mas tinha também os agricultores que vinha de outras comunidades vinha junto com seu jovem, né? Lideranças, vinha fazer visita, a gente ia para visitar em outras comunidades. Então tudo isso gerava uma... como é que chama?... Um conhecimento que a gente às vezes não tinha, né?

Entrevistador: E para você, Jovem I?

Jovem I: Sim! Sim, a gente tem aquela ideia que é... o jovem que fica na zona rural, na comunidade, ali apenas os velhos, né? Jovens devem sair. *“Ah você tem que ir para você conseguir algo para você ser isso para você ser aquilo”*, e acaba se decepcionando, né? Em outro lugar. E... é... uma pessoa para responder melhor isso é meu irmão, porque ele sempre teve essa, essa... gostou mesmo da zona rural, ele nunca quis nem fazer faculdade. Ele tira... já tirou notas boas, né? E tipo, já teve oportunidades, né? Mas ele... ele nunca quis, ele nunca largou o pessoal lá de casa e tipo assim, ele trabalha com roça, ele trabalha em Juquira fazendo isso, é... fazendo aquilo, e ele gosta daquilo que ele faz. E eu, eu... eu vou futuramente é... é. Eu penso em conversar com pessoas, né? Com lideranças, com políticos, né? Pra nos ajudar é... é em trazer cursos, né? Profissionalizantes ou cursos ali rápidos para o jovem da zona rural, porque nem todos têm o mesmo objetivo. Tipo, eu talvez eu tenha um objetivo talvez de fazer uma faculdade, mas tem outros jovens que ele gosta realmente daquilo que ele faz, né? Então tem que ter esse incentivo também, de trabalhar ali com a produção de algo para fazer isso, para fazer aquilo, porque eu vejo amigos meus lá, da comunidade que está a qualidade de vida e financeira melhor do que a minha. E eles estão lá dentro da comunidade. É trabalhando com gado, com leite, com plantação de banana, com plantação de feijão, de tanta coisa, né? Eles tem muita coisa que eu ainda não tive ainda e... gente, tem aquela ideia, eu vou sair porque eu vou ter aquilo, mas eles também estão tendo aquilo mais rápido do que eu, entendeu? Então eu vejo que é essa ideia da gente estar conversando, está dando ideia também para essa nova geração que vem aí. É... Também explicando para eles que há outras formas de ser bem-sucedido, né? A gente tem que quebrar essa visão que a gente vê que novamente a mídia acaba, nos é... nos influenciando. *“Olha, você vai ser isso, você tem que ser isso, tem que ser aquilo, você tem que sair, tem que fazer isso, fazer aquilo”*, ó. Veja a questão do Jovem VI, que ele vai falar futuramente aí você vai entender melhor, ele é meu primo, né? E a questão dele também era finalizar o ensino médio e para Brasília, e era não sei o quê. Então, se você for ver a história da maioria dos jovens em comunicação, é isso, *“você vai se formar, fazer o ensino médio e você vai para uma cidade grande, vai trabalhar, você vai ter isso, você vai ter aquilo”*. Mas há várias outras é... possibilidades, alternativas.

Entrevistador: Beleza! Estamos acabando, viu!? Que eu sei que a Jovem II está com horário aí? Pergunta parecida, rapidinho. O conhecimento que vocês tinham sobre o que é agroecologia mudou depois que vocês fizeram o Jovens em Comunicação?

Jovem II: O meu mudou! Mudou quando eu comecei a trabalhar na APA-TO. Aí depois do Jovens em Comunicação a gente só, é... complementou conhecimento um pouco, né? Porque eu já trabalhava na área na época com a APA-TO relacionadas à agroecologia. Quem trabalhava

com agroflorestais, né? Trabalha com os quintais. É... essa questão da preservação, trabalhar de forma agroecológica, sem usar o veneno. Então, assim, envolve um campo muito é... é muito amplo. A agroecologia ela não envolve apenas, às vezes que tem pessoas que acham que é só plantação, e não é! Ela é essa questão que é você tentar trabalhar também a diversificação, né? Mas também trabalhar também a valorização do local onde você está. É... tudo isso eu acredito que é... só veio somar, né? Enriquecer meu conhecimento relacionado à agroecologia é... o Jovens em Comunicação também agroecologia porque é fortalece ali um lugar onde ele está valorizando tudo que ele tem, é... igual o Jovem I acabou de falar que não é você largar onde você está morando para você poder conseguir algo. Às vezes é a forma que você trabalha, que não compete para que você tenha sucesso, né? Mas é... eu, eu acredito que você trabalhando na sua terra você trabalha num lugar onde você vive de forma inteligente, de forma que você não vai estar desequilibrando o meio ambiente. Você vai também poder ter é... aí um recurso financeiro, porque acho que é isso que na cabeça de muito jovem, às vezes preocupa muito, é isso. É você não ter dinheiro para você comprar o que você quer. Às vezes você pensa em comprar um carro, mas você acha que você plantando a mandioca, você não vai conseguir. Você pensa que às vezes você plantando ali um é só milho. Você não vai conseguir. E às vezes você está perdendo o tempo, perdendo dinheiro, perdendo tudo, porque você tá com uma visão lá de fora. E eu vejo que eu... eu conheço aqui, pessoas aqui perto, tem um colega meu que trabalha com horta e que ele comprou o carro dele só vendendo cheiro-verde. Ele vendia cheiro-verde, alface e conseguiu comprar um carro para ele e agora já comprou uma terra. Então assim, quando você tem visão do que você quer, se realmente você quer alguma coisa, você não precisa sair da terra para você ter algo, né? Então, assim, agroecologia, ela mostra tudo isso, a valorização do equilíbrio é... que nós devemos ter para com o meio ambiente, mas também na comunidade em geral, né?

Entrevistador: E para você, Jovem I, mudou? O que você sabia de agroecologia?

Jovem I: Mudou porque eu não sabia de nada. A Jovem II pelo menos ela trabalhou na APATO pra saber, mas eu não sabia de nada sobre agroecologia, eu não sabia é... igual falei no começo era muito influenciado pela mídia, não sabia de nada. E lá a gente teve esse contato, né? Para entender como é que funciona o processo. Eu tive muita dificuldade em distinguir o que era agroecologia de alimento orgânico. Eu pensava que era a mesma coisa e eu vi ali as mesmas coisas. Praticamente tem as características, bem parecido uma da outra, mas tem a questão da preservação, tem a questão disso, das nascentes, aquela questão lá dos SAFs, não sei o que... que tudo ali foi... eu aprendi lá no curso que eu não sabia, né? Então a EFA já tinha aquele exemplo, “*olha, vamos pegar como exemplo de um SAF, olha isso aqui, ó, isso*”, então aí é... a gente aprendeu é assim, na prática, não foi só na teoria, né? A gente também via a prática lá, inclusive o local EFA, acho que foi assim o *tchan* assim, sabe? Foi ali o auge. Foi o local mesmo da gente aprender, porque lá falava e já tinha o exemplo.

Entrevistador: Legal, última pergunta e acabou! Eu agradeço muito vocês. A última pergunta pode responder no tempo que vocês quiserem. O que mais marcou vocês nos Jovens em Comunicação? Tentar falar uma, ou uma outra coisa, que mais marcou, positivo ou negativo, vocês que sabem.

Jovem I: Jovem II, você pode falar para ele?

Jovem II: Desculpa aí, eu tava esperando aqui (risos). Do que mais marcou?... Eu acredito que foi, além do conhecimento, né? Que a gente conseguiu ter essa... é... quer dizer, tudo que você aprende já é um... já é um ouro, né? É um... é algo que ninguém tira de você. O conhecimento

é o que você tem que ninguém te rouba, né? Então eu acredito que o Jovens em Comunicação ele trouxe muito essa, essa positividade da gente compreender, além de nos valorizar, né? Porque quando você conhece quem você é, você sabe da onde você veio, você começa a perceber que você não tem que ter vergonha de onde você está, né? Você não, não... não tem que ter vergonha de quem você é. Você é de uma comunidade rural, você não tem que se ter vergonha porque você está perto de um médico, porque você está perto de um... de um deputado, porque você está perto de alguém que fez uma faculdade, é um de direita, alguma coisa assim, não é? Dessa forma. Mas que trouxe para a gente esse olhar de se valorizar, mas que também trouxe essa... esse olhar de a gente poder falar pela voz da comunidade. É... trouxe também pra mim, eu acredito que muito positivo, a questão da... das nossas amizades, né? Criou-se um laço de amizade, né? Com todos os colegas. Para mim eu achei muito que foi importante. Nós tinha muito momento de brincar, de... de fazer brincadeiras, noite culturais. Então assim, pra mim ele era uma terapia. Para mim ele era bom demais, né? Então jogar bola à tarde com as meninas lá no campo... Então, assim, para nós temos espaço muito bom. Inclusive até ia dizer assim: “*a gente precisa se reunir*”, é... reunir a galera aí para a gente, de vez em quando, se ver, não é? Assim, às vezes torna difícil que cada um tem suas agendas, tem uns pra aqui, outros pra lá. Mas que eu acredito que isso foi muito bom, e que a APA-TO ela foi muito feliz em realizar um curso voltado pra isso, né? É... dizer que, assim, o nosso, o nosso... nossos módulos do Jovens em Comunicação, trouxe para nós conhecimentos que pra nós hoje colocar em prática também é muito positivo. E só temos a dizer assim, é... é agradecer, né? Pelo trabalho da APA-TO, o pessoal que nos acompanharam, muito bom, criamos também amizade. E dizer que a gente tá aqui, né? Qualquer coisa que precisar estamos às ordens, né? Na medida do possível, dentro do tempo que for necessário, né? Que eu preciso estar aqui para colaborar, contribuir, né? E dizer que eu acho que na área da comunicação não, não vou muito ruim não. Pelo menos isso quanto eu tô aí dando umas palestra aí de vez em quando. A gente tá no trabalho, tá na igreja, está em todo lugar e assim a gente vai, né? Eu acho que só colaborou muito para nossa vida enquanto é... profissional também, porque se eu não tivesse passado por esse processo das escolas de formação que teve, é... passado no Jovens em Comunicação, das reuniões com a APA-TO, com as organizações do Bico eu acredito que eu não dava conta de falar. Achei que eu era tímido, eu era daquele tipo de pessoa que eu sentava lá no fundo da sala porque eu tinha vergonha das pessoas me verem. Quando era na hora do... do recreio, eu só saía na hora que todo mundo saía, levantava, aí eu levantava, que eu não gostava de passar na frente de ninguém. Nunca gostei então assim, eu era tímida, né? E depois comecei a participar dessas reuniões, encontros, me tornei uma papagaia da vida, né? Que a gente chama quem fala muito, papagaio, né? Então! Então assim, eu hoje problemas. Dizer assim, “*Jovem II tu vai é para tu fazer uma palestra assim, assim, assim, é pra tu falar sobre isso, tal*”, se eu tiver conhecimento, meu amigo, pois eu não tenho vergonha de ir não! Eu falo assim qualquer um. Acho que justamente o pessoal gosta muito de colocar pra falar de uma coisa, então. É... é muito bom!

Entrevistados: E tu, Jovem I, que que mais marcou?

Jovem I: Eu o que mais me marcou eu creio que foi a interação entre os jovens. É... o conhecimento também é... adquirido, que eu uso até hoje, né? Até mesmo no meu trabalho eu já usei essa parte, como a mídia me vê, tipo assim, eu peguei essas ideias e eu fiz com os alunos, né? Essas ideias. Então, são coisas que a gente acaba, que a gente viveu lá e a gente acaba fazendo, eu acho. O que marcou muito também a questão do conversar com lideranças e conhecer outras comunidades. Então falei, “*meu Deus, é tipo assim, é parecido com a minha tem a estradinha, tem a igreja*”, sempre tem aquela igreja católica, evangélica, aquela... aquela casinha, então eu gostava muito quando eu ia nas comunidades, então isso me marcou

muito. E, eu tenho ainda esses flash na minha cabeça, sabe? Eu me lembro um pouquinho do Ouro Verde, sabe? Ou seja, dos Calixtos, né? A gente acaba é... lembrando ali aquele momento que estava, aquele casa, sabe? Então aqui dali são coisas que fica em nossa cabeça, que acaba marcando. Aquele evento que foi lá na comunidade que foi feito isso e aquilo, aquelas brincadeiras... então são coisas que ainda está na minha mente, sabe?

Entrevistador: Maravilha gente! Ó, deu uma hora e quarenta, né? É... Muito, muito, muito obrigada. Vou parar a gravação aqui para a gente.

APÊNDICE B - GRUPO FOCAL COM JOVEM III, JOVEM IV, JOVEM V E JOVEM VI

Entrevistador: Beleza! Começou aqui a gravação. Vou colocar aqui também, eu tô gravando no gravador de celular também. Certo. Então, gente, vou começar explicando, né? Primeiro de tudo, obrigado por vocês terem aceitado participar aqui da nossa entrevista. Que vai ser uma entrevista em grupo, né? Que a gente chama de grupo focal. É... eu tô fazendo mestrado na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, no estado onde eu moro. E essa pesquisa faz parte, né? Do meu trabalho no mestrado na Federal do Mato Grosso do Sul. Eu estou pesquisando sobre juventudes rurais e comunicação, né? Com foco na educomunicação. E o meu objeto de estudo é o projeto Jovens em Comunicação que vocês fizeram parte, tá? Por isso estamos aqui para escutar vocês, né? Que foram os jovens participantes do... do projeto. Vou fazer algumas perguntas sobre o projeto. Então, muito, muito obrigado. Sei que a vida é corrida, que todo mundo tem seus problemas e trabalhos para enfrentar. Mas eu agradeço muito vocês disponibilizarem esse tempo. Essa pesquisa não tem relação com a APA-TO, nem com nenhuma outra organização do Bico do Papagaio, mas assim que eu finalizar a pesquisa eu vou oferecer toda a pesquisa, essas informações para as comunidades do Bico do Papagaio, pra APA-TO, pras organizações e sindicatos da Rede Bico agroecológico. E se for do interesse das comunidades, pro GT das Juventudes também, claro, né? Que é uma das entidades. E se for do interesse das juventudes, da APA-TO, das comunidades, eu me coloco à disposição para ir até o Bico, ir até aí, e a gente combinar um dia de apresentar os resultados dessa pesquisa. É... mas aí, claro, depende do interesse de vocês. Se vocês quiserem aí a gente vai fazer esse momento de apresentação. Tá? É... bom, é isso. Então essa é a pesquisa, agora vou fazer algumas perguntas sobre como foi participar do projeto para vocês. A gente vai voltar no tempo, viajar um pouco no tempo. É... pergunta: vocês estão de acordo de participar da pesquisa nesses... desse jeito que eu expliquei, nesses termos? Tá OK para vocês?

Jovem III: Pra mim tá OK, viu.

Entrevistador: Sim.

Entrevistador: Beleza! Eu gosto da empolgação do Jovem VI. Vamos nessa! É... então, vou já lançar a primeira pergunta. E como é que funciona? Quando o Jovem IV entrar, quando a Jovem V entrar, vai ser... vai ser assim, eu vou jogar a pergunta, quem quiser responde e o outro pode complementar, pode discordar, pode colocar sua opinião também, tá bom? Mas é um bate-papo aqui coletivo. A primeira pergunta é a seguinte, vamos lá. O entendimento que vocês tinham do que é a mídia e de como funcionam os meios de comunicação, esse entendimento, essa compreensão mudou depois que vocês participaram dos Jovens em Comunicação? Agora vocês podem responder à vontade.

Jovem III: Eu vou... vou começar então. É..., para mim mudou, porque assim, Jovens em Comunicação, É..., entre aspas, ele foi um curso de jornalismo, né? Pra gente... a gente soube como é que... o que que acontece nos bastidores, né? De tudo, desde o que era feito à mão ao que era gravado, né? Todo enredo, né? Então, depois que eu participei do Jovens em Comunicação eu tive sim uma noção, né? De diferença do que era assistir do que era participar daquilo, né? E também teve esclarecimento de algumas coisas que eu achava que era de uma forma e na verdade era de outra. A mídia ela... tanto ela pode passar informações, mantermos informados, como também ela pode ser... nos manipular, né? Dependendo do tipo de informação que ela quer passar e também da forma que ela passa e qual a intenção, né? Hoje em dia a gente vê, né? Várias... Tem umas famosas *fake news*, né? Que só quem tem, é.....

quem lê muito, quem corre atrás, quem tem interesse em pesquisar, que sabe a verdade, né? Mas a maioria das pessoas hoje em dia caem muito em *fake news*. A primeira notícia que vê ali já acredito e vai naquilo e acaba até... né? Então, para mim, é..., mudou muito, né? Eu participei de várias, é..... Em alguns módulos a gente aprendeu a fazer gravações, né? Eu não lembro muito bem o nome das... do... das etapas porque faz muito tempo, sabe? é..., esses dias quando tu falou para mim, me bateu a nostalgia, sabe? Quando a gente, é..., se juntava naquela sala cheia de computadores e ia explicando: “*Ó, funciona assim, assim, assim, o primeiro passo é isso, isso e aquilo*”. E eu deveria ter dado até uma lida para dar uma refrescada na minha memória. Mas sim, mudou muito minha perspe... expectativa, né? Perspectiva, quer dizer, é em relação ao... A como funciona a mídia, né? Então, sim, mudou bastante. Até porque hoje eu vivo muito disso, né? Eu trabalho com uma empresa de telecomunicação. Então a gente... de vez em quando a gente tem que, às vezes até, é..... procurar, né? Mais informações pra não cair em *fake news*. A gente já trabalhou assim, é..... é..., por trás das câmeras a gente, sabe, quanto que dá trabalho pra manter a informação, pra correr atrás das... das... como posso dizer? De mais informação e entendimento pra passar pro... pros telespectadores, né? Pra quem vai assistir.

Entrevistador: Obrigado, Jovem III. Jovem IV nos escuta?

Jovem IV: Ao vivo e a cores, tá na escuta aí também?

Entrevistador: Te escutamos! Inclusive eu vi a sua carinha bonita aí rapidinho, mas você logo fechou a câmera. Mas tamo... Tô te escutando. Bem-vindo, companheiro! Saudade. E aí, como é que tá?

Jovem IV: “Ô...”

Jovem IV: Eu que agradeço por... pela... pelo... pelo convite. É..., eu vou só vestir uma camisa aqui, depois eu vou abrir a câmera.

Entrevistador: Tá bom. Não... a gente acabou de começar. A Jovem III acabou de responder a primeira pergunta aqui. E aí eu já vou repetir a... pode pôr a camisa aí que eu vou repetir a pergunta, o Jovem VI também vai comentar. É..., mas depois pode se ajeitar. É..., só um pouquinho. A... A... A Jovem V, ela tá com dificuldade na internet. Ela...

Jovem IV: Sim.

Entrevistador: Que... Que... Claro que, É..., vai... vai ter que esperar ela mesmo. Qualquer coisa eu faço um outro momento com ela, se ela não conseguir. Mas vai dar certo, vamos... vamos aguardar. Vou aguardar. Vamos... vamos seguir por aqui mesmo. Deixa eu só responder a bichinha aqui.

Entrevistador: Bom, beleza. É..., vou só resgatar aqui pro Jovem IV. Tá escutando, né, Jovem IV?

Jovem IV: Sim, sim. Tô, tô.

Entrevistador: Só resgatar aqui pro Jovem IV, é..., que eu tô fazendo essa pesquisa aqui. É uma pesquisa que ela faz parte da minha... do meu trabalho do mestrado na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. É..., tô fazendo mestrado estudando comunicação e educação,

né? Com foco nas juventudes rurais. E o tema da minha pesquisa é o Jovens em Comunicação, o projeto Jovens em Comunicação. Por isso tô aqui pra... Estamos aqui para escutar vocês, aprender com vocês, que participaram do projeto. É..., aí eu vou fazer umas perguntas sobre alguns aspectos do projeto. Jovem IV, obrigado por você estar aqui mais uma vez, mano. Eu sei que a correria é grande, né? Mas é bom ver você. O... A Jovem III e o Jovem VI não abriram a câmera, não tem problema, mas é bom ver seu rostinho aí na tela também. E... E mano, te perguntar se autoriza que eu grave aqui essa... Essa nossa pesquisa pra utilização no mestrado?

Jovem IV: Ah, sendo por mim, tudo bem.

Entrevistador: Tá, perfeito. E... Eu falei pros dois, vou repetir aqui pra você que é importante: essa pesquisa não tem vínculo com a APA-TO, nem com nenhuma organização do Bico do Papagaio. É..., então vocês podem ficar livres e à vontade para responder e falar o que vocês quiserem. Se vocês não quiserem ser, é..... É..., nomeados na pesquisa, quiser deixar a identidade anônima, é só me avisar, me chama no zap e fala "*Ó, Bruno, tira aí meu nome, deixa anônimo*". Aí eu coloco anônimo, né? Não... Não revelo o nome de vocês. E depois eu vou oferecer essa pesquisa toda completa pras organizações do Bico, pras comunidades, pro GT das Juventudes, pra APA-TO. É..., oferecer o relatório completo e vou me colocar à disposição para ir até o Bico do Papagaio pra apresentar. Aí é só vocês quererem e combinar um dia e falar: "*Ó, vem aí tal data, eu vou e apresento a pesquisa pra vocês, entrego na mão a pesquisa*", tá bom? A ideia é que a pesquisa ajude o trabalho, né? Da APA-TO, do GT das Juventudes, que seja um aprendizado. Fechou? Então é isso, só deixar o... Deixei o Jovem IV ciente também. Vou repetir a primeira pergunta, né? Que a Jovem III respondeu, aí o Jovem IV e o Jovem VI podem comentar também. A primeira pergunta foi: o entendimento que vocês tinham do que é a mídia e de como funcionam os meios de comunicação mudou após vocês participarem dos Jovens em Comunicação? Então aquele Jovem IV de antes da primeira etapa, o Jovem VI de antes da primeira etapa, pro Jovem IV de hoje e pro Jovem VI de hoje, mudou o que vocês entendiam que era os meios de comunicação? Podem ficar à vontade.

Jovem IV: Cara, tá me ouvindo bem aí? Meu... meu... meu computador tá travando um pouco.

Entrevistador: Ouvindo. Se quiser fechar a câmera pra falar pra ficar melhor, pode, fica à vontade. Tô ouvindo.

Jovem IV: Não, eu acho que não precisa não. É..... tipo, antes de 2000 e... E... 2010... 2016, na verdade que... que foi aonde eu conheci, É..., a EFA, que através da EFA eu conheci também o Jovens em Comunicação. Foi por lá, né? Eu já sabia, mas não era da minha... da minha... da minha natureza, da minha... da minha visão, né? Sobre isso. Depois que eu participei, um pouco de algumas... algumas sessões da... da primeira turma, né? Que foi com a [educador/a APA-TO]... Acho que foi com a [educador/a APA-TO], a primeira turma. Tô lembrando bem direitinho quem era o a pessoa da primeira turma, mas que o Jovem VI lembra. Aí eu já estudando na EFA, já participei da segunda turma e também da terceira. É..., com... com tudo, isso... Impacta muito na... na... nosso meio de convivência, no nosso... no dia a dia, porque você vê, É..., diferente do que você tá participando, sabe? É.....

Entrevistador: Só um minutinho, rapidinho. Só para receber a Jovem V. Perdão. Jovem V, bem-vinda, companheira! Que bom que deu certo! Como é você? Jovem IV vai finalizar o raciocínio e eu já te explico.

Jovem IV: Bom, é... É porque tipo assim, a... A gente vendo, tipo, uma matéria, a gente pode acreditar em tudo naquilo dali porque a gente não sabe o... o contexto da criação, da... como é... como se é feito por trás das câmeras, né? Igual a Jovem III tava falando sobre o que eu entendi por trás... Por trás das câmeras também, é... É uma coisa que impacta muito porque você sabendo do... do... do ocorrido, do que tá acontecendo e de que você só vê, então você só acredita naquilo que vê, não naquilo que... se... que se passa. É importante sim que cada um saiba também manejar de... de... de forma correta essas *fake news* que tem até hoje, é uma das... é uma das coisas que vem mais abrangendo ainda ao meio da sociedade porque eles só co... só colocam o que a gente quer... quer ver. Ou então, "*É isso aqui que vocês vão fazer e acreditar*". Eu acho que é por essa... por essa base aí. Não sei se eu fugi um pouco do assunto, mas... Mas é isso. Caso... Não...

Entrevistador: Não... não fugiu nada não. Você tá... tá ótimo. E não tem... aqui não tem certo e errado, aqui é um grupo de pesquisa pra gente falar abertamente do que quiser, tá bom? Só não pode falar mal do São Paulo. De resto, meu amigo, você... pode arrepiar aí. Tá tranquilo. É..., ó, Jovem V, bem-vinda! É..., que o... A Jovem IV tava terminando o raciocínio. Mas ó, obrigado por você estar aqui, participando. Você tá escutando a gente bem? Você escutou o Jovem IV bem?

Jovem V: Eu... Eu cheguei já no finalzinho da fala do Jovem IV, mas deu pra ouvir.

Entrevistador: Tá, beleza. Se tiver... Se... Se a internet tiver ruim, eu posso fechar a câmera, a gente deixa as câmeras fechadas, tá? Você avisa qualquer coisa. Se travar aí.

Jovem V: Tá bom.

Entrevistador: Tá? Jovem V, vou explicar a última vez agora rapidinho. Vou pedir pros companheiros aí me perdoarem, mas só pra deixar você ciente, viu Jovem V, que essa pesquisa tá sendo gravada. Eu queria saber se você autoriza a gente gravar, tá? É..., e utilizar as suas contribuições assim como as contribuições dos nossos amigos que estão aqui para, é..., essa pesquisa do mestrado que eu tô fazendo pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. É uma pesquisa sobre comunicação, educação e juventudes rurais. E o tema da minha pesquisa é o Jovens em Comunicação, né, esse projeto. Por isso que estamos aqui para escutar vocês que participaram do projeto. Tá bom? É..., depois que a pesquisa tiver pronta, eu vou oferecer...

Jovem V: Tá.

Entrevistador: Beleza. Depois que a pesquisa tiver pronta, eu falei pros... Pros colegas que eu vou oferecer ela para a APA-TO, pras organizações do Bico, pras comunidades, pro GT das Juventudes. E se vocês quiserem, eu vou até o Bico pra apresentar também os resultados da pesquisa. Eu sei que... eu acho que você não tá mais no Bico, né, Jovem V? Pelo que eu lembro. Não... Não te ouvi, acho que cortou. Você tá com o microfone fechado.

Jovem V: Ah, eu só falei que eu tô na região... Tô em Minas Gerais agora. Mas vai ser bom continuar.

Entrevistador: Ah, legal! Bacana, não. Maravilha! É ótimo, inclusive, saber que você tá... tá... tá fora, mas que você vai participar da pesquisa. É importante para a pesquisa também. É..., você autoriza, Jovem V, a gente utilizar suas contribuições e a gravação?

Jovem V: Tudo bem, sem problemas.

Entrevistador: Obrigado, Jovem V. Então, vou lá, vou repetir a... a... a primeira pergunta pra Jovem V poder responder também, o Jovem VI poder responder, e a gente vai passando pras próximas agora, mais rápido. Primeira pergunta: Jovem V, o entendimento que vocês tinham, que você tinha, que o Jovem VI tinha, do que é a mídia e de como funcionam os meios de comunicação mudou após vocês participarem do Jovens em Comunicação? Pode ficar à vontade para responder.

Jovem V: É minha vez de responder?

Entrevistador: Pode ser você ou Jovem VI, tu que sabe. Pode mandar brasa.

Jovem V: Vai Jovem VI.

Jovem VI: Vai, menina, fala.

Jovem V: Ah, então vou falar logo que minha fala vai ser breve. É..., eu acho que mudou sim, Bruno. É..., na verdade, desde quando tinha antes o... os outros módulos do Jovens em Comunicação eu já tinha interesse de participar, né? Só que aí eu não entendia muito bem. É..., e eu acho que o Jovens em Comunicação, assim, foi a minha primeira porta assim de oportunidades, sabe? Eu amadureci muito dentro do grupo. E através dos Jovens em Comunicação foi que eu conheci o GT das Juventudes, aí já peguei aquele gancho, sabe? E, É..., foi no Jovens em Comunicação, sim, que eu tive a minha primeira percepção de mídia e, É..., aprender, né? a... a lidar com esses fatos. É... igual, pegando o gancho do que o Jovem IV falou, de entender que, é..., a gente não tem que aceitar somente aquilo que a mídia retrata pra gente e tentar se aprofundar nos fatos pra que a gente não seja mais um alienado, né? Das... das... das mídias, das redes sociais assim como a gente aprendeu em Jovens em Comunicação. E foi muito gratificante participar. Eu acho que, é..., foi uma experiência incrível pra mim e contribui muito na minha caminhada, sabe? Eu acho que é mais isso. E que... voltando a pergunta, que mudou sim, mudou muito, né? Minha percepção e o modo de eu ver a mídia... a mídia e as redes como um todo, né?

Entrevistador: Obrigado, Jovem V. To vendo que seu filhote tá aí contigo, né? Tá lindo! Tá lindão! Ó lá, ele. Vai participar também! Já... Já é quase um Jovem em Comunicação também. Maravilha. E, Jovem VI, quer comentar também?

Jovem VI: O filho da Jovem V é o rei do *marketing* do tomate azedo. É brincadeira! Tão me ouvindo bem?

Jovem IV: Tamo. Fala do tomate não, moço!

Jovem VI: É..... Então, É..... ah, quando eu entrei no Jovens em Comunicação eu só tinha 15 anos, né? Então, o uso das redes sociais e dos meios de mídias eles eram assim mais mesmo pra entretenimento, pra... pra coisas usuais do dia a dia. Então eu não tinha uma percepção do quanto é importante, É..., o entendimento da... das redes sociais e dos meios de mídias pra... pra autocrítica social, sabe? E eu acho que após a... o... o espaço de formação dos Jovens em Comunicação, eu comecei... Eu passei a ter mais essa visão assim do crítico social, é..... é..., dos meios em que a gente vive e da... do... dos meios políticos em que a gente se encontra, né?

Do que que uma tomada de decisão e uma... um... um instrumento de comunicação pode fazer pro... pro meio social assim, pra mudança social. Então, mudou bastante.

Entrevistador: Legal! Obrigado, Jovem VI. Bom, vamos seguir aqui. É..., a última edição dos Jovens em Comunicação terminou em 2019, que foi a edição que eu estive junto com vocês, né? A primeira foi a [educador/a APA-TO], é..., junto com o [educador/a APA-TO] também, né? Se bem que o [educador/a APA-TO] participou de alguma maneira de todas. Colaborando, né? Várias pessoas colaboraram. Mas a primeira a [educador/a APA-TO] estava junto, a segunda foi a [educador/a APA-TO], depois fui eu. Então, você vê, hoje a gente tá em 2024, 2019... vai fazer... tem mais de 4 anos, né? Então a gente tá fazendo aqui uma viagem no tempo, né? A Jovem III mesmo não participou da última edição, acho que ela participou da segunda, se eu não me engano. Então pra Jovem III é uma viagem ainda maior, né? Pra recuperar lá na memória. Mas essa... é... essa é a proposta da pesquisa: da gente conseguir falar aqui o que vem na memória. O que não vem não tem problema também. Segunda pergunta: Para todos e todas, a habilidade que vocês tinham de usar as ferramentas de comunicação como o celular, a máquina fotográfica, o computador e as linguagens de comunicação que é a escrita, a expressão oral, a fala, o vídeo, a fotografia, isso mudou? Do que era antes para o que foi depois? Qualquer um pode começar a responder.

Jovem IV: A primeira inscrição é de graça.

Jovem VI: Oi, fala. Você já tá com o microfone aberto, engraçadinho!

Jovem IV: É o tiro! Mas Bruno, tu pode repetir pra mim por favor a... A pergunta que me fugiu aqui.

Entrevistador: Pode deixar. Tranquilo. A habilidade que vocês tinham, né? A facilidade de usar uma ferramenta de comunicação que nem o celular, computador, a máquina fotográfica, e também de escrever, de falar, de filmar. Essas habilidades mudaram do que era antes para o que foi depois dos Jovens em Comunicação?

Jovem IV: Ah, sim, sim! Muitos... pra muitos mudou 100%, e pra outros foi só melhorando mais ainda, né? Porque, uns falavam bem mas também não sabiam como fazer o posicionamento de escrita, igual eu. É..., também não sabia fazer... sabia um pouco, mas não era assim 100%, fazer uma edição boa de vídeo. E, muda mesmo! Muda até a forma da gente analisar até os... os próprios vídeos também, né? Porque quem trabalha com edição de vídeo, ele começa a ter um pouco de detalhe de olhar os detalhes no vídeo. Quem já fez isso, sabe, né? Eu... uu acho que o Bruno também já deu... pode perceber também, em qualquer vídeo que está, a gente fica olhando os detalhes. É..., muda muito sim a... a... até a postura da gente se colocar, tanto verbal como física, né? Pra... Pra se comunicar com... com os demais, com os próximos. É... o posicionamento pra tirar uma foto já é um... um ângulo diferente. A gente já procura um ângulo melhor. É..., eu só não... não foquei mais nas... nas questão... nas questões da pauta, né, de fazer... de elaborar pautas, é..., roteiros, essas coisas, porque... não é... não me convém mais, né? Sabe, eu não... não tô trabalhando mais com mídia, só fotos pessoais mesmo. Só isso, mas, é, foi um grande aprendizado essas duas turma, né? Foi uma... uma coisa, uma experiência única que a gente... que eu... que eu tive, né? E não esquecerei jamais assim.

Entrevistador: Diga lá, Jovem V.

Jovem V: Ah, eu só queria, é..., trazer um ponto, né? Que assim, é..... gostava de me expressar, só que eu acho que eu não me expressava assim de... de uma forma de acordo com a minha realidade. Tipo assim, é..., eu acho que eu não reconhecia de fato a minha identidade. Reconhec... Me reconhecer como jovem do campo, é..... depois do Jovens em Comunicação, depois daquela pesquisa que a gente foi na casa da Ruth, tal. A partir daquele momento eu comecei a me reconhecer como jovem do campo e... e me mostrar mais assim, porque eu já gostava de aparecer, de falar e tal, nas redes sociais e tal, mas não aparecia com a minha identidade própria de jovem do campo. Eu não me expressava, é..., com... aquela... aquela postura que... que desejava, sabe? Minha identidade. Não sei se eu tô conseguindo me expe... me expressar direito. Mas foi com os Jovens em Comunicação que eu aprendi, que eu lembro assim, que eu consegui me identificar, que eu fui me aprimorando mais e buscando me conhecer melhor, sabe? Através daquilo... até quando tava na EFA, naquele tempo, mas não tinha aquela intimidade tão grande comigo mesmo e tal. Tanto é que até hoje assim, é..., mesmo que eu não tô no estado, mesmo que eu não tô na região, mas eu busco trabalhar, é..., com aquilo que eu gosto, eu... eu busco não fugir da minha realidade, sabe? E, é..., nesse... nisso de melhoramento, de... de mexer nas redes sociais, tipo a melhor forma de gravar para história, a melhor forma de gravar pra *feeds*. Também o que eu aprendi em Jovens de Comunicação também. E assim, é..., foi muito importante assim em todos os aspectos.

Jovem III: Então, gente, é..., pra mim melhorou bastante, principalmente na questão da fala, né? Que eu era muito tímida. Era bastante tímida! Assim que eu entrei na escola agrícola era muito tímida. Quando eu entrei em Jovens em Comunicação, eu também entrei em outro curso chamado... Chamado Jovens Semeando o Agroextrativismo. E aí, é..... viram, né? O potencial em relação à falar, a representar. Já representei a escola agrícola, representei a... A APA-TO, já representei Jovens em Comunicação, Jovens Semeando o Agroextrativismo. Já representei a associação do meu assentamento. Nunca pensei que eu poderia desenvolver uma fala boa, né? Assim, falar e até hoje não falo muito bem, porém melhorou bastante, né? Sempre quando eu vejo um vídeo numa rede social, que eu vejo que tá errado, que eu não concordo com aquilo, eu sempre dou uma pesquisada e eu sempre comento alguma coisa assim, para melhorar, né? Ou pelo menos pra que outras pessoas vejam que aquela... aquela postagem, aquele vídeo, aquela notícia não é verdadeira. E sempre quando eu não concordo com algo que a política que tá aí, né? A atual... O atual... O atual governo, os atuais deputados, etc. Sempre quando tem algo que não me agrada, eu sempre costumo postar nos meus *status*. Esses dias mesmo eu postei o dia inteiro... O dia inteiro eu postei vários vídeo sobre essa nova lei que queriam criar, né? É..., o PL 1904 parece. E aí eu postei... Passei o dia inteiro postando, falei: "*Olha, dedico meu status de hoje a não ao PL porque eu não aceito*", e argumentei bastante, sabe? Então sim, melhorou bastante na questão dos meus argumentos. E eu sempre procuro boas palavras pra me ajudar argumentar e também procuro, né, detalhes sobre aquilo, né? Pra não tá também espalhando *fake news*. Eu não quero cobrir uma *fake news* com outra *fake news* maior ainda. Então sim, ajudou bastante, né? Inclusive no meu serviço agora que eu trabalho conversando com pessoas, né? E a minha gesticulação melhorou bastante. Então sim, a gente precisa, né? Às vezes, desse empurrãozinho na vida da gente pra gente aprender a falar formalmente, né? Com argumentos válidos, né? Com pessoas, seja com pessoas, seja com... com a mídia, né? Então, sim, eu me sinto grata por isso, sabe? Me ajudou bastante!

Jovem VI: Então, É..... Eu sou suspeito a falar, né? Porque a partir do... dos Jovens em Comunicação eu não tinha uma perspectiva tão grande com mídias, com... com... com os instrumentos de comunicação em si. E foi dentro dos Jovens em Comunicação da segunda turma que eu descobri a fotografia, né? E os... e os processos audiovisuais, de produção, de... de pesquisa mesmo, de roteiro. É..., e posteriormente, querer me profissionalizar nessa área.

Então, muitas das atividades que hoje em dia eu faço com... com coletivos, É..., na maioria das vezes voluntário... voluntariamente mesmo, porque eu gosto, né? Algumas pessoas até fala: "Ah, mas tu é besta porque tu tá trabalhando de graça". Não é. Porque se eu vejo um coletivo engajado, que tem um... um... um... um pensamento político que eu gosto e que eu quero visibilidade pra isso, eu vou lá e eu trabalho com eles, né? Dentro da fotografia, dentro do audiovisual. E foi o Jovens em Comunicação que me pro... Proporcionou esse espaço, né? Esse conhecimentos pra ir lá e poder falar: "Ah, eu tô trabalhando profissionalmente com aquilo que eu gosto", sabe? Com... com... com criação de roteiros, é... a fotografia, hoje em dia que eu mais me especializo. É... porque é uma das áreas que eu mais gosto, né? Eu acho que a visão fotográfica assim, se todo mundo tivesse essa visão fotográfica na mente, eu acho que o mundo seria um pouquinho melhor. É..., mas... mas dentro do audiovisual também eu tenho uma perspectiva de conhecimento, É... em que eu gosto, em que eu me... me identifico com isso. Eu acho que o Jovens em Comunicação me proporcionou muito esse espaço, sabe? De ter autonomia para falar enquanto comunicador, enquanto fotógrafo, enquanto, é... roteirista e, enfim. É isso.

Entrevistador: Beleza, gente! Próxima pergunta: Como que era o ambiente e a comunicação durante as atividades do projeto? Durante os módulos, durante o tempo de comunidade, também quando tinha atividade. Como era esse ambiente, essa comunicação? Vocês se sentiam livres, confortáveis para expressar suas vontades, suas ideias, para serem vocês mesmos? Essa é a pergunta.

Jovem III: Olha, para dizer a verdade, eu sempre senti muita à vontade com o... o pessoal, né? Do curso. Tanto dos Jovens Semeando o Agroextrativismo como do Jovens em Comunicação. Principalmente com os Jovens em Comunicação, né? Sempre pediam ideias, né? "Olha, vocês acham melhor assim?", na verdade deixavam até pra casa, né? Pra gente criar algo de acordo com o que a gente, né? Uma ideia da gente, de colocar num projeto. E sim, eu sentia bastante à vontade! Inclusive já fiz algumas edições. Na verdade eu era apaixonada por edições. É..., já cheguei a fazer um vídeo da minha família de 2 horas num... de fotos, sabe? De inspiração mesmo do... do curso, né? Acabei me inspirando no que aprendi no curso. Acabei até fazendo um... um... um vídeo de 2 horas só de foto da minha família. Então, me sentia à vontade, sabe? Eu sentia bastante acolhida, né? Pelo pessoal do curso. Bruno, eu não sei se era a [educador/a APA-TO]... Era a [educador/a APA-TO]. Era a [educador/a APA-TO], a Representante APA-TO... Como é o nome do outro? Meu Deus do céu... que é japinha também. Eu esqueci o nome dele.

Entrevistador: [educador/a APA-TO].

Jovem III: O [educador/a APA-TO]. Era o [educador/a APA-TO]. Ah, eu achava muito *top!* [educador/a APA-TO] também! Eu me sentia bastante à vontade. A gente sente... além de sentir à vontade, a gente também se sentia sede de aprender mais ainda, né? Quando a gente tá num ambiente assim, a gente tem novas ideias, essas trocas de... de ideias também, faz com que a gente acabe se apaixonando, né? Igual o Jovem VI se apaixonou pela fotografia, eu era muito ligada em questão de edição, adorava fazer vídeo. Editava... Eu esqueci o nome do *KineMaster*. Era o *KineMaster*, o nome do aplicativo que eu fazia edição. Então, pra mim foi uma maravilha. Se tivesse hoje ainda, eu... eu gostaria de fazer, né? Mas como não... não tá mais presente e eu também indicaria para jovens que... que querem, né? É... engatar nessa área, né? De jornalismo, edição de vídeo, etc. É bem bacana! Eu acho essencial, na verdade, na vida de um adulto, né? Como eu disse, sem saber, né? É..., o que que acontece por detrás das câmera, né? Do... do

papel à edição. É muito bacana, sabe? Eu... eu indico para todo jovem, em especial os jovens do campo. Né? Então sim, foi bem bacana.

Entrevistador: Vou repetir a pergunta aqui. A Jovem III começou a responder. Como era o ambiente e a comunicação durante as atividades do projeto? Vocês se sentiam livres para se expressar e para serem vocês mesmos?

Entrevistador: Diga lá, Jovem IV.

Jovem IV: Bom, É.....

Jovem IV: Quando você tá à vontade com... com os demais a tua mente funciona melhor do que você está sobre pressão em algum lugar. É... sempre levo isso pra mim mesmo. Se você tá com a tua mente tranquila, você tá se sentindo bem, você... O teu trabalho, o ambiente de trabalho é tranquilo, ambiente de reunião é tranquila. Todo lugar que você tá se sentindo bem, seja bem tratado, é..., tudo funciona de uma forma diferente. E... o Jovens em Comunicação ele... ele trazia isso, né? Aquele acolhimento aconchegante desde o início até o término. Era todo mundo numa *vibe* só. Pelo que eu me lembro, nunca teve uma discussão pra que a gente ficasse um pouco constrangido com alguém. É... o tratamento, cara, 100%. É... o JC ele abriu... Abriu um novo mundo, né? Pro pessoal da... da... da juventude do campo. Ela... Tipo, foi mais uma porta ali, aonde de oportunidades que se abriu na mente de cada um de nós, né? Que fez a primeira, a segunda e a terceira turma. E a busca da... Cada um da sua turma também. É... foi muito aconchegante, todos o... os módulo, as brincadeiras, os cantos da juventude, e... extraídos dali mesmo. É... as poesia can... cantada, né? Uma música cantada também. Foi, é tipo... Como se a gente... A gente, fizeram o máximo possível como se a gente... como se a gente tivesse na nossa segunda casa, sabe? Tratou bem, cuidou, dormimos bem, com... comemos... Se alimentou bem, não teve constrangimento de nada, graças a Deus. E é isso.

Entrevistador: Diga, Jovem V.

Jovem V: É..., assim como os meninos já tão falando, né? Vou pegar o gancho também que eu sempre me senti muito à vontade. Apesar de que eu fiz... Já cheguei no final dos Jovens em Comunicação, né? Mas aí a partir dos Jovens em Comunicação e eu conheci os meninos, o Jovem VI, a Camila... Eu sempre brincava com a Camila, a gente conversando, falava assim que... eu me sentia tão bem quando tava com a galera, né? Porque eu acho que, É... Naquele tempo de juventude minha, eu sou jovem ainda, mas... Eu vou dizer assim, de... de uma jovem mais imatura, né? É..., eu me sentia muito melhor estando com a galera, estando nos ambientes de formação, do que em casa. Porque eu acho que nesses espaços, sim, eu poderia ser eu mesma. Porque, é igual o Jovem IV falou, É... quando eu tava em casa eu me sentia, tipo, era sobre pressão, sabe? É... eu não... não me sentia tão bem quanto quando tava com a galera. Não podia ser o mesmo igual quando eu tava com a galera. E aí depois dos Jovens em Comunicação, veio o GT, depois eu passei a trabalhar na APA-TO e assim eu sempre me senti muito bem estando com o povo, com o pessoal dos Jovens do Campo, estando nos espaços de formação. Eu sempre sabia que ali eu poderia ser eu mesma. Então, É..., sempre foi muito aconchegante e eu só tenho mesmo gratidão por todos esses espaços, por todas essas oportunidades.

Jovem VI: O Bruno tá cheio de pergunta engraçadinha, né? Rapaz! Cara, É..... Assim, se tu fizesse essa pergunta pra minha família, eles iriam dizer que eu sou outra pessoa, sabe? Depois dos Jovens em Comunicação. Exatamente por eu ter me descobrido, ser eu mesmo dentro do... dos espaços... dentro dos módulos do Jovens em Comunicação. É..., eu era uma pessoa, como

a Jovem III falou que ela era, né? Eu era uma pessoa extremamente tímida, não falava com absolutamente ninguém, não tinha um... um... um diálogo demorado, sabe? Era só sim ou não e ficava muito na minha mesmo. E dentro do... dos módulos de... dos Jovens em Comunicação eu fui me descobrindo. É..., eu fui criando uma identidade pra mim mesmo, né? Eu até brincava lá no tempo... É..., que a... a... a [educador/a APA-TO] me chamava de Jovem VI, né? Eu até brincava naquele tempo falando: "Ah, o Jovem VI é uma pessoa, o [outro nome do Jovem VI] é outra". E aí depois, agora, eu consigo juntar essas duas pessoas, né? Atualmente. Então, eu... eu entendo que o Jovem VI e o [outro nome do Jovem VI] é a mesma pessoa por causa dos Jovens em Comunicação, por causa desse espaço de identidade que eu tive, né? De saber quem eu era. E assim, É..., é realmente... Perguntas engraçadinhas, Bruno, não quero mais não.

Entrevistador: Vamos continuar com as perguntas engraçadinhas aqui, cara. Tem bastante ainda. Eita nós! E eu... Eu como pesqui... Agora nesse lugar de pesquisador eu não posso nem comentar nada. Mas minha vontade era de comentar também. Mas eu vou... vou me manter aqui profissional no negócio. Vamos lá. Próxima pergunta: O que vocês achavam do módulo? Como eram transmitidos os conteúdos? Né? Como é que era passado esse conteúdo? O que que mais ajudava no processo de compreender algum tema e o que menos ajudava, que não ajudava tanto? Fiquem à vontade para responder.

Jovem VI: Eu acho que tinha muitos espaços que... que eram bastante legais assim, sabe? O... o... Essa coisa da alternância, é uma coisa que é muito boa dentro do espaço de formação. Então, É... era uma coisa que ajudava bastante a gente, mas o que não ajudava tanto era quando a gente voltava pras comunidades, sabe? Não ter esse apoio dentro das comunidades. Isso era um... um espaço... um... um processo de bastante dificuldade que a gente foi tentando reformular durante todos os módulos dos Jovens em Comunicação. É... eu não sei responder agora se a gente conseguiu ou não, sabe? Fazer isso. Mas eu acho que... que era uma coisa que incomodava bastante os processos de captação de imagens, É... da... do... O processo da... da comunidade reconhecer o nosso trabalho enquanto comunicador dentro das oficinas. É... eu acho que o que atrapalhava mais era isso mesmo, os materiais que a gente não tinha, é... Os espaços com os sindicatos, que algumas comunidades não tinham, outras tinham. Acho que era isso que mais atrapalhava. No mais, o conteúdo, a metodologia, o... o objetivo dos Jovens em Comunicação era sensacional, na minha opinião.

Entrevistador: Ó, fiquem à vontade para responder e se vocês... Se também não quiserem alongar e concorda ou discorda com o Jovem VI, pode também responder de maneira mais simples. A pesquisa em grupo funciona assim, tá? Mas fiquem à vontade. Vai lá, Jovem IV.

Jovem IV: Cara, é... O Jovem VI me lembrou muito isso aí, é... Tipo, não por mim, né? Mas uma parte da galera que queria fazer um pouco das atividades que era do grupo dos Jovens em Comunicação, que tinha... que queriam filmar, queriam fazer algum vídeo da comunidade, teve até um... Acho que, se eu não me engano, foi o Hélio que chegou até mim perguntando se nós, que era da... que tava na outra turma, tinha disponibilidade de material, de equipamento na... na comunidade, né? E... isso também acho que... a falta de equipamento na comunidade pro jovem também acho que ficou a desejar. Mas o que... o que ajudou muito, cara, essa... No entendimento de... das atividades, foi um pouco da paciência, né? Pessoal da organização tiveram muita paciência pra explicar e... e aquela paciênciazinha toda pra tá voltando no: Lá nos *slidezinho* atrás. "Bora voltar aqui", que é pra deixar tudo plausível, né? Tudo bem... bem claro pra gente pra entender. E isso também ajudou muito, né? No entendimento porque tem muitas pessoas que tem um... coordenação motora de entendimento mais baixo e outras mais altas. Tipo, mas acho que foi isso. Pra mim questão... foi essa. Não tem... foi... só isso mesmo.

Entrevistador: Diga, Jovem III.

Jovem III: Eu super concordo com o Jovem VI, né? Ele falou tudo que eu concordo, né? Realmente a maior dificuldade é fazer com que... É convencer, né? A comunidade de que precisam de comunicação, precisam de algo pra falar por elas, né? É... Inclusive na minha comunidade infelizmente existe um ca... existe um caso, né? Onde a... a associação... eu falei sobre a associação da minha comunidade, né? Ela tem uma associação. Só que infelizmente só alguns, ou seja, poucas pessoas que são privilegiadas, né? Então a gente... Ela tinha o material, ela tinha a câmera, ela tinha o computador, porém só servia pra algumas pessoas. Né? Até hoje, na verdade, né? Então... Isso aí atrapalhava, né? Desanimava, na verdade, a gente, né? Porque se a comunidade fosse de acordo, né? Com... com o jovem, fazer a comunicação, fazer a matéria, falando sobre, é... a comunidade, inclusive sobre a própria associação da comunidade... Nossa, seria muito bom! Quem sabe a gente conseguiria mais ajuda, né? Questão de produção. *"Ah, vamos fazer um projeto para que, né? Os moradores da comunidade pudessem entregar os alimentos, as produção dela para vender, fizesse uma grande feira, um grande evento, um grande festival"*. Mas aí infelizmente, esse tipo de atitude, né? De... de acabar tomando conta das coisas que pertence a toda comunidade, né? Que é a associação, né? Ser privilegiada apenas algumas pessoas, acaba cortando as asas da gente. Então, essa foi a maior dificuldade pra mim, né? Em relação aos pontos positivos, foi exatamente isso aí que o... Que o Jovem VI falou também. Então é isso.

Entrevistador: Jovem V, quer comentar?

Jovem V: Não Bruno, pode prosseguir. Tô contemplada com a fala dos meninos.

Entrevistador: Tá bom. Beleza. Próxima pergunta. Vocês já comentaram mas eu vou fazer essa pergunta mesmo assim porque, é... acho que... vai dar um caldo. Os Jovens em Comunicação ajudou vocês a se comunicarem melhor com as pessoas ao seu redor e ajudou vocês a se comunicarem melhor dentro das comunidades de vocês ou dos locais onde vocês moravam?

Entrevistador: Diga, Jovem III. Depois o Jovem IV.

Jovem III: Pra mim, sim! Né? Na verdade foi até além. É... depois que... que eu entrei na escola agrícola, veio oportunidade desses dois cursos, né? Eu fiz o... o curso de Jovens em Comunicação, Jovens Semeando o Agroextrativismo ao mesmo tempo. Inclusive teve uma matéria, né? Que eu apresentava o projeto agroflorestal que era do... do Jovens Semeando o Agroextrativismo, feito por... por uma jornalista. Então, nesse dia aí, entrou em conjunto os dois cursos. E sim, abriu grandes portas para mim. Né? Eu consegui fazer várias participações por aí, né? Cheguei em lugares que eu nunca imaginei chegar. Representei pessoas que eu nunca pensei em representar. Já cheguei até a representar o Tocantins, né? Os jovens dos Tocantins, da Fetaet. Eu fui pro Rio de Janeiro e aí sim, eu... O pessoal ficaram encabulado, né? Como é que uma menina matuta igual eu no fim do mundo foi parar no Rio de Janeiro e subi falar com eles? Eles até falaram com o Jovem Vm que eu falava engraçado, né? Porque era uma pessoa de cada estado, né? E eles falavam muito bem. Sabe? Gesticulava muito bem. Tinha argumento excelente! E eles disseram: *"Caraca, Jovem III, tu fala muito bem!"* Assim... Eu não digo que eu falo muito bem, mas eu sei me comunicar! E é graças aos Jovens em Comunicação. Soube usar as palavras certas para falar sobre o meu estado, né? Sobre o sindicato, sobre a escola agrícola, né? Sobre os projetos da APA-TO, sobre os cursos que eu já fiz. Né? Que depois que eu pisei o pé na

escola agrícola veio muitas bênçãos na minha vida, né? Veio muitos cursos, oportunidades e eu agarrei todos com muita força! Né? Então sim, ajudou bastante e continua me ajudando, né? Hoje tô aqui, né? Passando a empresa. Eu, de vez em quando, tô gesticulando, né? Gesticulo com cliente, gesticulo com outras pessoas próximas de mim, né? Gesticu... Gesticulo também em argumento na mídia, né? Porque eu... eu sou uma cidadã que tem o direito de dar minha opinião, né? Se o governo, se algo que eu pago, né? Não tá... não tá certo, não tá indo bem, eu vou lá e falo mesmo. Inclusive já cheguei a denunciar a gestão da... de Esperantina, da cidade onde... onde moro. Porque é um direito meu, né? E a gente que lê, que vai atrás, né? De resposta, atrás do direito da gente, é... Tem como inimigo os próprios político, o próprio... As pessoas que deveriam tá fazendo as coisas certas. E quando a gente sabe argumentar, e quando a gente sabe o direito da gente, facilita bastante, né? Que a gente alcance, né? Alcança, né? O objetivo da gente. Então sim, me ajudou bastante.

Jovem IV: Bom, é minha vez, né?

Entrevistador: Isso, pode falar, Jovem IV.

Jovem IV: É... eu... digo pro pessoal aqui, um bom argumento ganha qualquer debate. E... Tipo... A comunicação ela... ela abriu um pouco... abriu um pouco não, abriu as portas pra que... que a gente saiba colocar os nossos argumentos de forma comuni... comunicativa, que ela fique bem mais ampla, né? Bem... bem esclarecedora. Não tinha, né? Essa... essa... essa... esse conhecimento. Antigamente falava o que dava na telha, aí: "*Ah, é isso e isso. Pronto*". É... Ajuda muito na questão de argumentar com alguém sobre, principalmente nessa... nessa época... Inclusive a gente tem que ficar com a... com a faca bem amolada que é a época política, para que o... o... os bonitinho vem aqui pra conversar com a gente, a gente não falar: "*Não, tá bom e pronto*". Já aconteceu, né? Da gente não saber argumentar com alguns... algum... algum político e acabar perdendo um voto... votando numa coisa... Tô levando pra esse lado, a questão da comunicação, né? Porque se a gente souber mesmo bem, direito, como você, é... se comportar em um debate frente a frente, né? É perdido! A gente sabe que um... Com boa... com um bom... com um bom argumento a gente segue... segue firme. E tipo assim, a... a gente vai se aprimorando, né? A comunicação também... Eu também consegui um grande amigo nisso, né? Que era o Aldimar. Tá, mas até soa estranho falar esse nome, "*Aldimar*". Mas tipo a... a nós têm a nossa própria comunicação. A gente se comunica de uma forma de... até em livros também. Algumas coisas em livros a gente tá se comunicando, então é uma comunicação, sabe? Até sem... sem se falar, a gente se comunica! É isso.

Entrevistador: Jovem V ou Jovem VI querem comentar essa? Diga, Jovem V.

Jovem V: Bruno, é... eu sempre digo assim, que se a gente soubesse comunicar da forma correta a gente consegue entrar e sair de qualquer lugar. É..... e dentro da minha caminhada, a partir do Jovens em Comunicação e toda caminhada em coletivo, a caminhada em... em roda de conversa, em... em ministração de curso, participando de curso, é... assim, eu sinto que às vezes eu... eu queria me comunicar, mas eu tenho um problema de falar muito rápido, sabe? E às vezes eu respirava fundo e falava: "*Não, não é assim, tenho que...*" Às vezes eu até saberia me expressar de forma correta sobre determinado assunto, mas por eu falar tão rápido e... e não ter domínio, sabe? Daquela... daquela situação, é... as pessoas poderiam não me entender. E aí eu fui praticando, tipo, respiração, essas coisas, né? E aí, a partir daí eu consegui me controlar e aprendi me comunicar com públicos variados. Porque tipo, depois que eu tava na APA-TO, né? Que eu trabalhava com os meninos, com o Jovem VI, com o Jovem IV, a gente criar coletivo nas comunidades e tal. Às vezes a gente chegava com jovens que já tinham, é... um caminho

andado, então a gente comunicava com ele de uma forma e pra iniciante era de outra forma. Às vezes participaria de uma... De uma ação das mulheres, das quebradeiras, já era de outra forma, com as pessoas mais maduras. Então assim, é... Aprender a se comunicar é essencial para todas as caminhadas porque nem sempre a gente vai tá na mesma situação, né? A gente sempre vai encontrar uma situação diferente e aí a gente precisa ter domínio daquilo. É... Saber quais são as palavras certas. É... nem sempre a gente encontra um público de jovens do campo que realmente se portam como liderança de jovem do campo. A gente também encontra juventudes, né? Lideranças, é... que são muito burguesas assim, às vezes que querem, tipo, é... pisar na gente, que já levam assim um... um comportamento mais diferente, por exemplo, e a gente precisa respirar nesses ambientes, né? E seguir. Então, tudo faz parte da formação. Tudo isso, é... incorpora a formação de saber se comunicar, de saber se expressar, de saber se... se portar em determinadas situações. Então eu acho que, é mu... é muito essencial e a gente precisa, né? Participar desses... desses espaços pra gente aprender a controlar essas situações.

Entrevistador: Jovem VI, quer comentar essa?

Jovem VI: Sinto-me contemplado.

Entrevistador: Beleza! Próxima pergunta. Participar dos Jovens em Comunicação ajudou, mudou ou melhorou a comunicação na comunidade de vocês, do lugar onde vocês moram ou moravam na época? Mudou? Não mudou? O que que vocês acham?

Entrevistador: Diga, Jovem IV.

Jovem IV: Pra mim, não mudou foi nada. Povo não... Tipo, na comunidade, né? No meu... no meu... da nossa chácara lá. Queria fazer alguma... algumas coisas lá, queria dar uma limpada, fazer alguns plantio lá, o povo não... Parece que até... ficou foi cego, surdo. Aí também não fiz nada não. Tipo assim, ajudou pra mim. Eu em questão em si ajudou muito, mas lá não... não adiantou nada, não. Pra eles não.

Entrevistador: Certo, Jovem III. Depois eu vou passar pro Jovem VI, escreveu no *chat*, vou passar pro Jovem VI também. Vai lá, Jovem III.

Jovem III: É, então, eu já havia falado, né? Que tinha como, né? Expandir, né? O que eu aprendi e tal. Só que eu não tive apoio, né? Da associação, que infelizmente os materiais, o computador e a câmera ficava apenas beneficiando um... um... um associado, né? E aí, infelizmente, cortaram minhas asas. Aí ficou só pra mim mesmo. Como o Jovem IV falou aí, né? Mas, é assim mesmo, né? Eu faço o que eu posso, né? Algumas coisas a gente tem que postar na mídia da gente, dar opinião da gente. Porém, na comunidade infelizmente não deu certo. Tinha como dar certo, sim, porém foi uma vergonha porque a pessoa que... é... era presidente da associação, que tomou à frente, ela é envolvida muito em questão de sindicato, é envolvida em questão da escola agrícola e não teve a atitude de... de abrir as portas para que o jovem da própria comunidade dela pudesse falar sobre a comunidade, ser... ser o porta-voz, né? Que seria uma coisa bem bacana. Mas aí, vamos fazer o quê, né? Ela que a pessoa era bem experiente. Né? Então sim, serviu pra mim, infelizmente não serviu pra comunidade.

Entrevistador: Jovem VI quer falar? E depois a Jovem V.

Jovem VI: Aí tem que justificar, né? Eu pensei que era só sim ou não, só.

Pai do Jovem VI: Bora, moço. Fala!

Jovem VI: Ô, meu pai tá aqui no pé falando pra mim falar. Rapaz, aqui não mudou, mas por duas causas: primeiro porque a comunidade ela é muito movida ao capital em si, sabe? Ao capitalismo e... e enfim. Já tá entranhado. E a segunda parte porque a visão que a comunidade ainda tem, é... da minha pessoa, que é de que eu sou uma pessoa muito fechada, então... E eu realmente sou dentro da comunidade, sabe? Eu não ando saindo muito, assim, passeando na comunidade, tal. Nos processos do... do... do GT das Juventudes, é... eu tentei ainda fazer algumas atividades, mas alguns jovens não se ingressaram, não tiveram uma boa participação, então eu decidi desistindo em si. Mas lá no tempo dos Jovens em Comunicação não... não mudou nada não.

Entrevistador: Jovem V?

Jovem V: Ah, minha realidade não é diferente da dos meninos não. Porque, é... também nunca tive tanta participação onde eu morava, né? É... Até tinha associação assim igual a Jovem III falou, só que, é... não tinha oportunidade pra juventude se envolver, pra juventude contribuir. É... Eu... não que tenha chegado até mim a informação que... que na comunidade teve momentos culturais juntos, por exemplo, que eu pudesse participar, contribuir, ou mutirões, algo do tipo, que eu nunca fiquei sabendo. É... Nunca pude me envolver em nada e, assim, o momento que eu pude contribuir com as comunidades foi depois, através da APA-TO. E assim, eu sinto que eu contribuí muito mais com outras comunidades do que na comunidade que eu morava em si. É... Tanto por ser um espaço de fala, um espaço de poder participar de mutirões, um espaço de poder participar de formação, de apicultura, ou de coletivo, que seja... Eu acho que eu contribuí bem mais com outras comunidades do que com a minha mesma. Do que, por onde eu vivi, né? E até porque, é... mesmo que não tinha... não tivesse reconhecimento, né? Nem espaço de fala, mas a gente nunca nem foi convidada para participar de uma reunião da associação, ou algo do tipo assim. Então eu acho que eu tive muito mais oportunidade de contribuir, de... de estar, de aprender, é... com outras comunidades, como... com o Olho D'Água, né? O assentamento Padre Josimo É... Já fui na Comunidade, é... do Mato dos meninos assim. Eu acho que eu já fui até na do Jovem VI também e... eu participei muito mais nessas outras comunidades assim como eu acho que eu aprendi muito mais e contribuí muito mais em outras comunidades do que na que eu vivia.

Entrevistador: Certo, gente. Bom... Mais uma pergunta aqui: O conhecimento que vocês tinham de política, de cidadania, de luta por direitos, mudou depois que vocês participaram dos Jovens em Comunicação? Jovem IV?

Jovem IV: Sim. Mudou 100% pra mim. 100%.

Entrevistador: Por quê, Jovem IV?

Jovem IV: Ah, cara, tu passa a ver o mundo com outros olhos, né? Passa a... Antes de tu baixar a cabeça achando que aquilo dali tá certo, tu vai analisar um pouco, né? A história, tu vai caçar o porquê... Eu sempre... eu também tenho isso, né? "*Mas... Mas por quê isso? Mas por quê aquilo?*". A gente vai caçar alguma forma de... de... de tá trazendo pra si mesmo uma... uma resposta bem mais concreta. É... tipo... No decorrer mesmo da vida da gente, do que tá acontecendo, a gente vai... a gente vai se analisando, vai pouco... vai estudar um pouco sobre o caso. Até que não esteja tudo pra mim... até que tudo esteja tudo claro, eu ainda não... eu... eu não fico... não desisto dali, então eu fico no pé até descobrir.

Jovem III: Repete a pergunta pra mim de novo, Bruno.

Entrevistador: Repito, Jovem III. O conhecimento, o entendimento que vocês tinham de política, de cidadania, de luta por direitos mudou depois que vocês participaram dos Jovens em Comunicação? A Jovem III já deu até um exemplo disso. Vou deixar vocês responderem.

Jovem III: Sim. Eu acabei de lembrar de um curso que o sindicato forneceu pra gente que era sobre política. Inclusive o nome do curso era política. Né? E sim, mudei muito a perspectiva do que eu achava que era política do que é hoje, né? Então sim, contribuí bastante. Eu sempre fui muito assim... Como posso dizer? Não é teimosa, é aquela pessoa que insiste na opinião dela, em dar a opinião. Não é questão de dar opinião, é uma coisa que eu acredito que seja de uma forma e eu vou defender até que alguém prove ao contrário, né? E sempre quando há algo assim que não me... desce, que isso aí tá errado, eu vou atrás, igual o Jovem IV faz, né? Vou atrás pra saber, né? Se realmente é aquilo. E vivendo no... no Brasil de hoje que a gente vê o jeito que tá as coisas, né? O mundo de cabeça pra baixo praticamente, é... pra gente ser... assim... manipulado. A gente basta a gente dar ouvido a informações inválidas, como por exemplo, grupo de *WhatsApp*, aquele *TikTok* que a gente, né? Não anali... não analisar direito, a gente vai acabar caindo em *fake news*, né? Então é sempre importante a gente dar uma pesquisada antes, né? E também tem que... tem que ter uma certa certeza de qual fonte você vai acreditar, né? Então hoje em dia eu acredito que eu tenho uma opinião própria, né? Não é qualquer opinião, qualquer notícia, qualquer pessoa que vai conseguir me convencer de que a opinião dela é melhor do que a minha, do que o que ela falou diferente da minha vai ser melhor do que o que eu disse, né? Então é isso, mudou bastante, sim. Política hoje para mim... Ah, na verdade política tá em tudo! Política tá em qualquer empresa, política tá em tudo que a gente faz, né? Só que de forma diferente, mas é política.

Entrevistador: A Jovem V tinha pedido a palavra.

Jovem V: É... Eu acho que mudou bastante, É... nesse ponto, Bruno. Porque, é igual o Jovem IV falou, né? Eu passei a ver o... o mundo com outros olhos. Pra mim, política é... era... sei lá... só um momento ali de corrupção, é... eu não podia, assim... Eu não tinha interesse, né? Aí a partir desse momento eu passei a ter interesse e a partir do momento que eu fui também participando dos... dos espaços e vendo, né? Que... que a política, é... eu deveria analisar mais porque eu precisaria escolher alguém que me represente, que represente meu pensamento, é... o modo em que eu queria que o mundo fosse, o modo em que eu acreditasse que as coisas deveriam ser. Não que elas pudessem só estar existindo, é... aprendi a posicionar meu pensamento, defender minhas ideias, minhas opiniões. Aprendi a argumentar. Aprendi que política não é só um prefeito, algo do tipo, que tudo enquanto que a gente vai fazer hoje é... é política, né? Que comer é um ato político, que tudo é um ato político e que a gente precisa participar e... desses espaços, entender melhor porque, é... Depois também a gente tava participando de um... de um curso, né? De formação, que é de formação política. Formação básica, né? No espaço jovem que teve um... um... um curso de formação básica que a gente... podia ali participar e aprender como se vivencia os processos desde o início. É... que política a gente precisa ter espaço dentro... de espaço de fala, espaço de voz, espaço de vez, espaço de escolher alguém que nos represente, de alguém que veja nossos direitos e tudo isso que engloba. Então, assim, eu aprendi... eu até hoje assim não sei, tipo, debater assim bem um tema sobre política, mas eu gosto de ouvir e aprender. Né? E aí eu acho que interessante.

Entrevistador: Jovem VI, quer comentar essa?

Jovem VI: É..... Assim, né... Pode só repetir rapidinho?

Entrevistador: Posso!

Jovem VI: Me distraí aqui.

Entrevistador: Tranquilo! O entendimento que vocês tinham sobre o que é política, o que é cidadania, luta por direitos. Isso aí mudou? Não mudou?

Jovem VI: Ah, sim. Ah, mudou bastante, né? Primeiramente porque eu... hoje, é... eu tô dentro da... de uma universidade federal, mesmo que... que com várias barreiras assim, que às vezes eu penso em não ir mais, que às vezes eu penso em ir, e que atualmente, é... eu tô me afastando temporariamente, é... Mas se eu... se eu tenho... se eu tenho esse acesso, é por causa da ideologia política que eu decidi acatar pra mim, sabe? Por causa do... do processo de cida... de cidadania que eu acredito, por causa da... da... dos aspectos sociais que eu acredito que irão acontecer, sabe? Das revoluções que eu acredito. É... Isso muito por parte desse processo de formação social também que o Jovens em Comunicação me trouxe. É... a partir do... Ah... ah... O ser cidadão como um ato... como ato democrático, político e direito meu, sabe? Então, mudou bastante a minha visão política. Por causa disso também que os meninos faJovem Vm, de que o... o político não é só um político partidário, não é só o prefeito, vereador, governador, que seja. Mas que a política ela é aquele... meio em que você se organiza, sabe? Aquele espaço de organização político-social, comunitário. É... por isso também que eu acredito muito, é... no comunismo, sabe? Na comunidade e... no anticapitalismo, que um dia esse tal capitalismo caia. Né? Porque a gente precisa viver sem ele, a gente precisa ter de novo aquele abraço amigo, é... do... do... do ser solidário um com o outro. Não por causa de... de um pedaço de papel, de um *pix*, ou de seja lá o que for, mas porque tu se preocupa com teu irmão mesmo, né? Então, acho que o... A... a minha ideologia política é essa por causa dos Jovens em Comunicação, por causa das pessoas que eu conheci, por causa do meio em que eu vivo. É... e é isso. Mudou bastante o meu... minha visão política das coisas, sabe?

Entrevistador: Certo! Próxima pergunta. O projeto Jovens em Comunicação compreendia as rotinas, as necessidades de vocês enquanto jovens? Por exemplo, as datas dos módulos, os temas dos módulos, os prazos de entrega, o nível de exigência, a liberdade para vocês criarem. O projeto entend... E outras coisas que vocês possam lembrar também. O projeto compreendia vocês enquanto jovens nesse sentido?

Jovem VI: Da minha parte, sim, né? Eu sempre cumpri com... com... com os... o que o... o espaço de formação pedia, porque também ele ouvia, né? o... A minha... as minhas demandas, assim. Então, dentro do Jovens em Comunicação eu não tenho o que reclamar, sabe? Das atividades. Porque realmente, eram espaços em que eu tinha um... um... uma certa liberdade, sabe? Pra fazer o que queria e um tempo que também cabia dentro do... do... da... das minhas atividades lá do tempo. Era bem tranquilo. Não sei pros outros.

Entrevistador: Diga, Jovem IV.

Jovem IV: Bom, pra mim enquanto aluno da EFA não... não ficou tão puxado assim não, porque os módulos eram na EFA, né? Era no fim... nos finais de semana. Aí eu já estava morando quase na EFA mesmo naquela época. Aí pra mim a questão de... de disponibilidade nunca foi um problema, não.

Jovem III: Sem falar, né, Jovem IV, que eles sempre ajudava a gente, questão de transporte também, né? A gente sempre... Foram bem compreensivo com a gente. Então eu sempre me senti bem acolhida e como o Jovem VI falou, também tinha uma certa liberdade. Me sentia livre, né? Assim, tá bom.

Jovem IV: Exata... Exatamente! Deixa o... A gente ainda... ficar lá na escola ainda, um final de semana. Ah, aí o pessoal sempre foi bem... bem receptivo pra mim.

Entrevistador: Jovem V, quer comentar também essa?

Jovem V: Tô contemplada também, Bruno.

Entrevistador: Beleza! Próxima pergunta. As atividades do projeto tratavam de como era viver nas comunidades e nos assentamentos e nos locais que vocês moravam naquele período? As atividades falavam sobre isso, tratavam disso?

Entrevistador: Diga, Jovem III.

Jovem III: Sim! Inclusive esses dias eu tava vendo uma reportagem que a gente fez lá, não sei quantos anos atrás, assim que a gente começou o módulo. Eu mandei pra Jovem II, mandei pra Veras... Pra Vera. Mandei pro... Pro Jovem I também! Nossa Senhora, eles quase... Quase acabam de infartar: "*Meu Deus, quanto tempo!*". E aí era uma biografia, né? De cada um da gente. Falava de onde era... de onde era a comunidade que a gente morava, o que que a gente fazia, né? Falava que também era aluno da EFA. Então, ele sempre envolvia, sim, a comunidade, o que que a gente fazia na comunidade, qual era a nossa participação, qual era o nosso sonho, se a gente queria continuar na... na comunidade, ou se tinha outro sonho. Então, sempre envolvia, sim, a comunidade, né? E a gente tinha uma certa influência, né? De que a gente permanecesse, né? Na comunidade depois de se formar na EFA. Infelizmente não foi possível, né? Porque não teve serviço pra todo mundo. Infelizmente nem todos os projetos agroflores... Agroflorestais, hortas, e etc, não foram pra frente, né? Mas foi bem bacana, sabe? A gente tinha essa influência da gente persistir no que a gente queria enquanto ao que a gente... que a gente trabalhava na comunidade. Como por exemplo, eu trabalhava com horta e com abelha e também tinha o... o projeto agroflorestal. Eu persisti com... com a apicultura até o ano de 2023, ano passado. Aí não deu certo mais, questão da rotina, de serviço, acabei entregando pros meus irmãos tomarem de conta. Mas é isso.

Entrevistador: Jovem IV?

Jovem IV: Ah, o JC sempre deixou... Esclarecido, né? Bem claro que... que iria trabalhar voltada sobre mais, é... sobre a nossa identidade, jovens do campo, né? É... sempre mantendo um vínculo da comunidade com a juventude e juventude com a comunidade. Certo que a maioria desses vínculo não era fixada, né? Por conta da... das comunidades em si mesmo porque a gen... Ah, já teve relatos aqui que comunidade pouco se importou um pouco com a... com a comu... com os Jovens em Comunicação. Foram poucos que... que compareceram, foram poucas que... que... que souberam... é... receber. E poucas que a gente retornou também que, eu... Muitos queriam, né? Também que a gente retornasse lá. E infelizmente teve os acontecidos aí futuros que não... que não deix... não deu oportunidade da gente retornar. Mas pra mim mesmo, sempre ficou... é... vinculado essa... essa questão de... de manter, de... da permanência dos jovens no campo, né? É igual a Jovem III falou, faltou... pra mim o que eu acho mesmo,

faltou foi oportunidade, né? De uma quarta turma, de manter o pessoal, é... o desempenho do pessoal ativo, né? Pra manter a gente com... Faltou comu... Ah... Faltou comunicação! Faltou a gente se comunicar bem mais direito sobre... É tipo assim, a gente vai... fez um... um projeto de comunicação, mas também faltou um pouco de... de comunicação porque a gente estava, é... com vários projetos em... é... em mãos, né? Pra poder... poder... pôr em campo, tanto dos Jovens em Comunicação como do... do agroextrativismo, e tinha uns outros trabalhos também que a APA-TO tava, é... Aí, tipo, tava... tava no meio também, né? Dos outros projetos e tudo. Mas quem sabe futuramente aí um... possa retornar uma quarta turma e aí... e continuar com esse trabalho, né?

Entrevistador: Tá certo. Alguém quer comentar também? Jovem VI, Jovem V?

Jovem VI: Já me sinto contemplado.

Jovem V: Me sinto contemplada também. Só quero comentar um pouquinho dessa parte, pegando o gancho do que o Jovem IV falou, né? É... da influência que a gente tinha do jovem continuar no campo, né? É... isso pra mim sempre foi assim bem forte. É... na verdade... é... o jovem até poderia continuar no campo, mas muita das vezes a gente não tinha oportunidade. No meu caso, é que... É aquela questão de sempre, né? De... da gente não ter espaço, não ter liberdade para poder produzir aquilo que a gente acredita na terra, ou espaço para desenvolver um projeto ou algo do tipo. É... na minha época, que eu tava assim bem empenhada, sabe? Em querer, é... desenvolver projeto e tá e continuar... foi a época que minha mãe vendeu a terra. Então aí eu já fiquei sem oportunidade totalmente, né? E só poderia desenvolver alguma coisa, é... no coletivo. Tipo, aí eu comecei a me envolver com a apicultura, que foi com a [representante APA-TO] na época. Agora eu tô iniciando de novo, é... aqui onde eu tô, em Minas Gerais, né? É... meu patrão aqui, que eu trabalho aqui com ele, são pessoas bem legais, são pessoas de bem também, e eu me identifico muito com eles assim. Pelo menos aqui nesse fim de mundo do agro, eu consegui encontrar essas pessoas... Pessoas aqui que são bem legais e que tem o mesmo pensamento, a mesma ideologia, acreditam nas mesmas coisas. E aí a gente tá começando a iniciar um projeto de apicultura. Não é na minha terra, nem como eu gostaria, mas já é um passo, né? E aí quem sabe futuramente, É... eu continuar minhas atividades na minha terra porque é isso que eu desejo, né? Enfim.

Entrevistador: Certo, Jovem V. Jovem IV pediu a palavra.

Jovem IV: É igual a Jovem V tava falando dessa questão de oportunidade também. É... a gente teve o último encontro que eu participei que eu acho que foi no Ciriaco, o Jovem VI também pode me... me ressaltar sobre esse encontro, é... que eu participei. Eu tinha... Tava no meio perdidão, sabe? Sem... sem serviço, sem aquilo, sem aquilo. Eu tava, qualquer coisa, tava sumindo no meio do mundo! Mas tipo, o que eu queria falar, porque lá a gente ficou relatando nosso grupo... o grupo teve o [outro jovem], grande [outro jovem] também! Teve o [outro jovem], teve o [outro jovem], teve uma... uma galera todinha lá. Acho que a Jovem V também tava. A gente tava debatendo sobre... no... em questão... até questão do GT também. Mas também isso aí seria voltado também para o Jovens em Comunicação, né? O JC. Que se pudessem, se o projeto em si fosse continuar mesmo do GT, era para que a gente tivesse alguns cargos, né? Ali dentro da APA-TO. Alguns cargos ali com uma ajuda financeira porque a maioria do pessoal que tava, eu mesmo, pra mim poder ir eu tive que tirar o dinheiro do meu bolso. Não... Tipo, não tive reembolso, nada. Foi por questão de... de vontade mesmo que eu tava pra ir. Eu falei até pro Jovem VI que eu tava com vontade de ir e eu fui. Não tive reembolso, não... Tipo assim, é... a gente faz o trabalho, a gente sabe que é um trabalho comunitário, tal,

mas deveria vir um projeto voltado para a juventude, sendo que ele fosse a frente dele fosse a juventude, sabe? Tipo, o Jovens em Comunicação, só os jovens ali mesmo, da galera mesmo que tomasse de conta, que fosse mesmo, "*Ó, tem isso pra fazer, tem aquilo pra fazer*", sem precisar tá tudo por mão da [representante APA-TO], sendo que pode... podia ter... poderia ter passado essas coisas, mas... Tipo assim: "*Não, isso aqui é o pessoal da juventude que vai fazer, então eu só tô... Só vou acompanhar*". Aí essa conversa ficou e eu saí, viajei, voltei e aí até agora ainda não... não aconteceu nada, sabe? Acho que essa falta de oportunidade também dentro da organização também para dar espaço para o jovem. Porque tipo assim, para o jovem tomar à frente também, isso ajuda muito. Tanto aquele que tá de... na frente do projeto, quanto aqueles que vão participar do projeto. Porque fala assim: "*Não, é ali é o jovem que tá participando então a gente vai*". É só a juventude, tal. É isso.

Entrevistador: É... O bom dessa pesquisa em grupo é que os temas vão surgindo e o Jovem IV, a Jovem V falou que a gente tava tentando ter algo assim como o agro... com o... o agroecológicas, né, Jovem VI? Ela fez essa... essa... esse comentário. E o bom dessa... Vocês podem... O Jovem VI pode comentar isso também que a Jovem V colocou. Mas o bom dessa pesquisa é que vão surgindo coisas, né? Eu fiz uma pergunta e aí a conversa vai se encaminhando pro outro lado que é... Ótimo! Porque a gente tem que falar daquilo que vem, que brota na cabeça, brota no coração. E aí eu vou então mudar a pergunta para abrir para... para vocês comentarem mais e quem não comentou, se quiser comentar, pode comentar. A pergunta então ficaria assim: O que que faltou realmente? Então, o que que vocês tão falando daquilo que faltou, né? O Jovem IV colocou, a Jovem V colocou que faltou oportunidade. Então, o que que faltou pro Jovens em Comunicação então ter essa continuidade que vocês mesmo tão colocando aqui? Jovem V e Jovem IV já comentaram, mas se quiser comentar mais pode comentar. Jovem VI e Jovem III, se quiser comentar, fica à vontade, tá aberto aí. Vamos incluir isso aí na pesquisa também. Já tava incluído na última pergunta, mas a gente já... Vamos adiantar então já que o assunto chegou. Vai lá, Jovem III.

Jovem III: Repete bem de novo a pergunta pra mim, por favor?

Entrevistador: Repito, com certeza! Pegando essa onda do que o... A Jovem V e o Jovem IV já comentaram que é o que faltou para continuidade dos Jovens em Comunicação. Não necessariamente a continuidade, mas o que faltou pro... Após, né? Pra vida dos jovens, após o Jovens em Comunicação. Que é um pouco do que o Jovem IV tava falando, a Jovem V tava falando.

Jovem III: Olha, eu persisti por mais de dois anos, né? Nessa... Mais de dois anos depois da minha formação da escola agrícola, vamos supor, vamos... vamos levar pro lado assim do campo, né? Me formei, né? Inclusive passei dois meses ali no sindicato. Não tive oportunidade. Nem o próprio sindicato me deu oportunidade, né? A comunidade então, nem se fala, né? Então, sim, eu... eu senti a... a realidade de uma pessoa que termina de fazer... se formar e não tem oportunidade, né? É..... Não foi questão de interesse. Corri atrás, fiz o que pude... Né? Na... na época mesmo, que eu me formei em 2018, eu era menor de idade, tinha 17 anos. Porém até 2021, que foi mais ou menos a... a época que eu mandei meu currículo pra empresa, pra internet, eu tinha 19 anos. Então, eu acredito que seja falta de oportunidade. Tanto da... da escola, é... que formou a gente, né? Inclusive a gente recebeu até uma promessa de que quando... a primeira turma se formasse... seria uma mil maravilha, né? O... o... o Jovem IV sabe do que eu tô falando, que é que eles prometeram pra gente, né? Parece que nós, a primeira turma fomos esquecida, praticamente. E assim, é... prometeram emprego, né? Inclusive teve emprego, mas foi só pra uma pessoa, né? Que tá até hoje por lá, eu acredito, não sei. E aí os demais ficaram

desamparados, né? É... alguns persistiram em tá nessa... nesse... nesse meio, né? Só que eu ouvi de uma pessoa que é líder comunitária, né? De que não, aquele... aquele... aquele técnico não era capacitado para aquilo. Então, as pessoas não acreditavam na gente. Não era só questão de dar oportunidade, era questão de não acreditar também, né? Então, foi duro! Foi duro, sim! Interna de fazer um curso ali, sair com os olhos brilhando ali da formatura, um dia, dois dias depois, esse brilho acabar. Porque, é... contribuiu pro meu conhecimento, porém, profissionalmente, infelizmente, não teve como, é... é... Contribuir, né? Hoje eu tô trabalhando numa empresa totalmente diferente do que eu me formei, porém, é... é... o curso do Jovens em Comunicação e outro curso também que eu fiz. Inclusive eu quero deixar aqui, Bruno, agradecer, né? Vocês, que eu fiz quase que um curso ali de informática, né? Com vocês aprendi a mexer com computador, entre aspas. E quando eu fui fazer o curso de informática, eu... eu tive parabéns porque o cara disse que eu já sabia de tudo: *"Tu já sabe mexer com computador, Jovem III?"*. *"Não, porque eu fiz um curso anteriormente, mexer no computador etc."* Ele: *"Bacana! Bacana! Muito bem!"* E... Contribuiu bastante pra mim tá onde eu tô hoje, porém deixou muito a desejar. Escola agrícola deixou muito a desejar. A primeira turma foi praticamente esquecida. Questão de projeto... Antigamente, é... Quando era pra entrar na escola agrícola, o primeiro critério era você ser filho de assentado ou você ter uma terra, mas aí, de tão ser cansativo, de ter poucas oportunidades para nós, porque é apenas um curso, né? Só o curso técnico de... de... Jovens de... de técnico agroecologia, as pessoas tão procurando pouco e aí eles tão colocando qualquer jovem lá na escola agrícola, né? Então, perdeu aquela... aquele... Como posso dizer? Aquele gás! Né? De jovem mesmo da terra ali, tá lutando ali pra se formar, pra botar novos projetos. É... Então sim, faltou muita oportunidade. Primeiro pela escola, segundo pelo sindicato, terceiro pela comunidade, quarto pela... por outras empresas, né? A gente não vê muito falando em técnico em agroecologia. A gente... agroecologia, na verdade, ainda... ainda é uma novidade, poucas pessoas sabem o que é agroecologia. Então, é... sobre a EFA, ela realmente deixou a desejar. Bastante! Mas é isso, né? Essa é minha opinião. Faltou oportunidade. Se tivesse dado oportunidade para mim, quem sabe eu ainda estaria nesse ramo, né? De... Esses dias mesmo eu tava vendo aí um... Como eu posso dizer? Como é o nome? Meu Deus do céu... Pra gente fazer prova, pra passar pra ser... eu esqueci o nome! É... técnica ambiental, né? É...

Entrevistador: Vestibular?

Jovem III: Não. Vestibular não, é outro nome. Que sai assim da prefeitura mesmo, esqueci foi o nome.

Entrevistador: Concurso!

Jovem III: Eu pensei muito em fa... Concurso! Isso, tava pensando muito em fazer o... O concurso de técnica ambiental que eu achei que eu me encaixava bastante. Mas aí eu pensei, repensei. *"Ah, não, acho que eu não vou fazer não. Talvez não sirva muito o que eu conheci"* mas... É isso, né? Eu me sinto decepcionada. Não vou mentir, eu me sinto decepcionada. Na época que eu fui entrar na escola agrícola, eu tinha duas opções, que era fazer técnico em enfermagem e fazer técnico em agroecologia e... E eu escolhi técnico em agroecologia. Mas se eu pudesse voltar o tempo, não sei. Às vezes eu penso, né? Mas se eu pudesse voltar o tempo, eu não teria vivido isso tudo, que eu vivi, conhecido pessoas maravilhosas que eu conheci, ter tido essa oportunidade de participar do curso Semeando o Agroextrativismo, ter viajado tanto, conhecimento sobre o Jovens em Comunicação. Então é isso, a minha única decepção mesmo é só a questão da escola agrícola que deixou a desejar. Se alguém discordar de mim, tudo bem, mas essa é minha opinião.

Entrevistador: Não, certo, Jovem III. É um espaço livre pra gente colocar as opiniões sem amarras, sem algemas. Eu vou passar pro Jovem IV, mas eu... Eu fiquei interessado numa coisa que a Jovem III falou antes de passar pro Jovem IV. Você falou que você ia prestar o concurso, mas você desistiu porque você achou... Por quê? Por que que você não quis prestar o concurso? Não sei se eu entendi, você achou que não ia dar? Tá... tá fechado seu microfone, viu, Jovem III?

Jovem III: Ah, é comigo? Pensei que era com o Jovem IV.

Entrevistador: Não, É..., vou passar pra ele, mas você falou uma coisa que me chamou a atenção. Você ia prestar o concurso de técnico ambiental e aí você achou melhor não. Por quê?

Jovem III: Na verdade ainda não chegou o tempo, né? Eu tô assim meio indecisa, né? Parece que é pro mês agora de julho, se eu não me engano. Eu tô em dúvida entre ele e mesmo agente de saúde, mas ele me chamou bastante atenção. Eu acho... eu acho, né? Que o que eu aprendi na escola agrícola pode servir bastante pra mim colocar em prática, né? Nesse... lado profissional de... desse lado técnico, né? De ambiental. Eu tô pensativa, né? Não sei se eu quero seguir esse ramo, mas, é uma coisa que sempre me tocou bastante, questão de... De mexer com terra, né? Só não mexo com terra porque, infelizmente, tem aquela coisa, né? Os pai da gente tem as técnica deles de mexer com a terra e aí a gente tem a da gente, que a gente aprende na escola agrícola. Sempre teve esse preconceito, né? Já vi outros alunos falarem sobre isso, né? *"Ah, não, eu não faço nenhum projeto na... na... na terra do meu pai porque ele não deixa"*. Igual lá em casa, minhas abelhas, elas estão no mesmo lugar já tem mais de 5 anos porque eu não tenho outro espaço pra mim colocar elas. Né? Porque a terra não é minha, né? Se fosse minha, eu mudava... espalhava, né? Na verdade, na terra toda, investia mais em apicultura e outros, é... meios extrativistas do que com gado, vamos supor. Entendeu? Então, é isso.

Entrevistador: Obrigado, Jovem III, por ter respondido. Jovem IV.

Jovem IV: Bom, vamos lá. Eu tenho pontos positivos e negativos aqui sobre algumas coisas que a Jovem III falou. Que... Primeiramente, 2016, né? Que foi o ano promissor, prometedor, vieram com... com... tipo, com muitas, é... oportunidades da escola. Dez abril, se eu não me engano, foi a primeira aula que teve na escola. Era nós estudando ali e a máquina rodando na beira da escola. É... tipo, nós matando cobra. Nós mesmo que foi pintar a escola verde e branca para representar a escola. Aquele ano foi um ano de... de mudança, tanto pessoal como mental... mental... Tudo, tudo, tudo, tudo! Eu, que era uma pessoa... Jovem VI conhece, não gosto nem de tocar nesse assunto, mas Jovem VI conhecia como era... Como eu era. E eu me passei a... a... a olhar pro mundo como... com outras coisas. Teve essa proposta da escola, sim! Nós a gente... foi sentado as duas turma numa sala. A... a tal... a atual presidente do sindicato, que hoje não sei se ainda é ela mesma, mas, chegou lá com esse mesmo assunto de que na format... após a formação da... da primeira turma dos alunos, os técnicos que iriam ter na escola, tanto técnico como para aula prática e teóricas seriam os próprios alunos da escola. Tá, escolhia na base dos cinco ou era seis, por aí, os alunos. Isso fez com que a gente... é... brilhasse mais, né? Os olhos da gente e ajudasse a permanecer na escola porque a gente tava começando a... a falar sobre isso, a gente tava começando a entender o porquê. 2017 foi um ano muito bom. E foi ali quando eu comecei a ver os erros da escola, né? Foi por isso que eu fui... eu fui taxado de algumas coisas da escola que eu comecei a ver uns erros. Tipo, aquela ida dos alunos pra escola da Agrotins, Escola do Agro. Jovem III lembra, acho que a Jovem V vai lembrar também, e eu lembro perfeitamente que eu recebi a... a proposta de ir pra... pra viagem, eu recusei. Que eu

não falei... eu falei que eu não via interesse em levar alunos da EFA, Escola Família Agrícola, para uma feira do agronegócio. Né? Mas como eu era minoria, fui tachado e cogitado pra... pra não ir mais. Eu não fui. Outra... outro... outro ponto que eu fiquei abismado com aquilo foi quem participou de um encontro... Eu acho que foi um encontro da... ATA, e foi o encontro de rede... Não, rede não. Eu não me engano o encontro... Não sei, me lembro muito bem o encontro que foi o que eu retornei de... de... ao retornar de... de Rondônia. Quando eu entrei na escola, a primeira coisa que eu vi foi um *banner* da Suzano dentro da escola. Com uma marca da Suzano dentro da escola! E quem levou foi uma professora. Aí eu... aí comecei a desacreditar mais um pouco qual é o... o princípio da escola em si. É... eu tomei à frente pra falar sobre isso mas novamente não deixaram eu falar, sabe? É... então tipo, a escola ela... diz que... diz que tem dado oportunidade para os alunos, mas ao mesmo tempo que ela começou a tirar, dar a oportunidade, ela tava tirando. Né? Aí agora veio a mudança da pintura da escola que colocou um... um cinza com preto. Eu não sei se tá ainda a mesma cor, mas quem entender bem melhor, cinza e preto é a cor da escola militar, né? Da... da CPM, de militar. Falando nisso, aconteceu um fato que eu fiquei pronto, é o... é o ápice, é o fim da loucura! Um atual... a... é... tipo, diretor da escola EFA tirando foto na frente da escola de braço cruzado com os PM! Aí tipo assim, como é que uma Escola Família Agrícola, coloca um... um cara pra ser diretor da escola que trabalha na ADAPEC e ele posta fotos sorrindo e cruzando um braço com um monte de PM na frente da Escola Família Agrícola?! Aí onde é que tá o sindicato, hora dessa? Que o sindicato tem a associação, né? Tem a associação Família Agrícola, e tem o sindicato que também é vinculado a isso. E... então, recapitulando, o que... O que aconteceu para que esses alunos que... que se formaram não tão lá trabalhando até hoje? O que foi? Foi falta de incentivo dos alunos? Foi falta de... de... é... posicionamento da... da... da... da pessoa, da... Tipo, da diretoria em si? Ou então... Ou foi por causa que a... a presidente do sindicato não quis? Porque se a gente for lá agora, a gente pode ver que a maioria do pessoal que tá trabalhando na escola é parente da Maria Senhora. Então, a escola começou a se tornar familiar! É... não é Família Agrícola, é familiar! A maioria do pessoal que tá lá é... é parente da... da... da... da Maria Senhora ou então é próximo a ela. Tipo assim, não é querer desmerecer o trabalho do pessoal, sabe? Mas eu acho que não. Então, cadê a nossa... a nossa vaga, pô? Cadê a vaga do... do aluno? Porque a oportunidade vem daí! Se você não dá oportunidade do aluno para o... o jovem... para o jovem técnico, é... mostrar o que ele... do... o que ele sabe, do que ele é capaz de fazer, aí você caça um de, tipo assim, de sair pra trabalhar porque se a própria escola não dá oportunidade, quem que vai dar? E o ponto positivo sobre o... o Jovens em Comunicação que a gente tinha... a gente tinha em mente... falando em mente, que a gente tava com a ideia de abrir um *podcast* do jovem! "*Como é que?*" *Podcastzinho* só pra juventude. Tipo, pra nós conversar, debater, puxar um jovem da comunidade. tipo: "*Ah, vamos... Hoje a gente vai falar com o Jorge. Da... da comunidade tal. Hoje vamos falar com a Jovem V, Tifi. Hoje vamos falar com a Madalena aqui no podcast*". Isso aí era tudo de ideia! Foi lançado, mas aí cadê? A gente não tem retorno. Aí isso que fica, tipo... "*Ah, então...*" Eu mesmo desisti por conta disso, pô! Porque eu já cansei de... De tá pisando na tecla. Eu cansei de tá pisando na tecla e a tecla não tem resposta. Então, já que não tem resposta, então eu vou desistir. Vou parar". E é isso.

Entrevistador: Obrigado, Jovem IV. A Jovem V tinha escrito e aí depois a Jovem III.

Jovem V: Ai, Bruno, escutando o Jovem IV... a gente quer falar tanta coisa também que acaba que vai fugindo um pouco, né? E assim... sempre que fala da EFA pra gente que estudou...

Entrevistador: Não foge não, pode falar!

Jovem V: É..., assim, a gente que estudou lá assim... É assim, algo que pega assim. A gente fica mesmo espo... Esporado com isso, né? É..... eu tive algumas oportunidades, né? Trabalhei na APA-TO, é... contribui e enfim foi muito... foi muito gratificante, né? Eu cresci muito na APA-TO como os meninos sabem. É... eu pude participar, eu pude aprender tanta coisa. Nossa, e o que foi... uma professora pra mim e uma mãe também. E nossa, foi essencial pro meu crescimento e pra ser quem eu sou hoje! E assim, depois que... Eu tava dois anos contribuindo com a APA-TO, assim, na verdade, inicialmente eu queria trabalhar na EFA, né? Meu sonho, meu brilho nos olhos igual dos meninos de quem se formou lá, era de trabalhar na EFA. Era o que eu sempre queria e... eu contribuí com a APA-TO que foi muito bom e quando tava com dois anos que eu tava na APA-TO, eu lembro que uma vez eu tava numa comunidade com o Jovem VI, eu até percebi que tava cansada, assim, né? Eu não vou mentir, eu tava um pouco cansada mesmo da rotina, é... de tudo, né? E aí... eu cheguei a sentar na mesa com... com a [representante APA-TO] com a Maria Senhora, várias pessoas, né? E aí decidimos que... decidimos não, é... o conselho, né? Diretoria da APA-TO, da EFA, de todo mundo, que eu ia pra EFA nessa época. Depois que eu já tava... eu não ia ficar mais na APA-TO, sabe? Eu queria contribuir na EFA e ia pra EFA. Não porque eu queria, também eles acharam que eu era um bom perfil e tal pra contribuir. Mas aí, como o conselho, o diretor da escola também já tinha mudado, o corpo da escola tinha mudado bastante, eles não contribuíram com a minha ida pra EFA e disseram que eu não seria uma boa influência pros alunos da EFA, é... por conta disso, né? Que eu já tava no coletivo do GT, por conta de que eu tava contribuindo pra APA-TO. Eu acho que eles me viam tipo como... eu não sei, uma coisa ruim que eu não poderia contribuir com a escola. Sendo que meu pensamento nunca foi fazer mal pra escola, pros alunos, ou influenciar eles, sei lá, que... eles pensaram que eu ia dar uma revolução lá dentro da escola, botar contra as decisões da escola e tal, e aí não aceitaram que eu fosse pra... pra EFA, né? Justamente por isso. E aí eu acho que nunca teve ninguém que se formou na EFA que trabalhou lá, além do Indiano, somente o Indiano mesmo. Mas nessa época assim, eu lembro que até a Maria Senhora também queria que eu fosse. E aí... aí eu... Nem tudo na EFA depende da Maria Senhora. Eu acho que ela nem tá com esse poder todo dentro da EFA assim. É igual a Jovem III falou, é muito política mesmo que já tomaram o domínio daquela escola. E assim, é... eu... A gente tenta, né? Continuar... dar continuada... Continuação nos Jovens em Comunicação. É... agora não em coletivo, a gente vai tomando um... um rumo próprio. Eu, por exemplo, não tô no estado, não posso contribuir no estado, mas o pouco que eu vou aprendendo, vou tentando passar, igual... Eu costumo brincar no *Instagram*, né? Eu dou umas aulinhas do pouco que eu sei, sabe? É... eu acho que é uma forma de me comunicar também, né? Me expressar e repassar aquilo que eu tô... que eu entendo, que eu sei, mas eu nunca deixo de dizer, tipo, que eu sou uma... uma... uma pessoa formada em técnico agroecologia que eu formei pela EFA do Bico, que eu faço parte do GT das Juventudes, que eu fiz o Jovens em Comunicação. Eu levo isso na minha identidade, né? Eu... eu carrego comigo isso e é muita gratidão por isso e pelas oportunidades de que eu tive e por também que sinto muito, é... que a EFA realmente tenha perdido o sentido. Não é a mesma coisa quando a gente pisa lá. É... a gente sente que tá diferente, que os alunos não tem aquela mesma empolgação, que os professores que estão lá não tem aquele... aquele sentimento mesmo de... levar aquilo no coração, de que a EFA é uma escola de jovens do campo que é em estilo de alternância. Não tem mais aquela simplicidade e aquela mesma coisa que tinha antes, sabe? E aí isso aí é de partir do coração da gente e o fato da gente também não poder contribuir e não poder continuar com essa formação ali dentro porque a escola é... é uma escola da luta! Ela é uma escola que foi feita com a luta. A escola tinha que ter espaços, é... com as organizações, com as... com o ASMUBIP, com o... O MIQCB, com a APA-TO, tinha que ter esses momentos. Os alunos da EFA tinham que ter informações como a gente... como nós tivemos. Eles poderiam ter um Jovens em Comunicação, eles poderiam fazer parte de formações. Mas não tem nada disso ali! Não tem nada disso, não tem

nenhum curso ali que envolva os movimentos. Os movimentos não vão lá pra... pra dar uma palestra, nem na... naquele negócio lá da semana... da sexta-feira. Como é que fala? Esqueci. É... na culminância do plano de estudo, nem isso aí! Podia ir uma... uma vez por semana uma organização lá. *"Essa semana é o MIQCB, a próxima é o ASMUBIP"*, pra fazer parte da culminância, pra aqueles jovens entender. Eu acho que os jovens que tão estudando lá na EFA nem sabem o que que é isso! Nem sabe o que que é as organizações, nem conhece. Só de vista mesmo, de ter visto, falar. A não ser nós que tamo envolvido com... com os movimentos, né? Nós que fazemos parte do GT, nós que fazemos parte da formação. E aí os outros não se interessam mas também não tem oportunidade de conhecer, de ouvir, de falar sobre isso. Né? Agora domingo mesmo, é... eu recebi uma ligação, domingo passado agora, né? Da Liderança I. Ela me ligou, é... querendo que eu fosse novamente pro Bico para contribuir com ASMUBIP, né? É... ela estava precisando de alguém, e fizeram uma reunião lá, e acharam que eu seria uma boa pessoa para contribuir com eles, que eu gosto também de ajudar, né? E tal. Mas aí, no momento eu... eu não estou podendo ir, né? Que agora eu estou trabalhando aqui em outro lugar, é... com uma coisa nova para mim, que eu trabalho com hidroponia também. Mas é um conhecimento bom também, é... Não usa agrotóxicos, não usa nada do tipo, e assim, é uma coisa que eu acredito. Então, por isso que eu estou querendo ficar aqui, estou tudo bem. E eu não pude ir para o Bico agora, mas tem muita coisa que me revolta, e tem muita coisa que eu tenho gratidão também. Eu acho que é mais um desabafo, assim, sei lá...

Entrevistador: Obrigado, Jovem V.

Jovem III: É... Se for para a gente conversar... Entrar nesse assunto, vai... perder até o foco mesmo do porquê que você reuniu a gente. Então, é... se fosse para mim falar tudo, né? Em relação a isso, é muita política. Igual eu disse para vocês, né? A política está envolvida em tudo, tudo, tudo. E a escola agrícola não é diferente! Inclusive, lá é onde a gente tem mais concentração de política, depois da prefeitura ali de Esperantina, sabe? Tudo que vai decidir ali é questão de política. E, infelizmente, tem sim uma famí... uma família tomando conta da escola agrícola, e não são em si funcionários, né? Escolhidos a dedos em questão de profissionalismo, mas sim, funcionários próximos... é... próximo a... A Dona Maria Senhora. Se não for próximo é parente. Como, por exemplo, o Indiano. Ele só foi mesmo, é... para... para trabalhar na... na... na EFA porque ele é primo do [nome de outro jovem] e o [nome de outro jovem] ele é ali... bem próximo mesmo da Dona Maria Senhora. Então ali é bem complicado para uma pessoa como eu, Jovem IV e a Jovem V entra ali como formandos, né? A gente teria que ter mais um empurrãozinho deles. Eu também tive a oportunidade de trabalhar no sindicato, só não trabalhei mesmo porque... Inclusive fui até é... diretora da COAF Bico. Não foi pra frente porque, infelizmente, meu santo não bateu muito... minhas ideias não batia muito com as da Dona Maria Senhora, porque eu tinha vários projetos, inclusive reativar uma doceria onde ia colocar vários jovens, né? Que antigamente tinha uma doceria mas era pras mulheres e eu queria que fosse para os jovens para reaproveitar todo o material que a gente tinha disponível e legalizar tudo, né? Meu plano era legalizar tudo pra gente poder vender nossas coisas em paz né? Criar oportunidade pro jovem está ganhando dinheiro honestamente ali, né? E com as produções rurais, né? Que era doce de goiaba etc, né? Aproveitando a produção, né? Incentivar que os jovens produzissem e trabalhassem, né? Dentro do estado do Bico do Papagaio. É... e a minha ideia não batia com a dela, né? E eu acho que foi devido a isso que eu não durei muito tempo lá, porque eu não gost... Quando eu via uma coisa errada, sempre falava, *"ó, isso aqui não dá certo! Eu acho que aqui não é certo, isso aqui é errado"*. E aí não deu certo, né? Mas é isso, Bruno, eu acho que até melhor a gente prosseguir, né? Com as próximas perguntas, que eu acho que já está um pouquinho tarde, e se for para a gente entrar nesse assunto, a gente passa horas falando sobre isso, porque tem muita coisa errada ali, sabe? É igual a Jovem V, disse, a gente

tem um sentimento de gratidão, mas tem muita coisa que revolta a gente, né? Inclusive o fato da escola agrícola tá irreconhecível, né? 2015, 2016 para cá tem muito tempo, porém, não tanto tempo assim para ter mudado tanto, como mudou, né? Inclusive, a metodologia de ensino, né? Que a gente vê que os jovens não têm esse... esse ânimo como a gente tinha de ir. A gente começou aquela escola do zero, praticamente. Então é isso.

Entrevistador: Obrigada, Jovem III! Eu vou passar pro Jovem VI, que pediu a palavra, depois pro Jovem IV, e aí a gente encerra esse tema. Mas, não se preocupem, porque uma pesquisa sobre os Jovens em Comunicação, Jovens em Comunicação, não é uma espaçonave, é... que está alheia, né? Que está distante disso tudo. Jovens em Comunicação são vocês, somos nós, todo mundo que faz parte do Bico de alguma maneira. Então esses assuntos tem a ver também, né? Tem a ver com o que é o projeto, do que são a... do que é a vida dos jovens, das comunidades. Então eu agradeço vocês até por vocês poderem desabafar e colocar para fora essas coisas. Jovem VI e depois Jovem IV.

Jovem VI: Rapaz, eu estou até com medo de falar agora. Mas tá... é... primeira coisa, dois pontos, né? A gente tem, o Jovem IV me mencionou para falar sobre o GT da Juventude e os projetos atuais que a gente está tendo e tem outro ponto, que é o da EFA, que eu gostaria de falar. Primeiro, é... foi tirado uma foto do que era para ser diretor da EFA, com a polícia lá dentro da própria EFA, por causa do governo municipal de Itaguatins, que estava querendo e conseguiu tomar a Escola Família Agrícola do Bico do Papagaio. Não sei se vocês estão sabendo disso. Segundo, é... o [outro jovem] Indiano, ele está fazendo uma carreira acadêmica muito linda, viu? Inclusive ele estava lá estagiando e eu acho que ele conseguiu um emprego lá devidamente é... merecido por mérito dele também, né? Independente de ser parente ou não de fulano de tal. Maria Senhora não está mais na diretoria e não compõe mais o sindicato lá da EFA, então se vocês quiserem um trabalho lá na EFA, é só fazer o concursozinho lá de Itaguatins, porque agora Itaguatins está dentro da escola. Então é só fazer concurso ou, e, fazer uma carreira acadêmica com graduação, pós e etc. Sobre o GT da juventudes, né? Que é... Jovem III, inclusive eu acho que você é... desistiu dos processos da... da nossa juventude muito cedo não sei, né? A tua carreira dentro mais eu acho que, não é nem que foi muito cedo. Eu acho que foi em um momento que a gente mais precisava da juventude antiga, sabe? Que foi a criação dos Jovens em Comunicação? Esse ponto ou do... do, é... do GT da Juventude! Jovens em Comunicação, não! A criação do GT da Juventude. Esse... esse grupo, esse coletivo é a propriedade da juventude, para a juventude, atuar para a juventude, fazer para a juventude conseguir transformar. E Jovem IV, para que a gente consiga ter essa autonomia de fazer as coisas, a gente também precisa saber do processo burocrático que é isso. Jovem V sabe muito bem, porque ela teve lá do do... do... da APA-TO e ela sabe dos processos burocráticos que é para criar um projeto, pra achar um edital, para conseguir cumprir as... o que aquele edital pede, posteriormente para fazer tudo com que a gente consiga, é fazer a prestação de contas do que aquele edital pedir, fazer a relação com a entidade que propôs aquele edital para a juventude. Não é só ir lá e fazer um projeto, mandar pra qualquer lugar e esperar o recurso, entendeu? A Juventude ela precisa partir de um espaço em que ela saiba o que quer. Semana passada, por exemplo, surgiu um edital de R\$ 100mil reais. Mandeí no grupo do GT. Não tem mais ninguém, não tem mais absolutamente ninguém, que fale assim: “*bora fazer?*” Entendeu? É vocês que estão faltando, é o Jovem IV, a Jovem V, infelizmente, né? Tá em outra realidade. Jovem V, eu estou muito feliz por ti, de verdade, mesmo que tu tenha conseguido achar, é igual tu falou, né? Nesse antro do agronegócio uma família que faz agroecologia. Estou muito feliz mesmo, de verdade. Mas era disso que a gente precisava, a gente precisava do Jovem I, o Jovem I tá onde? Tá gravando, né? Não posso falar, mas enfim, tá com a prefeitura, que é extremamente de direita. Está com um... envolvido em um espaço extremamente de direita que está fazendo o

agronegócio aqui no Bico do Papagaio. Que está trazendo as relações que expulsa juventude do Bico do Papagaio. Entendeu? E muito parte disso, dessa juventude que estava lá atrás que por causa de... de questões pessoais, claro, sempre tem as questões pessoais, acabaram desistindo do coletivo, acabaram desistindo de lutar. Por causa de processos em que a gente é... precisava ter. A gente precisa da juventude unida aqui no Bico do Papagaio. *“Ah, mas eu estou trabalhando para provedor tal, eu estou trabalhando para fulano de tal, estou trabalhando para ciclano”*. Beleza, mas o GT da juventude não é um trabalho. O GT da Juventude é um espaço organizacional. Não é porque eu estou trabalhando para fulano de tal que eu não vou achar uma atividade dentro do GT, para mim está lá dentro, ou para mim contribuir, seja de forma com reuniões, seja de forma direta, ou seja de forma indireta. Entenderam? É o espaço em que, se a juventude, quer autonomia, ela tem que criar essa autonomia? A [representante APA-TO] se esforça para caralho para com a juventude daqui do Bico do Papagaio, muito, muito mesmo, de verdade, desde 2015, entendeu? Eu conheci ela em 2017, se eu não me engano, mas desde 2015 que a [representante APA-TO] vem falando, *“a juventude precisa ter autonomia”*, e a juventude falando *“ai, eu quero ter autonomia”*, mas e aí, tá fazendo o que pra ter essa autonomia? Porque se não vier um projeto já todo, só para ela preencher ali os pré-requisitos e mandar para APA-TO, para APA-TO mandar para cima, ele não quer mais fazer nada. Se APA-TO não levar as caixas de, de... de apicultura lá dentro da terra deles, eles não quer, entendeu? Se a juventude, quer autonomia, ela precisa criar isso, e o GT da juventude hoje em dia está dentro desse processo de captação de recursos, porque a gente entende que a gente precisa buscar editais. Porque a APA-TO ela é movida de editais. O GT da juventude hoje em dia é movido de editais. A gente está atuando em duas comunidades hoje em dia. Porque não tem tantos editais ou porque não tem recurso, não, porque a gente não tem público dentro do GT da juventude que consiga fazer formação em mais comunidades. Porque a comunidade... porque o os membros do GT da juventude que estão ali dentro do GT da juventude também estuda, também trabalha, também tem sua família. Entendeu? Dentro do... da juventude, se vocês querem autonomia, não é *“Ah não recebi, vou desistir. Ah, não conseguir ter o que eu queria, eu vou desistir”*. Gente, pelo amor de Deus! Ou vocês, ou a juventude quer e busca, ou então faz o que a maior... a grande maioria faz, vai embora é... vai trabalhar para o capitalismo vai babar ovo de... de, de prefeito, de vereador, de deputado, de... do que seja, entendeu? Desculpa aí, Bruno, mas era só um desabafo mesmo.

Entrevistador: Não precisa pedir desculpas...

Jovem III: Tá bom! Agora eu vou rebater o que o Jovem VI falou...

Entrevistador: Pode... Oi Jovem III...

Jovem III: ...Em relação ao [outro jovem] Indiano, Jovem VI é... *“Ah, ele foi merecedor, tal, tal”* Jovem VI, se eu fosse você, eu prestava um pouquinho mais de atenção, porque assim, o Indiano ele começou a trabalhar na... na EFA, um ano depois da instala... da... da formação dele. Formamos em 2018, 2019 já estava trabalhando, ele não estava estagiando, viu? Depois de um tempo, foi que ele... foi fazer essa faculdade lá, não sei se foi para o Paraopebas, foi para o Pará, entendeu? Foi dessa forma que funcionou porque eu ainda estava trabal... Eu estava trabalhando no sindicato quando ele começou a fazer essa faculdade, então, ele já estava trabalhando na Escola Agrícola. Não foi, entre aspas, mérito dele, foi um escolhido, né? Foi um escolhido a dedo pela Dona Maria Senhora, viu? E com influência sim do... do... do parente dele, o... o [outro jovem], entendeu? Não foi diferente de outros funcionários que foi escolha da Dona Maria Senhora, né? Em relação a... ah... você falou do Jovem I aí. Eu não sei se você era íntimo do Jovem I, como eu e a [outra jovem] era, né? A gente conversava, a gente desaba...

Desabafava. O problema de quem vê o problema de fora, é esse: *"Ah, fulano não faz isso porque não quer. Ah, fulano faz isso porque ele diz que não tem tempo"*. Meu amigo, o Jovem I era a... a pessoa mais focada em edição de vídeo, fazer tudo. Era o Jovem I! Inclusive, eu dei um conselho para ele, porque eu via que poucas pessoas ali, do nosso convívio ali, não reconhecia o esforço dele e o talento dele que... o Jovem I é muito... muito talentoso! E ele investiu o talento dele no que ele faz melhor, né? Que é dialogar! Hoje, ele dá aula aí para não sei quantas pessoas de redação. É professor! Está fazendo alé, faculdade de direito em Augustinópolis. Olha como a vida dele mudou! E eu sinto orgulho dele. Falei para ele esses dias e toda vez que eu vejo post na... na corrida dele, eu falo: *"Eu estou orgulhosa de ti!"* A gente procura... a... a gente, a gente corre atrás, corre atrás, igual eu corri. Corri bastante atrás. Olha, corri tanto atrás que eu estou cansada até hoje! Corri atrás, tentei pela EFA, tentei pelo sindicato, tentei pela COAF, não deu certo. Fiz... ainda fiz... Parece que foi quatro ou foi três meses de... orientei alguns... alguns... vinte jovens. Eu orientei 20 jovens no curso do PECSOL, que era sobre cooperativas. Tentei de toda forma. Não tive oportunidade. O que que eu... O que que eu fiz? Em relação ao GT? Saí porque não estava dando para mim, minha rotina. Inclusive saí também da COAF porque não estava dando para mim, porque eu passava o dia todinho trabalhando, segunda, sábado, até às 18:00. Meu descanso era no domingo. Uma jovem de 19 anos, nessa época, que eu fiz? Veio a oportunidade de entrar num provedor de internet, como você falou, e fui aprovada, devido ao meu currículo. Por ter vários... vários cursos, inclusive de... da... Inclusive da... dos Jovens... Semeando o Agroextrativismo, Jovens em Comunicação, é... etc. Graças a esses cursos, eu consegui um emprego, estou aqui trabalhando sossegada. Não babo ovo de nenhum... de nenhum... de nenhum prefeito, também não babo ovo de nenhum... nenhum sindicalista e nem uma escola. Estou aqui trabalhando. Nem babo... Nem também babo ovo de nenhum patrão meu, só faço o que eu sou paga para fazer. Entendeu? Questão da apicultura também tentei bastante, né? Tentei mais de um ano aí, depois que eu comecei a trabalhar aqui, tentei, não deu certo. O que que eu fiz? Em vez de abandonar minhas caixas lá no mato, em vez de eu devolver para... para... para [represente APA-TO], eu falei: *"Não, meus meninos, agora vocês vão tomar conta. Uma nova juventude"*. Dei para os meus irmãos tomarem conta. Então, Jovem VI, eu entendo um pouco dessa sua revolta, mas você não era íntimo de mim, não era íntimo do... do Jovem I e também não é íntimo de muita gente que participou do GT. Então, é... é uma coisa que você tem que conversar com cada um porque jovem é a parte mais importante da vida do ser humano. É a... é a... é a parte, jovem, hora que a gente está adolescente, porque é um misto de emoção, né? Vêm várias oportunidades. *"Ah, eu vou... Qual o rumo que eu vou seguir na minha vida?"*. Essa é a parte de ser jovem. E vêm muito... E a gente tenta de toda forma. Se não deu certo desse jeito, vai pelo outro lado: *"Ah, não sei o quê de direita"*... Para começar, aqui no Bico do Papagaio tem que melhorar muito essa questão da política! Porque eu vejo muita gente falando que: *"Ah, a direita fez isso, direita fez aquilo, mas a esquerda está fazendo pior!"*. Que na escola agrícola ali, já vi muita coisa, inclusive quando a gente tava estudando na escola agrícola, da Dona Maria Senhora fazer, um... lotar uma caravana para ir... *"Hum"*... Lotar comício do... do... do... do candidato dela em Esperantina. Onde já se viu fazer política dentro de escola?! Independente de que escola seja de... de direito, independente de que, *"Ah, foi por luta dos trabalhadores rurais e não sei o quê, PT etc."*. Mas tem que levar a sério que... que política a gente não carrega para dentro de escola e nem para dentro de igreja, igual aconteceu no ano de 2022! Então, para mudar essa aí, igual direita e esquerda para comparar, a esquerda também tem que melhorar, tá? Eu sou de esquerda, mas a esquerda deixa muito a desejar! Eu não sou adestrada por... por esquerda. Onde eu vejo um defeito, eu vou lá e falo! Então, é isso, Jovem VI. Tem que prestar um pouquinho de atenção em relação à generalização que você faz, tá? Trabalho na provedora de internet, sim, mas eu fiz de tudo por vários anos para tentar, né? Seguir esse ramo aí que a escola agrícola me deu uma visão. Porém, a própria escola agrícola hoje está aí do jeito que está! Ah! *"Mas foi no sei o quê... Mas antes de ter essa bagunça do..."*

desse outro... dessa outra cidade aí tomar conta"... Já viveu uma bagunça lá, entendeu? Já viveu uma bagunça! E, graças a Deus, que a Dona Maria Senhora, ela deixou de mão, porque, sinceramente, aquele sindicato é tão bagunçado quanto a cooperativa que ela tomou de conta! Inclusive, ela fez uma votação agora indevida... Em vez dela reunir todos os cooperados para votar, ela e o [nome], que é o secretário dela, fizeram a votação entre eles dois, e ela agora é presidente, né? Então, é uma coisa que, né? Tem que prestar bastante atenção! Antes de julgar a direita, tem que julgar primeiro a esquerda, para saber se está fazendo as coisas certas. É isso. Desabafo também!

Entrevistador: Obrigado, Jovem III, por colocar. Antes de passar a palavra, é... o Jovem IV tinha se inscrito. Não sei se mais alguém vai querer comentar essa parte. Mas...

Jovem IV: Não, pode... Pode seguir.

Entrevistador: Pode seguir?

Jovem IV: Pode seguir, pode seguir!

Entrevistador: Beleza. Não, eu só queria comentar uma coisa. É... é o Jovem VI colocou aqui no *chat* também, é... eu queria comentar uma coisa aqui. Esse assunto que... que acabou, que a gente mencionou, não sei se vocês vão concordar comigo, ele tem a ver com a vida de vocês. Por isso que, é... ele pega tanto, né? Por isso que mexe muito com a gente porque tem a ver com o projeto de vida da gente, que era um assunto dos Jovens em Comunicação, mas não só dos Jovens em Comunicação. Tem a ver com a EFA porque vocês, todos aqui, ou foram alunos ou estiveram muito próximos da EFA, como é o caso do Jovem VI, é... tem a ver com o sindicatos, com os movimentos, com as lideranças, com as comunidades, tem a ver com a vida, com o futuro que, na época, vocês estavam sonhando para vocês, né? Todo mundo quando é mais jovem, quando é criança, quando é jovem, a gente sonha, e vocês ainda são jovens, né? Mas a gente sonha com o futuro e isso, é... fica guardado e mexe com a gente quando a gente lembra dessas coisas, isso mexe com a gente! Então, é... eu queria só... só explicar que, é... esse aqui é um espaço, né? Esse grupo, é um grupo para isso também, para a gente falar sobre essas coisas sem julgamentos, é... sem que haja indisposição também. Eu acho que é saudável que a gente tenha esse espaço, hoje, para debater, né? E fico feliz de ver que vocês estão debatendo, se respeitando, debatendo, né? Os assuntos. Mesmo que em alguma ou outra opinião, vocês tenham discordância, mas eu vejo também que tem muita concordância aqui no que vocês estão falando, né? Também, com relação às frustrações. Outro ponto que eu queria colocar, é... para que fique tudo tranquilo, é... que eu não vou inserir, e aí eu... eu também quero a concordância de vocês, tá? É... Jovem IV, Jovem V, Jovem III e Jovem VI. Eu não vou inserir os nomes que vocês mencionaram aqui, dessa... desses... desses exemplos que vocês foram dando. Todo mundo aqui mencionou um ou outro nome, seja da EFA, seja da APA-TO, seja dos jovens, né? É... seja da política, seja fora da política. Eu não vou mencionar, eu vou tirar isso da pesquisa, para que não... Não tenha qualquer risco de vocês terem uma indisposição, tá bom? Vocês concordam com isso? Porque aí, fica tranquilo para vocês, não precisa disso na pesquisa. E para que vocês também se sintam à vontade para falar, então, não vou inserir, tudo certo com relação a isso? Vocês concordam? Beleza. A Jovem V concordou aqui no *chat*. É mais para que vocês fiquem tranquilos, viu, Jovem III, né? Jovem IV falou bastante, Jovem III. Jovem VI. Porque eu... A não ser que vocês façam questão que coloque, mas eu acho que aqui ninguém vai fazer questão. E eu não vou deixar de falar do assunto que vocês faJovem Vm, só que a gente não... não precisa citar os nomes porque vocês moram aí, né? Então, vocês estão... tirando a... com exceção da Jovem V, né? Mas a Jovem V é daí também, pode ser que ela volte para aí também.

Então, é... é só isso que eu queria colocar, tá? Então, tá bom! Bom, o Jovem IV já disse que por ele pode pôr, não teria problema. *Ok*, sem problemas. Qualquer coisa também, vocês têm o meu número do *WhatsApp*, vocês podem me falar. O Jovem VI também disse que não tem problema, tá *Ok*. Então, a Jovem V disse que pode tirar. A Jovem III, se tiver qualquer coisa, Jovem III, você pode falar, me procurar no *WhatsApp* também, tá bom? Mas, é... obrigado por vocês terem compartilhado essa parte da pesquisa que é muito importante sobre o projeto de vida no campo, e aquilo que deu e que não deu, aquilo que fluiu, aquilo que não fluiu e, o... e os... as razões disso não ter fluído. Vou voltar para a pesquisa. Tá acabando, tá? Faltam duas, três perguntinhas, tá? Jogo rápido! A pergunta agora é: a compreensão que vocês tinham sobre as histórias das comunidades de vocês e de outras comunidades do Bico do Papagaio mudou depois que vocês fizeram? Sobre a história, sobre os costumes das comunidades? Isso mudou ou não mudou? E como era isso para vocês? Como ficou?

Entrevistador: Jovem IV.

Jovem IV: Vamos lá! É... muda! Plenamente muda! Porque simplesmente a gente tá vivendo uma outra cultura, né? É... são outros povos. Tipo, a gente... a gente, enquanto GT e enquanto Jovens em Comunicação, a gente teve em vários locais diferentes. Tipo, a gente esteve em... em comunidade quilombola, a gente esteve em comunidade tradicional, a gente esteve em comunidade indígena, e tudo é uma forma de viver... de vida diferente! As tradições são diferentes! A gente tava... já esteve em... em estados diferentes, a gente já esteve em locais diferentes, já esteve em locais arrodado do agronegócio, já esteve em locais repletos do... de... da... d... Tipo, da agroindústria familiar. É, tipo, é uma vivência diferente, é uma cultura diferente! E aquela troca de semente também é uma troca de conhecimento, sabe? Que os locais aonde a gente andou sempre tem uma pessoa que... trabalha de uma forma, a vivência da comunidade deles é uma forma do... do... diferente da nossa. Então, para mim mesmo, mudou muito! Tipo, assim, a gente vai... vendo o mundo com outros olhos, né? Fica mais amplo. Aí, a gente aprende uma coisa com os... os... o pessoal da comunidade, ensina um pouco também. E é isso, é... é por aí.

Entrevistador: Obrigado, Jovem IV. Mais alguém quer responder? Se mudou o conhecimento que vocês tinham da história e dos costumes da sua comunidade, de outras comunidades do Bico? ...

Entrevistador: ...Alguém quer comentar essa questão?

Jovem VI: Pode repetir?

Entrevistador: Vou repetir. Vou repetir. Se... Jovem VI, Jovem III e Jovem V, se o conhecimento que vocês tinham da história da comunidade de vocês, dos costumes da comunidade de vocês, mudou depois que vocês fizeram o Jovens em Comunicação?

Jovem VI: É, eu acho que assim... trouxe bastante conhecimento, né? Eu nem conhecia a minha comunidade assim, em si, sabe? A história. E nem de outras comunidades da região, então é... Não que tenha mudado porque eu não tinha uma visão, sabe? Me mostrou o conhecimento histórico das comunidades. Não sei se tu conseguiu entender.

Entrevistador: Com certeza! Claro como água. Jovem V e Jovem III? Jovem V não vai querer... Jovem III, quer comentar essa ou pode passar para a próxima?... Pode passar! Beleza,

Jovem III. É... A próxima aqui é a seguinte: participar do Jovens em Comunicação inspirou ou motivou vocês a pensar sobre o futuro profissional de vocês?

Jovem VI: Já respondi essa, né? (risos). Apesar de que o curso que eu estou fazendo não tem nada a ver com o que eu realmente queria, mas é isso. O Jovens em Comunicação proporcionou sim grandes, grandes é... metas, assim, de profissionalismo para mim. E que eu ainda vou conseguir! Tu vai ver!

Entrevistador: Vai sim! Jovem V, a pergunta é se o Jovens em Comunicação motivou vocês a pensar sobre o futuro profissional de vocês. Essa é a pergunta. Vou passar para o Jovem IV agora.

Jovem IV: O meu, com fé em Deus, ano que vem já sai! Tô estudando ele, pouquinho a pouquinho, e tá uma... (risos)... tá um pouco em segredo aí. Mas com fé em Deus eu vou conseguir, e quando pensar que não, eu já tô ativo. Vai dar certo!

Entrevistador: Maravilha! Jovem V?

Jovem V: Eu acho que sim. É... igual eu havia falado que foi no Jovens em Comunicação que eu é... assim, me identifiquei na minha identidade, né? E aí eu já estava na EFA, e aí assim, eu sempre gostei da rede agrária aqui. Sempre foi algo que me chamou muito a atenção. É... mexer com a terra, poder trabalhar com a terra, estar em contato com a terra. A partir do momento que eu... escolhi isso pra minha vida, né? Eu acho assim... eu já tive outras oportunidades de emprego. Várias! Mas não era sobre o que eu acreditava, não era sobre o que eu queria, não era sobre a ideologia que eu queria, que eu acreditava. Então eu nem procurei me aprofundar. Assim, agora inicialmente, eu entrei em um curso de agronomia. Não quero mudar minha mentalidade. Não vou! Porque eu sei que influencia bastante, né? Pelas coisas que eu já acabei vendo, é... Tem muitas que influencia para mudar, mas assim, eu sou apaixonada pela agroecologia, eu sou apaixonada. Jamais vou me envolver em algo que tenha que envolver o uso de agrotóxicos. Eu acho que foi através disso, sabe? Que eu criei essa identidade, que eu criei isso pra mim. Esse modo de vida. Onde eu quero viver, como eu quero viver, como eu quero comer, com o quê eu quero trabalhar... Então eu fui me modificando através dos projetos e me tornando a pessoa que eu sou hoje, e pretendo estender, né? Me aprimorar. Eu entrei no curso para ampliar meus conhecimentos e poder aplicar de melhor forma o meu trabalho. Tô com meus projetos de apicultura também... Inicialmente agora, só né? Eu... eu tenho pouco conhecimento mas eu to buscando aprender. Comprei minhas caixas, pretendo iniciar, produzir meu mel, e enfim. É... eu quero seguir nesse ramo. Se Deus quiser! E eu já quero.

Entrevistador: Obrigado Jovem V! Jovem III e depois Jovem IV novamente.

Jovem III: Jovem IV abaixa essa mão Jovem IV, (risos).

Jovem IV: Foi sem querer, eu esqueci! Não é eu não!

Jovem III: Eita! (risos). Então é... desde a época que a gente fez o Jovens em Comunicação eu sempre tive um projeto, né? Que ainda não coloquei em prática. Eu tinha uma vontade de fazer uma grande pesquisa, na verdade uma reportagem, sobre é... a minha comunidade, desde quando ela foi iniciada, que foi pela reforma agrária, né? Se tivesse fotos antigas para gente tá colocando nessa matéria, acho que seria bem legal! Eu ainda tenho essa vontade, na verdade. Eu sou uma pessoa que gosta muito de ver essas coisas, é... ver uma fotografia e saber a história,

sabe? Que tem por trás daquela fotografia. E... minha família também tem, meu pais, né? Eles participaram, né? Da reforma agrária. Tem fotos também. E aí eu tenho essa vontade. É um projeto que eu ainda tenho ativo aqui dentro de mim. Eu tenho vontade de fazer porque no dia que meus filhos, os netos dos meus pais perguntarem: "*como foi que vocês conseguiram essa terra, né?*". Aí eles vê, "*foi assim, assim*". Desde a época em que a gente fazia o Jovens em Comunicação eu tinha essa vontade, porque eu via matérias sobre as outras comunidades e eu tinha essa vontade de fazer uma sobre a minha, sobre a minha comunidade.

Entrevistador: Obrigado Jovem III! É... obrigado. Próxima pergunta. A Jovem V voltou aí. É... próxima pergunta vai ser... Ela é bem simples, vocês já comentaram um pouco, mas é importante perguntar. A compreensão que vocês tinham, o entendimento que vocês tinham sobre o trabalho no campo e sobre agroecologia, essa palavra mágica aí, mudou depois que vocês fizeram o Jovens em Comunicação?... Vou repetir aqui: a compreensão que vocês tinham sobre o trabalho no campo, com a agricultura e sobre a agroecologia, mudou depois do Jovens em Comunicação? Jovem VI?

Jovem VI: Então, era outro negócio que eu nem sabia o que era, né? A agroecologia. O que que é isso? Inclusive, não tinha prática, na... aqui em casa, né? É... era uma coisa assim, que... é o... o uso do agrotóxico, ele vem desde que eu me conheço por gente aqui dentro de casa. Então, até hoje, eu ainda luto, ainda dentro desse processo de falar: "*Gente, vamos plantar sem veneno, vamos plantar sem agrotóxico, é melhor, né? A... a saúde melhora, o... o processo de vida mesmo, é... a água. Tudo o que tem aqui dentro é melhor sem o veneno!*". Então, tipo, ainda tento colocar isso muito na cabeça dos meus pais, que, hoje em dia, não trabalham mais, mas se eu, por exemplo, fizer uma pequena roça ali, sair... e deixar... é... por exemplo, sair... como aconteceu, né? Um tempo atrás, eu saí para universidade, cresceu o mato um pouquinho, eles foram lá, tacaram o veneno. Dentro... eu ainda tento mudar a cabeça deles, é... Mas, eu acho que é um pouco disso. Mudou a minha cabeça, eu tento mudar a cabeça da... da minha família, e não consigo, né? Infelizmente! Mas assim, no meio social também, é... se uma pessoa, ela vem falar de agrotóxico para mim, eu já tenho a... aquele... aquele... aquela... Como é que fala? Meu pai! Aquela autonomia de falar para ela o porquê que o uso do veneno é tão prejudicial, sabe? E o porquê que a agroecologia é tão importante para a sociedade em si, para o nosso meio, para a nossa alimentação, para a nossa vida, É... para a nossa saúde mental. Que a agroecologia, ela também tem um processo da... da família, né? Então é também a saúde mental. E é isso.

Entrevistador: Querem que repita a pergunta? Mais alguém quer comentar?

Jovem IV: A Jovem V quer comentar, Jovem V.

Entrevistador: Jovem V? Quer comentar?

Jovem VI: Ela tinha falado no *chat* que ia se ausentar por uns minutos aí.

Entrevistador: Ela está na... Ela está na ponta, foi desligar uma bomba d'água.

Jovem IV: Bom, cara, é... Esse conflito de... de agroecologia e agrotóxico, acho que em toda comunidade ainda tem, né? Ali em casa, a gente, graças a Deus! Graças... Graças a Deus! Na nossa... na nossa chacarazinha, acho que o pessoal, a... A entender o porquê não usa mais, né? Aí, de boa! Não precisar que não... usa aqui dentro de casa aqui no quintal. Ô, rapaz! Mas enfim, é... É importante, né? A gente tá pisando nessa tecla, questão do agro... do agrotóxico e usar

mais agroecologia. A mamãe sempre fazia isso, mas aí ela falava que não era com esse nome, né? Não tinha esse nome, então, não era. É... mas enfim, é isso. A gente... a gente aos poucos vai moldando a... a nossa... nossas alimentação. Vai... sabendo mais, cuidar do que comer, né? Só isso mesmo que eu tenho para falar. Só.

Entrevistador: Jovem III, quer comentar?

Jovem III: Então, hoje em dia, está mais fácil da gente saber o que é agroecologia, né? Na época que a gente entrou na escola agrícola, em 2016, entramos no curso que a gente não sabia nem pronunciar o nome, na verdade. É... agora, hoje em dia, a gente joga agroecologia no *Google* ou no *YouTube*, a gente consegue ver, principalmente projetos agroflorestais, né? A gente consegue ver até... matérias, né? Que... que, é... o... que o Jovens em Comunicação já até fez. Inclusive, tem uma matéria que fizeram comigo e com minha mãe, em relação a... a... a... aplicar, né? Agroecologia em casa. Para mim, foi muito fácil, porque minha mãe já era do movimento, né? Fizeram uma... numa época, fizeram uma reportagem sobre a horta da minha mãe, totalmente agroecológica e sobre o meu projeto agroflorestal também, sem veneno! Então, foi bem fácil de aplicar, né? Os meus conhecimento da escola agrícola, na horta da minha mãe, no meu... no meu... no meu projeto agroflorestal. Agora, em relação aos pastos do meu pai aí, já é outra coisa, né? Aquela coisa, né? Aquelas pessoas mais velhas é um pouquinho mais difícil de moldar, mas, em alguns casos, ele até que deixou, né? Deixou... o braço torcer. "*Ah, realmente, dessa forma é melhor!*" Então, é isso.

Entrevistador: Obrigado, Jovem III! Essa reportagem aí, se for... se for a da APA-TO que você está falando, fui eu que fiz junto com o [educador/a APA-TO]. Junto com uma outra pessoa.

Jovem III: Essa mesma.

Entrevistador: É... A primeira... A primeira comunidade, a primeira propriedade que eu conheci no Bico antes de morar no Bico, foi a sua.

Jovem III: Maravilha!

Entrevistador: Coloquei aí no *chat* o *link* do vídeo.

Jovem III: Tá, vou enviar para a mãe depois.

Entrevistador: É, está aí! Tem até a... vou mandar... O texto da reportagem escrita também. Depois eu mando no seu *zap* também.

Jovem III: Tá bem, obrigada!

Entrevistador: É um ví... É um vídeo, imagina, eu que agradeço! Uma vídeo-reportagem que eu tenho muito orgulho. É... aprendi muito nesse dia aí! E o [educador/a APA-TO], o japinha, que você lembrou dele, foi que estava filmando. Eu estava entrevistando na reportagem, e ele estava filmando.

Jovem III: Foi... Foi ele mesmo!

Entrevistador: É... Saudade do [educador/a APA-TO] inclusive! E... Última pergunta porque eu já torrei a paciência de vocês, eu sei disso! Mas o debate foi bom, o debate foi quente! Mas

a última pergunta é a seguinte: se vocês usam, hoje em dia, alguma coisa que vocês aprenderam no Jovens em Comunicação? Seja de comunicação ou seja, qualquer outro tipo de coisa, de habilidade, de assunto. Vocês usam hoje em dia, ou não? Guardou tudo na gaveta e não usa?

Entrevistador: Vai lá, Jovem III!

Jovem III: Eu uso no trabalho onde eu atuo, né? A gente... que trabalha com público, a gente precisa argumentar bem. *Post...* fazer algumas postagens para chamar atenção dos clientes, né? É... questão de plano, né? Plano de internet. E eu sempre uso aquela linguagem bacana, né? Para chamar a atenção do... dos clientes, e também uso no meu dia a dia, né? Questão de editar alguma foto, editar algum vídeo, né? É... E também questão de sempre ir atrás, né? De... de algo para esclarecer uma ideia. Tipo, surge um assunto e eu não sei muito sobre o assunto, porém eu tenho vontade de aprender sobre o assunto, eu vou lá e crio um... é... E crio uma opinião, né? Vou lá, pesquiso antes de... de dar minha opinião. Sempre dou uma olhada se realmente aquilo ali que eu acho é verdade e é o certo. Então, a gente usa diariamente... Eu uso diariamente! Praticamente todos os dias, algumas coisas que eu aprendi no Jovens em Comunicação.

Entrevistador: Beleza! Vou passar para o Jovem IV, mas antes, explicar para a Jovem V que essa... Uma reportagem que a gente fez na APA-TO, é... sobre a produção da Jovem III e da dona Juci, lá na propriedade dela. Isso, lá em 2018, se eu não me engano! E a pergunta, Jovem V, não sei se você pegou, essa é a última pergunta da pesquisa, a gente está fechando, tá? É se vocês, hoje em dia, usam alguma coisa que vocês aprenderam no Jovens em Comunicação na vida de vocês. Seja sobre comunicação, na parte técnica, ou qualquer outra coisa que vocês aprenderam, essa é a pergunta! Vou passar para o Jovem IV.

Jovem IV: Rapaz, na minha parte, eu uso até hoje! Inclusive, já já vai sair outro... Outro... Outro moldelzinho aí. Mas, é... é sempre importante a gente aprender mais um pouco. É... mas, é bom demais, moço, a gente saber as coisas! Eu estou aprendendo agora, fazendo os estudos aqui, estudando um pouquinho aqui agora como editar vídeo diretamente pelo *Instagram*. É, que já é uma dor de cabeça a menos. Eu estou começando aí a... a... a produzir alguns vídeos, né? Algumas brincadeiras, tal. Começando de pouquinho em pouquinho. No final, vai dar tudo certo!

Entrevistador: Obrigado, Jovem IV! Jovem VI ou Jovem V?

Jovem VI: Então, né? É... é, eu sou estudante, então eu sou obrigado a utilizar a todo momento as formas de comunicação que eu aprendi no... nos Jovens em Comunicação. É... tem um filme agora, viu? Um *remasterizado* de Morte e Vida Severina, que eu ajudei a galera lá na edição, todo o processo de edição e de revisão do filme foi eu que fiz, é... utilizando aí algumas coisas que eu aprendi lá atrás no Jovens em Comunicação, inclusive aplicativo, é... o programa, né? Do... do computador e tudo mais. É... Também, eu utilizo muito da escrita. Sou obrigado a... apesar de eu não gostar tanto de escrita, eu sou obrigado a escrever e sempre tentando lembrar os aspectos da... da... do que eu aprendi muito com... com a Bianca, sabe? Contigo eu aprendi mais da fotografia e dos vídeos, mas a [educador/a APA-TO], ela me ajudou muito no processo da escrita, que eu tinha muita dificuldade. Então, é... o Jovens em Comunicação, nesse aspecto assim, eles... ele me ajudou bastante na formação, sabe? No aprendizado da escrita, do vídeo, da fotografia, e de tudo mais que eu utilizo até hoje!

Entrevistador: Jovem V?

Jovem V: Sim! Eu também uso bastante, é... tanto no trabalho como na minha vida pessoal também, né? Assim... quem me segue, né? Vê que eu gosto de estar postando as coisas, eu apareço, falando também. É... eu produzo os vídeos do meu filho. Ele gosta também de aparecer, acho que puxou para a mãe assim, amostradinho! Mas eu gosto de estar editando, e... a gente fica sempre atenta aos detalhes, né? E... e também a... a melhor forma de gravar, né? Se é em pé, se é o celular deitado. É... eu tenho muita facilidade para edição de vídeo. É... Para adicionar a... a fala, né? Eu consigo desenvolver uma fala através do vídeo, legendar. Acho que tudo isso foi o que eu fui aprendendo as técnicas nos Jovens em Comunicação. Eu não peguei essa parte tudo que os meninos pegou, de outras coisas, não. Eu já cheguei bem na fotografia e nos vídeos mesmos. E... eu uso bastante.

Entrevistador: Tá certo, gente! Vocês... algum de vocês gostaria de comentar mais alguma coisa sobre qualquer tema relacionado ao Jovens em Comunicação, antes da gente encerrar?

Jovem VI: Eu acho que é mesmo só te parabenizar pela pesquisa, né? É... falar que é muito importante a gente ter que estar buscando aí e não desistir da... da... do caminho acadêmico. Mas que, depois, se quiser voltar para a região do Bico do Papagaio, com a quarta turma do Jovens em Comunicação, a gente está aqui de braços abertos!

Entrevistador: Coisa boa! Seria maravilhoso! Obrigado, Jovem VI! Jovem IV?

Jovem IV: É, eu também falar sobre isso. A tua... O teu retorno aqui no... No Bico do Papagaio é de suma importância! A gente tem alguns projetos ainda que não foi feito ainda, para a gente fazer, que a gente combinou de fazer, e tu sumiu do nada! Mas enfim! Ah, sobre a questão do Jovens em Comunicação, moço, eu... já... eu já, tipo, assim... Eu acho que eu sou um analista crítico mesmo porque todo o filme que a gente... que eu vou ver, assistir, é... Eu fico analisando um pouco dos detalhes e os erros! Eu comecei por causa do... dos Jovens em Comunicação isso! A gente... Eu encontro erro no filme! Coisa de detalhe, eu... Ué?! Aí, eu volto lá de novo e vou ver: "*Olha aqui que foi um erro!*" Eu não assisto mais, moço! Não assisto mais, porque a gente fica analisando as coisas, não tem?

Entrevistador: Sim! Eu sei como é que é. Fico feliz de, é... ouvir isso! Nossa Senhora, eu sinto muito... Bom... Deixa eu, antes de falar isso, que eu vou falar, eu vou parar a gravação aqui, porque tem coisas que a gente fala nos bastidores, né? É..... É..., per aí! Mas, antes... Antes de parar a gravação, queria agradecer muito vocês pela participação aqui na nossa pesquisa e dizer que esse material é nosso, tá? E o aprendizado aqui com a pesquisa, eu espero que ele sirva para que a gente aprenda sobre o trabalho com as juventudes. A gente enquanto entidade, enquanto escola, enquanto movimento social, a gente enquanto pesquisador, enquanto professor, enquanto aluno, enquanto jovem também, né? Enquanto articulador das juventudes. É... que sirva para a gente aprender. É claro que essa pesquisa é só um grãozinho de arroz no meio da panela, né? Mas que seja um grãozinho para a gente usar, que eu não quero que a pesquisa ela fique ali na prateleira impressa, na prateleira da universidade, onde ninguém vai ler. Só vai ler por obrigação! Não, que seja um... um material que a gente... que a gente use para aprender, não cometer os mesmos erros, né? E quem sabe, partir de um ponto, é... mais avançado, né? Então, essa é a ideia, por isso que eu estou me comprometendo, se for do interesse das comunidades, eu vou repetir, da própria APA-TO e do GT das Juventudes, a voltar para o Bico, sem custo para vocês, claro! Óbvio! Para APA-TO, para as organizações e aí apresentar a pesquisa, não simplesmente enviar um documento de mais de cem páginas por *email* que ninguém vai ler. A ideia é conversar, fazer a pesquisa se tornar viva! Não mandar um calhamaço

de folha, porque isso aí nem eu tenho vontade de ler. Então tô me comprometendo a isso. É... outra coisa. Peraí, vou fechar. Parar a gravação aqui.

APÊNDICE C - ENTREVISTA COM LIDERANÇA I E LIDERANÇA II

Entrevistador: Maravilha, agora tá gravando então, com o consentimento de vocês. E eu vou explicar então aqui a proposta. Mais uma vez, agradeço, Liderança I, Liderança II. A gente tá fazendo aqui esse primeira... esse primeiro momento da pesquisa com as lideranças, né? Na segunda-feira que vem, tem mais um bloco dessa pesquisa que eu vou conversar com o [nome de outra Liderança], com o Liderança IV, com a Liderança III, com quem mais eu conseguir articular até lá, né? E também vou conversar com a Representante APA-TO, né? Hoje à tarde, eu tenho entrevista marcada com a Representante APA-TO também. Então, gente, é o seguinte, essa pesquisa, eu tô fazendo aqui como parte da pesquisa do meu mestrado. Mas a intenção não é usar só para o mestrado, só para universidade. A intenção é que essa pesquisa promova, gere um relatório, um documento, sobre o Projeto Jovens em Comunicação. E eu vou oferecer esse relatório, esse documento, é..., para a APA-TO e para todas as organizações da Rede Bico que quiserem, que tiverem interesse, e para as comunidades e associações das comunidades, também que tiverem interesse. Não só o relatório, como eu já disse para a Representante APA-TO, estou dizendo para os jovens e para todo mundo que eu tô conversando, que eu fico à disposição para ir até o Bico apresentar essa pesquisa se for do interesse de vocês, né? Agora, em dezembro desse ano, eu vou estar trabalhando em Araguaína, vou estar bem perto. Então, é... Eu posso dar um pulo no Bico e apresentar se for do interesse de vocês, mas eu mando o relatório antes também pra vocês olharem. A intenção da pesquisa, gente, é lançar um olhar, né? Avaliar um pouco do impacto do Projeto Jovens em Comunicação na vida dos jovens e das comunidades, tá? Depois que o projeto foi realizado, já faz anos que o projeto, é... Não tem mais nenhuma edição, né? Agora, o trabalho com a juventude tá acontecendo por meio do GT da Juventude que vocês conhecem. Então, a ideia é fazer uma avaliação para ver que frutos que o projeto deu ou que não deu, e como é que tá acontecendo aí no Bico, tá bom? Tudo certo? Ficou claro?

Liderança I: Certo.

Entrevistador: Ficou claro?

Liderança I: Ficou.

Entrevistador: Beleza. Fechou! Então, fechou. Qualquer coisa, é só, só puxar a orelha, só chamar, tá bom? Que nesse negócio do virtual, a gente tem que fazer o "jóia", né? Para olhar e entender se a pessoa está te escutando ou não tá, né? É isso. Beleza, então, eu já entrevistei os jovens, né? Agora eu tô entrevistando vocês, representando as lideranças, e como falei, ainda vou entrevistar a APA-TO por meio da Representante APA-TO. É... vou fazer então aqui a primeira pergunta. Nós temos algumas perguntas, e aí vocês ficam livres para responder, né? Liderança I pode começar, Liderança II pode começar e fica à vontade, tá? Eu vou fazer uma pergunta na sequência da outra. A primeira pergunta: vocês perceberam mudanças na maneira como os jovens se expressavam ou se comunicavam após eles participarem do projeto, né? Então, como que era os jovens que vocês conheciam antes e o que eles se tornaram depois? Vocês perceberam mudanças na maneira como eles se expressam?

Liderança II: É... a gente aqui, principalmente os jovens, né? Aqui do assentamento, que participaram do curso, a gente percebeu essa mudança, não em todos, né? Uns mais, outros menos, né? Que sempre tem aqueles jovens que são, já são mais comunicativos. Aí isso só melhorou, né? E, e também eu acho que assim, é até na forma deles tá, tá divulgando, é... alguns trabalhos, né? Do assentamento em si, né?

Entrevistador: Liderança I?

Liderança I: É... Alguns mudou mais o comportamento com a gente. Eles... os que, os que continuaram aqui no, junto com a gente, é... tem, umas mudanças sim. Já respeitam mais a gente como liderança, não tão mais levando muito na molecagem, na brincadeira, né? Estão vendo que a coisa é mais séria, estão mais respeitando. Agora teve uma palestra aqui de um professor que ele veio fazer uma palestra com a gente. E aí ele apelidou os jovens, é... de antes e os jovens de hoje, os atuais. Aí então todo mundo virou jovem. Aí isso pegou, foi bom demais. Eles interagiram com, com isso, né? E eu senti que foi muito bom. E, mas pena que os jovens que vai, caindo na real, Bruno, eles vão indo embora. Porque a gente não tem como segurar os jovens. Não tem como segurar para ele chegar um Bruno da vida, um Palmeira da vida, entendeu? Um Liderança IV. Então, vai se capacitando, vai indo embora. A gente fica aqui como eu te falei no início, né? Tá precisando e a gente... Mas tá bom, seja feito o que Deus quiser.

Entrevistador: Tá certo, gente! Vou fazer a próxima pergunta. É... só não falei uma coisa no começo que eu acho que é importante falar, que eu tô aqui, né? Tenho um carinho enorme pelo Bico, por vocês, mas nesse momento eu sou pesquisador, né? Então, eu não vou comentar nenhuma pergunta. Eu só vou ouvir vocês, né? Esse é meu papel aqui hoje. Apesar de ter vontade de comentar, mas eu não posso, porque é a metodologia do trabalho aqui, né? Depois da pesquisa aí sim, é... Inclusive se eu tiver a oportunidade de ir ao Bico apresentar os resultados aí sim, a gente vai poder conversar. Mas só para explicar, né? Isso, hoje a ideia é escutar. A próxima pergunta, ela é parecida, mas ela tem uma diferença. A pergunta é a seguinte: se vocês perceberam mudanças na maneira como esses jovens se expressam, se comunicam, só que, é... nas comunidades que vocês estão, que vocês veem os jovens circular, e também nos espaços de atividades das entidades, dos movimentos, das associações. Vocês perceberam mudanças nos, dos jovens nesses espaços? Essa é a pergunta.yeaaah

Liderança II: É... Bruno, eu acho que isso ajudou bastante. Você vê, a gente teve agora, é... um encontro lá na EFA, e a gente viu alguns jovens que participaram do curso, é... eles se expressando, né? Assim, livre, né? Com, espontaneamente com toda aquela coragem, com toda aquela segurança. E aí a gente acredita que é fruto desse trabalho, né? Que... que faz, fez com que o jovem, é... tenha confiança no que ele vai falar, né? Como ele vai se expressar. A gente acredita muito que, é por isso. E assim, não só os que fizeram o curso, mas aqueles outros jovens que estão convivendo com eles e com as entidades, né? Isso vai, vai multiplicando. Eu acredito que isso tem ajudado bastante com relação a esse, aos encontros, as organizações, o convívio, as organizações e com os demais jovens das comunidades.

Liderança I: É eu também senti Liderança II essa mesma coisa que o senhor sentiu. É... nós participamos lá, nós vimos que eles ficaram assim, muito é... muito... foram muito bacana a história lá e se encaixaram bem, porque a gente fez aquele outro curso... com o pessoal do... é... aquele pessoal que veio que a gente teve aquele outro encontro lá. Eles estavam no encontro e a gente contou as histórias, mas eles ficaram meio assim... uma coisa no ar. Mas já ali, naquele ali, a gente viu que foi diferente. Eles ficaram mais, e pegaram mais o rebolado, né? Porque o professor soube fazer assim, uma linha que foi melhor pra eles entenderem e também para os mais velhos contarem as histórias e eles mergulharem nas histórias. Então aqueles que participaram eu acredito que eles mudaram sim e vão continuar na mudança. Pena que foi pouco.

Entrevistador: Bacana! Próxima pergunta: vocês notaram mudança da capacidade, na capacidade dos jovens de utilizar ferramenta de comunicação, como um celular, uma máquina fotográfica, um notebook, isso mudou ou não mudou?

Liderança I: Agora isso aí é com eles mesmo! Hunf! Pode botar celular e máquina e toda coisa pra ver... Eles entram de gaiato mesmo aí embala tudo! Faz tudo! Eles gravam os vídeos, eles gravam as coisas tudo que a gente faz, eles estão filmando e estão fazendo. Cada um faz sua... seu vídeo e depois senta e vão, se junta e montam negócio. Não eles... Ah, sobre isso aí, é com jovens mesmo! E é tudinho!

Liderança II: É, eu, eu concordo com a Liderança I nesse sentido aí. E a gente percebe, Bruno, que até, é... os, alguns jovens que não participaram, né? Diretamente do curso. Eu mesmo tenho uma neta que não participou, mas devido ela ter o convívio nesse, nesse GT da Juventude, que tem lá uma turma que participou, ela, né? Só que ela é muito comunicativa. Mas aí nessa questão de, de... de fazer algum documentário, alguma coisa no notebook ou celular, ela domina muito, e ela sempre fala, né? Que tem aprendido muito com os meninos, né? Que deram algumas dicas. E aí tem um cara aqui que a gente se inspira muito nele, né? Que é o Jovem I. Eu não sei se você teve a oportunidade de conhecê-lo, então ele também tem ajudado muito nesse sentido aí, né? Então essa parte aí realmente tem fluido bastante.

Entrevistador: Legal, bacana! E aí, gente, outra pergunta. Agora, não sobre a comunicação dos jovens, mas a comunicação das comunidades, né? Dentro das comunidades e a comunicação das entidades, né? Mudou alguma coisa? Depois do Jovens em Comunicação, das edições, foram foram três edições do Jovens em Comunicação, né? Eu estive na terceira, mas antes da, da edição que eu estive aí tiveram outras duas antes, né? Alguma coisa mudou na capacidade das comunidades de se comunicar internamente, externamente? E a mesma coisa, pergunta para as entidades do Bico, né? Que o Bico tem muitos sindicatos, muitos movimentos, muitas entidades. Mudou ou não mudou depois do Projeto Jovens em Comunicação?

Liderança II: É... Mudou, Bruno, mudou. Assim, porque você vê, a, a tecnologia ela vai, vai se avançando, né? Aí hoje com esse negócio do *WhatsApp*, essas coisas, então isso facilita bastante, né? É... E outra coisa, às vezes tem alguns projetos que às vezes nem há necessidade da gente sair da comunidade da gente para ter, para, para participar do, do, do processo, né? Do, do projeto. Então, isso ajudou bastante essa, esse, é... essa interação com as comunidades, né? Isso é um ponto muito positivo também.

Entrevistador: E deixa eu perguntar uma... Só complementar a pergunta. Isso teve a ver com o Projeto Jovens em Comunicação, Liderança II? E já deixo a pergunta também para Liderança I.

Liderança II: Sim, sim, Bruno, teve! Porque assim, a gente, para poder a gente, é... chegar a esse ponto aqui que, que nós tá conversando aqui, a gente teve ajuda desses, desses jovens, né? Porque a gente antes tinha dificuldade, às vezes de... de fazer uma chamada de vídeo, alguma coisa, né? E também é... devido esses, esses programa aí do Jovem em Comunicação, houve mais esse interesse das comunidades trazer uma internet melhor, né? Para poder ajudar eles em algumas coisas e servir também pro dia a dia da, da, das famílias, né? Então, isso tem muito a ver com o jovem, porque você sabe que o jovem hoje tem mais facilidade em tudo. E com o curso que, como foi feito esses cursos aí então, isso aí realmente contribuiu bastante.

Liderança I: É, é verdade! É, e como eu falei, eu sempre repito, depois que se forma que tá, já tá nos trinque, vai embora. Porque precisa de apoio. Porque cria família, porque tem responsabilidade. E trabalhar de graça ninguém quer. Tem responsabilidade, tem a família para sustentar, tem um pai, tem uma mãe idoso, e precisa dar apoio e aí trabalhando de graça sem fazer nada. Eu tô colocando aqui a situação do Jovem I. Um menino bacana, um jornalista que se transformou e cadê o Jovem I? O Jovem I teve que se contratar para, para ir trabalhar pro, pra prefeitura, pro governo. Por quê? Porque ele tem família. Porque ele tem pai, porque ele tem mãe, porque ele tem esposa, ele tem filho. Então precisa, é isso. A... a questão tá é... na sustentabilidade da juventude, que capacidade eles já tem bastante.

Entrevistador: Perfeito, Liderança I. Nós vamos falar sobre isso daqui a pouco, tem pergunta sobre isso também. é..., outra pergunta aqui...

Liderança I: Pode, pode perguntar. Deixa eu responder logo.

Entrevistador: [Risos] Não, perfeito. Aqui não tem... Não tem essa não, pode falar, até porque tá tudo relacionado, não tá com... Não tem como descolar uma coisa da outra, né? Vocês perceberam, gente, é... como é que vocês perceberam o engajamento, o envolvimento desses jovens durante o curso, durante as edições, né? Foram três edições. Eles, como é que era a participação deles? Eles gostavam, não gostavam? Como é que era esse envolvimento?

Liderança II: É... é... Bruno, é o seguinte, os meninos que...que participaram aqui do assentamento, que aí sempre ele, a associação sempre dava um suporte naquilo que, que ela podia, né? E que era necessário. Mas, é... é... Vendo assim a questão da primeira turma, a gente viu que, é... Claro que a APA-TO tá nesse meio aí e sem a APA-TO a gente não ia a lugar nenhum, né? Mas eu acredito assim, eles sonhavam muito alto, né? Todos jovens sonham, né? Não tem jeito. Mas aí tem aquela história que a Liderança I falou, às vezes não tem oportunidade. E os que às vezes tiveram de alguma forma, né? Serviram, mas, é... é... Eu acho assim, esses cursos só vieram a somar, não só pro jovem, mas pros veteranos também, porque ajudou bastante. A gente aprendeu muito com, com esses cursos, né?

Entrevistador: Viu, Liderança I, a pergunta, é... é... como é que você percebeu o engajamento, o envolvimento dos jovens durante o curso? Se eles estavam envolvidos, se não estavam?

Liderança I: Estavam. Eles estavam envolvidos, sim! Tá todo mundo envolvido. A, a dinâmica, é... é... como é que diz? A metodologia que aconteceu foi muito boa. Eles vinham mesmo por vontade, ninguém não ficou: "*Ah, vou embora!*". "*é..., menino, chega aqui!*" Não. Foi, foi de, de livre e espontânea vontade mesmo. Eu gostei. Foi o primeiro que eu gostei, Bruno pra te falar a verdade. Primeira capacitação para a juventude que... que eu gostei foi essa.

Entrevistador: Do Jovens em Comunicação?

Liderança I: Lá desse moço. É!!

Entrevistador: Por quê, Liderança I?

Liderança I: Porque os... Porque o... Os equipamentos que eles querem. Bote o celular na mão dos meninos. Bote a máquina fotográfica. Bote câmera. Bote os, os material deles para trabalhar que você vê, eles apareceram no serviço, né? Pague a mensalidade, por exemplo, nós vamos fazer uma assembleia das ASMUBIP. Aí nós vamos contratar uma comunicadora lá do baixo

da égua, sendo que nós temos aqui mesmo um monte de menino capacitado. Mas cadê que os bichinhos podem se eles não têm os aparelhos? Eles não têm os materiais. Eles não têm os equipamentos que precisa e a gente não paga. Quer que o bichinho faça de graça? Tudo tem que ter incentivo, meu filho. Bote isso na sua pesquisa, tem que ter o incentivo.

Liderança II: É..., e, o que eu achei, achei interessante também, Bruno, é porque assim, é... não ficou só na, vamos dizer assim, o curso era dado pela APA-TO. E não ficou só lá, então ia pras comunidades, né? Fazer os trabalhos lá na base....

Liderança I: É.

Liderança II: ...Isso também é muito interessante, muito importante, porque as famílias viam o, os filhos da comunidade ali dentro daquele, daquele projeto, né?

Liderança I: É. Uhum!

Entrevistador: Certo. Outra pergunta: Vocês perceberam mudanças no comportamento dos jovens com relação... o envolvimento deles com a política, com as atividades relacionadas à cidadania, aos movimentos sociais, à luta por direitos? Isso mudou ou não mudou? Essa, é... esse, esse processo de conscientização política dos jovens. Que que vocês acham?

Liderança I: Eu, da minha parte eu vi assim, é... alguns, porque assim, a gente, a gente chama, é... não é só jovem não. A pessoa vai naquilo que gosta. Aí tem aqueles que gostam da política, que gostam de... de se envolver com movimento. Aí aqueles, você vê, o desespero de tá de, tá puxando, de falar, de, tipo assim, o, o [nome de um jovem]. O [nome de um jovem], ele puxa demais. Ele é, olha, ele engaja mesmo. Ele entra mesmo, vai fundo, né? Tem outros que fica mais calado, faz, mas é mais calado. Mas tem outros que, hum, política e também o movimento social, não é a gente, é ela entrando na gente. Se eu tô no movimento, é que o movimento entrou em mim e eu gosto do movimento. Aí isso faz com que a gente faz aquilo ali. Agora tem gente que é boa liderança e não é um bom político e tem gente que é um bom político, mas para liderança não, não quer. Então, do mesmo jeito é a juventude. Tem aqueles que se engaja mesmo como liderança, que quer que sente na pele, tem aqueles que é mais pro lado político.

Liderança II: É... a gente vê que o, o Jovem Comunicação, a gente percebeu que lá tinha jovem, eles era... todos eram capazes. Daqueles que era mais a comunicação falada e outros mais a comunicação, né? Fotográfica, essas coisas assim. E esse trabalho, esse que você citou a questão do [nome de um jovem], o [nome de um jovem], ele acaba que ele é, ele gosta da coisa, ele é um comunicador falado mesmo e, e ele puxa os demais. Então acaba que ele, é... se torna como um guia para esse sentido aí da... da... dos direitos, né? Dos direitos sociais, a política, a política, é... é... social, toda, todas as formas de política ele tá ali ele, apesar dele entender ele, é muito comunicativo nesse sentido. Então acho que, é... Que nem a Liderança I falou, alguns, alguns se destacaram nesse sentido, né? Não é que talvez a pessoa não goste. Às vezes ele até gosta e tudo, mas é um pouquinho mais quieto e o Jorge é desses que puxa o barco e a turma vai junto. Mas o programa é...

Liderança I: E não tem medo.

Liderança II: ...É, o programa contribuiu bastante para, para essa evolução nesse sentido aí. Não tenha dúvida!

Liderança I: Aí tem o [nome de um jovem]. O [nome de um jovem] ele é um bom comunicador e ele tem empenho nos vídeos, para fazer. E ele como professor ele usa muito as coisas de liderança, do movimento, a história do movimento, ele encaixa, entende? E ele leva pra sala de aula e ele puxa pras crianças, ele puxa pra juventude, e ele bota, agora política não é com o [nome de um jovem], não. Então é assim, cada um no lugar que tem. E a doida da Jovem V, que, que é assim, uma pessoa que tá para tudo, pau para toda obra, é competente, tem competência, mas foi embora, né? O [nome de um jovem] também não ficava atrás, foi embora. É assim então. Mas os que tem por aqui nós estamos aproveitando. [Risos]

Liderança II: Mas aí o, o bom, o bom disso aí que lá onde eles estão, tão, é...

Liderança I: É.

Liderança II: ...É, tão, é, tão distribuindo com...

Liderança I: É, é, tem essa qualidade!

Liderança II: ...com o, as pessoas que estão próximas, né? De uma coisa que eles conseguiram através desse programa aí, né? Do Jovem Comunicação, e com certeza, esse programa é divulgado por eles. Não tenha dúvida!

Liderança I: É. Pois é, com certeza!

Entrevistador: Bacana, gente. Agora, uma pergunta parecida também. Se vocês acham que o conhecimento e a prática dos jovens com relação ao meio ambiente, com relação à agroecologia, por exemplo, isso mudou ou não mudou depois da participação do Jovens em Comunicação? O quê que vocês observam sobre isso?

Liderança I: Mudou assim. Mudou 100%. Todo mundo defende a agroecologia. Toda a juventude. Toda juventude do Bico aqui é agroecológica. Eles tão muito... Eles são muito porretas nessa história, viu, filho? Eles botam para valer mesmo e eles faz propaganda da agroecologia e eles tem prazer de dizer que é, né? Formado em agroecologia. E eles ficam assim na... Né? Eles gostam. Eles, foi muito bom. Muito bom, já vi até palestra deles, dando palestra de agroecologia. Então, muito bom. Aí foi um tema que eles abraçaram de unhas e dentes.

Liderança II: É, até porque eles, é... esses, dos, dos alunos que participaram do, do Jovens em Comunicação, tudo era, é... saído de lá da EFA, ou às vezes ainda tava lá na EFA, né? Então, eles já trouxeram, já traziam aquilo ali, junto com, com, o programa dos Jovens em Comunicação, então isso só foi melhorando a forma deles conduzir o processo, né? Claro que não consegue mudar por conta da, da, da questão, né? Política mesmo, não consegue mudar tudo. Mas de qualquer forma, eles estão lá defendendo. Como disse, que a Liderança I falou é verdade, estão defendendo, procura ir lá e procura ajudar naquilo que, que é possível, né?

Entrevistador: Beleza, gente. Então... Próxima pergunta aqui. É sobre a, a história, a relação dos jovens com a história do Bico do Papagaio e a história das comunidades, né? Então a pergunta é a seguinte: Mudou a relação, o conhecimento que os jovens tinham da história do Bico e da história das próprias comunidades, da história das entidades? Mudou de antes e depois do Jovens em Comunicação?

Liderança II: É... Bruno, mudou, mudou bastante! Eu lembro que foi você que fez a arte daquelas camisas aqui da festa, né? Do, do Barro Branco e isso, isso repercutiu bacana isso aí, né? Porque, é... muita gente queria saber que aquela frase chamou muita atenção, né? Que tava na, tava com... que tava nas camisas. Então, isso chamou muita atenção e muita gente, a partir dali, ficou sabendo um pouco da história do assentamento. Então, isso ajudou bastante.

Entrevistador: É, e você, Liderança I? Você acha, você acha que mudou o conhecimento que eles tinham da história do Bico, da história das próprias comunidades?

Liderança I: Das comunidades que eles conhece, mudou sim. Muitas comunidades, muitas histórias, muitas histórias mudou... E o conhecimento deles e conhecer as histórias, só que não, não conhece todos os municípios, nem todas as comunidades. Agora com essa... Por exemplo, quando eles faz uma reunião, né? Aqui na Juverlândia e a juventude que vem já fica conhecendo a história de Juverlândia. Já fizeram a Sumaúma, já fizeram Barro Banco, já fizeram no Carrapixé, já fizeram no, no Ciriaco. Assim, aí se tiver continuidade deles andar nas comunidades que eles ainda não foram, cada uma que eles ia, eles vão vendo que a história é a mesma, mas a realidade é um pouco, né? Diferente.

Liderança II: É, até porque, Bruno, é... cada, cada, é... encontro desses que tem, é... sempre a gente procura aquelas pessoas que conhece a história, né? Desde o início, para tá, é... de forma meio resumida, resumida, né? Contando a história ali como aconteceu, como começou o assentamento e tudo, aquela história. Então, o jovem, é... acaba que fica, se torna um jovem em, em comunicação mesmo sem tá fazendo o curso em si, né? Porque você sabe, né? O curso é limitado, isso é para uma quantidade "x", mas quanto jovem não tem que, que participa dessa reunião de comunidades, né? Então isso acaba que, que ela vai se multiplicando aos poucos, né? Então, é muito bacana, muito bacana esse, esse...

Entrevistador: Não, beleza. E aí a pergunta, não sei se a Liderança I tá aí, mas a pergunta é, é... se mudou o interesse dos jovens com os costumes tradicionais das comunidades, dos povos aí do Bico, né? Porque a gente sabe que essas tradições são passadas de geração para geração. E aí eu queria saber se o projeto, de alguma maneira, mudou isso no jovem ou não mudou, o envolvimento dele com os costumes, né? Por exemplo, as quebradeiras de coco têm o costume da quebra do coco, da coleta do coco e outros costumes. As comunidades quilombolas têm os seus costumes, né? O movimento sem terra tem os seus costumes...

Liderança I: é..., você, cala a boca aí, por favor. [Risos] Tão zoada.

Entrevistador: ...É. [Risos] Não, sem problema. Então a ideia é saber isso, se mudou o envolvimento dos jovens com os costumes tradicionais aí dos, dos povos e das comunidades do Bico.

Liderança I: Não, os costumes, se mudou?

Entrevistador: Sim, se despertou o interesse ou não despertou ou se não mudou, se continua a mesma coisa também, né? Essa é a pergunta.

Liderança I: Não, a mesma coisa, a mesma coisa não continua não, porque cada dia que você aprende uma coisa, você descobre a novidade, vai mudando, né? Vai mudando o pensamento, vai mudando a crença. *"Ah, não acreditava nessa história de gente velha, gente velha vai contar para vocês. Ah, só fica falando besteira"*. Aí da hora que o camarada vai começando ouvindo,

ouvindo, ouvindo um e outro e outro, ele vai entendendo que aquilo ali tem um sentido. E, e os que, se, é... manifesta curiosidade de, de descobrir qual é o, qual é o, o objetivo daquela história, do sentido daquela história, ele quer saber do final. Ele procura ir buscar o final. *"Como que a senhora conseguiu fazer isso e isso e isso nesse tempo que era assim assado, né?"*. Aí a gente, eu tô falando baseado nas perguntas que às vezes eles me fazem, né? Então, eu acho bom porque eu sei que a pessoa tá com curiosidade. Quem quer, quem tem curiosidade, quer saber e quer aprender. E é muito bom a gente responde com muito prazer. Muito bom. E isso eles têm feito muito, essa juventude que, que tá aí nessa, nessa... nesse trabalho que a gente tá fazendo, realizando aqui na APA-TO, é... com essas entidades parceiras, a SBB, a... a cooperativa lá do, da Esperantina e também agora a cooperativa das quebradeiras que também agora já tem assessoria, que tá... e é uma jovem e ela puxa muito essa coisa, tá ficando assim um aceleração, né? Que tá, que eu acho que vai animar muito, muito! Eu tenho duas jovens que já foram diretora do sindicato e que tão no, na formação. O MIQCB tá tendo uma formação de juventude, liderança, lá em São Luís, *"vish Maria"*, mas isso tá chamando a atenção deles, né? Tá sendo muito bom, tá tendo muita formação para juventude, na questão da gente, tanto do babaçu, como do meio ambiente, de preservação, de luta pela terra. E eles tão se abraçando, eles estão gostando, tá aumentando a juventude e tá ficando bom. E o que pudesse ser feito para aumentar mais, pra conquistar mais, é muito bom. Agora, o [nome de um jovem] ele, nas articulações do GT da Juventude, aí nós fomos colocar umas atividades pro [nome de um jovem] e o [nome de um jovem] *brobou*. Agora ele disse que nós temos que caçar jovem para eles, né? Para, engajar no, no grupo. Digo: *"Agora, lascou! Porque as mães que têm que correr atrás, os pais, não é mesmo? de tá incentivando participar"*. E depois participa com o [nome de um jovem] não volta mais não, meu amigo, engaja mesmo, porque ele é muito competente na conquista da, da juventude. E aquela Liderança III também, muito danada.

Liderança II: Pois é, Bruno, é... com relação a essa questão aí que você perguntou, é... a, Os jovens aqui participaram, né? Principalmente, porque tem essa questão dos festejos, né? O festejo é aquela coisa que é tradição e aí os jovens tão junto, né? É... também, que a gente sabe que as quebradeiras estão diminuindo. Agora essa parte aí a juventude para nós aqui a juventude é meio lenta nessa questão de dar continuidade, né? Isso aí, mas, é... os festejos, é... as tradições velhas, como quadrilha, essas coisas tudo, eles, né? Tão junto. E, e quando o jovem toma a frente a coisa anda, porque um jovem traz outro jovem e ele, e já vão pesquisando e já vão trazendo coisa nova e a coisa anda, né?

Liderança I: É, o... o, aqui a juventude de Juverlândia é quem coordena os festejos. Eles quem são os organizadores da igreja, da catequese, de tudo eles... E sobre as quebradeiras de coco, a gente tem juventude, é... se, manifestando, se interessando, mas também porque a gente, olha, Bruno, nós também temos que mudar a nossa maneira de liderar. Porque a gente fica com carranquinho besta, aí nós só faz é assustar, né? Faz é assustar. Aí, assim... não, não renova não. Agora, com esse trabalho que a gente tá fazendo, a gente já tem muitas jovens aqui nessa região aqui do, do Sítio Novo, Axixá, é... São Miguel, já tem muitas jovens, né? Que estão lá nas comunidades, são mães de família sim, porque hoje as meninas, quando tem 15 anos, já têm um marido e dois filhos. Aí então elas estão se formando, mas tão, é... se engajando e vendo que há necessidade da gente continuar a atividade, da questão da, do aproveitamento do babaçu. Primeiro, a gente tem que incentivar que o PA, que as mulheres estejam com documentos para vender pro PA, fazer os cadastros, essa correria aí que, que não é fácil, mas a gente tá, tá com, correndo atrás. A outra coisa, a gente tem o entreposto lá que vai comprar o mesocarpo. O que que nós temos que fazer? Incentivar a juventude, que é um serviço maneiro, que é um serviço bom e que pode tá fazendo a jovem, a velha, o novo, o homem, a mulher, a criança, tudo, todo mundo pode tirar mesocarpo. Então, a gente tá com esse incentivo e tá dando certo. E também

como eu já falei, a formação tá dando certo. Tá dando certo! E a APA-TO tem que continuar esse trabalho com a juventude. Nós têm que buscar forma de dar continuidade, cada vez mais. Vai formando uma turma, vai entrando outra.

Entrevistador: Bacana, gente. Obrigado pelas respostas! Estamos chegando no final, agora é o último bloco de perguntas aqui.

Liderança I: Ai, meu Deus, mas ainda tem? A gente tá aperreado...

Entrevistador: É, já tá acabando já, prometo. A pergunta agora é sobre o projeto de vida dos jovens, né? O futuro desses jovens, né? E aí, a primeira pergunta é se vocês acham que o, o Projeto Jovens em Comunicação ajudou eles ou inspirou eles a pensar sobre os futuros profissionais deles, né? Sobre o projeto de vida profissional. O projeto mexeu com eles nesse sentido ou não mexeu?

Liderança II: É... Bruno, acho que mexeu aí bastante, né? É... devido já ter um tempinho, né? Que o último, é... projeto foi feito, mas a gente percebe que vira e mexe, ó, aqui mesmo no assentamento, nessa semana, tá acontecendo dois cursos. Né? E nesses dois cursos tem, tem jovem comunicação, né? Que no meio tem alguns. Tá acontecendo um curso de, de, é... operador de trator, né? Manutenção e, e implemento. Onde tá de oito dias, e tá aconte... esse aqui tá acontecendo no setor sete, né? Da Ouro Verde, e no setor Barro Branco tá acontecendo um curso de drones, né? É... com jovem também, né? E aí tudo curso que é, que, que é fornecido pelo SENAR, né? Então, é... Eu acredito que de alguma forma impactou positivamente, né? Esse projeto aí de Jovens em Comunicação. E aí assim, a gente tem que buscar alguma coisa pro, pro futuro do jovem, pro presente e pro futuro, né? E aí como tem esses, esses projetos aí, esses, esses programas do SENAR, a gente tem a oportunidade de vir para o assentamento, a gente tem que trazer e principalmente pro jovem. Certo que esses cursos, eles não é específico só pro jovem. Mas aí 90% é jovem que tá lá, né? Então, acho que isso é... Positivamente eles estão lá, e, e graças a esse programa aí do Jovens em Comunicação.

Liderança I: É, é verdade! Muita coisa, muita coisa eles estão descobrindo e descobriram por causa do Jovem Comunicação. Porque uma coisa é você falar e outra coisa é eles pesquisar, né? Às vezes a gente fala e eles vão ver se aquilo é verdade. Aí descobre e se engaja e, e se interessa. É muito bom.

Entrevistador: Certo. Próxima pergunta, é... Se, é... O envolvimento dos jovens com o trabalho e a vida no campo, com o trabalho, com a agricultura, é... isso mudou ou não mudou? Depois do Jovens em Comunicação? Especificamente sobre a vida no campo com a agricultura, com agroecologia. Mudou ou não mudou?

Liderança I: Hum. Ah, agora essa daí só com os que são do... só os que são mesmo da, da questão da agricultura. Os que não são não querem saber não, menino. Roça é ruim. Mas tipo assim, os jovens que são do Movimento Sem Terra, eles engajam na roça, nas coisas deles lá. Mas os outros, não é todo mundo não que vai, não. Negócio de roça é ruim. Mas pelo menos eles, né? Incentiva assim a questão esclarecimento, da importância da agroecologia, da, da cultura sem veneno, da questão da preservação. Eles, pelo menos isso, eles estão sempre incentivando. E, e também incentivando da importância do babaçu, importância da... da água, essas coisas. Agora roça, hum, hum. Eu não sei não, aqui eu não vejo jovem roça não.

Liderança II: É, Bruno, essa questão da, desse lado aí é que nem a Liderança I tá falando. É, mas... mas como aqui nós tem até um grupo de jovens que tá, mexendo aqui, porque a gente tem uma roça comunitária, aí tem alguns jovens que... Inclusive tem até um que fez o, o Jovens em Comunicação, não sei se foi contigo ou se foi antes, que tá também aqui na roça. Mas é isso que a Liderança I falou, né? Sempre o jovem, ele procura o, o meio mais, mais simples de, de... de ganhar o troco, né? Que a roça dá também, mas ela é mais demorada. O jovem ele quer o dinheiro mais... o mais rápido possível ainda, né?

Liderança I: É.

Liderança II: É. Às vezes todo mundo, todo mundo quer, né? Mas aí a longo prazo ele já fica mais, mais puxado.

Entrevistador: Certo, gente. Agora tá acabando, é... mais duas perguntinhas bem rápidas. É... hoje, a gente tá em 2024, faz cinco anos que acabou a última edição do projeto, que foi a edição que eu trabalhei e acabou no início de 2019, né? É... então faz cinco anos. E a primeira edição foi em 2016, né? Então você vê, tá fazendo quase 10 anos da primeira edição também. Hoje, como é que vocês percebem a presença desses jovens no Bico, né? Depois que acabou, é... Seja nas comunidades, seja nas atividades, seja nos eventos, seja nos movimentos sociais, como é que vocês percebem, né? A presença deles? Os que ficaram, né? Tem os que foram também.

Liderança I: É. Primeiro, seis anos foi perdido. Aí tu desconta desses seus 10 anos aí, tu desconta uns seis anos e deixa só os quatro. E só pelos quatro que eles estão se, ativos, que eles, que, eles não, nós, nós parou não foi só a juventude, parou foi o mundo. É... Eu acho que tá é bom demais, porque todo mundo explodiu assim, Bruno. Quando tu vê eu dizer que tô agoniada, meu filho, é porque é agenda. É atividade que é demais, uma em cima da outra, a gente tá para ficar doido. Por quê? Porque as coisas pararam seis anos, meu filho. E a gente quer acelerar o processo de resgatar todas essas coisas e a juventude foi uma delas. O trabalho que você fez em 2016, 2017, 2018, 2019, parou. Aí ficou... A gente não podia nem ir nas comunidades. A gente não podia nem fazer reunião, né? Então a gente ficou assim. É, e a gente considera tempo perdido. Aí depois que voltou e que a gente tá de novo e com essa volta eles tão é acelerada é muito, viu? Porque tá corrido, tá corrido. E eles não se enfadaram de participar, de tá acompanhando a gente e... e também de cuidar na, na, nas comunidades, cada um com uma sua realidade, tipo assim, os sem terra. Eles são na realidade deles da luta por a terra, mas eles estão também na, na agricultura deles, né? Tem os jovens que, que começaram criar abelha que parou também por em função de muitas coisas. O uso discriminado de veneno, que eu sou a maior apicultora aqui da região do Praia Norte. E eu parei por quê? Porque as abelhas morreram por causa do veneno, porque e tal. Então, muitas coisas desincentiva a gente e a gente quer resgatar, né? E a gente tá trabalhando nisso, mas tem que ter, é... o incentivo e tem muitos jovens querendo e a gente tem que ir buscando meios de tá incentivando eles. Os que aprenderam, né? Que teve muitos que aprenderam, né? Então é assim, a gente tá, é... Foi perdido, a gente não pode nem contar com esses 10 anos, porque teve tempo perdido, paralisou o mundo, né? A educação paralisou, a formatura dos jovens parou, um monte de coisa, né? Então a gente, pro... pro que nós passamos, nós estamos é longe demais, avançado.

Entrevistador: E o que é que paralisou, Liderança I? Só para eu entender, foi a questão da pandemia ou teve mais coisa?

Liderança I: Oxe, menino, tu tá dormindo? Não teve o golpe? E depois do golpe não teve a pandemia? E não acabou o mundo? Não fechou o Brasil? É isso que eu tô falando. Foi prejuízo, prejuízo foi total.

Entrevistador: Ah, tá.

Entrevistador: A questão política, né? Tá certo, entendi. Uhum. Do governo, perfeito. Bolsonaro, entendi. Diga, Liderança II.

Liderança II: É, eu acho, ficou, essa questão desses três... Esse período aí de Jovens em Comunicação ficou um legado muito interessante, é... porque os jovens, eles souberam multiplicar o que eles aprenderam. Porque a quantidade de jovens que não participaram diretamente, né? Dos curso mas que conseguiram, é... junto aos outros, né? Absorver boa parte dessa comunicação e tão aí dando continuidade. É muito interessante uma quantidade muito grande de, de jovens. Então, isso tem ajudado bastante. Mesmo com essa parada que teve aí, mas os jovens souberam tá multiplicando aquilo que eles aprenderam no... no curso de Jovens em Comunicação. E isso graças a esses, esses jovens é que essas entidades como a SBB, a APATO, ASMUBIP, tão aí, né? Não tão de mãos, tão atadas por conta deles que tão aí dando esse suporte pra gente a hora que a gente precisa, né? É... você vê aqui a SBB já no, o projeto passado contratou três jovens, e agora nesse agora tá com uma menina contratada. Não, dois. Dos jovens, participaram do Jovem Comunicação, mas é remanescente da EFA, né? Que, de alguma forma, tem uma comunicação muito boa. Então, acho que isso foi o legado que ficou desse, desse período aí do curso de Jovens em Comunicação. Que vale... que tá, que valeu a pena e tá valendo a pena pra nós, né?

Entrevistador: Beleza, gente. Última pergunta agora, né? Tá dando cinquenta minutinhos aqui. Vamos acabar antes da uma hora. É... A última pergunta é a seguinte: nós temos um problema, não só no Bico do Papagaio, mas no Brasil todo, que é da evasão rural, né? Da dificuldade da permanência do jovem no campo. Liderança I já tava falando disso inclusive. Vocês acham que o Projeto Jovens em Comunicação ele de alguma maneira contribuiu para diminuir esse problema ou não, né? É... E já engato uma última pergunta, né? Que é com o aprendizado que vocês tiveram, que vocês têm aí no Bico, se, que que para onde vocês acham que é o melhor caminho para trabalhar com a juventude, né? Para oferecer projeto pra juventudes, formação para juventudes. Então, são duas perguntas. Primeira, se o projeto ajudou no processo de combater a evasão rural. E segundo, qual que é o caminho pra trabalhar com a juventude na opinião de vocês, né?

Liderança II: É... Eu acho...

Liderança I: Essa daí é doida.

Liderança II: [Risos] Essa primeira pergunta, eu acho que no caso, é... Pode até ter sido, o propósito era esse, de, de o jovem não, não, né? Sair. Mas, você vê, quando, quando cria asa aí é que o, né? O cara quer voar. E esse, esse programa aí do Jovens em Comunicação acabou dando mais asa para eles. Como eles não conseguiram arrumar serviço na região, né? Aquilo que era o sonho deles, acabou que eles, "*não vou usar a minha comunicação em outro campo*", né? Mas, é... de qualquer forma valeu a pena.

Entrevistador: Você, Liderança I, colaborou com o...

Liderança I: Não. Não. A resposta dele tá corretinha, eu não vou repetir não. É a mesma coisa. Depois que eu me formei jornalista, eu vou ficar na roça fazendo o quê, menino? Vou é caçar brecha, entendeu? Agora sobre o projeto para nós é continuar com a juventude. É aquilo que eu falei, tem que ter o projeto para incentivar eles ficar na terra, mas tem... mas é assim, tem que ter um, ter os, os equipamentos deles trabalharem, mas também tem o incentivo. Tem que ter o incentivo, olha. Porque que a gente vai contratar um jornalista lá da, da Imperatriz se nós temos aqui meio mundo de gente comunicador? Por quê? Então tu bota essa pergunta de novo que eu quero a resposta. A APA-TO mesmo, fez meio mundo de, de curso de, comunicação, de Jovem Comunicação e contrata essa fulana de tal lá da Imperatriz para vir cobrir os eventos, onde nós temos meio mundo de jovem aí formado e que faz direitinho o trabalho, né? Porque que a gente não dá um incentivo assim do que é que os meninos precisa? Vai criar os *logos*. Os *logos* das MUBIP. Porque que a gente não contrata uma, contratar uma pessoa lá de Brasília para vir fazer a, o trabalho de comunicação, de criação dos *logos*, de desenhos, essas coisa tudinho? Já que tem mesmo um de comunicador? Porque que não confia naquele que ensina? Entendeu? Porque isso acontece muito aqui. É muito que acontece é isso. Entendeu? Porque que nós não bota o Jovem I para fazer esse negócio? Não bota. Não bota, não dá. O [nome de um jovem], o [nome de um jovem] tem capacidade. O [nome de um jovem], se tu ver as coisas que o [nome de um jovem] faz, moço. Mas se nós não incentivar, não adianta de nada botar eles para aprender. Tem menina que era aqui, era... era tão inteligente na comunicação. Não sei onde essa menina anda mais, já sumiu, foi embora, casou, virou não sei o quê. Então é assim e a gente continua aqui buscando comunicador na Imperatriz. É, é isso aqui que nós têm que trabalhar, é isso aqui. É o incentivo de segurar os jovens que nós capacita, naquilo que ele, que ele vai, né? Que ele se destaca. Quem destaca na agricultura, nós vamos incentivar na agricultura. Aquele que se destaca na comunicação, vamos incentivar na comunicação.

Liderança II: É, aí, em relação a isso aí eu concordo plenamente com a Liderança I. Tudo isso que ela falou é verdade. E aí eu acho que estava na hora de ter mais um curso aí de, de comunicação pra pegar essa turma nova que tá aí se despontando, né? Acho que é, tá no... tá na hora. Esse é o momento.

Liderança I: É, é, mas continuar a comunicação com os mais novato, mas, é... fazer uma adequação com os que já, que já sabem o que fazem. O que que eu tô falando? Eu tô falando do cara que vai saber fazer um *slogan*, criar uma logomarca, um cara que vai saber fazer uma propaganda no pacote do mesocarpo, na garrafa, no, no rótulo do azeite, entendeu? No rótulo do sabão, no rótulo do carvão. Porque isso daqui manda os outros fazer. Aí a gente tem agora de aprimorar os que já sabem, né? Que já são comunicadores, que já foram formados, aprimorar nisso aqui. Entendeu? Vamos dar continuidade nos novos, mas essa turma a gente botar para fazer um aprimoramento nisso que eu tô falando.

Entrevistador: Certo, gente. Muito, muito obrigado! Chegamos ao fim. Quero saber se vocês querem falar mais alguma coisa que veio na cabeça das perguntas, do que também não foi perguntado, mas quer falar, ou se já estão contemplados com o que foi dito.

Liderança I: Eu falei tudo.

Entrevistador: Beleza.

Liderança I: Já falei tudo.

Entrevistador: Liderança II?

Liderança I: Desculpa aí minha maneira de... minha maneira de falar.

Entrevistador: Imagina, que isso, Liderança I? Não tem nada que desculpar, não. Diga, Liderança II.

Liderança II: É, eu também fiquei satisfeito aí com... Já com o convite, eu já fiquei, né? Satisfeito, então poder contribuir e ter esse momento aí é, para mim, foi gratificante. Eu tenho a agradecer. E agora, poder ter o teu contato novamente e pra qualquer coisa a gente poder tá batendo um papo.

Liderança I: Sim. Beleza. Sim.

Entrevistador: Com certeza.

Liderança I: É. O bom foi isso, Bruno, que agora a gente tem teu contato. Porque não tinha.

Entrevistador: [Risos] Ô louco, então tá, olha só, pode sempre me chamar, contar comigo. é..., eu só agradeço, foi muito bom também, além de fazer a pesquisa, o mais gostoso é rever vocês. Revi os jovens na semana, faz duas semanas que eu tô entrevistando os meninos...

Liderança I: Tá bom. Que bom.

Entrevistador: E eles estão tudo grande, tudo barbudo, uns emagreceram, outros engordaram...

Liderança I: É.

Liderança II: É.

Liderança I: Igual o Bruno. Tão igual Bruno de barba.

Entrevistador: De barba. Exatamente.

Liderança I: Mas tá bom, meu filho. Tá bom. Tá bonito, tá danado. Já vi, nós...

Entrevistador: Mas, ó, obrigado, viu? Valeu...

Liderança II: Não vamos descartar a sua vinda aqui no Bico. Vamos providenciar essa vinda tua aqui para a gente bater um papo, né?

Entrevistador: Isso, isso, Liderança II, é isso que eu falei. Liderança I já foi que ela tá agoniada, mas, é..., em, em dezembro eu tô por Araguaína e eu posso ir um pouquinho antes para passar uma semana aí no Bico, em novembro, entendeu? Então...

Liderança II: Vamos planejar aí com a APA-TO direitinho, com o pessoal e de repente tá vindo aí para passar uns dias aqui, né?

APÊNDICE D - ENTREVISTA COM LIDERANÇA III E LIDERANÇA IV

Entrevistador: ... no celular também pra gente ter duas opções sempre, beleza? Então tá bom! Com a autorização de vocês a gente inicia. Se a internet estiver oscilando, vocês me avisam que eu fecho a câmera, tá? Que pra mim até a imagem do Liderança IV sumiu aqui. E aí eu fecho, tá? Vocês me avisam...

Liderança IV: Não, eu fechei a minha aqui só pra melhorar a conexão também.

Entrevistador: Ah, perfeito. Liderança IV, e se precisar eu fecho a minha também, tá? Vocês avisam se a minha voz picotar, tá bom? É... Mas... Bom, só pra explicar pra vocês, gente, mais uma vez, Liderança III, Liderança IV, eu agradeço demais aí a participação de vocês. Sei que vocês estão corridos por aí, mas é... vou explicar qual que é a proposta rapidamente. Essa é uma pesquisa que eu tô fazendo, ela tem o intuito de avaliar, né? De analisar o Projeto Jovens em Comunicação da APA-TO. É... E analisar também esses resultados, esses impactos do Projeto Jovens em Comunicação na vida dos jovens, das comunidades, do Bico como um todo, né? É... E aí eu tô fazendo meu mestrado em Comunicação na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul e essa pesquisa ela tem relação com a minha dissertação de mestrado, né? Vai fazer parte do meu trabalho, mas eu já comuniquei a todos e tô comunicando a vocês também, falei primeiramente aos jovens, que foi com quem eu fiz a primeira rodada de entrevista. Depois eu falei com a Representante APA-TO, depois eu falei também com as lideranças que eu já entrevistei, que... Peraí que eu vou só... vou só fechar seu microfone, viu, Liderança IV, que tá me dando um eco aqui.

Liderança IV: Ah, sim, eu fechei.

Entrevistador: Ah, obrigado, obrigado. Só por causa do eco. E... Falei com as lideranças também que eu entrevistei. Entrevistar Liderança I, entrevistei Liderança II, além de vocês. E, e depois que a pesquisa estiver pronta, vou oferecer ela integralmente para APA-TO e pras organizações do Bico, pro Miqcb, é... pras comunidades, enfim, pra... pro GT das Juventudes também, pros sindicatos. Se for do interesse de vocês, eu me disponibilizo aí para o Bico e apresentar, né? Inclusive já falei até pro pessoal que eu tenho uma data, uma agenda próxima de trabalho em Araguaína, em dezembro. Posso ir uma semana antes, passar no Bico e apresentar os resultados da pesquisa, tá bom? É... É isso, então, só pra esclarecer o intuito. E eu estou escutando, escutei os jovens, como eu falei, escutei a APA-TO e agora que eu tô escutando essas pessoas que eu tô identificando como lideranças e assessorias que atuam no Bico. Não necessariamente que tenham participado do Jovens em Comunicação, né? Assessorando ou acompanhando, mas que estão no Bico. E por isso que cheguei no nome de vocês, da Ednalva, da Liderança I, do Liderança II, pra, pra sentir a percepção de vocês, tá bom? Esse é um grupo focal que não tem resposta certa nem resposta errada, o que a gente vai colher aqui é a percepção de vocês. E essa pesquisa não tem relação com nenhuma das entidades do Bico, então vocês podem ficar tranquila, tranquilo, pra responder da forma que for, pra trazer a crítica que quiser trazer, enfim, é isso. Sobre a proposta da pesquisa tá tá ok pra vocês? Ficou claro?

Liderança IV: Sim, sim, ficou.

Entrevistador: Beleza.

Liderança III: Sim, ficou claro, sim.

Entrevistador: Ah, beleza! Então tá bom. Então, esse... Eu falei mais agora nesse começo, só pra explicar mesmo. Agora a gente prossegue com as perguntas. Eu vou fazer a primeira pergunta aqui e qualquer um de vocês fica à vontade pra responder, comentar, tá bom? É... No tempo que quiser utilizar. Então, vamos lá. Agora vamos voltar aí nossa, nossa atenção, nossa memória, é... para o Jovens em Comunicação, o projeto e os jovens que participaram, né? Aí a pergunta é a seguinte, Liderança III e Liderança IV: Do que vocês viram, né? Desses jovens que participaram do, do projeto, de alguma das três edições, seja primeira, a segunda ou a terceira, vocês perceberam mudanças na maneira como esses jovens se comunicaram, se comunicam ou se expressam depois de participar das formações? Mudou essa comunicação deles, a oralidade deles, depois que eles participaram do Jovens em Comunicação?

Liderança IV: Liderança III?

Liderança III: *[Risos]* Nós abrimos o, os microfones ao mesmo tempo! Então, a... Sempre tem uns que, que sempre tem um destaque maior, né? Sempre se destacam mais nas atividades, a gente consegue ter um, um melhor proveito. É... tem um, o Jovem VI, né? Que ele, ainda hoje, se mantém, né? Nessa área da comunicação. Inclusive, no GT, na, nos eixos, ele sempre se... ele sempre dá preferência para essa área da comunicação, então, já é um fruto desse Jovens em Comunicação, né? Tem o Jovem IV também, que ele tem esse manejo muito bom com as câmeras, embora ele tá um pouco, meio afastado. Tem a Madalena também, que ela conseguiu ter esse destaque legal, a Jovem V. É... Deixa eu ver quem mais que participou que eu lembro. A [outra jovem] também participou. Não participou? Pois é...

Entrevistador: A [outra jovem]? Sim!

Liderança III: Sim, pois é, esses jovens sempre, eles têm mais esse destaque. E isso é fruto também desse... desse Projeto Jovens em Comunicação.

Liderança IV: É, então, Bruno, É... Eu acho que o, o Jovens em Comunicação, né? Eu acho que o próprio nome, né? "Comunicação", né? Então acho que ele, ele já fala muito, né? Sobre o objetivo, né? de comunicar, né? E eu acho que essa participação da, da juventude, né? Eu acho que facilita com que eles possam ter, é... uma leitura política, né? Da, da sociedade, né? Uma leitura política do espaço que eles estão vivendo, né? Eu acho que uma leitura de quem são eles, né? Da, da identidade, né? Eu acho que talvez, é... nem todos eles se tornou um comunicador das mídias, né? Dessas, dessas mídias que são pautadas aí, né? Do *Facebook*, do *Instagram*, né? Dessas mídias, né? Mas, é... A formação deles enquanto Jovem em Comunicação vai além dessa, dessas mídias, né? Eu acho que vai pros grupos que eles participam, né? Pra, pros espaços de trabalho que eles ocupam, né? Então, acho que eles acabam trazendo isso pra onde eles vão, né? Independente de se eles vão, né? Utilizar essas, essas mídias que hoje estão aí, né? *Instagram*, né? *Facebook*, qualquer que seja dessas plataformas, né? virtuais, né? Eu acho que no dia a dia deles, eu acho que tem uma mudança de, de comportamento, né? Da juventude que participa integralmente, né? Tem aqueles que, é... desistem, desistem, né? Pelo caminho, né? mas eu acho que traz a mudança pros que ficam, que continuam.

Entrevistador: Certo. E a Liderança III... ela foi... ela foi atender a porta, eu vou fazer a pergunta, qualquer coisa depois eu repito, se ela não escutar. A segunda pergunta é a seguinte, ela tem a ver um pouco com a primeira, pra gente aprofundar mais. A primeira pergunta foi se vocês perceberam mudanças na maneira como esses jovens se comunicam na vida, né? E a segunda pergunta é se vocês perceberam mudança do antes e do depois desses jovens

participarem do curso, é... se, se mudou a maneira como esses jovens se comunicam, se comunicam nas suas comunidades de origem ou em outras comunidades do Bico e também nos espaços, das atividades comuns das entidades, dos movimentos sociais, das organizações do Bico, né? Então, mudou a maneira que esses jovens participam e se comunicam nesses espaços ou não mudou, né? Essa é a pergunta e... Não sei se a Liderança III já voltou, mas fica aí pra se o Liderança IV quiser comentar, depois a Liderança III.

Liderança IV: Não, eu já tava meio que contemplando essa pergunta, né? Que eu acho que, né? mudou sim. Eu acho que muda, né? A forma como eles pensam, a forma como eles se comunicam, né? A forma como eles fazem essa leitura da, da realidade, né? Eu acho que, é... essa mudança é nítida, né? Naqueles que participam, né? Tem uns que vão ter uma compreensão, né? Maior e outros, é... vão ter uma compreensão menor, né? E eu acho que com o decorrer do tempo, né? Não só do Jovem em Comunicação, mas dos espaços políticos que eles vão participando, dos espaços de organização, acho que isso vai se ampliando. O acesso à universidade, né? Eu acho que tem jovens que eles passam a ter acesso à... à universidade, né? E aí também começam a fazer outro tipo de leitura, né? Da... da realidade, na própria universidade, nos espaços que eles vão ocupando aí.

Entrevistador: Obrigado, Liderança IV. Liderança III tá por aí?

Liderança III: É... Voltei. Eu não entendi a pergunta que você fez, que eu fui abrir a porta.

Entrevistador: Tranquilo, vou repetir rapidinho. A pergunta parecida com a primeira. Se você, Liderança III, percebeu mudança na maneira como esses jovens se comunicam e participam, é... nas comunidades deles, nas, em outras comunidades do Bico e em entidade, e em espaços, atividades comuns das entidades, dos sindicatos, dos movimentos do Bico. Mudou a maneira que eles se comportam e se comunicam nesses espaços ou não mudou?

Liderança III: Sim, é... O Jovens em Comunicação ele foi o pontapé inicial, né? Para esse desenvolvimento das juventudes aqui no Bico, né? E aí esses que continuam nessas, nessas... participando dessas atividades, a gente vê uma, uma formação presente neles, né? Que foi um projeto mesmo focado para trabalhar com a juventude, discutir a vivência das juventudes nas comunidades.

Entrevistador: Perfeito, Liderança III, obrigado. Mais uma pergunta então. Vocês notaram mudanças na capacidade desses jovens, é... Na utilização das tecnologias de informação e de comunicação? Exemplo: celular, câmera fotográfica, *notebook*. Mudou a maneira, a capacidade, né? Desses jovens, usando essas ferramentas, ou não mudou?

Liderança IV: Bom, eu acho que, que mudou, né? É... Mesmo que seja pequena, né? Ainda a mudança, porque eu acho que a mudança, ela vai realmente da utilização, do tempo que se utiliza, né? Da busca de, de cada um, né? Eu acho que ainda tem muita dificuldade, né? A juventude, né? Eu acho que ela ainda tem muito medo, né? De utilizar esses instrumentos, né? Às vezes, né? Eu acho que eles têm essa, esse medo, essa dificuldade, mas eu acho que à medida que tem, né? Uma pessoa pra auxiliar, né? Utilizar essas ferramentas, né? Eu acho que eles vão buscando mais, né? Vai saindo dessa zona de conforto, né? Eu acho que, é... a forma deles, é... utilizar isso, eu acho que teve mudança, né? Para aqueles que continuam na formação, né?

Liderança III: Sim, é... é... Esse, essa formação, né? Do Jovem em Comunicação, já foi um, um grande pontapé, né? Que tinha deles que não tinha quase o domínio mínimo de computador,

né? E aí, quando você trabalha com a, com essa parte específica da computação, isso já dá um, um aparato inicial, é... bom para eles terem, mais ou menos, essa noção e ir poder aprimorando, né? No decorrer do, das participações nas atividades.

Entrevistador: Beleza, gente. Agora a pergunta é a seguinte: vocês notaram alguma mudança na comunicação interna das comunidades, durante ou após a realização de alguma das edições do Jovens em Comunicação? Mudou a comunicação dentro das comunidades ou não mudou?

Liderança IV: Olha, é... Eu acho que essa comunicação, ela mudou muito pouco, né? É... porque eu acho que essa comunicação, ela mudaria mais, é... se tivesse a participação deles, né? Nos espaços, né? Da associação ou das organizações, né? Então, assim, essa participação da juventude, né? No... nos espaços, né? Das organizações, né? É... enquanto nós, enquanto quilombola, ainda é pequena dessa juventude do, do Jovem em Comunicação, né? Nós conseguimos, enquanto quilombola, ter uma pequena inserção, né? Da juventude quilombola, né? Na, nessa participação da comunicação. E mesmo os, os que não se inseriram, né? Que tão na universidade, que a gente, é... fez a luta pra conseguir, mesmo que seja bolsa, né? De, de estudo, e eles participam, mas ainda há uma dificuldade, né? Da juventude se inserir no, nos espaços, né? É... De formação da própria associação, mas a gente consegue, né? Com muita cobrança, fazer com que essa juventude quilombola, ela participe. Então, a gente já tem exemplo, né? De juventude participando desses espaços também.

Liderança III: É... No caso, a participação das juventudes, ela vem crescendo, né? Nas... nas atividades. Que na verdade, também agora as entidades, elas já tão tendo mais esse olhar específico para trabalhar com a juventude, né? Mas não deixa de ser que esse, o Jovens em Comunicação, tenha sido o pontapé inicial, né? Que aí vem criando esse despertar pras entidades. E... Tornando assim referência, né? Quando se falava... não, no, no Bico tem jovens sendo formado em comunicadores. Então, já despertava uma atenção especial, né?

Entrevistador: Certo. Próxima pergunta! É... Como, agora pensando no, durante o processo, né? O projeto teve três edições e durante, né? Essas edições, os jovens que vocês tinham mais proximidade ou que vocês observavam, como é que vocês percebiam o engajamento, o envolvimento desses jovens durante a realização do Projeto Jovens em Comunicação?

Liderança IV: Olha, eu... Assim, a gente teve uma participação, né? É... do, dos quilombola, né? A gente teve um início de uma participação do [outro jovem], né? que acabou desistindo pelo, pelo caminho, e tivemos uma participação ativa, né? Da, da [outra jovem], né? Que, é... deu destaque, né? Para o que tava acontecendo dentro da comunidade, né? E aí eu acho que sempre, é... quem participa, ela passa a ter um olhar, mais assim, de valorização, né? Do seu povo, da sua identidade, e acaba, é... uma hora ou outra, apesar de eu achar que não tem muito monitoramento sobre o que a juventude tá publicando, né? É... Uma hora ou outra, acaba publicando sobre a sua comunidade, né? O que tá acontecendo na sua comunidade, o que tá produzindo, né? Então, assim, é... Tem esse monitoramento, né? Pra dizer assim: "Ah, tá". Mas eu acho que tem uma mudança de mentalidade, né? Da juventude que... que participa, né? Porque ela deixa de postar, né? Só tomando um banho em uma piscina e passa agora a postar, né? Um plantio de abóbora, um plantio de melancia, né? Então, acho que isso é uma, uma mudança, né? Eu postar o rio, eu postar pescando, né? É diferente de eu postar uma latinha de cerveja, né? Então, eu acho que passa a ter essa mudança, apesar de não ter, é... tantos dados sobre isso, né? Sobre o que que a juventude tem postado, essa que participou do, do Jovem em Comunicação.

Liderança III: É... Eles abrem, é... o olhar da juventude, né? Nessa atividade. E, quando eles estavam na ativa, eles sempre participavam de atividades mesmo da, das organizações. Lembro que, quando tava acontecendo esse curso de Jovens em Comunicação, sempre quando a gente chamava, o Miqcb chamava, eles pra participar de algum evento, eles tavam presente.

Entrevistador: Certo. Agora, a pergunta, ela é um pouco parecida, mas é a seguinte, é... Vocês sentiram mudanças na relação dos jovens, no envolvimento dos jovens com temas e com atividades relacionadas à política, relacionadas à cidadania, relacionada à luta por direitos, por exemplo, dos movimentos, das entidades do Bico? Mudou, na percepção de vocês, o envolvimento, a compreensão do jovem sobre esses temas?

Liderança III: Eu não vi tanta... tanto, é... Como é que se diz? Tanto desenvolvimento deles com relação a essas áreas. Tanta... tanto debate, né? Com relação. Mas, sempre tem um ou outro que consegue desenrolar melhor do que alguns, né? Sempre a... a gente consegue plantar a semente em alguns e outros não. Mas não houve tanto destaque, no meu ver.

Liderança IV: É... Eu acho que teve mudança, né? É... Comportamental, né? Nesse aspecto também, né? De, é... Até político, né? Eu acho que às vezes, se eu, é... dava destaque pra, pra determinado candidato, né? Agora eu passo a ter mais receio, né? É... sobre determinado candidato. Não... então eu passo a fazer uma leitura melhor, né? O, o que que é direita, o que que é esquerda, né? Então, acho que a juventude que participa do Jovem em Comunicação, ele passa a entender mais, apesar, é... De ainda ser influenciado, né? Por vários fatores, né? Financeiro, né? Outras questões que influencia a política, né? Eu acho que no país, né? Tem outras questões: é *“meu pai, é minha mãe que tem emprego, é, é meu irmão, né?”* Então assim... Mas eu acho que passa a ter uma leitura, né? Política melhor, né? Mas, é... A mudança de comportamento ainda é pequena, né? Eu... eu faço uma leitura, mas eu continuo apoiando a direita, né? O projeto da direita.

Entrevistador: Certo, entendi! Agora, vocês perceberam mudança, é... no, na relação, no envolvimento dos jovens, é... com o tema do meio ambiente, é... ou com atividades relacionadas à agroecologia, ao tema da agroecologia do que era antes e do que ficou depois do Jovens em Comunicação? Teve alguma mudança na percepção de vocês?

Liderança III: Sim. Agora nessas áreas, eles conseguem ter um, um destaque maior, né? Além do Jovens em Comunicação, tem a atuação da EFA, né? Que é a escola do campo, e aí consegue trabalhar bem essa área e o, e os, o desenvolvimento das entidades presentes no, no regional, né? No Bico. E aí eles conseguem se inserirem mais nessas discussões, nesses espaços.

Liderança IV: Liderança IV, se tá falando, o microfone tá fechado.

Liderança IV: Não, Bruno, tava só dando um retorno, bem aqui pra Maria Senhora.

Entrevistador: Ah, desculpa.

Liderança IV: Eu respondi a outra, a última pergunta que tu fez?

Entrevistador: Essa última não. Quer que eu repita, Liderança IV?

Liderança IV: Ah, repete pra mim que eu tava atendendo aqui essa...

Entrevistador: Claro, sem problema. Tranquilo. A pergunta é se você percebeu que a relação que os jovens tinham, o conhecimento que eles tinham sobre meio ambiente, sobre a agroecologia, mudou do que era antes, do que ficou depois do Jovens em Comunicação?

Liderança IV: Ah, sim, não. Eu acho que, que mudou, né? Eu acho que o jovem, eles... eles passam a fazer uma leitura diferente, perceber, né? Eu acho que com as formações que vão acontecendo, né? Eu acho que existe, né, outros modelos que não é só o do agronegócio, né? Então acho que eles passam a entender, né? E valorizar o que os pais deles estão, tão fazendo, né? E entender que existe, né? Modelos, modelos diferentes de produção e modelos que precisam ser valorizados, né? E... A importância de valorizar, né? O meio ambiente também. Eu acho que eles passam a fazer essa leitura, né? Também.

Entrevistador: Beleza. E agora a pergunta é a seguinte: o, o conhecimento que esses jovens possuíam da história das comunidades do Bico do Papagaio, da própria comunidade de origem deles, esse conhecimento mudou do que era antes e o que ficou depois do projeto? Da participação deles no projeto?

Liderança IV: Ah, eu acredito que, que mudou, né? Eu acho que... Essa leitura da comunidade, né? Eu acho que ela também fazia parte dessa comunicação, né? Dessa forma de comunicar, né? Da... da luta pela terra, né? Eu acho que a luta pela criação do assentamento, né? Então acho que eles passaram, né? Fazendo essa reflexão na comunicação. Acho que eles passaram a entender, é... algo que muitas vezes eles não conhecia, né? A história da sua comunidade, né? O surgimento da sua comunidade, né? Então acho que eles, é... mudaram também nesse aspecto.

Entrevistador: Liderança III?

Entrevistador: Se você tiver falando... Aí, tá.

Liderança III: É, repete aí novamente a pergunta, Bruno, que eu não entendi.

Entrevistador: Repito, sim. A pergunta é se o conhecimento que esses jovens possuíam da história das comunidades deles ou de outras comunidades do Bico mudou depois que eles participaram do projeto.

Liderança III: Ah, sim, com certeza! Eu lembro que teve uma vez que, foi um trabalho de casa, trabalho com a comunidade, né? Que era pra eles entrevistar as pessoas, os moradores mais antigos, né, da comunidade. E aí acabaram assim que eles, depois, eu tava conversando com alguns, né? Eles falando o resgate que eles fizeram da comunidade, que tinha histórias que eles nem conheciam ainda e, com esse trabalho, deu essa... essa oportunidade pra eles conhecerem e foi muito legal!

Entrevistador: Bacana, tá, beleza! E aí a pergunta é parecida, mas é um pouquinho diferente. Se o conhecimento que esses jovens... E perguntar isso pra vocês dois é muito interessante, né? Que dá pra gente ter o ponto de vista quilombola e o ponto de vista das quebradeiras de coco, né? Mas vocês podem comentar sobre qualquer ponto de vista. Mas a pergunta é a seguinte: se o conhecimento que esses jovens tinham dos costumes tradicionais, né? Dos modos de vida dessas comunidades, se isso mudou do que era antes ou o envolvimento, o interesse, isso mudou do que era antes para o que ficou depois do projeto, ou não mudou?

Liderança III: É... No nosso caso, as meninas que participaram, elas se interessaram mais ainda pra participar mais das atividades, dos movimentos. Eu lembro da [outra jovem], que ela era muito tímida e aí, quando ela começou a participar do Jovens em Comunicação, ela teve mais essa espontaneidade de falar, de participar das coisas. Às vezes ela me ligava perguntando: "*Liderança III, que dia que vai ter alguma atividade? Eu queria participar*". Então, foi muito bom essa atividade, porque quando... na experiência, quando a gente dá destaque assim pra essas formações com a juventude, da juventude para a juventude, eles se interessam mais, porque eles se vê ali no processo.

Liderança IV: É, também acho que teve mudança, Bruno, porque você passa a olhar pra comunidade, né? Eu acho que o processo de comunicação fez com que eles olhassem pra comunidade como um todo, né? Seja a pesca, seja a quebra de coco, né? O extrativismo, né? É... Eu acho que a forma de produzir, né? Então acho que tudo isso, né? É... Valoriza a cultura, né? A música, né? O que você tá escutando durante a formação do Jovem em Comunicação, né? Você entender que existe outras músicas, né? Mas existe a necessidade de valorizar, né? As outras coisas que tão agregado na, nas outras música, né? Seja na música, seja na comida, né? Então, acho que, isso amplia, né? A leitura deles, né? Da realidade, né? Não é só a quadrilha em si, né? Mas a quadrilha tem toda aquela roupa, tem todo aquele arranjo, né? Por, por detrás, por detrás daquela quadrilha, né? Tem, tem a música, tem a comida, né? Típica, por detrás do lindô, da mangaba, né? Eu acho que tem todos esses instrumentos, né? Eu acho que eles passam a entender, né? Apesar de, ainda, escutar, né? Tudo o que tá por aí, né? De poluição sonora, às vezes, né? Que a gente considera como, talvez, uma poluição sonora, desvalorizando o que tem nas comunidades, né? Eu acho que eles passam sim a valorizar mais e a entender mais.

Entrevistador: Certo, beleza. Agora a pergunta é o seguinte, vou ver se eu consigo acertar aqui na maneira de formular ela. É... Se... Vamos pensar nesses espaços de participação que existem no Bico, nesses espaços de atividade das entidades, dos movimentos sociais, das organizações, dos sindicatos, das comunidades. E a pergunta é: o modo como as lideranças, né, e vocês são consideradas lideranças, né? Do Bico do Papagaio, trabalham na assessoria, trabalham como lideranças de movimentos. O modo como as lideranças se relacionam ou enxergam os jovens, isso mudou depois das edições do Projeto Jovens em Comunicação, ou não mudou? Não sei se ficou clara a pergunta. Vocês me falam...

Liderança III: Ficou claro, sim. Ela foi colocada, foi plantada uma sementinha ali pequenininha, né? E aí foi com... fomos inserindo aos poucos. Ainda temos um longo processo ainda pela frente, ainda não tá do jeito que a gente sonhou! Mas a... a nossa... plano, a nossa intenção é chegar lá, né? Mas já foi colocado uma semente.

Liderança IV: É, eu acho que teve uma, uma mudança, né? Bruno. De como olha pra juventude, né? Eu acho que, é... é... A juventude, ela é todo esse, esse misto, né? É... De identidade, de cultura também, né? É... Inclusive os movimentos sociais também são todo esse misto, né? Então, olhar pra toda essa, essa juventude junto, né? Eu acho que teve uma, uma grande mudança, né? Pra, pra forma que era, né? É... Antes pra forma que é hoje, né? Então assim, é... As formações de base antes, né? Era uma formação, né? Mais... É... eucarística, mais carismática, né? Então acho que tinha um outro modelo, assim, de, de formação, né? Mais voltada pra, pra religiosidade, né? Então hoje nós temos um, um, uma outra forma de formação por diversos movimento, né? Então assim, não é mais só, é... a CPT formando, né? Não é mais só a igreja formando, né? Então, a gente tem um conjunto de movimentos que contribuem pra essa formação, né? Então a gente, também, pra formação da juventude, a gente tem pensamentos diferentes, né? Que estão contribuindo pra isso, né? Então, acho que teve uma

grande mudança, né? Porque a gente parte, não só da igreja formando, né? Não só da, da CPT formando, né? A gente tem todo esses movimentos, né? Quilombola, quebradeira de coco, né? Então acho que, né? A gente junta toda essa juventude, né? É... A juventude quilombola tentando entender, né? O que que é a juventude, é... das quebradeiras de coco, né? O que que essa juventude, né? É... dos assentamentos, né? Então, assim, né? De pescadores. Então assim, é um múltiplo de, de juventude além que a gente tem, né? Então acho que, é... Essa mudança ela tem ocorrido, né? Até pra tentar entender isso, né? Como que se dá essa formação da juventude.

Entrevistador: Beleza, interessante. É... prosseguindo aqui. Na percepção de vocês, participar do Jovens em Comunicação inspirou os jovens a pensar sobre o seu futuro profissional, o futuro profissional, profissional deles, né? No caso.

Liderança IV: Bom, é... Talvez pra alguns, né? Talvez pra nem todos, né? Inspirou, né? Pra, pra pensar, né? É... Mas talvez pra alguns pode ser, né? Que tenha despertado, né? No, no Jovem em Comunicação, né? Mas eu não acredito que seja algo, né? Assim, fácil de fazer uma avaliação, né? Se ele já tinha aquele... aquele rumo definido, ou se ele mudou de pensamento, né? Tipo assim, você pensar, né? "Ah, o Jovem I, né? No Jovem em Comunicação, né? Ele já pensava em... em fazer Direito, isso antes do Jovem em Comunicação, ou ele despertou depois, né? O [outro jovem], né? Indiano, né? Ele despertou de fazer agroecologia no Jovem em Comunicação, ou ele despertou lá na EFA, né? É... Quem tá fazendo Zootecnia ou quem tá fazendo Biologia, né? Despertou isso no Jovem em Comunicação, ou despertou lá na EFA, né? Ou despertou lá na comunidade, né?" Então, acho que é uma, uma resposta, pra mim, é um pouco difícil pra... pra fazer um, uma avaliação, né?

Liderança III: Sim, é... Eu também acho complexo essa resposta, mas não deixa de ter uma semente também, né? Eu acredito que cada, é... Cada momento que a gente participa, a gente tá plantando uma semente. E aí... Dessa semente, tem umas que, que pega, né? Vão pra frente e outras não. E dessa semente do Jovens em Comunicação, eu acredito que já tenha saído algumas ideias, porque, por exemplo, o Jovem VI, né? O Jovem VI ele não era inserido em nenhum movimento, ele começou a partir do Jovens em Comunicação. Porque ele, diferente de alguns dos alunos, né? Ele não veio da EFA, que já tinha essa ideia da agroecologia, de trabalhar com agroecologia, de se... de formar nessa área. E o Jovem VI hoje tá... tá concluindo o curso de nível superior nessa área mais assim de mo... ligada a movimentos, né? Então, acredito que tenha sido uma semente dessa do Jovens em Comunicação.

Entrevistador: Beleza! Prosseguindo aqui, a próxima pergunta é se... na visão de vocês, o conhecimento e o envolvimento dos jovens com o trabalho, com a vida no campo, né? É... Com a questão do trabalho na roça, né? Isso mudou, é... é... Depois deles participarem de algum, alguma das edições do projeto?

Liderança IV: Eu acredito que tenha mudado, né, Bruno? Eu acho que... que a partir do momento que você valoriza, né? O que sua família tá fazendo, né? A partir do momento que você valoriza, né? Aquilo que seu pai conquistou, né? A luta pela terra, né? Então, acho que aí já é uma grande mudança, né? Só em você, né? É... Valorizar, né? O que tá sendo feito, né? E você passar a acreditar, saber que ali existe um esforço, né? Da... da família também pra que ele alcance, almeje outros resultados, né? Como chegar na... na universidade, né? Então, acho que isso já é uma, uma mudança, né? Pra juventude. Só em pensar isso, né? Ter essa mudança de, de pensamento, né? E querer chegar na universidade também, eu acho que é mudança. E

mesmo os, os que resolvem permanecer, bem, na terra, né? Eu acho que ali com pai, né? Fazendo o esforço, né? Ali de produzir também, né? Eu acho que isso também é mudança.

Liderança III: Sim. E, igual eu falei a anterior, né? Quando teve aquele momento deles fazendo esse resgate da... da história da comunidade, porque aqui no, na região do Bico, né? É uma... uma região que... que teve grandes conflitos, né? Na... na luta pela terra. E aí, quando o jovem, ele teve essa oportunidade de estudar a fundo a história da sua comunidade, isso despertou mais esse valor pela terra, o valor pelos trabalhos da roça, e eu acredito que isso desenvolveu bastante.

Entrevistador: Certo. Beleza. Nós estamos chegando aqui na, na última... nas últimas perguntas. Aqui faltam duas perguntinhas. É... a pergunta agora é a seguinte... Ver como é que eu formulo ela de uma maneira tranquila. É... Hoje em dia, né? Cinco anos... Faz cinco anos que acabou a última edição do projeto, né? Que foi a terceira, que foi a que eu estive lá. A primeira edição do projeto foi em 2016, né? Então, tá fazendo aí oito anos. É... Daqui a pouco vai completar dez anos, né? Do projeto, do início do projeto no Bico. E como que vocês avaliam hoje, né? A presença desses jovens depois de passar por esse circuito, né? É... No Bico do Papagaio? A gente sabe que não tem só o Projeto Jovens em Comunicação do trabalho com juventudes, não é só a APA-TO também que trabalha com juventudes, mas essa pesquisa específica tem o Jovens em Comunicação como objeto principal, né? Mas vocês não precisam falar também só do Jovens em Comunicação. É... Mas como é que vocês avaliam a presença desses jovens hoje no Bico depois desse, desses... desse, dessa caminhada que começa em 2016 com o primeiro projeto e depois vai seguindo. Alguns jovens fizeram as três edições, né? Alguns fizeram só uma delas. Como é que vocês avaliam a presença dessa, dessa molecada hoje espalhada? E hoje são jovens adultos, né? Que estão espalhados aí pelo Bico e fora do Bico também, né?

Liderança IV: É... Bom, eu acho que, é... sempre tem, né, Bruno? Aqueles que, que... sai um pouco fora ali da, da região do Bico, né? Eu acho que vão ter aqueles que vão migrar, né? Que vão, que vão sair, que vão buscar outros horizontes, né? Mas eu acho que eles levam, né? Eu acho que eles levam o aprendizado, eu acho que eles levam esse conhecimento por onde eles ir, né? Eu acho que essa defesa, né? Pelos direitos humanos, né? Eu acho que, que o que é bem mais amplo também, essa questão do Jovem em Comunicação, porque eles, é... Também passam a não se... não aceitar, né? Essa violência, né? Contra, né? Os... os direitos, né? O direito dos seus povos, né? Então, é... Bico do Papagaio, os que ficam, né? É... Alguns contribuem mais intensamente, e tem aqueles que vão contribuir menos, né? É... Por algum motivo, né? Seja pelo trabalho, né? É... Mas eu acho que de alguma forma eles continuam contribuindo, né? Aonde eles estão, eles continuam contribuindo. Então, acho que a formação ela é, sempre, bem-vinda e sempre foi importante essa formação da juventude.

Liderança III: É... Isso mesmo! É... Muitos, é... saíram do Bico, né? Outros ficaram, alguns continuam participando das atividades com as entidades e outros não, arrumaram empregos, fo... É... Em outros ramos e aí acaba que não conseguem. Muitos deles até querem continuar participando, mas tão mesmo sem tempo. Aí tem a questão do capitalismo, né? Que a gente precisa se manter. E aí acaba que não conseguem, mas foi uma formação que a gente consegue ver bons resultados.

Entrevistador: Beleza. É... Agora uma pergunta que ela vai encostar num ponto central aí que, que vocês já falaram nessa última resposta, que é... É a questão da evasão, né? Da saída do jovem do campo. Vocês acham que o Projeto Jovens em Comunicação, ele contribuiu aí de

alguma maneira, ou não contribuiu de alguma maneira, pra enfrentar, né? Esse problema da saída do jovem do campo, da evasão rural? Como é que vocês enxergam isso?

Liderança IV: Olha, eu acho que o Jovem em Comunicação, ele pouco consegue, né? Fazer esse enfrentamento, né? Eu acho que ele é muito pequeno, né? Pra conseguir barrar, né? A... a evasão do jovem do campo, né? Eu acho que precisaria muito mais, né? Do que o Jovem em Comunicação, né? Eu acho que precisaria política pública, né? Precisaria, né? É... eu acho que a evasão ela é muito, muito ampla, né? Perto do... do que o Jovens em Comunicação ele... ele consegue atender, né? Que, tem o acesso à universidade, né? Por exemplo, você vai pro município de Esperantina, não tem universidade, você... Então, assim, nós estamos numa região que é extremamente carente, né? De, de renda, né? Também, né? Pra, pra isso, né? Então assim, de políticas públicas que faça com que o jovem permaneça no campo, né? De política de... de comercialização pra juventude comercializar aquilo que tá, é... produzindo, né? Eu acho que tem os outros projetos, né? Que vêm tentando contribuir com isso, né? Igual o projeto da APA-TO, do Miqcb, do... do sindicato, né? Mas é muito pequeno, né? Perto do que a juventude almeja, né? Que é conseguir construir a sua casa, construir a sua família, ter a sua moto, ter o, o seu carro, né? Então, acho que o, o Jovem em Comunicação pra, pra essa questão da evasão ele é muito pequeno perto do que a juventude sonha.

Liderança III: É, isso mesmo. E a gente percebe isso, os jovens que saem das suas comunidades pra estudar, saem pra trabalhar, pra garantir sua renda, porque na maioria das comunidades, tem até o nono ano, né? No máximo. Tem delas que nem têm o nono ano, têm só até o quinto. E aí daí ele já precisam sair para estudar o ensino médio. Tem deles que o carro vem buscar na comunidade, passa de semana sem vir. Aí o pai que tem uma condição mínima, algum parente na cidade, já coloca logo o filho pra ir pra lá, pra estudar, porque lá não vai depender dessa precariedade dos ônibus. E aí, quando parte pra universidade, aí precisa ir pra mais distante mesmo. Aqueles que conseguem passar pra estudar em Augustinópolis, na Unitins, ou em Araguatins, no IFTO, ainda tão perto de casa. E tem deles que nem conseguem, vão pra Tocantinópolis, pra essa cidade ainda mais distante ainda. E aí passa de meses sem vir em casa, porque às vezes não tem condição de pagar nem a passagem pra vir visitar os pais. Então, essa situação, ela é muito nítida. E aí a gente, o que a gente conversa com esse pessoal que saíram daqui da região, que eles falam que... que não queriam ter saído, que queriam continuar participando das coisas, mas acaba que eles não conseguem.

Entrevistador: Beleza, gente, essa foi a última pergunta do roteiro, mas eu gostaria de saber se vocês querem adicionar alguma coisa, algum comentário sobre qualquer um dos temas que a gente abordou aqui. Fiquem à vontade caso queiram.

Liderança III: Nada a declarar. *[Risos]*

Entrevistador: *[Risos]* Nada a declarar nos autos do processo! *[Risos]*. E você, Liderança IV?

Liderança IV: Não, eu... eu acredito que eu, eu coloquei, consegui colocar todos os meus posicionamentos na, no decorrer das questões.

Entrevistador: Arrasou.

Entrevistador: Liderança IV quer dar um, uma palavra final de algum tema?

Liderança IV: Não, Bruno, eu acho que, é... Esse, esse último tema, né? Eu acho que é, né? Um tema assim, bem provocador, né? No sentido de que, né? É... A juventude ela precisa, né? Ser... ser mais ouvida, né? Sobre os seus projetos, sobre os seus sonhos, né? Para que as organizações, elas realmente consigam, né? Colocar projetos que realmente estejam mais voltado para aquilo que a... que a juventude almeja, né? Com seu projeto de vida, porque senão a gente vai ter sempre essa evasão da juventude, né? Se não tiver esse diálogo, né, a gente vai tá discutindo agrotóxico, né? Enquanto a juventude, ela quer discutir, né? Segurança alimentar, né? Então assim, é... Importante a gente escutar a juventude porque, às vezes a gente tá com uma pauta e a juventude tá com outra, né? A juventude... Às vezes a gente tá discutindo agrotóxico e a juventude tá querendo discutir uma formação sobre o acesso à universidade, né? Uma... uma formação específica. E aí, como é que eu faço pra, pra passar em redação, né? Aquilo que o Jovem I hoje vem trabalhando, né? Então, a gente tem uma juventude que tá querendo acessar essa universidade, né? Então, como que a gente comunica a juventude dentro da universidade, né? Como que a gente comunica com aquela juventude que tá dentro da universidade, né? A gente tem uma série de juventude que tá dentro da universidade, né? Então como que a gente trabalha com essa juventude que tá, dentro da universidade e a comunicação, né? Entre eles também, né? Então assim, a gente tá trabalhando com a juventude do campo, mas a juventude do campo, ela também tá... tá na universidade, né? Então, lá tá acontecendo um processo político e formativo dentro da universidade, né? Então será se a gente, enquanto movimento também, não deve adentrar pra dentro dessa formação, dentro das universidades, né? Também, né? Então, assim, eu acho que a comunicação, ela é muito mais ampla, né? E precisa ser ouvida a juventude, né? E não fazer, os movimentos fazer vista grossa e achar que é simplesmente discutir agroecologia, né? Não. É... discutir o jovem passar na universidade, não nos interessa, né? Então assim, se a gente não discutir isso, o jovem não vai participar também do espaço, porque ele tão querendo discutir agroecologia e ele tá querendo discutir o acesso à universidade pública, né? Esse é o projeto de vida dele: passar pra universidade e conseguir ter uma renda também melhor, né? Discutir a renda da juventude, né? Como é que a gente discute a renda da juventude, né? É... Então assim, não adianta discutir agrotóxicos ou agroecologia, ou... ou qualquer que seja a pauta, direitos humanos, se não discutir, né? Essa, esse acesso à renda da juventude, né? Então, acho que, é... Discutir a juventude também é isso, né? Fazer a comunicação com a juventude, é fazer essa comunicação, né? Ouvindo a juventude, né? Nesse aspecto. Não colocar o, só o que o movimento quer, né? Ouvir, né? O que o movimento quer ouvir, né? É, é associativismo, cooperativismo, né? Participação da... da reunião da associação, né? Mas não é só sobre isso que a juventude quer... quer discutir. Não é só sobre isso que ela quer falar, só sobre participar da reunião. Ela vem participar da reunião quando fala da universidade, das cotas, quando fala das bolsas, quando fala, né? Sobre isso, né? Sobre o curso de veterinária, sobre o curso de agronomia, né? Quando traz esses outros, é... Pessoas pra conversar com eles também, né? Não é só nós falando, mas quando nós traz a UFNT, quando nós traz o IFTO, né? Então, nós temos medo de conversar com IFTO, com diretor do IFTO. Nós temos medo, né? De... de trazer a juventude pra conversar, né, com essas instituições públicas, né? Que eles querem acessar, eles vão tá lá. E nós temos medo, nós querem falar só de nós pra nós mesmo, ou nós queremos que as universidades venham também conversar com a juventude, né? Qual foi o momento do Jovens em Comunicação que a gente trouxe, né? Essas instituições, né? É... Prefeitura pra conversar, né? Porque eles querem trabalhar na prefeitura, eles querem trabalhar no estado também, né? Qual foi o momento que o Jovens em Comunicação conversou sobre, sobre essas oportunidades, né? Direito de oportunidade, né? Seja na, na secretaria de cultura, seja na secretaria de meio ambiente, né? Então, e... Não adianta nós ficar discutindo só coco, só quilombola, né? Nós temos que conseguir conversar, né, com esse- nesses outros espaços públicos também. Não adianta nós só falar que existe, mas precisamos trazer eles também pra conversar com a juventude. E falar dos

preconceitos que sofrem nas universidades, né? Não falar pra nós, falar pras instituições, né? Para o reitor, né? Porque lá eles não falam. Então trazer eles pra falar num espaço que é deles também.

Entrevistador: Beleza. Mais uma vez, aprendi muito escutando vocês. Todos as... os grupos focais que eu... que eu realizei, né? De entrevistas com os jó... primeiramente com os jovens, depois, é... com as lideranças e assessorias, também com a APA-TO, foi um momento de muito aprendizado pra mim. E, e aí só vou finalizar agradecendo mais uma vez, vocês, é... Liderança IV e Liderança III. Dizer que essa pesquisa, eu acho que não vai trazer nenhuma novidade em termos de conhecimento pra vocês porque, seria muita pretensão dizer que uma pesquisa vai responder perguntas, é... pra vocês que estão no território, que vivem no território, mas eu acho que a pesquisa ela pode oferecer uma singela contribuição no sentido da gente, quem sabe, dedicar um tempo pra olhar para questões que nem sempre a gente para pra olhar, né? É... De repente, fazer um momento de diálogo olhando pra essas, pra essas perspectivas que... que a pesquisa vai apontar e nem sempre a gente tem a oportunidade de olhar, né? A pesquisa, a gente escutou primeiramente os jovens, mas escutou também as lideranças, escutou a APA-TO, então vai trazer essas perspectivas diferentes aí. E espero eu, torço pra que dê certo de, né? Se, se as comunidades, se as entidades do Bico e os jovens aceitarem, eu posso estar aí de novo com vocês pra gente conversar a respeito, né? Para que a pesquisa não fique somente em um site da universidade, porque aí não faz sentido nenhum, ninguém vai ler, né? Que a pesquisa, na minha opinião, ela tem que ser viva e correr nos territórios, né? Pra isso que serve, senão de nada vale a gente fazer a pesquisa, né? Então, é isso, é... Fechamos em 51 minutos, ou menos de uma hora, fomos pontuais. Queria saber se vocês, não sei se é possível eu abrir a câmera pra eu tirar um *print* pra registrar. Se não for possível, eu tiro dessa forma mesmo, não tem problema pra fazer um registro. Ó, o Liderança IV já... já abriu. Aí, ó, a Liderança III tá de *ActionAid*, tá internacional a Liderança III aí. [*Risos*]

Entrevistador: Tá, tá fechado o microfone, Liderança III. Liderança III tá patrocinada aí. [*Risos*]

Liderança III: É que o Miqcb tem parceria com *ActionAid*.

Entrevistador: Eu sei, eu tô sabendo! Os caras são... Vocês, vocês não tão brincando em serviço não, vocês não?

Entrevistador: [*Risos*] Vou tirar a foto aqui, a foto, o *print*, ó! Tá... peraí. Aí... E aí, peraí que o Liderança IV fechou o olho. Vamos abrir mais uma vez aqui, pra... aí, agora lá! [*Risos*] Aí, agora foi... Boa, peraí... Tirou, deixa eu salvar aqui... Pronto, maravilha. Gente, muitíssimo obrigado, viu!? De coração. Desculpa qualquer coisa e tô à disposição, tá? Qualquer... Quando tiver a pesquisa eu vou mandar. Quando for a defesa, se vocês quiserem entrar online pra assistir, eu vou mandar também o convite, tá? Essa pesquisa é nossa, tá bom?

Liderança III: Tá bom. Até mais, tchau, obrigada.

Entrevistador: Obrigado, Liderança III.

Liderança IV: Beleza, Bruno, dizer que nós da COEQT têm interesse de receber sim a pesquisa, viu? E se as organizações do Bico não tiver uma data para que aconteça essa apresentação, mesmo assim a gente tem interesse de... Fechou?... De ter acesso à pesquisa, viu?

Entrevistador: Combinado, combinado. A gente vai se falando então. Vamos organizar.

Liderança III: Tá, obrigada.

Entrevistador: Valeu, gente, obrigado! Um abraço pra vocês. Obrigado.

APÊNDICE E - ENTREVISTA COM REPRESENTANTE APA-TO

Entrevistador: Tomando um floralzinho aqui.

Representante APA-TO: Ah, tá certo.

Entrevistador: Beleza. Dizendo que não pode faltar, né? Pra segurar a onda, a bronca, né? É... não, beleza, Representante APA-TO. Eu já tô, tô gravando aqui, aí eu já explico melhor também a nossa proposta, né? Tá. Porque eu tenho falado isso pra todos. É... bom, então esse, essa aqui é uma entrevista, é a única entrevista individual que eu tô fazendo no processo da... da pesquisa, né? É uma pesquisa que tem relação com a minha dissertação de mestrado, né? Tô estudando o projeto Jovens em Comunicação como objeto de estudo, e tô estudando a relação entre comunicação e educação em ações, é com juventudes rurais, né? E aí, é, usando também as juventudes do Bico do Papagaio e o território do Bico do Papagaio como recorte. É uma pesquisa que ela tem esse propósito de, é... de incorporar minha dissertação de mestrado, mas não só. Eu vou, disse isso pra você desde o início, estou dizendo a todos, que todo o relatório com os resultados e a própria dissertação mesmo, né? Que é um documento maior, eu vou entregar a vocês na íntegra, né? Inclusive todas as transcrições também, é... das entrevistas, porque todos os participantes estão liberando até agora também as, as transcrições para serem disponíveis. E depois eu disse a todos que eu fico à disposição pra ir ao Bico do Papagaio, né? Custeado por mim, pra fazer uma apresentação, um diálogo sobre a pesquisa se for interesse de vocês, da APA-TO, da, do Bico, das comunidades, né? Então é isso.

Representante APA-TO: É, com certeza eu acho que vai ser, né? Porque eu acho que é um momento que a gente pode criar de, de reflexão, né?

Entrevistador: Uhum.

Representante APA-TO: Sobre esse processo que a gente acabou desenvolvendo aqui por uns anos, né? De comunicação através do Jovens em Comunicação, né? A gente acho que tem bastante aprendizados aí, reflexões, pra ver como que a gente trabalha, né? Porque ainda continua sendo um, um desafio, né? De como que a gente vai trabalhar mesmo pra isso se incorporar, internalizar mais dentro das comunidades, né? E com a atuação da juventude nesse processo, né?

Entrevistador: Uhum.

Representante APA-TO: Todas coisas assim que a gente ainda tem dúvidas, claro que a gente vai aprendendo no andar da carruagem, né?

Entrevistador: Uhum. Sim!

Representante APA-TO: Com certeza a gente constrói um, um espaço pra isso.

Entrevistador: Legal, legal. Eu tô à disposição e já até coloco que em dezembro, no início de dezembro eu vou estar em Araguaína. Se eu não for antes, mas, em dezembro tá marcado e posso aproveitar essa ida pra ir uma semaninha antes, né? Quem sabe. Isso a gente pode discutir depois, mas já tenho essa perspectiva concreta aí que eu possa aproveitar essa agenda também, né?

Representante APA-TO: Tá.

Entrevistador: Porque eu sei também que é bom marcar com antecedência porque a agenda do Bico é bem disputada, né? O calendário do Bico é bem, é bem corrido, né? Eu lembro bem. Então beleza, Representante APA-TO, eu tenho aqui algumas perguntas, né? Pra gente ir conversando. Vou começar aqui no primeiro bloco, e são algumas perguntas que pra você a gente já discutiu bastante, já conversou bastante, mas que é importante te escutar, é... nesse, nesse momento assim da pesquisa, né? Algumas podem parecer um pouco básicas, mas eu acho que muito interessante de ouvir. É, bom, primeiro, né? Representante APA-TO, o que você enquanto é... representante técnica, coordenadora da APA-TO também nos períodos que a gente desenvolveu as edições do Jovens em Comunicação que foram desenvolvidas, né? Você percebe, percebeu mudança na maneira como esses jovens se expressam ou se comunicam? O que era antes, pro que era depois do Jovens em Comunicação?

Representante APA-TO: Ah, com certeza. Eu acho que esse processo do Jovens em Comunicação, né? Acho que eu vou pegar as três... as três formações que se teve, né? É... Você vê que existiu, é... promoveu e contribuiu pra essa, né? Essa, capacidade, assim, e melhorar a percepção da própria juventude sobre sua realidade, né? Eu acho que isso é um aspecto, né? Acho que contribuiu pra isso, um instrumento em si, a forma como foi pensada, né? Os processos de formação contribuiu muito com isso, você mudar o olhar dele em relação à comunidade. Outro aspecto é... É, que eu percebi que mudou foi a pessoa em si, né? A juventude, ele enquanto pessoa, né? Então você vê que... e isso eles relatavam o tempo todo, né? *"Ah, depois que eu fui no Jovens em Comunicação eu comecei a"* né? *"Saber conversar mais, né? Perdi a timidez,"* né? Então ela contribuiu para essa dimensão mais da própria pessoa, né? Eu percebi que sim, isso foi muito latente, e outro aspecto é eles perceberem, é... o poder da comunicação, né? Então acho que esse é um outro olhar, né? E, e ver que realmente é um instrumento importante, né? Hum, pra luta, ou pra, pra, né? Estabelecer outros processos de relação ou de trabalho, né? Então acho que sim.

Entrevistador: Beleza! E, e você, Representante APA-TO, percebeu mudança na maneira como esses jovens se comunicam, se expressam nas suas comunidades de origem, né? Aquilo que a APA-TO pode acompanhar, e com as entidades e organizações e sindicatos e movimentos do Bico do Papagaio, então? Como é que vocês perceberam essa relação também deles nesses espaços pós Jovens em Comunicação?

Representante APA-TO: É, eu acho que isso já, não avançou tanto quanto acho que a gente queria, né? Mas aí eu acho que isso nem é uma questão da própria juventude, né? Acho que é como, é... o né? Ela foi desenhado, né? O próprio processo. Desde da seleção, escolha, a, né? Então assim... mas eu acho assim que, em determinadas, eu acho que variou também em determinadas comunidades ou... uma relação mais com o próprio movimento da qual eles mais participam, você percebeu que existe, existiu um diálogo mais próximo dessa juventude para discutir a comunicação e mostrar como se podia comunicar. Por exemplo, vamos lá pro MST, né? Vamos pegar exemplos, né? E então assim, é... o MST, ele a partir da formação de alguns jovens que participaram dos Jovens em Comunicação, então eles passaram a ser referência pro próprio movimento. Então tinha algum evento, alguma atividade, né? É, desenvolvida por esse movimento, eles convidavam esses jovens, né? Pra participar desse processo pra ajudar na comunicação, né? Eu lembro até que o, os jovens falavam assim: *"Nossa, é, eles estão convidando a gente, mas a gente não domina tudo."* Mas assim, eu acho que se criou uma, é... se tornou um referencial e uma forma da... do próprio movimento começar a fortalecer essa capacidade, né? Humana que foi, né? Construída a partir de um processo de formação. Né? Isso

eu vi no MST, eu vi na, eu vi na SBB, né? Que eles sempre convidavam os jovens pra, pra fazer a cobertura das ações que eles desenvolviam lá, né? É... na verdade assim, existiu alguns que também se destacaram, como é o Jovem I, né? Então os próprios movimentos chamavam muito o Jovem I pra fazer as coberturas, né? Eles falavam muito no nome do Jovem I, mas a gente sempre tentava, é... convidar também outros jovens, né? Que não só o Jovem I, né? E aí tem, no caso assim do Olho D'Água, que a Jovem II, né? Ela, agora ela fez esse vídeo, né? E ela, ela relata assim de quanto essa formação do Jovens em Comunicação contribuiu pra que ela tivesse esse olhar sobre a própria comunidade, de como ela poderia estar, né? É... falando sobre a comunidade através, né? Do vídeo que ela produziu. E, é... Inclusive assim, é, quando o pessoal, de algumas organizações chamavam, né? Só o Jovem I, eu falava: "*Nossa, eu acho que vocês poderiam, é, olhar um pouquinho também,*" né? "*É, chama o Jovem I, mas chama também esse pessoal que vocês indicaram, né? Pra que também trabalhasse junto com ele, né?*" Pra não achar que... É, mas assim, eu acho que rolou essa, esse diálogo em certos, né? Espaços, com os movimentos, outros mais, outros menos, né? Eu acho que em alguns outros, é... em função das expectativas acho que, que as próprias lideranças tinham que a juventude, ela não, é... correspondeu, né? Mas talvez a expectativa era muito alta ou muito irreal, né? Pra, pra realidade desse processo formativo do que se poderia chegar, né? E aí então existe uma certa frustração das, de algumas organizações e que né? Questionam: "*Ah, porque se, formou muitos jovens, mas eles não tão hoje fazendo nada, não faz nada.*" Né? Então, é... você vê isso. Então assim, é importante a gente sempre ter muito claro, é, até onde a gente pode chegar com cada processo de formação, né? É equalizar mais e nivelar mais essas expectativas, porque isso pode causar bloqueio no processo de diálogo entre a juventude e as organizações, né? Então eu acho que, em alguns momentos eu avalio que, é... faltou isso, né? Da gente pensar melhor isso, e aí eu acho que... Que assim, eu acho que também tem uma outra coisa, que é... é essa comunicação, é... a contribuição da comunicação da juventude nos seus territórios, né? Então, às vezes quando você, é... A própria juventude na sua trajetória, ela não tem muita aquela relação mais comunitária, sabe? É... dentro do seu território, acaba que você não, também não consegue estabelecer isso, né? Por mais que você, né? Seja bom naquilo que faça. É, né? Assim, ó. Eu pegando de novo assim, o MST, eles têm um... eles, as pessoas que participaram, têm, é... é claro, que tem umas que saíram, né? Mas assim, você vê uma organicidade maior da relação dessa juventude com a comunidade e seu território. Então é... é estabelecer esse diálogo, sabe? É muito mais fácil, né? E, e se as lideranças também, é, conseguem, é, internali... né? Perceber: "*Sim, não, eles tão, a gente tá investindo na formação deles, né? E eles vão a contribuir com a nossa luta, né? A partir disso.*" Agora quando você não tá tão integrado a sua comunidade, né? É... é mais difícil você pensar nisso, né? E você se interagir com. Então tinha, acho que teve jovens que, eram jovens interessantes dali, mas tava um pouco mais deslocado, né? Desse processo mais envolvido com a vida comunitária do seu território, então ali, ali, né? Não, não teve tanta ação específica, mas pra fora já consegue, já conseguiu a partir, né? Da sua, da qualidade, da qualidade da atuação dele e da motivação de trabalhar a comunicação, né? Então assim, você tem esses tipos de situações, né? Então na verdade a gente tem que saber o que que a gente quer, né? Pra poder nivelar essas expectativas e trabalhando, né? E aí a gente vê que são, e é um processo, né? Contínuo de, de... de trabalho e acompanhamento também dessas juventudes, né? Então é isso que eu, vi assim, eu percebi, né?

Entrevistador: Representante APA-TO, nessas comunidades que você menciona em que, é... não tinha tanta organicidade ou tanta integração dos jovens como houve no caso do MST, por exemplo, que você mencionou. Por que que você acha que isso acontece, assim? Por que que isso é um dado posto? Por que que os jovens não tinham talvez tanto envolvimento?

Representante APA-TO: Eu acho que é a própria dinâmica da comunidade. Isso é um aspecto, sabe? A... O outro aspecto é como você seleciona aquela juventude, né? Se você, indica alguém, mas que ela não sai a partir de uma discussão, é... daquela comunidade, então assim, né? Os, o processo, ela se torna uma formação interessante, que eu acho que promoveu mudanças individuais muito forte, né? A nível, assim, das pessoas quererem sair do campo depois voltar, né? Em função do que... do que que o processo formativo, né? Trabalhou e fez essa pessoa, essas pessoas refletirem sobre isso. Mas eu acho que são esses dois aspectos. Não é só do jovem em si, né? A questão, eu acho que é, é o formato de como isso é discutido, mas também, é... E também tem casos assim da pessoa, ela não ter uma relação também com aquele território também, né? Que teve alguns casos assim, mas mesmo sendo indicado pelas organizações, mas ela não tinha esse território, né? É, né? Como se foi a Leinha, né? É... O Chiquinho, né? Mas por exemplo, o Chiquinho é uma pessoa que faz a comunicação dele, né? É importante, né? Mas então assim, são, acaba que existem vários frutos aí, mas não, da forma só que a gente pensa, né? Então a gente não pode desqualificar. Eu acho que é só a gente refletir pra saber aonde que a gente tá querendo chegar, né? Com o processo.

Entrevistador: Uhum! Certo. Beleza. Essa pergunta sobre aonde quer chegar e as expectativas, né? Diversos objetivos e resultados do projeto a gente vai chegar mais pro fim da... ela é muito importante, a gente vai discutir isso mais pro fim aqui da entrevista. Vou fazer algumas perguntas pra... pra gente continuar aquecendo os motores, né? Pra chegar nesse lugar. É... E o que vocês notaram mudanças nas capacidades dos jovens de utilizarem as tecnologias da informação e da comunicação, né? Do tipo celular, computador, máquina fotográfica, qualquer outra ferramenta que tenha sido utilizada, né? No processo. Vocês notaram mudanças?

Representante APA-TO: Ah, com certeza! Eu acho que a formação em si contribuiu, né? Ela não foi suficiente, mas ela contribuiu pra que a juventude, né? Começasse a compreender melhor, né? De como é trabalhar tecnicamente com cada um desses equipamentos, instrumentos de comunicação, né? E aí a partir daí você percebe que muitos, é... buscaram conhecimentos por si só, né? Então acho que isso é muito legal, né? E você vê, né? Eu, eu acho que o Jovem VI é o, que mais correu atrás em termos de formação, né? De forma individual, e ele se coloca como um comunicador popular, né? Então ele tá investindo, né? Eu acho que isso, de certa forma é um fruto, né? Desse, dele ter participado do Jovens em Comunicação, né? Tanto nessa questão da fotografia, da... Né? E aí a gente já o convida pra fazer oficina de comunicação, nos encontros de juventude, né? A gente tenta potencializar aquele conhecimento dele, né? E ele hoje tá, agora como comunicador lá da campanha da... de uma das candidatas de Axixá, né? Então assim, isso mostra o quanto, né? Eles foram se aperfeiçoando. Eu acho que, né? Assim, eu acho que o Jovem VI, ele é um, né? O, o... né? O que mais investiu, mas você percebe as outras, os outros jovens também investindo, né? Por que, por exemplo, os jovens que participam do grupo Pindova, né? Lá de Juverlândia. É, eles, tão buscando, né? Como aperfeiçoar, né? É... a comunicação deles, nas redes sociais do grupo deles. E aí eles vão, é... né? Se familiarizando cada vez mais com esses instrumentais. E isso outras pessoas também, né? Eu acho que, de modo geral acho que isso tem sido um processo bem até natural. É, eu acho que pegando a conjuntura de quando era o Jovens em Comunicação, antigamente, né? Assim, o acesso a internet era menor, né? Eu acho que o tipo de celular que eles, poucos tinham celular, né? Hoje a maioria ou todos têm celular. Então também mudou, né? Essa, esse... Essa conjuntura de acesso. Mas, é... Acaba que o celular é o instrumento mais utilizado, né? A máquina eu até vi, né? Nossa máquina, inclusive da APA-TO, ela é muito obsoleta, né? Uma vez o Jovem VI comprou um que já tinha outros, né? Outras formas de, facilitava essa coisa da comunicação, né? Da, da transferência de, de... dos registros que ele fazia, né? Aí assim, os jovens pouco pedem também já as, as máquinas que, as máquinas fotográficas, né? Eles usam mais o celular

dele, e até esses novos processos de formação que a gente fez, a gente trabalhou muito em cima do celular, né? Mas, assim, de modo geral, acho que contribuiu pra eles se despertar, eles se familiarizarem e eles, né? Tirar aquele medo, né? Eles pensam: "*Nossa, eu consigo ter um instrumento importante na minha mão, né? Que eu posso fazer muita coisa,*" né? Então eu acho que a formação contribuiu muito pra isso.

Entrevistador: Interessante. Representante APA-TO, como vocês avaliam o engajamento e o envolvimento dos jovens durante os módulos do curso ou durante as atividades do curso, né? Do, das edições do projeto, é, Jovens em Comunicação?

Representante APA-TO: Ah, eu achei assim... o envolvimento, engajamento, muito interessante, muito bom. É... Eu acho que, é, né? Alguns de forma mais rápida, outros, né? Cada um tem a sua dinâmica, né? É, eu acho que de certa forma, de modo geral, todos, né? Se... se empenhavam para participar e para desenvolver as ações, as atividades, né? Intermódulos, né? Claro que tipo assim, na época que a gente falava: "*Não, vamos fazer o vídeo,*" né? A gente percebia às vezes uma, um certo receio, né? Eles querem chegar a um nível bom e ficavam com medo, né? Então assim, essa coisa do quebrar, né? De superar, se desafiar pra essa questão do medo, né? É uma coisa que tem que ser sempre muito, assim, trabalhada com eles, sempre muito. Isso, a escrita, né? Em tudo, né? Fazer um *card*, tal, tudo, tudo, tudo, tudo. Eu acho que é uma coisa que tem que... sempre tá motivando, estimulando, né? E mostrando que eles têm essa capacidade. Porque muitas vezes eu vi aqui que, muitos não faziam por esse receio. Por mais que, né? Podiam saber, mas eles tinham muito esse receio. Eles tinham que ter muito nosso aval, né? "*Não, tá bom, faz assim, pode botar,*" né? Eles, eles tinham muita essa... esse medo. Mas mesmo assim, eles acabavam, dentro dos seus, né? Limites, eles se desafiavam e acabavam concluindo, né? Então é nesse sentido eu achei muito bacana e eu acho que também as, a metodologia, é... né? E as pessoas que acabaram conduzindo o processo formativo, né? Eles tinham um olhar interessante, essa sensibilidade, né? E ia criando um ambiente que permitia, né? Também a juventude se sentir à vontade e, e transformar esse processo de formação, né? Num processo leve e que o fazia se comprometer, né? Ser um negócio gostoso de se fazer. Eu acho que eles se comprometeram, não, tinha, né? Sempre tem aqueles que menos, mas, mas eu acho que de modo geral, eu acho que sim, né? Teve muito isso. Eu acho que teve, foi um resultado bem bacana, e aí mostra o quanto... É assim né? O instrumento da comunicação, né? Eu acho que ela é cheia de... é, coisas que tem que ser desmistificadas, né? E eu acho que o curso permitiu desmistificar muita coisa, né? De forma que eles pudessem ter esse acesso, né? E querer fazer e se envolver no processo, né?

Entrevistador: Certo! Bom, é, seguindo aqui, agora com relação ao processo de politização, né? Ou de tomada de consciência política. Você percebe que houve mudança, né? No envolvimento desses jovens que participaram das três ou de alguma das três edições, é... com relação a, ao envolvimento deles, né? É, com a política, com a luta por direitos no Bico do Papagaio, com o processo de cidadania, de se reconhecerem como cidadãos também, como parte de uma classe, parte de um movimento social, de uma categoria social?

Representante APA-TO: Ah, com certeza! Eu acho que é, por isso que eu acho que a metodologia, ela foi assertiva, sabe? Ela serviu pra esse despertar dessa juventude, de... de, de compreender a sua identidade, eu acho que isso foi uma das primeiras coisas fundamentais desse... que esse, né? Essa formação, porque era, é uma formação técnica, né? "*Ah, como é que a gente faz um texto, né? Como tirar foto,*" mas como ela sempre estava linkada a sua realidade, a reflexão, né? Então você usava o instrumento da comunicação pra pensar, "*quem sou eu,*" né? É, "*como é que é a minha realidade,*" né? "*O quê que é que é, é interessante na minha*

comunidade”, né? “O que que não é”, né? “O que que é também, o que que é a própria comunicação”, né? “De massa, o que é a comunicação popular?”. Então assim, eu acho que, né? “Ah, vamos registrar, fazer fotografia daquilo que,” né? “É mais interessante na nossa comunidade, que fala sobre a nossa vida.” Então, eu acho que esse processo, ele contribuiu pra que muitos jovens, eles compreendessem a sua realidade e a partir daí, né? Quisessem também participar dos movimentos. É... E até mesmo, eu acho que o Jovens em Comunicação, ele contribuiu para que muitos jovens com o tempo, né? Nesse processo, é... quisessem se organizar enquanto juventudes, né? É... O próprio GT assim, se a gente for ver, muitos que pensaram nisso na época, né? E propuseram, eram esses jovens que participaram do Jovens em Comunicação, né? E que muitos até hoje, eles nos seus espaços, né? Eles estão atuando, né? Seja, né? Aí você vê a Camilinha, que é... né? O Jovem VI, dentro da faculdade, mas tá aí ainda contribuindo, né? Com as juventudes, né? E tantos outros aí, né? A, até as pessoas, eu acho que tão... tão fora, né? Como a Jovem V, essas... esse pessoal, eles têm uma contribuição que dentro do seu espaço onde eles estão, eles não podem estar hoje aqui no território, né? Mas no espaço que hoje eles estão, na realidade que eles estão, eles têm uma visão mais crítica, né? E tenta, é... preservar eu acho que e aquilo que o orienta, né? Na, na sua luta, né? Pelos direitos da juventude, né? Da... da, né? Da realidade camponesa dentro dos seus espaços, né? Eu acho que sim, contribuiu. A gente sabe que assim, né? É, uma formação só, ela não forma o indivíduo, né? Mas a partir dessa formação e esse despertar, né? Do quem sou, né? Da minha identidade, fez com que eles comessem também a participar de outros processos que foram, né? Contribuindo pra sua formação, né? E seu amadurecimento, né? E essa vontade também de... de participar dos movimentos, né? Hoje, é... Já há muitos anos, acho que antes da pandemia, uns poucos anos da pandemia, eu falava assim, pra, principalmente pras lideranças do movimento sindical. “Gente, vocês tem uma juventude aí que tá ávida, sabe? De, de participar, de conhecer mais, né? E, e vocês, o movimento tem que fazer a sua parte, né?” Não é só os processos de formação, né? É, porque as pessoas elas se... se engajam, se conectam, né? Aos movimentos a partir desse envolvimento mesmo, de ação de massa, né? De se envolver no desenvolvimento de alguma atividade dentro dos movimentos, né? E incorpora, é... as pautas de luta a partir daí também, né? Não é só a partir dos processos de formação em si.” Então é assim, eu acho que... Mas de qualquer forma eu... eu percebo que contribuiu bastante, ó! Né? Eu acho que é um instrumento, um instrumento muito interessante, né? Pra gente trazer essa juventude, é... pra, pra essa luta mesmo. Né? De ter tanta vez e voz, mas também lutar pelos seus direitos, né? Enquanto sujeitos de direito, né? Que são as, as juventudes.

Entrevistador: Certo, Representante APA-TO. É, agora é uma pergunta parecida, só que mudando a temática e a área de atuação. É... Como que você avalia o entendimento e a prática dos jovens no antes e o depois do projeto com relação aos conteúdos relacionados, ao conhecimento relacionado ao meio ambiente e a agroecologia, né? Então o campo ambiental e o campo da agroecologia. Mudou esse conhecimento do que era antes pro que era depois na sua percepção? A prática mudou?

Representante APA-TO: Eu acho que, eu acho que sim também. Porque dentro do conteúdo que se trabalhava, né? É... De quando você, é... discute a tua realidade e discute o outro modelo de desenvolvimento, né? Porque isso estava entremeado, né? Nas nossas formações. Outro modelo de desenvolvimento, né? E os impactos que eles promovem, que é no caso do agronegócio. Eu acho que a juventude começa a perceber isso, né? “Olha, existe dois modelos aí” e que, e aí eles passam a ter uma, uma posição e, o que que eles acreditam, né? Então, é... né? Você vê que por exemplo, depois do Jovens em Comunicação, e aí a gente vai pegando o que foi criado, né? Não sei se você lembra daquela música que o Jovem IV e o Jovem VI criaram, que foi um, até uma paródia.

Entrevistador: Hum. Foi, foi na terceira edição?

Representante APA-TO: Eu acho que foi depois. Não sei se foi depois da terceira edição ou na terceira edição. Tu não lembra não? E aí que ele fala, né? Dessa coisa da agroecologia, né? Então assim, você vê uma mudança, é... no entendimento, né? De que modelo que é o melhor, né? Pra agricultura camponesa, é... e você vê alguns que, é... também resolveram, assim, que passaram a trabalhar um pouco mais essa, essa prática na terra, né? São poucos, mas tem. E aí outra coisa é assim, eu lembro que logo após, por exemplo, acho que foi na terceira edição do, do Encontro Regional, foi na época da pandemia. É... Eles produziram, a gente fez um Encontro Regional das Juventudes, é... tudo online, né? E aí o Hélio, é... fez um vídeo de como, né? Preparar a cera, né? E assim, ele gravando, né? Claro que a gente ajudou a editar, mas assim, a partir do olhar dele, da experiência dele, né? De fazer isso, né? O Liderança II ali mostrando como é que faz o artesanato com a palha, né? Os outros, teve a questão do sistema agroflorestais do... Então assim, eles, né? Fizeram isso. Então, assim, isso mostra essa mudança, tá entendendo? Ou reafirmação pra alguns, e a... né? E a, reafirmação daquilo que eles acreditam. E transformaram isso em forma de comunicação, eu acho que contribuiu sim, de certa forma, né?

Entrevistador: Certo.

Representante APA-TO: Pequenos exemplos que assim você vai percebendo, né? Lembro da menina da Andresa, que era lá do Ouro Verde, que fez o vídeo sobre canteiro da avó, né? Então assim, é... É uma forma que traduz um pouco esse olhar deles, né? Porque eles poderiam fazer vídeos com outros temas, que não era da realidade da agricultura camponesa agroecológica, né? Dessa coisa de olhar, entendeu? O valor da... de você fazer uma agricultura diferente, né? Dessa coisa do babaçu, eu acho que sim.

Entrevistador: Interessante. E, Representante APA-TO, o entendimento que eles tinham, a relação que eles tinham com relação à história das comunidades e aos costumes, né? Tradicionais das comunidades que eles estavam inseridos, ou do grupo social ao qual eles pertenciam, né? No caso dos movimentos, das entidades. Isso mudou esse conhecimento e essa relação mesmo, né? Deles com esses costumes, com essas práticas culturais, tradicionais, e com a própria história também do Bico, das comunidades, isso mudou?

Representante APA-TO: Ah, eu acho que isso foi, foi uma, uma primeira mudança, assim, em termos de olhar, né? Porque eu lembro que... Pelo, assim na... Mesmo na segunda edição, mas quando a gente discutiu mais né? O sonho, porque de certa forma foi uma continuação, mas não lembro de algumas pessoas, mas assim eu lembro que, é... a gente discutiu muito essa coisa da... partiu da formação do conhecer o eu a partir da, do levantamento, de estabelecer um diálogo com os mais velhos, né? Pra compreender a sua história, né? Então acho que... E por exemplo, na, na edição que tu fez, a gente não começou assim, mas o fato da gente terminar, é... buscando, fazer um vídeo sobre a sua comunidade, né? A partir de todo conhecimento que foi sendo acumulado durante o processo, né? E cinco módulos, no último você olhar, isso contribuiu pra que eles passassem a ter um outro olhar sobre sua comunidade. Eu acho que isso é uma das primeiras, coisas, as coisas mais fortes que eles falam, né? *"Nossa, eu, a partir daqui eu,"* né? *"Eu, eu comecei a olhar a minha comunidade, né? Valorizar a minha comunidade, o que ela tem,"* né? Então, isso foi um processo acho que muito transformador, né? E junto a isso essa questão da identidade deles, né? De quem sou eu, e se aceitar, né? Enquanto camponês, e de promover, é... Eu acho que uma coisa muito importante é a, o de se permitir sonhar, né? Eu

acho que isso é uma coisa muito libertadora, eu acho, sabe? As pessoas a partir do momento que se descobrem, é... Isso é muito subjetivo, né? É isso que eu tô falando. Mas a partir do momento que eles se descobrem, ele, é... Se permitir sonhar, que ele pode conquistar aquilo, né? Da juventude ir pra, seja pra universidade ou, né? Fazer isso ou aquilo, né? De poder saber dos seus direitos e não ficar mais calado, sabe? Então, eu acho que isso é muito forte nesse processo aí que teve.

Entrevistador: Sim. Bom, é... Entrando agora na questão, continuando na verdade, né? Na questão do diálogo intergeracional, né? Que é uma questão central do projeto também, é... da pesquisa. É... Representante APA-TO, você percebe que, depois das edições do Jovens em Comunicação, houve algum tipo de mudança, ou não houve mudança, no modo como as lideranças do Bico, né? Das entidades, das comunidades, das associações, o modo como essas lideranças se relacionavam com o jovem ou com a presença desses jovens aí nos espaços de participação, nos espaços de, de troca, de convivência aí no Bico, né? Seja participação política, de organização, seja num evento educativo, né? Na EFA, nas próprias comunidades, nas associações, enfim. Então, houve uma mudança, não houve? Como é que você percebe essa questão do diálogo intergeracional?

Representante APA-TO: Eu acho assim, que... Como eu vou falar, tanta coisa. Mas assim, eu acho que o olhar das lideranças sobre as juventudes, ela também mudou, né? Contribuiu pra essa mudança. Porque, é... Eles de certa forma percebem, né? E sabem que a juventude ela tem, é... No momento que ela se envolve, que, né? Assim, é convidada, por exemplo, fazer a cobertura lá na feira das quebradeiras de coco e ela, e eles convidam, o fato, só o fato, eu acho, que das lideranças as convidarem pra isso, eu acho que é uma mudança de olhar sobre, né? É, como a juventude, ela pode participar dos processos de luta da região, né? Isso é um exemplo, né? Eu acho que... Eles de certa forma percebem o quanto essa juventude, que participa, né? Seja do Jovens em Comunicação, do, né? Que teve, participou das, né? Que alguns que, que foram pra EFA, dos que participaram do GT, o quanto eles têm uma visão diferenciada e já mais amadurecida e politizada. Eu acho que, enquanto a isso, eu... eu, eu, na minha visão eu vejo que eles sabem disso. Agora, eu acho que a grande questão desse diálogo intergeracional é... Eles realmente terem mais abertura para que a juventude, ela realmente possa ter a voz, né? Ouvida realmente e considerada, sabe? E de fazer coisas de uma outra forma. Então eu acho que, é... todas essas formações elas contribuíram pra... pras lideranças perceberem esse potencial que a juventude tem, mas o diálogo e de dar esse espaço pras juventudes, é que eu acho que tem um, um dar, abrir de forma controlada. Sabe? Abrir o espaço mas de forma controlada, do jeito que eu quero. E é isso que gera um pouco o conflito aqui, né? Na região, aqui no Bico. Né? Inclusive a gente fez um... Eu não lembro se você participou do seminário de diagnóstico das juventudes.

Entrevistador: Eu peguei só o comecinho, depois eu acompanhei o lançamento e eu tô usando o relatório.

Representante APA-TO: Ah, tá. Mas o seminário não, né? É, porque assim, foi um espaço bacana, né? Que a gente colocou, processo foi de diálogo intergeracional, né? Discutir o diagnóstico, foi intenso nesse sentido, né? Tanto com lideranças como pais, né? Com a juventude e o seminário de restituição também foi, sabe? E saíram questões interessantes, né? De olhares, né? De como que a gente poderia... Só que, é... Veio a pandemia, isso não permitiu que a gente avançasse, né? E foi cristalizando alguns olhares que dificultam mesmo, e aí isso acabou. Agora em... No início de maio fazendo um outro encontro de diálogo intergeracional, né? É... que a gente, fez essa discussão, né? É... De qual era o olhar da juventudes, né? Da

liderança sobre a juventude, da juventude sobre as lideranças, né? Foi assim um espaço muito rico, né? Mas de qualquer forma assim, as lideranças assim, só pra você ver assim, o quanto a gente tem desafios aqui na região, é... As lideranças no final elas elencaram, né? *"Ó, vocês tem tal pessoa aqui, tem tal pessoa aqui, atuando aqui, atuando lá, atuando cá."* Né? Então esse é o olhar deles de que a juventude, que eles estão dando espaço pra juventude. Mas aí a juventude questiona: *"Não, mas a gente tá lá, mas a gente não tem direito à voz, a gente não tem direito a questionar, a gente não tem direito a fazer do jeito que a gente quer."* Entendeu? Então essa é a diferença das visões, talvez do que que é dar o espaço à juventude, né? E aí isso vai se cons... Que eu percebi, assim que isso vai ser construído através de momentos como esse que você vai dialogando, né? E vai amadurecendo, porque tem coisas que a juventude ela não tem coragem de falar, né? Mas, firmemente na frente das lideranças, porque elas batem e... né? E então... Mas você percebe por outro lado que, as juventudes elas amadureceram, sabe? E elas, em coisas que elas falam, né? E são jovens que, os que mais falam, são os que participaram desse processo do Jovens em Comunicação e depois acabaram vindo pro GT e tal. Então assim, isso tô dizendo que, né? Tô *linkando* com o processo formativo. Mas assim, você vê que tem essa, esse diálogo, e isso vai ser construído, talvez, de ter mais momentos desse, né? Da gente proporcionar isso, e da gente ir na prática mesmo, fazendo junto, sabe? Então tipo assim, a gente agora tá na etapa, sei nem se corre muito por fora do que você tá falando, mas assim, a gente tá na etapa então, depois desse diálogo, é de, né? A gente já tava com essa estratégia, é de ir em cada movimento que tá mais aberto, né? É dialogar e fazer assim: *"Como vamos então trabalhar junto, né? É, as organizações junto com a juventude através do GT, né?"* Então eles estão nesse processo de diálogo. Eles fizeram com ASMUBIP, né? É, esse mês vai fazer, dia 18 vai ser com o Miqcb e sexta, nessa sexta vai ser com dois sindicatos, né? Então aí a gente vai começar a, então, aí a gente por exemplo, com ASMUBIP elas colocaram outros olhares do, delas enquanto mulher, né? Sobre o que a juventude, ela enfrenta, né? Até ela colocou alguns olhares que a gente não trabalha, sabe? Então assim, isso foi interessante. Mas claro que a gente não pode agarrar tudo. Mas a gente colocou, né? O quanto que a juventude pode, trabalhar junto com as organizações, e... e aí, né? Ajudar a trazer essa juventude porque todas as organizações, em todos os espaços aqui no Brasil diz, né? Essa coisa, tá envelhecendo, ficando cansada e cadê a juventude, né? Então esse é, acho que é, um dos grandes desafios. Então tem que ter tanta abertura, tem que construir esse diálogo. Então esse diálogo ele está sendo construído, né? Aí tem algumas que são mais abertas, outras mais fechadas, né? Então a estratégia é começar com as mais abertas, né? E gerar um resultado que faça as outras refletirem, né? *"Nossa, talvez esse é o caminho, né? A juventude falando com juventude, ajudando a gente que tá a mais tempo de mostrar, de como chamar essa juventude para dentro dos,"* né? *"Da, da luta, né?"* E, e não é da luta dos, né? Da, a partir da luta dos... da demanda dos adultos, a partir da luta da demanda da juventude, né? Que pode se casar com aquilo que tá sendo feito, né? Por exemplo, é, ASMUBIP, ASMUBIP, é, ela tá discutindo uma questão produtiva, né? Que é o beneficiamento da farinha. Aí a discussão que a juventude tá fazendo, e que a gente tentou abrir e discutir com ASMUBIP, que deu certo agora, né? Que a gente tá começando. É assim: *"Poxa, por que não envolver a, a juventude também dentro desse debate de uma coisa que está sendo feita dentro da comunidade, que a juventude pode se envolver como uma alternativa de geração de, de renda"*. Então são coisas concretas, né? E aí a partir daí a gente discute, é... a pauta, né? Da, dos direitos, né? Das quebradeiras, do, né? Do direito da, do... Eu lembro que no primeiro encontro que a gente fez com as juventudes, a gente discutiu a relação deles com o babaçu, a realidade deles, né? E aí você, eles pensam: *"Nossa, eu sou, eu sou o... aqui, eu sou babaçu então quem sou eu?"* Então a partir daí foi sendo discutido outras coisas, a cada encontro, né? Com oficinas mais práticas, tal, e aí isso com as lideranças também junto em alguns, né? É, que tem a fala, fala, né? Das coisas, do próprio movimento, da própria luta. E aí vai se criando essa relação e esse diálogo, né? Então assim, é isso, tem tanta coisa. Aí

vamos ver se a gente consegue, aí a gente tá querendo fazer isso pra quebrar essa, esse diálogo, né? Ver se ameniza um pouco porque, o fato delas quererem conduzir muito, né? Eu vejo muito isso. Elas querem que o jovem faça desse jeito. E, e eles, e a forma como foi a vida deles, a forma deles lutarem, se dedicarem, o fato da juventude hoje não fazer do mesmo jeito ou não passar pelas mesmas coisas, ela... eles desqualificam um pouco, né? Essa militância da juventude. Então, e qualquer coisa que se questione, né? É... é traduzido como uma ofensa muito grande. Eu percebi isso, sabe? Assim, se você questionar uma atitude, assim, uma prática que foi feita, né? *"Não, será que não, assim, não era assim, mas será que não,"* né? Mesmo assim é uma... é uma coisa que parece que é uma coisa inquestionável, sabe? Então isso, é... Ela, ela tem que ser quebrada, né? Eu, eu gostei muito desse encontro que a gente fez em maio, porque a gente foi quebrando, assim, dialogando sobre isso também, essas coisas mais sensíveis, sabe? É... E aí, né? Dos dois lados refletindo, né? Aí às vezes existe uma, também uma, em alguns momentos, uma arrogância da juventude, né? Que pode ser uma coisa de feedback, né? Gerado pelo, por esse feedback de... Mas e também muito da, das lideranças, né? Que são muito duras, muito. Mas aí a gente discutiu isso, sabe? E elas, o povo ficou... Ambos os lados ficaram refletindo sobre suas práticas. Foi muito bacana. Então, é... O diálogo ele, é necessário e se constrói na prática mesmo. Assim, na, na... vivência do dia a dia, só que tem que quebrar, né? Algumas coisas que elas amarram ali.

Entrevistador: Nossa, muito interessante, Representante APA-TO. Esse seminário de maio ele gerou algum relatório, algum documento, assim?

Representante APA-TO: O relatório ainda está sendo feito. Se quiser a gente pode disponibilizar pra você, porque foi muito interessante. A gente pode, é, disponibilizar é o, os áudios, sabe?

Entrevistador: Nossa, seria maravilhoso, Representante APA-TO, se vocês... Foi encontro de um dia?

Representante APA-TO: Hã?

Entrevistador: Foi um dia?

Representante APA-TO: Não, foram dois dias. Dois dias, dois dias. E aí teve, né? Todo um percurso metodológico bacana. Aí assim, saiu um encaminhamento...

Entrevistador: Quantas pessoas participaram, assim? Vocês procuraram pegar representações, assim, de comunidades, de entidades?

Representante APA-TO: Não, a gente chamou, convidou todas as entidades, todas as organizações. Desde, desde das, dos sindicatos como dos movimentos, né? É, né? Então tava lá o Miqcb, ASMUBIP, os sindicatos, né? A SBB, é, né? A APA-TO, estava o MST, a COEQTO que não foi. Né? Aí tava o pessoal, a gente tinha até chamado o pessoal da CPT da Araguaia Tocantins, né? Pra... A gente sempre sonha isso de ficar fortalecendo, né? Essas articulações. Aí a gente chamou, aí chamamos sindicatos, foram alguns sindicatos, né? Chamamos o coordenador de juventude da FETAET, o CNS tava presente, e isso de movimentos, né? E tava o GT e alguns jovens, né? Que... Não tava tão carimbado, vamos dizer assim, né? É... Mas também chamamos, mas que participa já de alguns espaços, né? E tava lá pra, pra fazer essa, esse debate, essa reflexão. Tava a APA-TO também.

Entrevistador: Interessante.

Representante APA-TO: É, a gente que promoveu, né? Provocou isso, esse processo. Porque... O negócio assim... Não sei nem se isso cabe, porque assim, as lideranças elas tinham um peso forte dentro da APA-TO, né? Que são da direção, né? E o negócio chegou a um ponto de alguns falarem que APA-TO não podia trabalhar mais com juventude, de tão assim, acirrado que estava essa discussão da... Mas essa coisa mais da, da visão sabe? Que eu vejo. Essa coisa da visão. Então por isso que... Era necessário. Chegou um ponto de fazer essa discussão e de tensionar também, né?

Entrevistador: E, e por que que chegou nesse ponto, Representante APA-TO? Por que que chegou nesse ponto de tensão, assim, de ebulição, talvez, ao ponto de precisar fazer esse encontro, assim?

Representante APA-TO: Eu acho que assim, é... Esse encontro, na verdade, ele era, ele é um processo, né? Que a gente já queria fazer muito tempo, que na verdade isso que eu, eu tô falando, a gente queria fazer, é, a partir do diagnóstico, do seminário, que a gente lá fez um diálogo intergeracional e, entre e com as organizações, juventude e organizações e cada organização colocou o que que elas achavam que tinha que fazer com a juventude, sabe? Foi tanto a EFA, o sindicato, né? A, a, o GT, a, também tava a CPT nessa época lá. Teve isso, sabe? E o negócio era botar isso em prática. Só que foi no dia, no último dia da, antes da pandemia, né? A pandemia veio em fevereiro, né? Aí logo veio a pandemia, a gente ficou dois anos sem fazer nada, e a gente fazendo as ações.. Só que assim, eu acho que, é... Tem umas questões assim, é... Que, que também veio a tona, sabe? Essa questão da, homofobia, ela pegou forte, né? É... Entre algumas lideranças e que acabavam, é... questionando a ação do próprio GT, sabe? Pela homofobia. Então eu acho que tem várias questões aí, não só isso, né? Tem isso, tem essa coisa mesmo de se arraigar mesmo no, né? Num processo de: "*Nós somos as lideranças,*" sabe? Isso é muito forte aqui, né? Quando as mulheres falam aqui... é às vezes, né? De não aceitar, né? A juventude, a juventude não pode questionar nada. Então assim tem, esse lado, né? Tem o lado da homofobia, tem o lado do, do, da desa... Eu, eu considero assim, é uma desarticulação do movimento sindical, sabe? Ela, quando você não tem rumo, você, né? Não sabe pra onde ir, aí qualquer coisa... E como a gente, tipo assim, um processo formativo de organização da juventude, ela não consegue de certa forma resolver essa crise do movimento sindical, né? Porque não é a juventude que vai resolver, ela vai, ela pode contribuir, mas não é ela, né? Porque o negócio é mais embaixo. Então acho que existe essa um pouco essa frustração, sabe? Achando que... E aí a juventude... E a juventude acaba que, é... Eu acho que... E aí é uma reflexão já nossa que foge um pouco da, dessa coisa da comunicação, mas eu acho que... É... Porque você vê que tem jovens que elas não tão ligada a nenhum movimento, né? Então acho que isso enfraquece a sustentação também política, né? Identitária da juventude quando você organiza a juventude, sabe? Ela tem que tá ligada a alguma coisa, ela não dá pra ficar ligada a APA-TO. A APA-TO é uma entidade de assessoria, né? Então acho que isso gera uma certa crise. Então assim, os movimentos que a juventude, ela tão ligada àqueles movimento, o negócio flui mais fácil. Né? O movimento sindical não conseguiu construir isso, né? Aí a crise vem das lideranças do movimento sindical, né? E de algumas lideranças mais fortes e outras. Mas então assim, é uma questão além, muito além, sabe? Se a gente for fazer uma reflexão sobre isso, né? E de qual vai ser o... como é o caminho pra que, né? Dessa, dessa aproximação, desse, desse fortalecimento da juventude dentro dos movimentos, ela passa por isso. Hoje assim, o Miqcb, ela politicamente, é... estrategicamente, ela colocou a juventude como um, uma, uma linha de ação, sabe? Então você desenvolve ações específicas e focadas na juventude. É diferente, né? Então assim, organicamente, elas estão se desafiando, claro que existe todo um,

né? Assim, conflitos, sempre vai ter conflitos, né? De visões, tal, juventude, tal, mas, mas o fato dela ter colocado isso, é importante, né? Aí a gente conseguiu colocar isso também, uma pauta assim, uma linha de ação dentro da ASMUBIP, né? E, e vamos ver se a gente consegue com dois sindicatos pelo menos pra ir quebrando isso, né? E contribuir com os movimentos, né? O MST já mais tranquilo... Fugiu, né? Desculpa.

Entrevistador: Não, não, nem um pouco, Representante APA-TO. Eu acho que não, é... A pesquisa, e quanto mais, agora eu tô, tô debruçado há dois anos em cima dessa pesquisa fora o tempo que eu passei aí, né? Desde 2018, 17, 18, mais próximo da APA-TO. É, e aí uma coisa que a gente percebe é que não tem como desconectar a ação com as juventudes de, da conjuntura, das territorialidades, né? Das relações sociais e políticas que acontecem e a comunicação também é outra força motriz que tá... que tá permeando tudo isso, assim, né? Os processos comunicativos e educativos. Então eu fiquei muito interessado nesse seminário, assim, é... Você disse que ele fez parte também de um percurso que talvez tenha, que, pelo que você falou, tem origem num processo de diagnóstico da juventude rurais, né? Que vocês fizeram antes da pandemia, e depois fizeram o seminário e, e esse percurso ele continua ou esse seminário intergeracional a partir dele não tem nada programado?

Representante APA-TO: Tem.

Entrevistador: Tem?

Representante APA-TO: Exatamente, tipo assim, é um... Apesar que isso aí já era uma coisa que a própria juventude já dialogava entre eles, né? De ser a estratégia, e lá foi, é... O legal assim, uma coisa é você enquanto sujeito, um dos sujeitos, atores, né? Pensar, e outra é quando você pensa com o coletivo e se torna uma coisa, uma ideia coletiva também. Então, tipo assim, essa, esse passo de ir para as organizações, dialogar com as organizações, que ações que podem ser realizadas com a juventude é um dos passos...

Entrevistador: Um dos desdobramentos.

Representante APA-TO: ...Pois, um dos desdobramentos desse seminário. Entendeu? Aí a partir daí a gente, né? Assim, o GT na verdade ele, ele, né? Ele não para, né? Eles fizeram planejamento, mas eu acho que agora a estratégia é construir com essas organizações, né? Aquilo, e discutir com eles, construir com eles a programação, né? Talvez, não assim, né? Mas deles se sentirem parte desse processo e eles, e assim, né? Hoje quem faz parte do GT, eles contribuem muito na organização da juventude, eles têm uma maturidade, né? Só que a gente vê assim, a gente hoje tá num, né? Sempre teve, mas hoje tá mais porque cada um tá ocupando outros espaços, né? Já tá num, né? O Jorge tá na direção da MST Internacional, Jovem VI na faculdade, não tem muito tempo, né? Outro tá fazendo faculdade. Então assim, limita um pouco, né? Assim, mas de qualquer forma, eles sempre contribuem. Então assim, a gente tem que oxigenar essa coordenação, sabe? Mas que ela se torne uma coordenação talvez que... tenha uma representatividade maior também das organizações ali, né? Assim, o MST tá ali enquanto MST, o Jorge, o, o Hilário, né? Tal, a Laís tava enquanto, né? A Liderança III ali tá como Miqcb mas ela é mais, ela se coloca quando ela vai pra dentro do Miqcb, ela se coloca como assessoria, não como GT. Tem que... Tem que ter um jovem, né? Do Miqcb que participe desse espaço que, talvez as organizações, né? Percebam que é um espaço interessante e que vai enquanto Miqcb mesmo, né? E que... E assim, uns demais, é... As organizações. Até, só, só, só abrindo assim. Eu até uma vez eu fiz uma reflexão, foi, acho que foi também com o Jorge, Liderança III, não sei. É assim, no momento que, é... as organizações, elas começam a ter o seu, é... o

seu eixo de ação de, de juventude, pode ser que o GT ele acabe que perca o seu sentido original. Você compreende isso, né? Porque cada um vai se articular, né? Porque assim, uma das coisas que, pelo menos nos corpo da APA-TO a gente queria era que através do trabalho que a gente fizesse com a juventude, é... A gente contribuísse para que as organizações, elas pudessem inserir isso como pauta, sabe? Como uma linha, estratégia de atuação. A gente vai até fazer uma avaliação externa agora, é... Né? Do nosso projeto e vai pegar esses três, seis anos de atuação, quase oito anos de atuação com a juventude. E aí a gente acho que uma das coisas que a gente tem que ver é o quanto essas ações que a gente acabou, é... realizando, né? Inclusive do Jovens em Comunicação, contribuiu pra com as organizações nesse sentido delas, né? Colocarem na pauta mais essa coisa da juventude. Eu lembro até que quando a gente fez Jovens em Comunicação, eu lembro que o Miqcb também tentou fazer essas formações de comunicação, né? Não lembro se você lembra disso, tal. Aí eu lembro que a Liderança I até um dia falou: "*É, não sei porquê, é... as nossas formações do Miqcb, com a Juventude Comunicação, não tem o mesmo resultado que o do Jovens em Comunicação, né?*" Então assim, o que eu percebi era que, é, inspirou, né? Acho que é isso, a APA-TO tem essa, esse papel de inspirar, de provocar, de, né? É, isso junto as outras organizações. Então acho que, eu espero que esse... essa avaliação externa, ela propicie isso, né? Essas reflexões que vão servir pra todo mundo. É isso, é só assim, a gente tá fazendo isso, aí a gente vai fazer essa, por exemplo, a gente tinha pensado em fazer também análise de políticas públicas, né? É... Pra juventude e fazer um seminário, né? Então isso também saiu lá no... Nesse seminário, nesse encontro intergeracional. Então a gente vai fazer isso, né? E a partir daí, é... fazer esse debate, né? De como a gente, é... a gente vai organizar, o que que a juventude quer, que políticas públicas que respondem a demanda das juventudes, das suas comunidades, né? A partir daí o próprio movimento sindical, o Miqcb, o MST, eles podem organizar a juventude, tendo clareza de como acessa essas políticas públicas. Isso é uma ação de massa, de envolvimento da juventude, né? Então isso também saiu. E as ações mesmo de que a gente tá fazendo, já que é desdobramento é essas ações mesmo de casar um pouco mais a, as ações produtivas também desenvolvida por essas organizações, né? Envolver a juventude. Porque tipo assim, a juventude não vai criar uma feira da, né? Uma outra coopera... Talvez aqui na realidade do Bico isso ainda não é tão factível, né? Então, em vez de você criar um espaço às vezes específico de comercialização da juventude, é... se não dá pra você, por exemplo, é... naquilo que as organizações já tão fazendo que tem abertura, você se envolver, se incorporar nesses processos, né? Não sei, a gente tá tudo em debate também, amadurecimento, não é? Mas isso foi tudo discutido, né?

Entrevistador: Uhum! Não, muito interessante, Representante APA-TO. É... Isso me fez, me fez pensar. E, essa é uma pergunta que eu ia te fazer e você um pouco respondeu, é... Que vocês vão fazer uma avaliação, uma avaliação externa desses oito anos, pelo que eu entendi são oito anos. E eu queria te perguntar, te confirmar isso, de trabalho da APA-TO com juventudes. O marco zero do trabalho da APA-TO com juventudes é o primeiro Jovens em Comunicação ou antes disso a APA-TO já tentava desenvolver alguma coisa? Porque o que eu tenho aqui nos meus registros é que 2016 foi a primeira edição que foi assessorada pela Carol, né? Carol que estava.

Representante APA-TO: É. Assim, a APA-TO, a APA-TO mesmo, ela já teve outras iniciativas de organizar juventude. Uma delas foi quando, é... começou a discutir a PJR na região. Olha, cara. A mulher da CPT, né? E aí tinha uma, um pessoal dentro da APA-TO que, né? Que tinha também um, uma sensibilidade, né? E, se começou a discutir. E aí esses dias eu tava até refletindo, né? É... que, e que tinham uma também um trabalho, né? Que a gente com a CPT, que naquela época gerou o mesmo conflito que gerou hoje, né? Então você vê que é realmente às vezes é uma questão de, de postura e olhar. Mas, não, não, mas aí a gente tentou,

né? E aí a partir daí a gente foi fazendo a formação, a gente até chama assim, "*Formação de lideranças*," mas era só jovens, né? E aí a gente fez um processo muito bacana, porque a gente construía junto com, né? As lideranças e os jovens que participaram da escola, que foram selecionados pelos movimentos. É, então a gente fez só isso. Só que a gente não, não foi mais além do que isso, né? Foi só um processo formativo, né? E aquilo que a gente coloca. Ele eu acho que criou resultados interessantes, né? Tem muitas pessoas que participaram desse processo que hoje estão dentro dos movimentos sociais...

Entrevistador: Uhum.

Representante APA-TO: Que, né? Passaram a compreender essa questão da agroecologia e todas essas pautas aí dos movimentos. Eu acho que contribuiu. Só que aí parou nisso.

Entrevistador: Entendi.

Representante APA-TO: Entendeu? E aí, a partir do momento que... Eu acho que foi um ano e meio antes do Jovens em Comunicação, a gente começou um processo de formação de agroecologia e aí depois veio o Jovens em Comunicação e aí culminou com a criação da EFA. Então assim, a gente vinha, mais ou menos 2014, é... tentando focar mais, sabe? Trabalhar com a juventude mas de forma mais continuada e sistemática dentro de um processo. E aí eu acho que o "*boom*" foi ter essa formação, né? Que eu acho que gerou muitos resultados também de agroecologia também, né? Várias pessoas produzindo, vários jovens, porque era voltado para a juventude mesmo e aí muitos desses jovens acabaram indo pra EFA, né? E aí acho que fortaleceu mais esse conhecimento deles, né? Sobre os vários temas que perpassam quem está na EFA. Teve o Jovens em Comunicação, que aí foi fortalecendo, né? Criando caldo. Aí teve os encontros das juventudes... E aí até que APA-TO resolve fazer um projeto específico para a juventudes, entendeu? Com vários braços aí, né? E aí a gente está nesse processo a mais de... Acho que uns oito anos, né? Então, né? E gerou todos esses frutos. Eu acho que gerou, né? Essa questão da permanência, de resposta da geração de renda, isso aí é muito desafiador, você não consegue... Mas assim, se a gente for fazer uma análise em termos de quanto contribuiu para que essa juventude se percebesse enquanto jovem do campo, né? E alguns assim, de forma... Contribuiu também com os movimentos. Eu acho que isso teve sim. É, e tem os jovens que tão produzindo, né? Desde aquela primeira, das formações. Eu lembro que aquela formação, acho que você já tava quase saindo, que a gente fez com o pessoal do Olho D'Água, você lembra?

Representante APA-TO: No Olho D'Água foi uma comunidade que infelizmente eu não conheci.

Entrevistador: Não, mas você lembra de uma formação que a gente já fazia de agroecologia? E... isso foi acho que depois do, da formação que você fez do, do Jovens em Comunicação. Jovens. A gente ia começar a fazer uma formação de agroecologia, que ia pegar o Olho D'Água e Sete Barracas. Aí a gente.

Entrevistador: Ah, tá. Acho que eu lembro disso.

Representante APA-TO: Você lembra?

Entrevistador: Uhum.

Representante APA-TO: E aí a gente tentou fazer o diálogo geracional para discutir a produção, né? E aí eu lembro que a juventude estava querendo mesmo ir pra terra, e aí veio a pandemia, aí acabou, aí esfriou.

Entrevistador: Esfriou bem, né?

Representante APA-TO: Dois anos, né? E aí...

Entrevistador: Entendi.

Representante APA-TO: Muda, né? As respostas não vem... Mas assim, faz... Gera resultado se for fazer um trabalho...

Entrevistador: Uhum. Sim. Representante APA-TO, eu ia te perguntar uma coisa. Por que, aí eu tô tentando até raciocinar aqui uma linha do tempo. E por que em 2016 vocês decidem que a comunicação teria que ser um, um carro chefe, assim? Né? Ou, um caminho.

Representante APA-TO: Hum, um caminho

Entrevistador: Uma plataforma, né? Quem sabe, também para se chegar ao jovem. Isso porque, até pelo que eu entendi, até então a comunicação não estava no centro do processo formativo, né? Ela talvez até estivesse orbitando ali, né?

Representante APA-TO: Hum, hum... Eu, assim, é... Eu acho que, é... A gente também, também contribuiu para essa expectativa equivocada das lideranças, né? Mas assim, ela nasce da, assim eu acho que de uma reflexão do que que é que, naquela conjuntura, é... motivaria as juventudes a participar de processos, né? Com, né? Chamados pelos movimentos ali, né? Pela APA-TO e pelos movimentos, e se pensou na comunicação. Por outro lado, existia sempre uma fala, sempre fala das lideranças, do que tipo assim: "*Ah, tudo que a gente faz, nada é divulgado,*" né? É... A gente faz e quem divulga e pega o nosso nome é... o Sebrae, é o governo. Então tinha isso. Então aí a gente pensou: "*poxa, então por que que a gente não trabalha a comunicação, né? A partir da juventude, e tentar casar tudo isso, né? Num processo formativo que chame a juventude, que chame atenção no Brasil, e a gente faça um processo formativo com eles e que talvez responda essa demanda das organizações.*" E aí eu acho que é isso que faz com que algumas lideranças, né? Porque, a juventude, não era uma máquina de, de... Não eram mini jornalistas, né? Isso é uma coisa. Naquela época não tinha acesso a internet, quem é que tinha um celular? Né? Então assim, era uma outra conjuntura. E aí as lideranças, algumas lideranças queria, queria que essa juventude fizessem, "*não faziam nada*" e não era assim, né? E aí eu acho que pra algumas a, a frustração veio daí, sabe? Mas, eu acho que assim, tinha que se refletir, né? Sobre, né? O contexto. É, mas foi isso. Aí a gente começou... E, e aí assim, eu acho que a comunicação também, ela era, era um, uma pauta que já muito tempo a gente ouvia dizer: "*Nossa, é, a comunicação é importante,*" né? É... Só que a gente não tinha os profissionais para contribuir nessa reflexão, né? Os profissionais da área, né? A gente eu acho que a gente sempre tem a sensibilidade, o conhecimento geral, né? Mas da prática mesmo, a gente não tem, e aí casou. Eu acho que de, de conhecer a Carol, né? Que é uma educadora, né? Interessante que ajudou a gente enquanto a APA-TO a refletir sobre, isso, e, né? E a gente queria fazer uma, uma formação e ela ajudou, montou, ajudou a montar essa, esse percurso metodológico aí que, que a gente, né? Conduziu enquanto Jovens em Comunicação. Então assim que acho que a comunicação entra, sabe?

Entrevistador: Interessante.

Representante APA-TO: A partir disso que demandas diferentes. É, acúmulo, né? De você: *"Nossa, comunicação é uma coisa importante," né? "Mas a gente não sabe como. Né? E tem a juventude aí que a gente quer, né? Começar a fortalecer a juventude."* Então, acho que foram esses três tripés, e aí foi sendo conduzido, né?

Entrevistador: Interessante. Muito interessante! É... E beleza, Representante APA-TO, aí você enxerga que o GT das juventudes hoje, né? Que eu acho que é esse espaço de participação central, né? Pelo menos pra a maioria das, das entidades do Bico, é... da própria APA-TO, do trabalho da APA-TO, esse, esse GT ele é... Você já falou isso, né? Mas assim, entender mais de você, né? O quanto que esse GT é fruto do processo dos Jovens em Comunicação, né? É... Ou não, né? Ou o Jovens em Comunicação é mais um ingrediente de um caldeirão que já tava sendo alimentado há algum tempo, né? Se a gente pensar o processo histórico, né? Sem a gente também fazer injustiça com outras, é, e os outros esforços, né? Enfim. Queria ouvir você.

Representante APA-TO: Claro, ele contribuiu, né? Assim eu acho que chegou, eu lembro que quando, né? Foi criado o GT, e aí como um dos eixos era a comunicação, acho que aí você lembra, né? É... se começou a ter uma, teve um, assim, eu acho que, não é, eu... não é conflito de conflito, né? Mas assim, do entendimento, né? De qual era o papel do Jovens em Comunicação e do GT. Tu lembra que tinha um pouco isso, né? Essa... E aí, é... uns achavam que, né? O, o GT era independente do, do Jovens em Comunicação, outros achavam que, é, as pessoas que faziam, né? Que se formaram no Jovens em Comunicação poderia, dar continuidade a esse processo por dentro do GT, né? É, assim eu acho que ficou um tempo, sabe? Nesse diálogo, assim. Só que os próprios membros do GT nunca aprofundaram, né? Essa discussão, né? Acho que pra uns não tinha nada a ver, pra outros, então eles nunca, né? Se aprofundaram. Mas se manteve dentro do GT, que aí eu acho que é, é fruto do processo do Jovens em Comunicação um eixo comunicação, sabe? Então assim, organicamente, dentro de um, de um coletivo, a comunicação é importante. Ele passa a ser um eixo, uma linha de atuação que eles consideram como importante, assim como a agroecologia, né? Como foi definida, e a formação e organização da juventude, né? São os três grandes eixos. É... é que esse ano eles juntaram formação e organização, eles estavam separados, mas. Então eu acho que isso não deixa de ser fruto desse trabalho, né? E aí assim eu acho que as pessoas, é... que tiveram muita voz, muito envolvimento, no início do GT, eram pessoas que tinham passado por essa formação do Jovens em Comunicação, né? Porque por quase três anos, acho que três anos, a APA-TO investiu muito nos Jovens em Comunicação. Então a juventude que, né? Que tava ali, né? E aí o pessoal que tinha feito esse... essa formação de agroecologia, sabe? E que muitos que fizeram essa formação de agroecologia foi pro Jovens em Comunicação. Então, essa foi a galera que, né? Que se aproximou e que criou o GT, entendeu? Então, é... por isso que às vezes assim, é muito forte, a gente percebe que claro, que não é só isso, né? Não foi só o Jovens em Comunicação, mas, ele foi, é, eu acho que ele foi o espaço de formação das juventudes pra chegar até, pra dar força, né? Pra pensar em também criar o GT das Juventudes, entendeu?

Entrevistador: Entendi.

Representante APA-TO: Eu... eu vejo esse... O percurso aí e a influência dos Jovens em Comunicação. Né? Tá, claro, assim, no início a Cleudiane, né? Ela não, participou do Jovens em Comunicação, né? Foi a irmã dela, a Liderança III que também ajudou a criar o GT, né? Ela não participou do Jovens em Comunicação, né? Mas são essas poucas pessoas assim. O resto, os demais foram que participaram desses processos, né?

Entrevistador: Certo. Então, avançando aqui, a gente tá chegando no último, no último bloco aqui da, das perguntas. É, Representante APA-TO, na sua percepção, participar do Jovens em Comunicação, você já comentou isso, né? Mas pra gente falar diretamente sobre isso também. Inspirou esses jovens a pensar sobre seus futuros profissionais?

Representante APA-TO: Sim. Com certeza! Isso ajudou também. Ajudou também. Aí vou voltar, porque eu acho que o Jovem VI foi um. Né? O Jovem IV, apesar do Jovem IV não ter concluído o Jovem I. Eu acho que todo mundo, apesar que é assim, né? Eu acho que esses jovens que, participaram, né? Desses processos, do Jovens em Comunicação, do GT, que começaram a transitar, eram jovens que... que eu acho que, é aquilo que eu falei, eles passaram a sonhar mais, sabe? A acreditar que eles podiam ir pra uma faculdade, né? Fazer a universidade, mas isso, é, por eles terem se despertado, né? Do que... do quem ela, eles são, do que eles poderiam ser, entendeu? E de não ficar, né? E de correr atrás, né? Então aí, também foi, né? Acho que apoiando os outros, né? Eu lembro que, no início do, do GT da Juventudes, um dos eixos que eles queriam trabalhar era essa coisa de, de incentivar a juventude pra faculdade. A gente, sabe? A gente, nossa, a gente às vezes, né? Mas eles queriam isso. "*Nossa, vamos estimular, vamos,*" né? "*Divulgar mais, vamos fazer com que essa juventude vá pra universidade,*" sabe? Eles tinham muito isso. Eu acho que influenciou também, né? Mas por esses, os outros aspectos. E aí vai vindo as oportunidades de políticas públicas, né? Mas que contribuiu, contribuiu sim. Casou, né? A oportunidade de ter, né? Fies ou coisa, né? Essas aberturas do Pronera, tal. Mas ao mesmo tempo, se eu não tivesse me descoberto, né? Eu não, talvez não iria, iria pra, né? Por ser da cidade, trabalhar e não voltava mais, né? Ia por outros caminhos. Então, isso que é, aí que a gente vê, né? Como uma educação, ela libertadora, contribui realmente pra que a pessoa ela, busque outros caminhos, né?

Entrevistador: Sim, com certeza! E, Representante APA-TO, aí o entendimento... Outra pergunta, né? O entendimento, o envolvimento desses jovens, agora especificamente com o trabalho e com a vida no campo. Isso mudou, não mudou, em parte, né? Como é que, como é que ficou, assim? É... A influência do processo dos, das edições do Jovens em Comunicação pra as juventudes, aquilo que você pôde observar, né? Claro!

Representante APA-TO: É... Eu acho que isso ele é uma coisa que, ela influencia por aquilo que eu já falei, né? No momento que você percebe que, é... a terra também é um, é um meio de vida e um meio que me permite viver dela, né? Agora, é... O que eu percebo, e eu avalio é que, essa participação da juventude no trabalho, na terra, ela, ela tem o tal do diálogo intergeracional e das relações de poder, de autoridade e que é bem difícil das juventudes, elas romperem, sabe? E que isso limita a minha, né? Assim, a minha, assim, a minha, é... O de avançar em, em, em, em voltar realmente investir lá no campo, na propriedade, sabe? É muito mais difícil, né? É... aí você pega os, os exemplos, né? Você vê exemplos, é... de pessoas, e também assim, acaba que, você precisa de um investimento também, né? Às vezes muito maior pra produzir, pra começar a produzir, tem que ter a comercialização e, nem as organizações sociais e nem a APA-TO ela tem um suporte suficiente para ofertar isso pra juventude, para dar esse suporte pra ele, né? No momento que ele se desperta de querer, de, né? Mas assim, vamos, ah, é, o Márcio não, não, não fez Jovens em Comunicação, mas é, é assim, é engraçado assim o, é o quanto o despertar, né? Tipo assim, ele participando das ações que a gente foi, né? Hoje assim, a família quer vender o lote mas ele não quer. E aí ele até perguntou: "*Representante APA-TO, será que o Fundo Agroecológico não tem, não vai funcionar pra eu acessar dinheiro pra manter aquela, aquele lote limpo pra minha família não vender, porque eu prometi que eu ia manter ela organizada pra poder não vender.*" Tá entendendo? Então a, as mudanças que

acontecem. Aí eu lembro que o Jovem VI, ele sempre falava: *"Ah, eu quero, né? Produzir lá, mas só que o pai não aceita,"* sabe? A forma dele. Então assim, é... O fazer a gestão, fazer um trabalho na propriedade, ela tem esses outros desafios, tanto de políticas públicas, para apoio pra juventude, e essas relações mesmo de, né? De, de poder, de quem toma a decisão dentro da gestão da propriedade, né? É diferente do Mateus, por exemplo, que o avô dele, né? Que é o, ele chama de pai, dá todo o apoio pra ele, dá o espaço. *"Você pode, né? Eu te ajudo,"* sabe? E aí ele vai investindo, ele tá investindo, sabe? Então eu acho que o... Eu acho que... despertou pra isso, mas para efetivar mesmo, você tem que ter outros apoios que eles não têm, os apoios suficientes, tanto da família como, eu acho que, das organizações, né? E também das políticas públicas. Então eu vejo dessa forma. Agora tipo assim, ó, o Jorge, ele colocou a roça dele, né? Ele tá lá no acampamento e ele tem autonomia, né? Mesmo sendo essa militância, né? Doida, mas ele colocou. E aí, outras coisas é o... é o... Aí eu acho que assim, as relações mudam, mas não, é... É diferente em função do caminho que se dá para ser homem ou mulher, né? Mas, mas existe essa, mesmo assim existe essa coisa do apoio, né? Eu vejo muitas, meninas, né? As jovens, as jovens mulheres que fizeram Jovens em Comunicação, que acabaram, que elas, né? Foram estudar, é... Outras foram, né? Tiveram filhos e, né? Interrompeu um pouco essa, esses sonhos, né? É pai que vende terra porque ele, tipo assim, a Jovem V fala: *"Nossa, eu queria produzir, queria fazer, mas meus pais venderam a terra, né? Aí agora eu tenho que,"* mas eu sei que ela tá lá na, já faz um tempinho que a gente não se conversa, mas ela foi pra Minas, né? E ela começou, parece que tinha umas, uma proposta lá do, do povo de lá de dar terra, e ela produzir, mas teria que vender toda a produção pra esse povo, sabe? Essa empresa, era um esquema meio estranho. Mas, assim, eu não sei se ela aceitou, que ela me perguntou: *"Nossa, e se tá, eu não tô querendo sujar, né? O meu caminho, né? De não sair da agroecologia"*. Ela veio perguntar, nem sei, não, nunca mais conversei mais com ela. Mas eu lembro que ela falava, entendeu? Então, essa questão de produzir tem isso, né? E eu acho que pras, jovens mulheres, elas são... É um pouco mais difícil também, né? Porque envolver o trabalho, né? E aí ainda, é... existe muito trabalho físico. Né? E até mesmo a juventude, jovem e homem, porque aí a gente depara com essa coisa da tecnologia, né? A gente discutiu muito isso lá no Olho D'Água, sabe? Tecnologias mantinham a juventude ali dentro. Mas, a questão do poder de decisão é muito forte também. A gente viu isso também nas experiências lá, né? Que... Das lideranças acharem que eles que sabem, eles que têm que orientar, eles que tem que controlar e não dar autonomia de gestão pra juventude, né? Então teve um grupo, inclusive foi do Olho D'Água que eles, né? A juventude queria lá fazer, mas a liderança: *"Não, não pode. Tem que ser assim, assim, assado."* Né? E aí eles não têm, não sente a liberdade de se desafiar, de fazer com autonomia, mesmo errando. Então tem tudo isso aí que conta quando a gente pensa o aspecto da produção, né?

Entrevistador: E os pais da Jovem V, então venderam a terra dela?

Representante APA-TO: Venderam.

Entrevistador: E ela não queria, ela fez esse diálogo com você?

Representante APA-TO: Não, ela falou que ela não queria que os pais dela vendessem a terra, mas vendeu. Aí que que, né? Eu sou jovem, sou filha. Às vezes não tenho poder de decisão, né? Isso. Como o Márcio tá tendo, mas ele tá tendo dificuldades, né? Porque o que ele ganha dando aula, não é suficiente pra ele contratar alguém pra manter aquela, aquele lote, né? Propriedade limpa que a família quer e... Né? Então assim, é uma decisão, às vezes... Aí às vezes os jovens tem que ficar esperando o pai ficar muito velho pra dividir a terra e dar espaço aí. Aí o sonho já vai, já foi mudando o caminho, né? *"Não fico mais ali, eu vou pro outro lugar."* Sim.

Entrevistador: Representante APA-TO, não, é super interessante. São várias, várias camadas, né? Isso. É... Você mencionou, a gente ficou falando da questão, das, dos desafios, né? Da relação intergeracional. Aí você mencionou também a questão das políticas públicas, né? O quanto que essa estrutura, né? Ou falta de estrutura social, em termos de políticas públicas, impacta nisso tudo. Assim, queria ouvir você com relação a isso, o quanto que essa falta ou não de oportunidades, é... impacta aí no desenvolvimento do trabalho com as juventudes, na própria vida, né, das juventudes, das comunidades.

Representante APA-TO: É assim ó, vamos começar até mesmo pelas políticas públicas de acesso à internet, né? Eu lembro que quando a gente tava elaborando... sem ser esse trienal que começou agora, o anterior, né? Que a gente convidou os jovens pra pensar no projeto trienal da APA-TO, né? E aí nessa reunião falaram assim: "*Olha, a juventude sai do campo mesmo porque ela não tem acesso à internet.*" Aí a gente que... a gente ficava assim: "*Ah, mas, né?*" Mas assim é, né? E aí você vê que o acesso isso pode ser uma política pública, né? De você dar acesso à internet pra você, pro campo e pra cidade, pra periferia da cidade também, né? Então isso faz com que a juventude se... não permaneça ali, né? E, e produzindo. Aí, é, isso é uma coisa, né? Em termos de impacto estrutural, né? Aí tem as estradas, né? Saúde, educação. Mas assim, por exemplo, é... Bom, agora saiu o Plano Safra, que tem um apoio pra juventude, né? Vamos ver. A gente vai estudar pra ver se eles conseguem acessar, mas por exemplo, pra você poder comercializar pra alimentação escolar pro compra direta, né? Que essa PAA e o PNAE, é você precisa ter a DAP, hoje é a CAF, né? Mas antes, né? Se o seu pai tem a DAP, né? E que ele pode comercializar, isso, a mãe, é... Ele enquanto jovem, não tinha condições, né? Porque a terra não era dele e tal. Então assim, você vê como é que a, a política pública, ela não favorecia a juventude. Hoje na CAF, né? Que aí é toda uma discussão, você pode colocar o filho como, né? É, um, ele chama até de acessão, um, né? Compondo a CAF, o nome do filho, que aí ele pode acessar as políticas públicas, né? Então, é, é isso, essa falta de política pública, né? Que não permite que a juventude também receba na mesma forma que os pais, né? A, o homem, a mulher, assim, também como a mulher ela tem menos acesso, né? É... a essas políticas públicas que permita ele se planejar, né? Então, a partir do que se avançou com esse governo, a gente quer então fazer essa discussão, né? E... e aí assim, eu lembro que... não só das políticas públicas, agora lembrando dessa relação do pai com os filhos, né? Com os filhos com, as mães. O... quando a gente faz, é... eles, os pais colocavam assim: "*Ah, mas eu quero que o meu filho fique na roça.*" É, só que assim, eles queriam pra que o filho fosse uma mão de obra pra, pra conseguir produzir. Claro, dentro da lógica da agricultura familiar, a mão de obra é, né? A base do processo. Mas, a divisão, né? Da renda não era... não era dividida com o filho ou com a filha, né? Aí eu lembro que até a gente tava assim. Aí falaram assim: "*É, mas você ajuda sua mãe lá,*" tal. "*É, mas ela que fica com todo o dinheiro*" Então, aí ele acabou saindo porque ele ajudava, né? Mas não tinha, claro que assim, né? A comida, a mãe comprava, né? Às vezes comprava uma roupa, mas então assim, o negócio é... às vezes a gente também tem que perceber esse discurso dos adultos. É isso que eu tô querendo falar. Né? Não, o jovem tem que ficar ali mas ficar pra ajudar a mãe, não pra ele ter uma independência também, né? Ainda mais principalmente quando ele é solteiro, aí pra, então, essa relação interna ela é muito forte. Mas as políticas públicas é isso, aí não tem crédito para juventude se tenha muito pouco, né? Acho que tinha um Plano Safra Jovem mas quem é que acessava, né? E aí como é que a juventude vai acessar se os pais não dão espaço da terra pra eles? Eles tem que lutar pela, por uma terra, um pedaço de chão. Mas o tempo vai passando, existe a pressão dos pais, né? Que, que acham que os filhos não devem manter lá, né? De, ter a mesma vida que os pais. Então vai tendo um segundo grau, né? É, um, existe uma pressão de ter que trabalhar, né? Nem, fazer faculdade, é trabalhar mesmo, pra... Então acho que é isso tudo. Então acho que... Mas então, assim, se

tivesse políticas públicas mais estruturantes, mais acessíveis, eu acho que tem jovens aí que eles, né? Ó, lá no, nesse novo acampamento que tem lá em Esperantina, a maioria é jovem.

Entrevistador: Olha só. É um acampamento do MST novo?

Representante APA-TO: Não, é do, lá do sindicato regional.

Entrevistador: Sindicato.

Representante APA-TO: É. E aí lá tem muito jovem. Muito, muito jovem, né? Então assim, é... A juventude ela quer produzir, né? Acho que quer ter acesso à terra também.

Entrevistador: Uhum.

Representante APA-TO: Né? Aquele diagnóstico, eles... Apesar que era, a gente fez uma: "*Você quer permanecer no campo?*" 70% falou que queria, né? É, mas se podiam ficar, né? Só trinta e duas pessoas, "*Ah, não, não sei se eu vou ficar.*" Uhum. Né? Maioria falou que não sabia se ia ficar, né? Então, assim, acho que existe essa motivação, então existe essa conjuntura mas, né? Assim, essa, essa realidade de expectativas, mas a estrutura, né? O estrutural não ajuda, né? Nos vários aspectos da juventude realmente permanecer no campo. E aí o que eu tô percebendo, assim, que hoje pra trabalhar com a juventude, é... não é só discutir produção, sabe? A juventude ela tem que, ter, tá muito atendida com a comunicação, com as outras coisas, sabe? Não é só produção, né? Você vê que teve uma geração que era produção, né? Uhum. As mais antigas. Mas hoje não, é uma pluralidade de, de coisas que, né? Que, que também, você de certa forma tem mais facilidade, que a juventude não é só produção, é produção, comercialização, mas tem outras questões que tem que ser debatidas, trabalhadas com ele, para que eles permaneçam lá. Uhum. Entendeu?

Entrevistador: Entendi.

Representante APA-TO: E aí assim, eu acho que, tá. Não, é que eu tava falando um pouco, assim, da, da, voltando a comunicação que assim, nesse... Depois do Jovens em Comunicação, a gente, enquanto a APA-TO, a gente não conseguiu manter um profissional, sabe? Que desse também continuidade ao trabalho de comunicação. Então, lembro que você tava discutindo essa coisa do, ah, esqueci o nome que tinha ter dado o nome, né?

Entrevistador: Do quê, Representante APA-TO? Do nome?

Representante APA-TO: Era de uma agência de...

Entrevistador: Agência de notícias?

Representante APA-TO: Notícias era?

Entrevistador: Era, do, de que ficariam, né? Os jovens trabalhando.

Representante APA-TO: E aí, né? E teve outras coisas assim... mas tipo assim, a gente não conseguiu enquanto, a APA-TO é... Dar continuidade, sabe? De forma mais processual, né? Nessas questões, que não é só agência de notícias, né? Então a gente, aí a gente acaba que vai, vai, né? Se diluindo. Mas uma coisa que a gente tentou nesse processo era trazer a comunicação

pra uma ação mais concreta ali, né? Então, tipo assim, a gente fez formação de comunicação pro grupo Pindova, né? Lá de Juverlândia. A Liderança III pode até acabar falando, né? Pra assim, poxa, *“pra que a comunicação vai servir pra você, né? Pra que serve a comunicação, né? Por que você tá fazendo?”* E aí então lá eles têm o grupo Pindova, eles tem um *Instagram*, tem não sei o quê, *“Ah, vamos divulgar aqui os nossos produtos,”* né? Então se fez uma formação pra isso, né? Assim como a gente fez já ali com o grupo, MST do Olho D'Água, não deu certo, eles eram muito novos, tal, mas eu acho que um caminho seja esse, sabe? É... Hoje como a maioria das comunidades tem internet, né? Talvez seja isso, um dos caminhos que a gente precisa trabalhar. E o outro, se o GT continuar com essa coordenação, é... aquele grande desafio, como a gente unifica algumas pautas, né? E consegue divulgar. Aí a gente tinha até essa coisa, né? Ou a gente investe nas comunidades, né? Os jovens investindo nas suas comunidades, e eles trabalham em rede, né? Pra dar o... a divulgação regional, mas cada um, né? No mesmo. Acho que a gente pensava um pouco isso já na época, né? Mas aí, e como construir esse processo? Aí que é o... a questão. Pode ser com os, os próprios jovens, né? Ou tendo um profissional, contratado também que assessorar, mas que, tente trabalhar sempre esse protagonismo juvenil, né? Deles fazerem. Eu ainda acho que a gente precisa de também de um profissional externo, né? Pra tá assessorando essa juventude aí nesses processos. Mas acho que é isso. Vamos ver que a gente consegue. A gente, nesse projeto a gente tem, é, um recurso pra contratar uma pessoa, a gente tem um processo de seleção, mas não deu certo. Vamos ver se a gente consegue aí nesses próximos meses. Tá, aí a oportunidade.

Entrevistador: E entre os jovens? É... Esse perfil não, não poderia ser preenchido por um dos jovens, Representante APA-TO? Vocês avaliam que ainda não?

Representante APA-TO: Pois é, eu lembro que, é... ficou até um pouco meio... porque na, né? Quando a gente contratou o profissional anterior, é... o Jovem VI mandou o currículo. Entendeu? E aí o próprio GT achava que ele ainda não estava nesse patamar, entendeu? Assim, gera um certo constrangimento, né? Porque ele tá e tal. Sim. Mas achava que não, né? Que tinha que ter um pouco mais, um pouquinho mais desse processo. Eles mesmo colocaram isso, sabe? Assim, quem participou do processo de seleção. Eu, mas eu acho que com tempo sim, sabe?

Entrevistador: É complexo, né Representante APA-TO? Não é, não é fácil.

Representante APA-TO: Talvez, olha só, talvez, é, é o nível de atuação que esse jovem vai ter, né? É isso. Eu acho que se a gente acertar qual é... o que que ele pode contribuir, eu acho que sim, né? Mas talvez por aquilo que a gente pensava, talvez não era o momento do Jovem VI, né? Assim, eu, tem essa coisa, né? E acho que aí às vezes assim ó, uma coisa é conversar com a juventude, determinadas coisas, outra coisa é... conversar também com outras pessoas que não seja a juventude também pensando.

Entrevistador: Sim. E tem uma complexidade também, escolher um deles em detrimento de tantos outros que estão aí, né? Isso. É, essa é, depois a gente pode falar fora das, das gravações. É.

Representante APA-TO: Ah, é. Tá gravando.

Entrevistador: Não, mas fica tranquila, Representante APA-TO. Tem coisas também que, assim como eu falei pros jovens, têm discussões, quando a gente menciona nomes também. Eu vou retirar isso das transcrições, tá?

Representante APA-TO: Aham.

Entrevistador: Nós temos total liberdade pra retirar das transcrições se assim você permitir, claro, né? Mas eu imagino que você permita, assim como todos os grupos mencionam essas coisas, é normal, né? Eles mencionam as pessoas, as, as organizações, né? Não tem como, né? A gente tá falando sobre isso. Mas, vou... vou tá acabando, vou terminar aqui o nosso roteiro. É... são, são últimas duas perguntinhas aqui, né? Essa pergunta você já foi respondendo ao longo da pergunta inteira, mas é um convite talvez a lançar um olhar para fotografia de como era, como é, como estavam a... como estava a situação da juventudes e da comunicação no Bico do Papagaio antes da primeira, edição do Jovens em Comunicação, essa fotografia, né? E aí nós temos a fotografia de hoje, né? Depois de três edições realizadas, né? E... Claro que já tem um hiato entre a última edição, né? Que foi finalizada ali praticamente em 2018, né? No final de 2018. Então, é... Não sei como que você enxerga, assim, a fotografia inicial, a fotografia de agora, se você percebe mudança tanto no potencial comunicativo como também da, da questão da... do desenvolvimento das próprias capacidades das juventudes, né? Ou do reconhecimento dessas identidades juvenis aí, né?

Representante APA-TO: É... Eu... assim, eu vejo que, né? Por exemplo, é que... os jovens que participaram do Jovens em Comunicação, eles... Eles realmente desenvolveram essa coisa da afinidade da comunicação, sabe? Eu vi a Camila, a Jovem V, o, né? O Jorge, o Jovem VI, o Jovem I. Realmente assim... Só que assim, é... O Hélio, né? O Hélio tinha isso muito forte, é... Tinha umas pessoas, só que... Eu acho que nessas pessoas teve uma evolução, a gente percebe a evolução, né? E... e essa manutenção da comunicação no seu dia a dia, no seu trabalho. Eu lembro a Jovem V falando assim: "*Não e agora não posso conversar que tô fazendo um negócio lá pra divulgar, tô tentando,*" ela até mostrou o painelzinho que ela tinha feito lá em Minas. Sabe? A partir dessas habilidades, eu acho, que desse despertar que ela teve, né? Agora assim, eu acho que eu percebo essa evolução, é... das pessoas que ficaram, né? Que coincidiu com as pessoas que tão participando. Eu, eu não posso falar de quem eu já não tenho mais tanto contato, né? Mas das pessoas que a gente manteve um contato, eu vejo que houve uma mudança realmente, e uma evolução. Então a comunicação, ela foi, ela passou a fazer parte da vida dela. Tá entendendo? Alguns com um grau maior, outros com grau menor de profissionalização talvez, ou de, né? Habilidades, tal. Eu acho que isso é perceptível, sabe? Eu vejo isso muito, né? O... o aguçar, né? Da curiosidade, assim, o quanto a formação, ela ficou de alguma forma, né? Nesse sentido. Agora o que eu vejo é... é isso, a gente formou acho que umas quarenta, quarenta e cinco jovens, né? A maioria eu não sei aonde é que eles estão, o que eles estão fazendo, né? Mas é porque também a gente perdeu o contato, então, é... Eu acho que é injusto falar, né? É... Fazer uma avaliação sem realmente a gente saber, né? Porque na verdade da maioria, acho que poucos ficaram mais ativamente também no nosso círculo, né? Aí eu, assim, eu não sei se também isso... Eu acho que não é também avaliação certa, né? Porque os que saíram a gente não sabe qual é o círculo exato, né? De convivência que eles tiveram, o que eles estão fazendo. Mas dos que ficaram a gente percebe essa, né? Mais próximo a gente percebe essa mudança, positiva e crescente, sabe? De como a comunicação permaneceu dentro do, do dia a dia dessas pessoas.

Entrevistador: Uhum. Interessante. E, aí, Representante APA-TO, pra fechar, é... Você também já respondeu isso, foi mencionando acho que um pouco dessas questões ao longo do, do questionário aqui. Mas assim, sabendo de você, né? Encerrando, se você avalia que esses objetivos iniciais, aqueles que pautaram o desenvolvimento do Jovens em Comunicação, aquilo que era um embrião lá do Jovens em Comunicação que você teve na conversa com a Carol, mas acho que a cada edição vocês iam renovando esses... esses objetivos, repensando também esses

objetivos. Se... se você avalia que agora, né? Também na fotografia de hoje eles foram alcançados, parcialmente alcançados, ou quais foram as limitações ou mesmo as falhas no processo, né? Que você foi colocando, que tiveram coisas que, é... que, que faltaram, né? Enfim, outras coisas que também são limites da conjuntura, dos contextos. Como é que vocês avaliam? Como é que você avalia, né? Isso?

Representante APA-TO: O que eu avalio, você tá querendo dizer o que eu avalio de acertos e erros desse processo?

Entrevistador: É, e com relação aos objetivos, e aos objetivos, aqueles objetivos essenciais, né? Que se tinha com o processo do Jovens em Comunicação. E claro que cabe questionar os próprios objetivos também, né? Porque ao final do processo pode ser que você faça uma avaliação de que tal objetivo na verdade ele se metamorfoseou aí, né? Ele vai criando camadas.

Representante APA-TO: É, eu, eu acho que tinha... Eu acho assim... Que se a gente começasse o Jovens em Comunicação, eu acho que a única coisa que eu, eu acho que eu iniciaria era, era um... um, era, é uma discussão, mas também comunitária sobre a comunicação. Entendeu? E a partir daí, é... trabalharia a juventude, sabe? Eu acho que... Porque assim, essa, eu acho que essa impressão ficou muito forte, né? A formando os jovens que vão ser mini jornalistas, sabe? Pra comunidade, pra, pras lideranças, organizações. Então assim, talvez o caminho metodológico era discutir com as comunidades, né? Com as associações, né? Essa discussão da comunicação e a partir daí você constrói a proposta de como vai ser esse processo de formação, *linkando* com, né? Com a... Porque assim, a comunicação... Porque assim, a gente, é... Mas eu acho que isso também é muito, a gente também tem que ver o que que a gente quer, né? Mas assim, se a gente quer fazer a comunicação fluir dentro de uma comunidade pra promover mudança, esse eu acho que seria o caminho. Porque nas comunidades existe uma forma de se comunicar, e eu acho que a gente, é... saiu um pouco dessa coisa, né? De ser do formato só das coisas que a gente foi trabalhando. Claro que eu acho que isso é importante, não achei que não foram válidas, né? Mas eu acho que eu... eu acho que a gente poderia trabalhar assim. E aí acho que é o... É isso que a gente tá tentando trabalhar. Quando você trabalha com um grupo, né? Mas é de um grupo específico lá. Ah, o Pindova lá, que é o grupo de artesanato, né? Que ele tem a... Tem ali a... Né? O *Instagram* deles, tal e eles tem um objetivo, né? Só que isso também se resume a um grupo, mas eu acho que isso também é válido, né? Então acho que isso é uma das coisas que... alteraria na metodologia. Em termos de objetivos eu acho que, é... Mas aí eu acho que essa reflexão você que trouxe quando você veio aqui, né? Que aí eu achei muito bacana e eu achei que foi importante, pelo menos pra, que assim, eu acho que a gente tinha uma expectativa muito alta, não só as lideranças, mas a própria APA-TO em relação a juventude, isso foi, né? E aí quando você veio, eu lembro que, é... Você trouxe outros olhares do que que esse processo poderia trazer de mudança, de transformação para juventude, sabe? Então eu acho que, é... Eu acho que isso é uma crítica, né? Dos objetivos talvez iniciais que construíram, conceberam, né? E, e do que a gente queria construir uma coisa, né? Porque eu lembro que teve também um período que a gente pensava assim: "*Não, vamos, os jovens em comunicação, ele tem que ser um, um grupo autônomo.*" Né? Não tinha essa expectativa, que acho que às vezes internalizava. Então é uma coisa assim, que não era o momento na verdade, né? Então, isso estava no subjetivo mas acabava que na prática você... as tuas decisões acabam levando a isso, mas que você não alcança porque não, não é factível naquele momento, né? Então eu acho que tem, é... Eu acho que esses, essas questões que eu tô colocando, eram objetivos subjetivos que acho que não tava tão claro escrito, mas é o que norteava as falas, as conduções de quem tava na assessoria, por exemplo, né? Do... Em termo do objetivo, da concepção, tal. Então acho que é isso, então hoje eu vejo, né? Que esse processo de, de trabalhar

com a comunicação como uma ferramenta, né? É... também de educação popular, né? Ela te traz outros resultados que talvez, é... que são tão importantes, que eu acho que geraram tudo isso que a gente falou como fruto, né? Da mudança das pessoas, delas olharem a propriedade, a comunidade, né? A agroecologia, né? A questão ambiental, o eu da identidade camponesa, tal, né? E que vai fazendo diferença nas tomadas de decisão dessas pessoas, né? E que talvez essa é uma das coisas mais poderosas, e que com o tempo, né? Tipo assim, agora hoje você tem um Jovem VI que gosta, né? E você vai canalizando os... o trabalho com essas pessoas, no sentido de talvez, né? É... Qualificar a atuação deles, né? Da forma que a gente pensava que ia conseguir no início. Tá entendendo? Então, é... A gente tem que ter calma, né? Dar tempo ao tempo, né? Que talvez hoje é o momento de trabalhar aquilo que a gente pensou no, no início, né? Então assim, quando... Se a gente for retomar, a gente até, já discutiu dentro do GT. *"Não, a gente retoma essa coisa do mesmo formato que a gente fez do Jovens em Comunicação, de pelo menos de ser modular, né? Um grupo, tal"*. É... Alguns falaram: *"Não, vamos mudar o formato,"* né? Assim, então, é... Eu acho que é um pouco isso assim, eu acho que, tem que refletir mais um pouco também.

Entrevistador: ...Reflexão que não acaba, né?

Representante APA-TO: Não, é...

Entrevistador: Mas nossa, Representante APA-TO...

Representante APA-TO: Eu acho que... Espero que também o seu, essa tese, né? Ela ajude a gente a, a trazer outros elementos ou até mesmo os elementos que a gente vai falando que a gente não percebe com o olhar, que talvez você, ajudando a sistematizar, a gente perceba, né? Aí fazer essa reflexão junto contigo e com os demais, né? Tanto a juventude como as lideranças, né? Pra gente poder ver como que a gente pode trabalhar melhor essa questão da comunicação aí na, no campo, né? Pra juventude.

Entrevistador: É, eu tenho, eu tenho essa impressão, eu acho que, até... até me peguei em alguns momentos questionando a própria necessidade da pesquisa, mas depois eu caía em mim e pensava: *"Não, é importante fazer um processo de escuta."* Até um pouco agora que eu tô nesse lugar de afastamento, que eu tenho a possibilidade de fazer uma escuta um pouco mais fria do processo. E é importante sistematizar, documentar, né? Nem que seja pra um registro do processo histórico também. Mas eu tenho essa impressão de que eu não vou, a pesquisa, não vai apresentar nenhum achado que seja novo pra vocês. O que ela vai fazer é colocar talvez numa ordem, num sistema metodológico, né? De compreensão. E vai ter ali alguns apontamentos do pesquisador, né? Enfim, com certeza. Mas talvez alguma coisinha ou outra, um temperinho diferente, mas o que eu vejo, tanto do, do público juvenil, das lideranças e agora conversando com você enquanto a APA-TO, né? É que não, vocês... Tá tudo aí, né? O trabalho vai de escutar, de alguma maneira, é... trabalhar em cima desses dados, dessas informações, à luz também da bibliografia que eu fui nesses dois anos acumulando, né? Mas foi um aprendizado muito grande. Mas é isso. E... e uma coisa que me pegava, é que você, eu não sei como é que tá agora a situação, teve o processo do diagnóstico da juventude, que eu acho que é um processo maravilhoso, enriquecedor. Inclusive, a Elisa Guaraná é uma referência bibliográfica na minha pesquisa. Que o segundo capítulo é sobre Sociologia da Juventude e ela é uma pessoa, é... tem que, tive que ir, né? Mergulhar nisso pra entender como é tratado a juventude. O primeiro eu falo de Comunicação e Educação, o segundo é Sociologia da Juventude. E a Elisa é alguém, a professora, né? É alguém que tá na, nessa área, né? É... E eu uso muito, tô usando, né? Até hoje, até o final da avaliação, tô usando os dados do diagnóstico,

né? Então, claro, vou, é... Eu tô, tô fabricando esses dados também, e acho que isso é interessante, né? Do próprio processo de diagnóstico, geral.

Representante APA-TO: Hum, com certeza!

Entrevistador: É, referencio ele, falo do processo dele também, né? Da construção coletiva. Então, mas é isso, Representante APA-TO, eu acho que é, o que eu lembro, né? Pra além do processo de diagnóstico que a gente estava querendo dizer, é que você comentava comigo que o Jovens em Comunicação não tinha tido uma avaliação mais profunda do próprio processo dele, né?

Representante APA-TO: É.

Entrevistador: Foram três edições, né? Não são poucos e a gente fazia, claro, na, na terceira edição que eu estava a gente fez uma avaliação ao final, é... Acho que nas outras duas deve ter tido também, mas nada muito profundo. Então que também... É, eu espero que seja um documento que minimamente sirva pra organização, para APA-TO, pra que se anexe, quem sabe, num documento para um financiador, né? Enfim, vai estar ali alguma sistematização vai tá, né? Dos resultados. Que eu acredito que são, até agora, até o momento acho que são mais positivos do que negativos, mas a gente vai fazer uma discussão profunda, né? Pra não cair num, negócio meio maniqueísta, né? Ou é preto ou é branco, não, tem uma... Complexa trama, né? Mas deixa eu, deixa eu te pedir permissão então pra eu terminar a gravação aqui só, porque, não sei se queria colocar alguma coisa nos autos do processo, mas acho que, acho que não, né? Representante APA-TO, posso. Tá.

Representante APA-TO: Não sei, não passou nada agora na cabeça não.

Entrevistador: Tá.

Representante APA-TO: É, e também se depois apareceu, Sim. mandou um áudio, Com certeza. também você quiser fazer outras perguntas, a gente vai dialogando, tá bom? Não.

Entrevistador: ...

APÊNDICE F - MODELO DE TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

MODELO DE TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidada a participar, como voluntária, da pesquisa intitulada “**JOVENS, RURAIS E COMUNICADORES: uma experiência educ comunicativa no Bico do Papagaio (TO)**”. Meu nome é Bruno Santiago Alface, sou o pesquisador responsável e minha área de atuação é a Comunicação. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra pertence à pesquisadora responsável. Esclareço que em caso de recusa na participação você não será penalizado/a de forma alguma. Mas se aceitar participar, as dúvidas sobre a pesquisa poderão ser esclarecidas pelos pesquisadores responsáveis, via e-mail bruno.alface@ufms.br e, inclusive, sob forma de ligação a cobrar, através do seguinte contato telefônico: (11) 99985-0378. Ao persistirem as dúvidas *sobre os seus direitos* como participante desta pesquisa ou quanto à condução ética do estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFMS (CEP/UFMS), localizado no Campus da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, prédio das Pró-Reitorias ‘Hércules Maymone’ – 1º andar, CEP: 79070900. Campo Grande – MS; e-mail: cepconep.propp@ufms.br; telefone: 67-3345-7187; atendimento ao público: 07:30-11:30 no período matutino e das 13:30 às 17:30 no período vespertino. O Comitê de Ética é a instância que tem por objetivo defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. Dessa forma, o comitê tem o papel de avaliar e monitorar o andamento do projeto de modo que a pesquisa respeite os princípios éticos de proteção aos direitos humanos, da dignidade, da autonomia, da não maleficência, da confidencialidade e da privacidade.

1. Informações Importantes sobre a Pesquisa:

- I. A partir da mobilização de conceitos do campo da educomunicação, do campo comunicação e educação e da pesquisa de campo a ser realizada no Bico do Papagaio (TO), esta pesquisa possui o objetivo geral de verificar e discutir a existência de características educ comunicativas no projeto social Jovens em Comunicação, o objeto desta pesquisa. Com essa identificação ou não de possíveis aspectos educ comunicativos, este trabalho também se propõe, em seus objetivos específicos, a buscar compreender quais são os impactos do Projeto “Jovens em Comunicação” em seus três públicos beneficiados: os jovens participantes do projeto, os familiares e/ou os representantes das comunidades onde vivem, e os funcionários e colaboradores da ONG APA-TO.
- II. A sua participação consiste em responder perguntas de um roteiro de entrevista individual ou por meio de grupo focal ao pesquisador do projeto, de forma voluntária. A entrevista ou grupo focal, realizado por meio de plataformas digitais, será gravada e é imprescindível a necessidade de concessão de uso de sua voz, imagem e opinião, mediante rubrica dentro dos parênteses assinalando sua autorização ao final deste termo. O tempo de duração é de aproximadamente duas horas. O material obtido será transcrito e armazenado em dispositivo eletrônico local por pelo menos cinco anos, mas somente terão acesso aos mesmos o

pesquisador e sua orientadora, conforme prevê a Carta Circular nº 1/2021-CONEP/SECNS/MS.

- III. Ainda que remota, existe a possibilidade de desconforto para os jovens participantes da pesquisa de um dos grupos focais, uma vez que estarão reunidos para tratar de aspectos relacionados aos impactos de um projeto social que participaram e que teve suas atividades encerradas. Para minimizar esse risco de desconforto será realizada uma comunicação prévia deixando claro que a pesquisa não possui vínculo com as organizações gestoras do projeto e que os jovens podem optar por não revelarem suas identidades na dissertação e trabalhos vindouros que serão publicados com a análise das pesquisas realizadas. Será destacado também que a pesquisa não terá caráter avaliativo para nenhum deles.
- IV. Além do mais, devem ser considerados o risco de divulgação de dados confidenciais registrados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ou pela divulgação das gravações dos participantes em caso de vazamento das informações. Neste sentido, serão adotadas medidas para minimizar os potenciais riscos aos participantes como (a) assegurar a confidencialidade das informações coletadas e a proteção da imagem das pessoas envolvidas, sendo estas utilizadas apenas para fins acadêmicos da pesquisa e disponibilizadas – caso haja autorização – somente no conteúdo do trabalho; (b) atenção aos sinais verbais e não verbais de desconforto; (c) garantia de um local reservado e de liberdade para os participantes; (d) garantia de acesso aos resultados de pesquisa para todos os participantes.
- V. Os participantes desta pesquisa terão a oportunidade de compartilhar suas impressões e percepções sobre um projeto social gerido e implementado por organizações que prosseguem atuando com juventudes rurais no Bico do Papagaio (TO). Sendo assim, essa pesquisa pode beneficiar jovens e comunidades rurais com aprendizados, informações e dados que podem ser utilizados para o aprimoramento do desenvolvimento de projetos e ações no campo da comunicação com juventudes rurais na região.
- VI. Se for de interesse e vontade do/a entrevistado, o pesquisadora responsável se compromete a resguardar sua identidade durante todas as fases da pesquisa, inclusive após finalizada e publicada.
- VII. Conforme previsto pelas normas brasileiras de pesquisa com a participação de seres humanos, você não receberá nenhum tipo de compensação financeira pela sua participação neste estudo.
- VIII. Sua participação é voluntária. Você não terá nenhum prejuízo se não quiser participar e poderá se retirar desta pesquisa a qualquer momento, bastando para isso entrar em contato com a pesquisadora responsável, sem penalização alguma. Caso decida retirar seu consentimento, você não será mais contatada pela pesquisadora.

- IX. Você poderá se recusar a responder questões que lhe causem desconforto emocional e/ou constrangimento durante as entrevistas que forem aplicadas nesta pesquisa.
- X. Os resultados da pesquisa serão tornados públicos, sejam eles favoráveis ou não.
- XI. Os resultados deste trabalho poderão ser apresentados na forma de dissertação, artigos científicos divulgados em eventos ou revistas científicas e relatórios individuais para os entrevistados.
- XII. Fica garantido à participante o direito de indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa.

1.2 Consentimento da Participação na Pesquisa:

Concordo em participar do estudo intitulado “**JOVENS, RURAIS E COMUNICADORES: uma experiência educomunicativa no Bico do Papagaio (TO)**”. Informo ter mais de 18 anos de idade e destaco que minha participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente informado/a e esclarecido/a pelo pesquisador responsável Bruno Santiago Alface sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito e ter recebido uma via deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, de igual teor, assinada pela pesquisadora principal, rubricada em todas as páginas.

- () Permito a divulgação da minha imagem/voz/opinião nos resultados publicados da pesquisa;
- () Não permito a publicação da minha imagem/voz/opinião nos resultados publicados da pesquisa.

Campo Grande, de de

Assinatura por extenso do/a participante

Assinatura por extenso do pesquisador responsável

APÊNDICE G – ROTEIRO DE PERGUNTAS PARA JOVENS PARTICIPANTES DO PROJETO

Roteiro de perguntas – Jovens participantes do projeto			
Objetivos	Categoria de Análise e fundamentação teórica	Descrição (aspectos para averiguação)	Perguntas
<p>Objetivo geral:</p> <p>Verificar e discutir a existência de aspectos educacionais no projeto Jovens em Comunicação, a partir da mobilização de conceitos do referencial teórico do campo da educação.</p>	<p>Aspectos educacionais</p> <hr/> <p>Fundamentação teórica:</p> <p>Soares (2011, 2012, 2014, 2017), Baccega (2011), Freire (2022), Kaplun (2011), Braga e Calazans (2001), Aparici (2014), Pinheiro (2013), Citelli (2015), Falcão (2015, 2018), Martirani (2008).</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Relação com os meios de comunicação e Leitura crítica da mídia; 2. Apropriação e uso das TICs; 3. Processos pedagógicos; 4. Coeficientes comunicativos; 5. Comunicação interna e externa no território e nas comunidades; 6. Cidadania e participação social; 7. Relação com o meio ambiente; 8. Protagonismo juvenil; 	<ol style="list-style-type: none"> 1. O entendimento que vocês tinham do que é a mídia mudou após participarem do Jovens em Comunicação? 2. A habilidade para utilizar ferramentas como celular, máquina fotográfica e computador mudou? E a escrita, a fala, isso mudou? Como foi? 3. Como era o clima e a comunicação durante as atividades os módulos do Jovens em Comunicação? 4. Vocês se sentiam livres e confortáveis para expressar suas vontades, ideias e serem vocês mesmos durante as atividades do Jovens em Comunicação? Se sentiam escutados? 5. O que acharam do modo como eram passados os conteúdos do projeto? O que mais ajudava a compreender o conteúdo? E o que menos ajudava? 6. Participar do Jovens em Comunicação ajudou você a se comunicar melhor com as pessoas? E com a sua comunidade? 7. Participar do Jovens em Comunicação ajudou a comunicação da sua comunidade de alguma maneira? 8. O entendimento que vocês possuíam de assuntos relacionados à política, cidadania e lutas por direitos mudou após
	<p>Cultura e identidades juvenis rurais</p> <hr/> <p>Fundamentação teórica:</p> <p>Martín-Barbero (2003), Hall (2016), Freire (2022), Soares, Abramo (1997), Dayrell (2007), Weisheimer (2005, 2013), Castro (2009, 2020).</p>		
<p>Objetivos específicos:</p> <p>Compreender a percepção dos impactos do Projeto nos três públicos envolvidos na ação: as juventudes, as lideranças das comunidades onde vivem e da região do Bico do Papagaio, e os funcionários da ONG APA-TO.</p>	<p>Projeto de vida no campo</p> <hr/> <p>Fundamentação teórica:</p> <p>Weisheimer (2005, 2013), Castro (2009, 2020).</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Identidades Juvenis rurais e modos de vida tradicionais; 2. História e relação com o Bico do Papagaio e com as comunidades que conformam a microrregião; <ol style="list-style-type: none"> 1. Discernimento vocacional; 2. Evasão rural e permanência no campo; 	<ol style="list-style-type: none"> 5. O que acharam do modo como eram passados os conteúdos do projeto? O que mais ajudava a compreender o conteúdo? E o que menos ajudava? 6. Participar do Jovens em Comunicação ajudou você a se comunicar melhor com as pessoas? E com a sua comunidade? 7. Participar do Jovens em Comunicação ajudou a comunicação da sua comunidade de alguma maneira? 8. O entendimento que vocês possuíam de assuntos relacionados à política, cidadania e lutas por direitos mudou após

			<p>participarem do Jovens em Comunicação? Caso positivo, vocês aplicaram esse aprendizado na prática? Falar sobre.</p> <p>9. O entendimento que vocês possuíam sobre o ambiente que vivem mudou após participarem do JC? Caso positivo, vocês aplicaram esse aprendizado na prática?</p> <p>10. O projeto Jovens em Comunicação compreendia as demandas, rotina e necessidades de suas vidas enquanto jovens? Exemplo: as datas e temas dos módulos, os prazos para entregas, o nível de exigência, a liberdade para criar e participar.</p> <p>11. As atividades do projeto tratavam de como era viver nas Comunidades e Assentamentos que viviam? Se sim, como vocês se sentiam com isso?</p> <p>12. O entendimento que vocês possuíam da história da comunidade de vocês e de outras comunidades do Bico Papagaio mudou após participarem do Jovens em Comunicação?</p> <p>13. Participar do projeto inspirou a pensar sobre seu futuro profissional?</p> <p>14. O entendimento que vocês possuíam sobre o trabalho e a vida no campo mudou após participarem do Jovens em Comunicação?</p>
--	--	--	--

Fonte: Elaborado pelo autor.

APÊNDICE H – ROTEIRO DE PERGUNTAS PARA LIDRANÇAS COMUNITÁRIAS DO BICO DO PAPAGAIO (TO)

Roteiro de perguntas – Lideranças comunitárias do Bico do Papagaio			
Objetivos	Categoria de Análise e fundamentação teórica	Descrição (aspectos para averiguação)	Perguntas
<p>Objetivo geral: Verificar e discutir a existência de aspectos educacionais no projeto Jovens em Comunicação a partir da mobilização de conceitos de referencial teórico do campo da educação.</p>	<p>Aspectos educacionais</p> <hr/> <p>Fundamentação teórica: Soares (2011, 2012, 2014, 2017), Baccega (2011), Freire (2022), Kaplun (2011), Braga e Calazans (2001), Aparici (2014), Pinheiro (2013), Citelli (2015), Falcão (2015, 2018), Martirani (2008).</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Apropriação e uso das TICs; 2. Comunicação interna e externa no território e nas comunidades; 3. Comunicação intergeracional; 4. Cidadania e participação social; 5. Relação com o meio ambiente; 6. Protagonismo Juvenil; 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Vocês perceberam mudanças na maneira como esses jovens se comunicam em suas comunidades de origem e nos espaços de atividades comuns com as entidades e movimentos do Bico do Papagaio? 2. Vocês notaram mudanças nas capacidades dos jovens em utilizar ferramentas como celular, computadores e máquinas fotográficas?
<p>Objetivos específicos: Compreender a percepção dos impactos do Projeto nos três públicos envolvidos na ação: as juventudes, as lideranças das comunidades onde vivem e da região do Bico do Papagaio, e os funcionários da ONG APA-TO.</p>	<p>Cultura e identidades juvenis rurais</p> <hr/> <p>Fundamentação teórica: Martín-Barbero (2003), Hall (2016), Freire (2022), Soares, Abramo (1997), Dayrell (2007), Weisheimer (2005, 2013), Castro (2009, 2020).</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Identidades juvenis rurais e modos de vida tradicionais; 2. História e relação com o Bico do Papagaio e com as comunidades que conformam a microrregião; 	<ol style="list-style-type: none"> 3. Houveram mudanças na comunicação interna das comunidades do Bico do Papagaio durante e após realização das edições do Jovens em Comunicação? Se sim, como se deu? 5. Como vocês perceberam o engajamento e o envolvimento dos jovens participantes

	<p style="text-align: center;">Projeto de vida no campo</p> <hr/> <p>Fundamentação teórica: Weisheimer (2005, 2013), Castro (2009, 2020).</p>	<p>1. Discernimento vocacional;</p> <p>2. Evasão rural e permanência no campo;</p>	<p>durante a realização do projeto?</p> <p>6. Houveram mudanças no envolvimento dos jovens participantes com temas e atividades relacionadas à política, cidadania e demandas dos movimentos e entidades do Bico?</p> <p>7. O entendimento que os jovens possuíam sobre o meio ambiente que vivem e agroecologia mudou após participarem do Jovens em Comunicação? (Caso positivo, vocês perceberam que esse aprendizado foi aplicado na prática?).</p> <p>8. O entendimento que os jovens possuíam da história das comunidades do Bico do Papagaio mudou após participarem do Jovens em Comunicação?</p> <p>9. O entendimento, o interesse e o envolvimento dos jovens com os costumes tradicionais das comunidades mudaram após participarem do projeto?</p> <p>10. Após a realização do projeto o modo como vocês compreendiam e se relacionavam a presença dos jovens nos espaços políticos de articulação do Bico mudou? (Ex.: Presença das juventudes nos Sindicatos Rurais, criação do GT das Juventudes do BP, Associações das comunidades, etc.)</p> <p>11. Na percepção de vocês participar do projeto inspirou os jovens a pensarem sobre seus futuros profissionais?</p> <p>12. O entendimento e o envolvimento dos jovens com o trabalho e a vida no</p>
--	--	--	---

			<p>campo mudou após participarem do projeto? E o entendimento sobre agroecologia?</p> <p>14. Hoje em dia, cinco anos após a finalização da 3ª e última das edições do projeto até o momento, como avaliam a presença destes jovens no Bico do Papagaio? Seja em suas comunidades de origem, seja nos espaços e atividades políticas.</p> <p>15. Vocês acham que um projeto como o Jovens em Comunicação pode contribuir para a diminuição da evasão rural?</p>
--	--	--	--

Fonte: Elaborado pelo autor.

APÊNDICE I – ROTEIRO DE PERGUNTAS PARA A TÉCNICA DA APA-TO

Roteiro de perguntas – Técnica da APA-TO			
Objetivos	Categoria de Análise e fundamentação teórica	Descrição (aspectos para averiguação)	Perguntas
<p>Objetivo geral:</p> <p>Verificar e discutir a existência de aspectos educacionais no projeto Jovens em Comunicação a partir da mobilização de conceitos de referencial teórico do campo da educação.</p>	<p style="text-align: center;">Aspectos educacionais</p> <hr/> <p>Fundamentação teórica: Soares (2011, 2012, 2014, 2017), Baccega (2011), Freire (2022), Kaplun (2011), Braga e Calazans (2001), Aparici (2014), Pinheiro (2013), Citelli (2015), Falcão (2015, 2018), Martirani (2008).</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Apropriação e uso das TICs; 2. Processos pedagógicos; 3. Comunicação interna e externa no território e nas comunidades; 4. Cidadania e participação social; 5. Relação com o meio ambiente; 6. Protagonismo juvenil; 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Vocês perceberam mudanças na maneira como os jovens se expressam e se comunicam após participarem do projeto? 2. Vocês perceberam mudanças na maneira como esses jovens se comunicam em suas comunidades de origem e nos espaços de atividades comuns com as entidades e movimentos do Bico do Papagaio?
<p>Objetivos específicos:</p> <p>Compreender a percepção dos impactos do Projeto nos três públicos envolvidos na ação: as juventudes, as lideranças das comunidades onde vivem e da região do Bico do Papagaio, e os funcionários da ONG APA-TO.</p>	<p style="text-align: center;">Cultura e identidades juvenis rurais</p> <hr/> <p>Fundamentação teórica: Martín-Barbero (2003), Hall (2016), Freire (2022), Soares, Abramo (1997), Dayrell (2007), Weisheimer (2005, 2013), Castro (2009, 2020).</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Identidades juvenis e modos de vida tradicionais; 2. História e relação com o Bico do Papagaio e com as comunidades que conformam a microrregião; 	<ol style="list-style-type: none"> 3. Vocês notaram mudanças nas capacidades dos jovens de utilização das TICs como celular, computadores e máquinas fotográficas? 4. Como vocês avaliavam o engajamento e o envolvimento dos jovens participantes

	<p style="text-align: center;">Projeto de vida no campo</p> <hr/> <p>Fundamentação teórica: Weisheimer (2005, 2013), Castro (2009, 2020).</p>	<p>1. Discernimento profissional; 2. Evasão rural e permanência no campo;</p>	<p>durante a realização dos módulos do projeto?</p> <p>5. Houveram mudanças no envolvimento dos jovens participantes com temas e atividades relacionadas à política, cidadania e demandas dos movimentos e entidades do Bico do Papagaio?</p> <p>6. O entendimento que os jovens possuíam sobre o ambiente que vivem mudou após participarem do projeto? (Caso positivo, vocês perceberam que esse aprendizado foi aplicado na prática?)</p> <p>8. O entendimento que os jovens possuíam da história das comunidades do Bico do Papagaio mudou após participarem do Jovens em Comunicação?</p> <p>9. Após a participação no projeto o modo como as lideranças comunitárias mais antigas se relacionava com a presença dos jovens nos espaços de participação política do Bico mudou?</p> <p>11. Na percepção de vocês participar do projeto inspirou os jovens a pensarem sobre seus futuros profissionais?</p> <p>12. O entendimento e o envolvimento dos jovens com o trabalho e a vida no campo mudou após participarem do projeto? E o entendimento sobre agroecologia?</p> <p>14. Hoje em dia, cinco anos após a finalização da 3ª e última das edições do projeto até o momento, como avaliam a presença destes jovens no Bico do</p>
--	--	---	---

			<p>Papagaio? Seja em suas comunidades de origem, seja nos espaços e atividades políticas.</p> <p>15. Você avalia que os objetivos iniciais que pautaram a concepção do projeto foram alcançados após a realização de 3 edições?</p>
--	--	--	---

Fonte: Elaborado pelo autor